ZÉ LIMEIRA, POETA DO ABSURDO

ORLANDO TEJO

3ª edição

A POESIA CAÓTICA

Não fora o idealismo e a disposição de um paraibano de Campina Grande, poeta e prosador, restaria perdido no tempo o maior e talvez o único modêlo de poesia caótica lançado no mundo. "ZÉ LIMEIRA, POETA DO ABSURDO", é uma obra que somente Orlando Tejo poderia escrever. Conviveu com o singularíssimo versejador de disparates. Acompanhou-o aqui e ali, gravando ou copiando os seus improvisos escancarados. Para explorar ainda mais a inspiração e o perene bom humor de Zé Limeira, Orlando dava-lhe motes, cantava com ele e provocava desafios.

Zé Limeira, cantador de Teixeira, grandalhão e andarilho, esbanjava a sua verve em qualquer lugar rimando extravagâncias grotescas. Largo nos gestos de bondade humana, levou a vida negligentemente, distraindo-se e alegrando os outros. Analfabeto, mas de imaginação fértil, comunicou-se com a sua geração através de uma poesia inocente e desconchavada.

Orlando Tejo colheu o quanto pôde do ineditismo de Zé Limeira, que eu conheci ali em Taperoá, por onde andava e vagava. Reuniu em livro as rimas do vate do absurdo. E o fez com a preocupação de não colocar nas mãos dos curiosos leitores um amontoado de versos inexplicáveis. Sem melhorar nem deformar a desmantelada inspiração do original poeta, arrumou tudo, colocando ordem na indisciplina dos versos feitos dispersivamente. Situou-os no tempo e no espaço, indicando fatos, pessoas e coisas do mundo louco de Limeira, que era engraçado mesmo sem pretender fazer blague.

"ZÉ LIMEIRA, POETA DO ABSURDO", é uma obra fadada a ter rápida circulação. Desopila e diverte, enxota preocupações e refaz humor. Uma edição não vai dar para quem já está na fila. Os leitores irão ver e dizer.

João Pessoa, julho de 1973

DORGIVAL TERCEIRO NETO

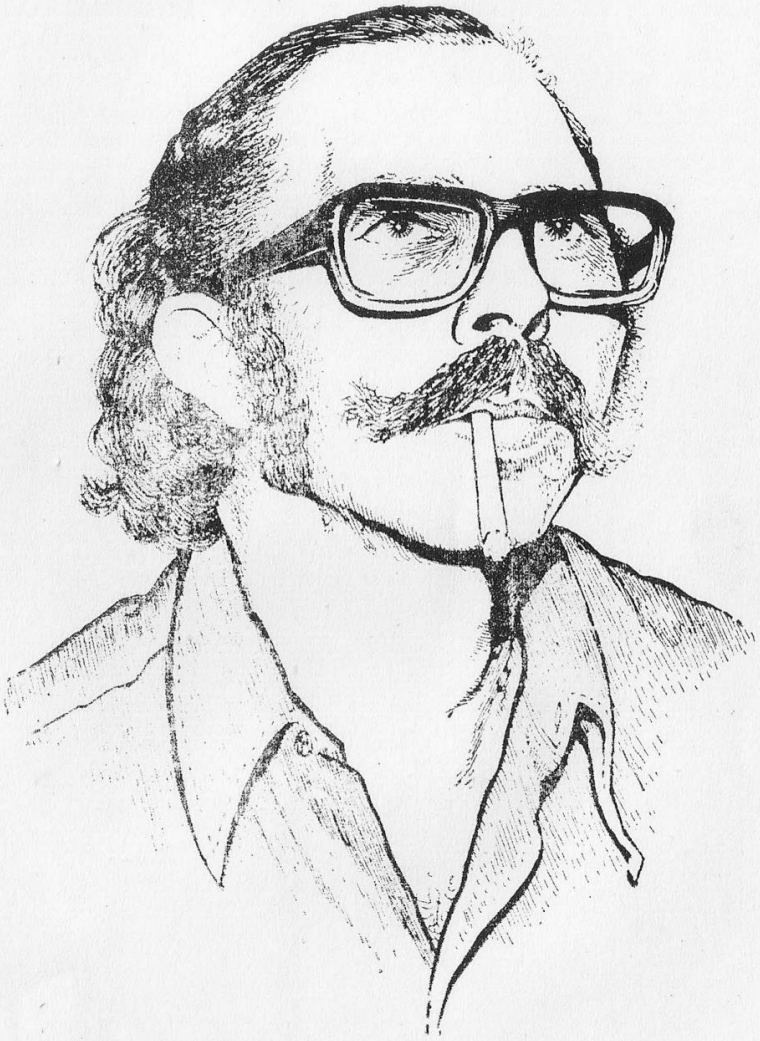
Orlando Tejo

ZÉ LIMEIRA, Poeta do Absurdo

1ª Parte

Edição da Embaixada Cultural de Pernambuco no Estado do Rio Grande do Norte

1974



Orlando Tejo, num bico-de-pena de Deodato Borges

Sumário

Nota Biográfica (Virginius da Gama e Melo) 1
Uma Pesquisa de Fôlego (Josy Santiago) 5
Um Ensaista Diferente (Pessoa de Morais) 9
Um Poeta Diferente — Prefácio — (José Américo de Almeida) 13
A Viola 21
A Cantoria 27
O Pássaro do Teixeira 33
Limeira em Campina Grande 45
Filosomia, Filanlumia e Pilogamia 55
Por Dentro do Cariri 65
A Princesa Isabel em Sumé 81
O Veio de Cristal 95
O Absurdo dos Poetas 105
O Velho Thomé de Souza 153
A Pavoa Devoradora 163
O Grito de Satanaz nas Melancias 181
A Cantoria que não foi ouvida 213
Pela última vez em Campina 235
Prestando Contas ao Mestre 269

Para Josymar (minha noiva, minha bússola e nas horas vagas Anjo da Guarda, que nasceu em Maceió, naquela rua onde mataram 29 pessoas numa cândida noite de luar), oásis do meu Saara interior, e à imperecível memória de sua mãe, Dona Maria do Carmo Alcoforado Santiago, a quem rendo, contrito, meu preito de saudade.

EX LIBRIS
FIDES
SCIENTIA
IHS
M
"O bem de um livro está em ser lido."
William

O Vai-e-vem do Sai-não-sai

Waldemar Duarte (chefe do trabuco em Uiraúna) dizia sempre e hoje constato: pobre escreve de enxerido. Mas vejam se não é: este livro, ou coisa que o valha, foi escrito entre novembro de 1968 e janeiro de 1969. Nas gavetas de uma editora campinense fez companhia às teias de aranha até o fim do ano. Em janeiro de 70 foi conhecer a capital, regressando em março a Campina Grande. Àquela altura eu já não podia passar pela rua sem que um sem número de pessoas me agredisse: "E o livro?".

Ainda em março transferí-me para o Recife. Fui trabalhar no Diário de Pernambuco. Lá já sabiam da história. Voltou a existir o problema que eu já havia esquecido. Tentei negar a existência do desinfeliz mas não pude, porque Evandro Rabelo encarregou-se de espalhar. Minhas amigas Lúcia Helena Simões e Raimunda Elizabeth, a primeira no Recife e esta em Olinda, intelectuais das altas rodas, passaram, gratuitamente, a assessorar Evandro. O italiano José Caetano Amato Fregapane e o português Antônio Paulo Nápoles, com suas respectivas esposas Josydeméa e Josydemary (vejam só se há quem aguente: um italiano, um português e duas mulheres na vida dum sujeito!), auxiliados por Eduardo Uchoa Maia e Bea, sua mulher (ambos egressos de uma penitenciária de Mato Grosso), cismaram de, também, alardear o meu segredo de Estado. E eu, que não que-

ria publicar coisa alguma, não me livrava das consecutivas agressões fuzilantes: "E o livro?".

No Savoy, no Pátio de São Pedro, no Casarão da Ribeira, onde quer que me encontrasse, estava sendo agredido: "E o livro?" — Um inferno em alto relevo.

Em junho, Hilton Motta (ocupou, no Cariri da Paraíba, lugar de destaque no bando do Capitão Antônio Silvino), então Superintendente dos Diários Associados em Pernambuco e Alagoas, sempre meu amigo e desejoso de servir, encaminha-me com uma carta (ou uma peça literária) para o Reitor da Universidade Católica de Pernambuco, na época o Professor Potyguar Mattos (o único "potiguar" pernambucano que conheço), de quem me tornaria amigo e admirador. Depois de três meses de cálculos e estudos, é liberado o calhamaço. As condições técnicas da Universidade não permitiam a publicação. E o que foi pior: os círculos universitários pescaram o assunto. Daí por diante não tive mais sossego. Estava mais comprometido do que deputado da ARENA em município pequeno.

Para completar, o poeta Ronaldo Cunha Lima invade a televisão carioca e denuncia o crime, via Embratel.

O editor Agnelo Amorim pede de volta os originais: — "Desta vez sai mesmo." Retorna o pobre calhamaço a Campina Grande, para um reencontro com suas orígens. Mais seis meses. Nada. E o povo a me agredir a toda hora: "O livro não sai não?".

Um padre espanhol, que eu nunca tinha visto nem em noite de festa na porta da igreja, vem saindo do sanitário de um restaurante de Boa Viagem e, por incrível que pareça, pergunta pelo livro.

Golo, um pintor Uruguaio, acerta com meu endereço e de Montevidéo escreve-me perguntando quando sai o livro (vai adivinhar assim na feira de Caruaru!).

Numa tarde chuvosa, atendo o telefone no Diário de Pernambuco e uma voz feminina, em linguagem muito complicada, pergunta-me se posso enviar um exemplar para o Departamento de Estudos do Homem. Indaguei de onde minha interlocutora estava falando: — "Universidade de Praga." — Assustado desliguei o aparelho. E, cá com os meus botões: parece mesmo uma praga. Resolvo ir tomar um cafezinho no Nicola para me refazer do susto. No elevador, um sujeito de Cabrobó, que trazia uma banda de bode para entregar a José Maria Garcia, bate no meu ombro: "E o livro?".

Em março de 71, João Mendonça de Amorim Filho (que, com o privilégio de ser primo legítimo de Lampião, formou, com Jararaca e Corisco, o trio de proa do bando), meu amigo desde a Idade Média, toma para si o problema. Pro-Reitor da Universidade Rural Federal de Pernambuco, chega às oficinas do colegiado às cinco horas da manhã sobraçando o calhamaço. Exige que se façam os cálculos com

urgência: Recomenda pressa e perfeição. Fica num pé e noutro Algumas longas semanas de estudos. Técnicos e operários apreensivos. Nesse ínterim, Mendonça desentende-se com a Reitoria. Deixa a Universidade, mas só sai de lá com os originais na mão. — "Livro é coisa séria; não se pode confiar nessa gente."

Remeto o pacote mais uma vez a Campina Grande, por solicitação de Agnelo. Mas João Mendonça (que ainda não era pai de Tereza Catarina) não se conforma. Quer o calhamaço de volta Manda-o buscar em Campina Grande. Certa tarde, cheio de gravata e agenda, no seu apartamento de Parnamirim despede-se de Miriam A esposa, toda dedicação, quer saber aonde vai. Ali, em Brasília No mesmo dia estava no Planalto parlamentando com um editor português, seu amigo. Os dois fazem a conta de chegar: o livro seria impresso em Campina Grande e encapado e distribuído pela editora brasiliense. Tudo muito lógico. João Mendonça volta eufórico. Mas, por meus pecados, dias depois dá-se o impasse: os dois editores não se entenderam.

Poupando os "parafusos" da cabeça, ou melhor, do grande cérebro de Mendonça, que, na época, não sei se porque a cegonha estava demorando a trazer Tereza Catarina, não andavam lá muito ajustados, retive o pacote. O ano já ia pelo meio.

O calhamaço viaja novamente a João Pessoa, pelas mãos de Otávio Augusto Sitônio Pinto e Machado Bitencourtt, e volta no início de 72. As agressões continuavam em toda parte.

Vou ensinar na Faculdade de Comunicação (cadeira de Jornalismo) e, logo na primeira aula, uma jovem (um tanto debilóide) plantou-me os olhos de amêndoa. — Parece que você aí deseja algum esclarecimento? — Indaguei. — "Quero, sim: quando vai lançar o livro sobre Zé Limeira?" Era esse o diapasão.

Fui trabalhar no Serviço Social Contra o Mocambo e reencontrei-me, no trabalho, com dois amigos de serestas da década de 50: Jaime de Sá Leitão e Israel Fonseca Júnior. Na euforia dos abraços os dois desinfelizes agrediram-me, misturando evocações com violência: "E esse livro não sai nunca?"

No Diário era a cantiga de Ivancil Constantino (amigo das horas dificílimas — aval, etc.), Ernani Régis, Arnoldo Jambo, Bartolomeu Pereira, Marcus Prado, Cézar Leal, Joel Pontes, Adeth Leite, Gladystone Belo (que em Bom Conselho não lia pela cartilha do Coronel Zé Abílio — não sei porque), Seleno Homem de Siqueira, Raimundo Carrero, Joezil Barros (primo de Augusto dos Anjos, mas nunca escreveu um verso), Cleofas Reis, João Alberto, Fernando Spencer, Samir Abour Ana (que certa vez raptou uma cigana patrícia no Piauí), Eduardo Ferreira, Vanessa Campos, Waldelusa Daree Edmundo Moraes, Cristóvão Pedrosa da Fonseca (que só vive na

Polícia), Wilson Soares (o inefável Rato Branco), toda a redação: "E o livro ?".

Nas bancas de revistas encontrava Mauro Mota, duas vezes imortal, tantas vezes humilde, com aquela solicitude e aquêla lembrança: "Quando sai do prelo o livro?".

No Café Nicola estavam de tocaia, todo dia, os poetas e trabuqueiros Antônio Ferreira da Silva, Walfrido Alencar, José Vilanova Barros, Bernardo de Souza Filho, Manuel Brasileiro (este pegou em Alagoas, num juri feliz, 170 anos de prisão, sendo liberto, no entanto, por força de um indulto do Presidente Deodoro da Fonseca), Ângelo Monteiro, Raul Lins, para a agressão sempre penetrante: "Esse livro vai sair mesmo?".

No Forum, quase diariamente, estava o poeta e trocadilhista Aluízio Xavier (segunda via de Emílio de Menezes), meu grande mestre de Direito Comercial, interrompendo seus trabalhos de Juiz para me indagar pelo desgraçado.

De Brasília, mandava-me recados insistentes Antônio Borges da Costa Filho (que fugiu de Campina Grande por ordem de Pinta Cega e Canção de Fogo), cobrando um exemplar (de quê, meu Deus?). De São Paulo, Euríclides Formiga; do Rio, os desocupados da Cinelândia, entre eles Samuel Duarte, Newton Rique, Juarez Farias, Fernando Cunha Lima, Nelson Lustoza Cabral, Lourival Villarim Meira.

Numa convenção do MDB, Ruy Carneiro, (atira melhor de que Luquinha — era o cabra da confiança de Lampião), meu grande Senador, diz-me que David Nasser quer saber como anda o livro.

Vou entrando num banco do Recife e surpreendo-me com a indagação do gerente (campinense) Flávio Borges da Costa: "Esse livro é de rosca ?".

Vou engraxar os sapatos na Avenida Guararapes (todos os anos faço isso, nem que não precise) e o engraxate me pergunta: "O sr. é de Campina Grande, não é? — Sou. — "Escreveu um livro sobre Zé Limeira, não foi ?" — Como me identificou ? — "Pelo bigode cáqui. E o livro sai mesmo?".

As agressões diárias levaram-me a procurar o consultório do Professor Vanildo Melo. O grande médico, solícito, recebe-me com presteza, mas perguntando: "O livro já está pronto ?" — Quem já está quase "pronto" sou eu — respondi.

No início de 72 o filósofo Pessoa de Morais leva o famigerado ao Rio. Acerta tudo e volta. Alguns dias depois atende um telefonema do editor. O assunto era dinheiro, que está mais difícil do que salvação de ateu. Volta o pacote para o Recife.

O poeta J. Baudel Pessoa que, com o pintor Francisco Sarinho e Josy Santiago (este cidadão é conterrâneo e biógrafo de Pedro Pixaco. Mas tem uma virtude: está para ser meu sogro. Certa vez le-

vou uma pisà de Cirilo Costa, só não morreu de apanhar porque Wilson Costa e Diógenes Ribeiro acudiram em tempo), forma o trio de solitários da Iputinga, escreve, em vão, a algumas editoras.

No continente de Campina Grande sei da torcida sincera dos poetas Jaime Coelho, João Mendes da Cunha (esse nunca errou um tiro), Adabel Rocha, Agassiz Uchoa Guerra (o velho Guerra), Edvaldo Silva e Mário Paulo dos Santos. Dos intelectuais Raymundo Asfora, Vital do Rego, Robério Maracajá, Stênio Lopes, Chico Pereira, Epitácio Soares, Lopes de Andrade, Sebastião Lima, José Hildon Boaventura, Agenor Pessoa de Azevedo, Bezerra de Carvalho, Elisio Nepomuceno, Nilo Tavares, Amaury Vasconcelos, Armando Lyra, Fernando Silveira, integram o bloco os amigos Raul Pequeno, João Nogueira de Arruda, Argemiro de Figueiredo Filho (muito bom de gatilho, puxou ao pai), Ary Rodrigues, (terrível), Marcondes Saraiva, Lindacy Nápoles, Severino Farias da Fonseca, (foi amigo de Assis Chateaubriand e Canção de Fogo), Adalberto Guerra, Luiz Marinho, Manuel Barbosa, Ermírio Leite, Raimundo Nonato Leite, Mário Araújo, Arthur Freire, Manuel Patrício, Zeca Chabo, Neco Agra, o moralista Matta Ribeiro, Roberto Pinto (o escandaloso "Tranca-rua"), Edvan Pereira Leite (capanga de Langstein Almeida), Abraão Morais.

Em João Pessoa, Barroso Pontes (esse, sob a proteção de Padre Cícero e a cobertura política de Floro Bartolomeu, andou fazendo certas subversões pela Serra do Araripe e em Itapipoca — brincadeiras de gatilho —, ao lado de Câmara Cascudo e outros cangaceiros), une-se a Bento da Gama Batista, Virgínius da Gama e Melo, (trabuqueiro perigosíssimo!), J J Torres, Agrimar Montenegro, Saulo Mendonça Marques, Radiel Cavalcanti, Jório Machado e outros homens de letras. Fazem algumas gestões infrutíferas.

Entram na dança artistas do porte de Livardo Alves e Vital Farias, nomes já nacionais (nas horas vagas exímios pistoleiros) e ligam-se profundamente à odisséia. O mesmo faz o pai-de-terreiro Genival Macedo.

Otinaldo Lourenço compara o caso com "o Parto da Montanha". Seu irmão José Otávio concorda. E nada de solução ($).

O jurista Tarcisio Telino (grande vaqueiro de Cajazeiras) sugeriu-me pedir a ajuda de Ariano Suassuna (que, aliado a Hilton Motta, Antônio Silvino, João Mendonça, Lampião, Renato Ribeiro Coutinho, Jesuíno Brilhante, Gilberto Freyre, Zé de Totô, Argemiro de Figueiredo e outros homens de bem, também pegou no "papo-amarelo", defendendo Antônio Conselheiro). Mas, ponderei: na época mestre Ariano andava às voltas com a publicação do seu romance, e, segundo me disse seu irmão Saulo, estava "numa pedra" que não era a do Reino.

Aconselham-me a recorrer ao Dr Renato Ribeiro Coutinho (que andou fazendo algumas peripécias pelas caatingas do Ingá do Bacamarte, com o seu clavinote, a mandado de Jesuíno Brilhante): "Ele não é tão seu amigo?" — É, sim, e com muita honra para mim. Mas eu só atropelo um amigo na última instância.

Engrossam a fileira da torcida sincera os colegas da imprensa paraibana, homens do quilate de Marconi Góes, Antônio Genésio de Souza (esses dois só brigam de facão "rabo-de-galo"), Aluísio Moura (eis um que escreve pior do que eu), Luiz Otávio Amorim (começou a me agredir no Diário de Pernambuco), Teócrito Leal, João Manuel de Carvalho, Luiz Ferreira, Galdino Filho, José Souto, Benedito Maia, Gonzaga Rodrigues (começou a matar gente em Alagoa Nova), José Bezerra Filho (bicho macho na lasarina), Severino Ramos (esse não dá pra Biu), Soares Madruga, Fernando Wallach, William Tejo, Tarcísio Cartaxo, Paulo Tarso da Silva (perigosíssimo!), Ismael Marinho, Luiz Aguiar, Francisco Saldanha (rastejador de primeira e curandeiro infalível!), Paulo da Cunha Pedrosa, Severino Quirino, Edmilson Antônio, Humberto de Campos, Gil Gonçalves, Pascoal Carrilho, Linduarte Noronha (na União o apelido dele era Gata Parida), Adalberto Barreto (dono de um Circo sem palhaço), João Bosco, Natanael Alves, Franto Júnior, Antônio Barreto Neto, Wills Leal, Raul Córdula Filho, José Leal, Juarez Félix, Marcondes Cabral E ainda um bloco fortíssimo formado pelas personalidades que são Elizabeth Marinheiro, Nadiege Paiva, Graziela Emerenciano, Eneida Agra, Sevy Nunes, Irene Dias Cavalcanti, Clélia Lopes de Mendonça, Silvinha de Alencar. Até a Polícia entrou na guerra, nas pessoas de Benedito Júnior, Marcílio Pio Chaves, Geraldo Cabral, Maurício Leite.

Encontro num café de João Pessoa a figura de Antônio Nogueira, seresteiro de minha infância em Alagoa Nova, apreensivo, pensando que a edição (não sei de quê) já estava esgotada.

Em Mossoró, o cangaceiro Jacy Costa Rego preocupa-se com o problema.

Em Bom Conselho, meu compadre Renivaldo Tenório Cavalcanti Madruga (através de quem conheci a impressionante figura de Pedro de Góes) preocupa-se também É o que acontece com Esmeraldo Mendes Braga, em Sousa; José Cecílio Batista Filho, em Itabaiana; Abdias Ayres de Queiroz, em Cabaceiras; Newton Leite Rafael, em Sumé; Lavoisier Nunes de Castro, em Guarabira; Pedro Cunha Lima Filho (esse tanto entende de caneta como de bacamarte), em Areia; José Paulo Neto, em São Mamede (é o proprietário da cidade); Teobaldo e Hermes Fonseca, em Cuité; Marinaldo Castelo Branco, em Soledade; João Batista Fernandes (o incorrigível Batistinha), em Rio Tinto; Audomaro Villarim Meira (meu tio), em qualquer parte do globo, principalmente onde um violão estiver to-

cando; Nominando Diniz, em Princesa Isabel (lá nunca mataram ninguém — enterram vivo); Abelardo Pereira dos Santos, em Monteiro; os irmãos Mozart e Eraldino Nepomuceno, em Murici (Alagoas — Ave Maria!); José Tavares, em São João do Cariri; Edvaldo Motta, em Patos (esse rapaz nunca matou ninguém a mandado de Zé Cavalcanti); José Firmo, em Pedra; João Lima, em Aroeiras; Leonardo Honório de Melo, em Queimadas; Luiz de Barros, nas estradas da Paraíba, procurando eleitores para voltar à Assembléia, principalmente na Serra do Teixeira, qualificando as comadres de Dona Yolanda.

Chego em São José do Egito e encontro Lourival Batista, ao lado de Otacílio, seu irmão, Cancão e Job Patriota, conclamando os poetas (quase a população da cidade) para uma batalha financeira em prol do famigerado. Freio o movimento e vou ouvir cantoria.

Bem, vamos à história: no Recife, já no crepúsculo de 72, encontro o Conselheiro Antônio Carlos Escorel (que instalou um arsenal em Pocinhos para enfrentar as forças do Padre Galvão) com uma mensagem das melhores: — "Dorgival Terceiro Neto (também do bando de Lampião, entrincheirado em Taperoá, na fazenda do Presidente João Suassuna — com o beneplácito de Dona Ritinha —, em companhia do casal Praxedes Pitanga-Maria Bonita — "Em sociedade tudo se sabe"), Prefeito de João Pessoa, quer publicar o livro. Pede que dê um saltinho lá." O amigo assusta-se com o volume do calhamaço. Muito pesado para a Prefeitura. Incentiva-me, porém: "Publique e a Edilidade adquire uma carrada de exemplares". Seu apoio moral encorajou-me. O problema agora consistia em como e onde encontrar dinheiro. E as agressões na rua, nos bares, nas estradas, verrumando-me: "Esse livro é de rosca?".

Em casa, Mamãe e meus irmãos Cleidson (vou logo avisando: este meu irmão, que nasceu em Taperoá, é a soma de Lampião, Antônio Silvino, Zé de Totô, Zé Luiz, Pilão Deitado, Jesuíno Brilhante e o Vigário Tejo. Os demais têm o mesmo temperamento. Olho neles!) Walter Luciano, Marcos Alberto e Helena Maria — essa tem aquela temperazinha de Maria Bonita (senhora Walter Gomes de Souza), viviam o meu drama, sofriam comigo.

E as agressões continuavam a todo instante: "E o livro?" Não havia saída. O Vietnam seria mais ameno. Ou eu publicava e miserável ou me "internava".

Mas, encorajado por Dorgival Terceiro Neto, e posteriormente por Evaldo Cruz (Prefeito do continente de Campina Grande) e Evaldo Gonçalves de Queiroz (Chefe da Casa Civil do Governador Ernani Sátyro); fui, finalmente, dialogar com um financista: — Você financiaria a edição? — "Por que você não pede para sua mãe financiar?"

Pois foi exatamente o que ocorreu: Dona Maria das Neves, que antes de ser minha Mãe já era heroína e santa, do que nunca passará, asfixiando suas parcas economias, pôs termo ao drama.

Há poucos dias, no continente de Campina Grande, hospedei-me na casa de Mãe Santa, minha avó materna. Ela perguntou-me: — "Meu filho, estão dizendo que esse Limeira é você. É verdade? (Por coincidência tenho um primo, no Sul, chamado Limeira Tejo). E você tem esse livro mesmo, meu filho? Se tem, e se é que vai sair mesmo, dedique à memória do Juiz probo que foi seu pai, Orlando de Castro Pereira Tejo, em quem pode se espelhar a magistratura paraibana".

Ontem, pela manhã (20/9/73), depois do livro, ou coisa que o valha, já todo pronto, eu narrava a odisséia para o político e filósofo José Cavalcanti (este é o mais perigoso de todos; junto com José Américo de Almeida, matou mais gente do que Hitler — aquela "bagaceira"),

Mestre Zé ouviu-me atentamente. Depois fez esta observação: — "Fique certo de que só há três coisas perdidas neste mundo de meu Padrinho Padre Cícero: vontade de pobre, ponta-de-cigarro e pau torto, porque ninguém aproveita." E em seguida perguntou se "o livro vai sair mesmo..."

O itinerário percorrido pelo pobre calhamaço: Campina Grande-João Pessoa, João Pessoa-Campina Grande, Campina Grande-Recife, Recife-João Pessoa, João Pessoa-Recife, Recife-Brasília, Brasília-Recife, Recife-Rio, Rio-Recife, Recife-João Pessoa, João Pessoa-Recife, Recife-João Pessoa. Graças a Deus ficou aqui.

Pois bem, aí está a "obra". Não perguntaram tanto? Não insistiram tanto? Está o "livro" nas mãos de vocês. Só assim eu me livro. Se é bom, não sei. Também nunca disse a ninguém que sei escrever. Mas uma coisa posso asseverar: talvez não seja o livro mais lido do Brasil, mas, que é o mais viajado do mundo, disto não tenham dúvidas.

Só não sei é como ele vai se atar com Gemi Cândido.

O AUTOR

Nota Biográfica

Virgínius da Gama e Melo

A gente vai lendo, deliciado, o livro de Orlando Tejo sobre José Limeira e o que primeiro se destaca é a profunda simpatia do narrador sobre o narrado.

Trata-se, evidentemente, de um trabalho biográfico e notícia crítica sobre a vida e a arte desse famoso poeta do Teixeira. Mas de tal maneira o autor manifesta simpatia, admiração, que o livro se torna de uma palpitação de vida mais própria da poesia e ficção que de uma biografia, de primacial interesse histórico.

O que Orlando Tejo faz é a ressurreição duma personalidade que lhe parece, e é de fato, fascinante. Limeira restabelece, ao lado dos outros cantadores nordestinos, os velhos menestréis, que iam, de castelo em castelo, tangendo o alaúde. Hoje, eles carregam a viola, mas são da mesma forma líricos, errantes.

Os cantadores são os líricos boêmios errantes do nosso tempo. A certo modo, precursores dos "hipies", em sua forma de vida despojada de riquezas.

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Orlando Tejo nasceu e se criou ouvindo esses cantadores. Essa maneira de versejar, não tanto, mas a forma de vida sempre lhe pareceu a mais autêntica e verdadeira poesia. Uma poesia que é menos do verso, do canto, mas da maneira de viver, despojada de ambições, arrebatada de humanismo puro e integro. Nisso de viver em poesia, o autor do livro e o biografado têm muito um do outro. Apenas Orlando, erudito e culto, trabalha as formas poéticas de vanguarda, e também o soneto. Quer dizer: harmonia, lógica, bom senso. Limeira era o caótico. Em tudo. A ligação entre os dois é o desprendimento do "Vive em Poesia", esse romantismo boêmio, errante, que não organiza nem pauta a existência em termos burgueses.

Não sei se era Claudel quem dizia que, se o mundo havia de ser salvo, seria pelos poetas. Mas Poetas como Tejo e Limeira — acrescentamos, desconfiados de poetas tão ardilosos e arteiros na vida prática, existentes por aí.

O só fato de se ter tanto preocupado com um poeta do povo, desconhecido nos centros urbanos, noutras partes tido como louco, já é o suficiente para demonstrar a simpatia, a ternura, o desprendimento, o amor ao semelhante, tudo isso que palpita, sem exageros nem adorações, na alma simples e pura de Orlando Tejo.

Eis aí um que sempre viveu em poesia. O exemplo, o mais puro e mais completo, vinha de casa: o pai, Juiz de Direito em cidade do interior paraibano, ganhava pouco para sustentar a família, mas ainda achava o que dar aos outros. E jamais se cansava de dar. Certa vez, no Forum, em Campina Grande, tendo absolvido um reu, e este não dispondo de outra roupa senão o macacão da penitenciária, o Juiz trancou-se no banheiro e foi tirando o paletó, a gravata, a camisa, ficou de cuecas para vestir o outro. Dando tudo, ficou de tanga, como se diz popularmente. Guardem seu nome, ele merece — **Orlando de Castro Pereira Tejo**. E também o da esposa, a mãe do poeta, uma dedicação a vida inteira — **Maria das Neves Meira Tejo**.

Orlando Tejo

O menino Orlando, nascido na Rua do Lapa, em Campina Grande, Paraíba (1935), estudou no Colégio Pio XI e no Alfredo Dantas. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Pernambuco.

Da mesa de estudos passava para a mesa do jornalismo e' aos quinze anos, iniciou-se no "Jornal de Campina", fundado por Manuel Figueiredo, William Tejo e Virgínius da Gama e Melo. Depois trabalhou nos outros jornais da cidade — "O Rebate" e o"Diário da Borborema", matutino do qual ocupou a secretaria. Militou, ainda, nos jornais paraibanos "Tribuna da Paraíba" (Campina Grande) e "Correio da Paraíba" (João Pessoa). Em Pernambuco, dirigiu, juntamente com Cláudio Pires, o suplemento literário do "Correio do Povo", foi redator do "Jornal do Comércio" e "Jornal Pequeno". Pertenceu ao corpo redacional do "Diário de Pernambuco" (Copy Desk), ao mesmo tempo em que era professor da Faculdade de Comunicação da Sociedade de Tecnologia e Cultura, do Recife.

Da mesa de estudos ou do jornal, Orlando Tejo ganhava a rua, a praça, e ia atuar decididamente em todos os movimentos político-partidários de sua terra.

Começara como estudante, com o maior destaque na fase mais entusiástica do Centro Estudantal Campinense.

Foi representante classista, delegado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba.

Mas o que fazia mesmo, intensamente, era literatura, serenata de violão em punho, principalmente viver em poesia. No Recife, para onde se transferira em 1956, era companheiro, de prolongadas noites, de Carlos Pena Filho, Ascenço Ferreira e outros poetas e boêmios de fama.

. Sua atividade literária é respeitável em tanta juventude — desde os quatorze anos colabora em revistas e jornais. Primeiras publicações: "Alterosa", revista de Belo Horizonte; "A Cigarra", do Rio; "Era Nova", de João Pessoa; "Luar do Norte", do Recife. Sonetos no suplemento literário do "Diário de Notícias" e "Jornal de Letras", do Rio.

Seu livro de poesias, "NADA", entrará no prelo nos próximos meses.

Mas os seus sonetos, alguns deles, já têm sido publicados em várias antologias.

Orador, foi de rua, em comícios, e também nos grêmios literários onde foi orador oficial. Um deles, o Clube de Poesia do Recife. Outro, o Grêmio Literário "Machado de Assis", de Campina Grande.

No Recife, fundou, ao lado de outros intelectuais, o Grêmio Literário "Joaquim Nabuco" e, com outro grupo, o jornal "O Parnaso", órgão do Clube de Poesia do Recife.

Folclorista, integra a Comissão de Folclore do Estado de Pernambuco, atualmente presidida por Waldemar Valente. E' membro efetivo da Fundação Cultural Pessoa de Morais.

Entre poesia erudita e poesia popular, ciência e aprendizado do povo, transita este admirável Orlando Tejo, homem do povo, poeta do povo, que se dedicou agora a trazer para o convívio de todos, neste já consagrado livro, o poeta José Limeira, uma figura que se equipara, em muitas de suas visões fantásticas, a um Souzandrade bronco ou um Corpo-Santo rude. Haveria um triângulo de inspiração entre Maranhão, Rio Grande do Sul e Paraíba, uma identidade, semelhança talvez, raciocinando por absurdo, desde que aqui se trata do "Poeta do Absurdo", objeto da acurada pesquisa a que se prestou o ensaista Orlando Tejo, para nos legar esta obra impressionante.

João Pessoa, novembro de 1970.

Uma pesquisa de fôlego

Josy SANTIAGO

A literatura genuinamente nordestina firma-se, a cada dia, no seu tempo, ocupando, embora lentamente, o seu justo e merecido espaço, até criar raízes fundas de equilíbrio definitivo no consenso da bibliografia nacional.

O mais autêntico e elevado exemplo temos em ZE' LIMEIRA, POETA DO ABSURDO, um avançado livro que leva a chancela do inspirado poeta Orlando Tejo, lídimo representante parnasiano e embaixador dos cantadores violeiros desta metade do Brasil, nas horas vagas também cantador surpreendente.

ZE' LIMEIRA, POETA DO ABSURDO é um ensaio como poucos até agora escritos neste setentrião brasileiro. Tanto mais arrojado pela firmeza do autor, na sua lúcida argumentação, em que, além de refletir a imagem mesma da inteligência matuta e oferecer substanciosos subsídios aos estudos de mergulho do folclore regional, quando igualmente faz um cotejo ousado da

poesia de Zé Limeira com a chulice de certos poetastros concretista-surrealistas.

É uma pesquisa de fôlego, em um terreno até então inexplorado, em que o escritor, numa linguagem fluente, sadia e, sobretudo, honesta, traz à tona uma temática nova, com o ressalte de um mundo de coisas desconhecidas até mesmo na literatura de cordel.

No gênero, creio, nada há escrito com tanta precisão. Porisso, robustece-nos a convicção de que as letras nacionais têm muito a lucrar e aprender nesta magistral e sui-gêneris obra que já tem o seu destino definido: será inquestionavelmente **best-seller**.

Com a sua publicação, abertas estarão as portas ao ingresso de uma literatura nova, moderna, em que os seguidores de Orlando Tejo, aqueles que, como ele, sabem ver e sentir a poesia desses privilegiados do repente, e não tiveram bastante coragem para um empreendimento de tamanha envergadura, já pelo temor, já por descrerem em si mesmos, não mais há receiar porque o êxito será absoluto.

Zé Limeira, personagem real, poeta do Teixeira, que protagoniza esta opulenta obra, já marcada com o sinete da perpetuação no conceito universal pátrio, pela excentricidade no seu todo individual e assinalado exoticismo, que o conduz a vida inteira, é figura da maior raridade nos tipos populares que medram nas terras nordestinas.

Seu perfil físico e intelectual é traçado com as tintas e a precisão da lealdade, numa análise profunda do homem e da sua poética, em que, ao lado de um mundo telúrico e ecologicamente carrancudo, aparece ele encarnando a própria aberração ambiente: um poeta intelectualmente carrascoso, cascalhento, agreste e, ao mesmo tempo que rebelde, chistoso, gaiato e bonachão, de cujas características veio-lhe o dom de captar as simpatias dos milhares de aficionados seus.

A leitura de ZÉ LIMEIRA, POETA DO ABSURDO, ensaio que revive, em seus capítulos mais contundentes, toda a paisagem sociológica da década de 1950, esboçada com sinceridade e coragem por Orlando Tejo, não

será só divertida aos leitores comuns, mas muitíssimo proveitosa aos estudiosos do assunto, que encontrarão aí um mundo de motivações folclóricas de apreciável valor e inegável beleza.

(Correio da Paraíba, 10/6/73).

Um Ensaista Diferente

PESSOA DE MORAIS

ZE' LIMEIRA, POETA DO ABSURDO marca uma nota singular na literatura desse gênero no Brasil.

Orlando Tejo, paraibano de Campina Grande, traz, por intermédio de um personagem curiosíssimo de cantador que conheceu ainda quase menino e adolescente, toda uma paisagem humana indispensável para o conhecimento de aspectos fundamentais do Nordeste.

O básico, porém, em Orlando Tejo, é que esses episódios são marcados pelo timbre inconfundível de um escritor capaz de transformar a simples matéria pitoresca — de si mesma já bastante significativa — numa outra dimensão surpreendente e complementar: a de animar esses assuntos por um poder paralelo de fabulação, entremeado pela versatilidade e originalidade do próprio personagem que tão brilhantemente discute no livro.

Sua prosa se diferencia, de imediato, de quase todos os escritores que versam a mesma temática, pois o deci-

sivo em Orlando Tejo é a capacidade de captar e selecionar aspectos realmente marcantes da vida e transfigurá-los com o seu poder de narrativa e de expressão, uma das dimensões mais importantes de ZE' LIMEIRA, POETA DO ABSURDO.

Trata-se, por tudo isso, ao mesmo tempo, de um estudo folclórico com subsídios a outros tantos estudos sociológicos, antropológicos, ecológicos e até de psicologia social onde, por acréscimo, o ensaista se desenvolve num tipo de escritor que, sobretudo, nos encanta de maneira especial.

Há uma espontaneidade literária, aliada a um talento de criatividade artística que não é absolutamente comum entre os escritores desse gênero.

Orlando Tejo se afirma neste livro já com qualidades literárias reveladoras também de um poder narrativo e mesmo de fabulação, que empresta ao seu livro aspectos, por vezes romanescos, associados também a uma visível sensibilidade poética.

Venho acompanhando, pessoalmente, grandes lampejos da inteligência do autor, na construção de uma poética onde o ritmo da literatura de cordel se combina a outros traços técnicos e eruditos, fazendo despontar, assim, um novo e original repentista, em condições de juntar a essas gamas diversificadas um novo processo criador.

O autor de ZÉ LIMEIRA, POETA DO ABSURDO é, antes de mais nada, um escritor de acurada sensibilidade e, em consequência disso, quando incursiona pela temática folclórica e pitoresca do Nordeste, é sempre capaz de enriquecê-la subsidiariamente com a verve do seu próprio talento artístico.

Daí ser o seu livro incomum no sentido de colher a própria matéria folclórica de que se serve, de modo bem diferente do convencional, captando ângulos expressivos do ponto de vista humano e, ao mesmo tempo, proporcionando ao leitor um tipo de entretenimento também diverso daqueles oriundos dos livros que tratam de igual assunto.

Orlando Tejo

Os próprios textos escolhidos por Orlando Tejo, na poesia do cantador paraibano que interpreta, não são apenas importantes para o conhecimento da riqueza e da própria versatilidade do cancioneiro popular nordestino, como, a cada passo, é acompanhado por comentários inteligentes e perspicazes.

Vejo em Orlando Tejo, antes de qualquer coisa, uma sensibilidade definida de escritor. E mais do que isto: de um escritor que já dispõe, em ZÉ LIMEIRA, POETA DO ABSURDO, de uma técnica expressiva, onde os episódios meio romanescos de certos trechos se realizam através de uma linguagem sugestiva, dotada de impressionante força narradora.

Todos esses elementos proporcionam a este livro uma nota bastante singular entre ensaios do gênero e prenunciam em Orlando Tejo um escritor de muita potencialidade que poderá ainda desenvolver alguns dos seus dotes, de maneira a surpreender a atual literatura brasileira.

ZE' LIMEIRA, POETA DO ABSURDO possui, além disso, uma visível capacidade analítica, quando o autor discute igualmente a contextura literária da própria poética do personagem que tomou como pano de fundo para essa série de incursões num dimensionamento tanto de subsídios humanos, como da própria vida social nordestina e, do mesmo modo, da riquíssima gama da literatura de cordel.

Este livro se presta, assim, a novos ângulos de interpretação do fenômeno da trova popular nordestina, inquestionavelmente importante como ponto de partida para pesquisas técnicas da literatura mais atualizada. E literatura que vem se servindo, não raro, dessas mesmas pesquisas para incursões ou experimentos artísticos tecnicamente eruditos, porém enriquecidos de inesgotável manancial que, no Nordeste, tem o Brasil seu ponto culminante.

Orlando Tejo, com a sua sensibilidade, nos acena essas novas e múltiplas sugestões, a fazerem do seu livro um permanente subsídio para experiências da mais variada natureza.

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

E', o autor de ZE' LIMEIRA, POETA DO ABSURDO, além disso, hoje, no Nordeste do Brasil, talvez o maior conhecedor de assuntos do cancioneiro popular, sobretudo no seu aspecto específico dos cantadores de viola. Ele próprio teve, e ainda continua a ter, uma marcante vivência entre essa gente rústica cultivando, de uma só vez, o gosto pela vida urbana, e um raro poder de identificação com as nossas mais autênticas raízes.

Cantador também de viola e vivendo intensamente no meio de violeiros da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, do Rio Grande do Norte e do Ceará, o repentista Orlando Tejo é identificado com esses traços da cultura regional como se fossem os de sua própria família. Na verdade, um prolongamento ou indispensável complementação de sua sensibilidade artística, e, igualmente, um repositório quase inesgotável para quem deseje pesquisar ou se nutrir dessas legítimas raízes populares.

Mas tudo isso se junta — ressalte-se bem — a um poder expressivo de escritor a aparecer com vigorosa força lírica nas páginas deste livro.

Em geral, no Nordeste e no Brasil, as duas coisas vêm quase sempre dissociadas: ou se é um pesquisador erudito e árido, ou a marca da espontaneidade é prejudicada, não raro, pelo lugar comum da linguagem ou da narrativa sem poder literário. Orlando Tejo, ao contrário, associa os dois aspectos: humaniza a sua pesquisa e faz passá-la pela sensibilidade tanto da vivência como da capacidade de transmitir ou narrar. E isto com acuidade, selecionando cenas, enfatizando traços, tornando conhecidas dimensões novas do nosso cancioneiro. O que faz de ZE' LIMEIRA, POETA DO ABSURDO um ensaio singular na atual literatura do Nordeste.

Recife, maio, 1972.

Um Poeta Diferente

(PREFÁCIO)

JOSE' AMÉRICO DE ALMEIDA

(Da Academia Brasileira de Letras)

Tomado de amores pela poesia popular, a manifestação mais viva da inteligência do Nordeste, Orlando Tejo escreveu este livro.

É uma excelente contribuição para o conhecimento íntimo da musa matuta, representada por um dos seus curiosos exemplares.

A literatura de cordel está, hoje, universalmente consagrada, como um dos testemunhos mais fiéis da tradição. A pobreza de mitos regionais é suprida por essa fonte de vida de comunicação imediata.

Começa o autor enquadrando sua pesquisa no domínio do folclore, cujo conceito traduz com familiaridade e solidez.

Finalmente, elege, um estudo, o tipo que representa, no seu entender, a revelação mais original da sobrevi-

vência dos antigos trovadores: Zé Limeira, paraibano do Teixeira (1886/1954).

Esse José Limeira, chamado o Poeta do Absurdo, era doido ou um vidente.

A figura humana encarnava um misto de excentricidade e simpatia. Alto, forte, sorridente, impressionava pelo físico e maneiras destabocadas.

Andarilho de sete fôlegos, trazia o matulão a tiracolo e não largava a bengala de aroeira, feita um bordão.

Meio carnavalesco, usava roupa de mescla com um lenço encarnado no pescoço. Seus dedos eram grossos de anéis.

Cantando, com uma bonita voz, erguia, desdenhoso, o rosto guarnecido de grandes óculos escuros.

Este retrato denuncia o estado interior:

Sou o cantador malhó
Que a Paraíba criou-lo.

—

Eu me chamo Zé Limeira,
Cantor da sabedoria.

—

Não tem home cuma eu.

—

Sou o vatís das glórias desta terra.

O auto-elogio é próprio dos repentistas. Nos desafios, cada um procura superar o rival, com as suas pabulagens. Mas, o Poeta do Absurdo, por seus exageros, desafia um diagnóstico.

Singularizava-se ele por sua independência e altivez. Enquanto os outros cantadores, sempre louvaminheiros, exaltavam os "donos da festa", José Limeira era irreverente e pornográfico, dentro dos ambientes mais austeros.

Na casa de um agrônomo que o chamara para cantar escandalizou a família e os convidados com estas liberdades, ao celebrar as virtudes da senhora do anfitrião:

Eu sou um home de fé
Mais só conheço a muié
Olhando a parte de baixo.

Na presença de um governador de Estado, saudou a primeira dama, depois de ter ouvido o parceiro esbofar-se em suas loas, com esta porcaria imprópria:

Doutô, como eu não tenho um brinde em nota,
Que possa oferecer à sua esposa,
Dou-lhe um quilo de merda de raposa
Numa casca de cana piojota.

Tinha momentos de um saboroso realismo:

Muié só presta arpejada,
Porém só presta bem feme,
Do jeito que foi Noeme
Cum cinco mês de casada.

E no mesmo tom:

Só gosto de duas coisa:
Vida boa e muié feme.
Ainda o ano passado
Fui paí dum casá de geme.

Rebenta um imprevisto:

Fui casado e bem casado,
Cum quem, não digo cum quem.
A muié ainda é viva,
Mas morreu, mora no Além.
Se um dia vortá à terra,
Vai morá no pé da serra,
Não casa mais cum ninguém.

Criou um lirismo rude:

No dia que eu me zangá
Mato você de carinho.

E mais terno:

Minha muié chama Bela,
Quando eu vou chegando em casa,
O galo canta na brasa.
Cai o texto da panela.
Eu fico olhando pra ela...
Morena de meu amor,
Cabo de minha bengala,
Segredo de minha mala,
Meu cavalo corredor.

Admira esta fluência poética:

Eu e o mestre da festa
Canto até ficá de dia.
Na terra só tem tristeza,
No Céu só tem alegria.
Se um dia eu fosse chamado
Pra cantá no Céu eu ia.

E esta novidade de construção:

Eu briguei com um cabra macho
Mais não sei o que se deu.
Eu entrei pru dentro dele.
Ele entrou pru dentro deu,
E num zuadão daquele
Não sei se eu era ele
Nem sei se ele era eu.

O que singularizava José Limeira era ser o anti-lógico:

Casemo no ano de quinze,
Na seca de vinte e três ...

Ela parece um limão
Rodeado de cebola,
Uma goiabeira verde
Enfeitada de ceroula ...

Eu me lasco mas faço uma ferida
No toitiço da velha madrugada.

—

Quando uma vez eu cantava,
Bem cedinho, à meia-noite,
Quando eu de dia falava,
Passou uma besta-fera
E meus versos declamava.

Baralhava ele as noções de tempo e de espaço. E ainda pior, era a deformação pessoal.

Nos desafios, fugia do assunto, deixando de estabelecer o diálogo. Perdia o fio das respostas e prosseguia, desatento, distante, desarrazoado, sem ligar para o companheiro. Fazia de conta que não ouvia a **deixa**.

Abusava da distorção histórica. Não havia glória profana ou santidade que escapasse de suas caricaturas:

Napoleão era um
Bom capitão de navio:
Sofria de fosse braba,
No tempo em que era sadio.
Foi poeta e demagogo,
Numa coivara de fogo
Morreu tremendo de frio.

—

Dom Pedro teve um enfarte,
Tomou um chá de jumento.
Vomitou, botô pra dento,
Tornô goipá outra veis ...

Quando Jesus veio ao mundo
Foi só pra fazê justiça.
Com treze ano de idade
Discutiu com a doutoriça,
Com trinta ano depois
Sentô praça na puliça.

O marechá Floriano,
Antes de entrá pra Marinha
Perdeu tudo quanto tinha
Numa aposta cum cigano.
Foi vaqueiro vinte ano,
Fora os dez que foi sargento,
Nunca saiu do convento
Nem pra lavá a corveta,
Pimenta só malagueta,
Diz o Novo Testamento.

—

Quando a Princesa Isabé
Escapou do cativeiro,
Arrodiou pru Monteiro
Vei se escondê em Sumé.
Foi quando uma cascavé
Mordeu-lhe a junta da mão.
Foi morrê lá no Feijão,
Dum jeito de fazê pena.

—

Um dia Augusto dos Anjo,
Junto com São João da Barra,
Foram fazê uma farra
E tivero um desarranjo.

—

Jesus nasceu em Belém,
Conseguiu sair dali,
Passou por Tamataí,
Por Guarabira também.
Nessa viage de trem
Foi pará no Entroncamento.
Não encontrando aposento
Dormiu na casa do Cabo.
Comeu cuscus com quiabo,
Diz o Novo Testamento.

Era assim que interrompia os torneios. Seria uma fuga? Um recurso de ocasião? Um enxerto preconcebido para encontrar a rima?

Essa incoerência não é um pensamento sem controle e, sim, uma agressão ao real. Uma visão deformada e não o abstrato, o subjetivismo criativo.

É exato que ele também se apresentava como inventor da linguagem: filosomia, filanlumia, pilogamia e outros termos que ninguém pescava.

Deverá ser levado para o campo psiquiátrico ou seria um fenômeno de intuição surrealista?

Ele mesmo disse:

Eu sou um nego moderno,
Foi não foi, estou pensando.

De fato, era um repentista mediocre; a composição elaborada tinha outro valor.

Orlando Tejo examina bem esse aspecto.

Sabemos o que significa o automatismo contra a reflexão. Mas não se encontra nessa poesia plebéia nenhum laivo do subconsciente ou do onírico; o que se observa é mera confusão. Há uma exatidão intrinseca que não se deturpa.

Uma coisa é ser hermético e outra é ser desconexo.

Temos mostras de surrealismo em alguns dos nossos melhores poetas: João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, Murilo Mendes. Um analfabeto não teria essa sensibilidade.

Ou seria simplesmente uma intenção humoristica, um jogo de crioulo doido? Isso, sim. O Poeta não levava as coisas a sério, trocava as bolas, procurando o pitoresco.

Mas que imaginação picaresca!
E' um livro digno de estudo.

O poeta Orlando Tejo expõe uma matéria nova para ser analisada pela crítica moderna.

Tambaú, 1970, abril.

A Viola

I

Folclore, vocábulo criado por William John Thoms (Folk-Lore) e divulgado pela primeira vez em Londres, no número 982 da revista "The Atheneum", a 22 de agosto de 1846, é, na expressão lúcida de Luiz da Câmara Cascudo, "a mentalidade móbil e plástica, que torna tradicionais os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato coletivo", como a imóvel enseada dá a ilusão da permanência estática, embora renovada na dinâmica das águas vivas. Ciência que estuda a solução popular na vida em sociedade.

Porisso, onde estiver um homem aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica, uma vez que, seja qual for o objeto que desperte o interesse humano, além de seu objetivo imediato, material, lógico, não deixa de ser folclore. O avião a jato é folclore, como o são o parque industrial, o transatlântico, o laboratório químico, o foguete espacial, como será tudo o que determine projeção cultural no plano popular, de maneira

que surpreenda as diretrizes do seu programa específico de produção e destino habituais. A maquinaria, que faz surgir hábitos, costumes, alimentação, gestos, superstições, lirismo, sátiras, indumentárias, tudo aquilo que os grupos sociais participantes assimilam, é folclore.

Folclore é a cultura popular, feita normativa pela tradição natural, compreendendo utilitárias técnicas e processos que emocionalmente se ampliam e se valorizam. Uma cultura que não somente conserva, mas, antes de tudo, defende paternalmente os padrões inabaláveis da ação e do entendimento, refazendo, todavia, remodelando ou mesmo desprezando os elementos que perderam a motivação ou as finalidades imprescindíveis à presença de grupos ou a certas sequências.

Vê-se, por aí, a extraordinária elasticidade da natureza dos fenômenos folclóricos, tão profundamente vinculada à unidade indissolúvel da cultura humana, proteiforme mas eterna, localizada mas universal. Assim também, universal e eterno é o folclore, expressão requintada da capacidade espiritual do homem.

Dentro do imensurável e complexo campo do folclore, que engloba desde as **Congadas** e **Fandangos** ao **Cristãos-e-Mouros**, de priscas datas, situa-se a viola, o primeiro instrumento de cordas que o Brasil conheceu e que viveu seu maior esplendor na Europa, na aurora do Século XVI, mais intensamente em Portugal, com registro nos autos de Gil Vicente. Já o Padre Fernão Cardim cita a viola como instrumento predominante da orquestra típica das festas jesuíticas de Lisboa, liderando o pandeiro, o tamborim e a flauta. É, evidentemente, muito mais antiga que o violão (ou guitarra espanhola), que surgiu em Madrid nos primórdios do Século XVIII, fase em que a música popular desfrutou de imenso prestígio em alguns pontos do Velho Mundo.

Nos Estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, onde se encontram, não muito raro, imagens de São Gonçalo empunhando e até mesmo tocando viola, este instrumento jamais perdeu a fama, principalmente porque é o único que se

presta ao acompanhamento do **Cururu**, dança típica de São Gonçalo.

Foi usado pelos marujos, para animar o **Fandango**, dança que se aproxima muito do **Cateretê**, mas, antes, muito antes, nos **facões** de determinadas províncias brasileiras, a viola já acompanhava o **Fado** (dança voluptuosa), que é brasileiro e originado do **Lundu**.

Nas duas últimas décadas, a viola quase foi totalmente esquecida no Brasil, não se sabendo a que atribuir, em face do seu incontestável valor histórico. Entretanto, a música de protesto devolveu-lhe o seu esplendor, concorrendo decisivamente para que ela voltasse a encontrar acústica na sensibilidade nacional, despertando a juventude brasileira que passou a sentir a viola como instrumento tradutor do sentimento popular.

A viola foi utilizada pela primeira vez no Brasil, como instrumento de cantoria, já pelos idos de 1840, na cidade paraibana do Teixeira. Integrada no ciclo do repente, encontrou seu verdadeiro destino, fixando-se no eterno da paisagem regional. Hoje, viola e repente encontram-se tão profundamente vinculados que não se pode conceber a existência daquela sem este e vice-versa, embora nem todos os repentistas, mesmo entre os mais famosos, tenham feito dela a alma de suas cantorias, como, por exemplo, Inácio da Catingueira e Cego Aderaldo que preferiram cantar repentes ao som de, respectivamente, pandeiro e rabeca.

O elo que une a viola ao repente é indissolúvel. No Nordeste, dificilmente conceber-se-ia um sem o outro, porque, finalmente, nem a viola, nem o repente, subsistiria isoladamente.

Fale o povo: "Versos de viola" (literatura de cordel), "repente de viola" (repente genuíno), "poeta da viola", (cantador), "lembrança de viola" (toada-poema cantada nos intervalos da cantoria) e "baião de viola" (cantoria propriamente dita).

É tão acesa a presença da viola no Nordeste, que a crítica literária carioca já tornou costumeira a expressão "região da viola", ao referir-se à área do Polígono das Secas.

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Impressionante, mesmo que pouca crença se empreste ao fato, é que a viola é um instrumento milagroso, devendo o fenômeno merecer a atenção dos estudiosos da ciência. A verdade é que não existe remédio mais eficaz para combater o veneno da aranha do que três baiões de viola, tocados, em dias consecutivos, sobre a parte do corpo humano atingida pela ação daquele inseto. Não obstante estranhável, o fenômeno existe realmente. Tive oportunidade de testemunhar isto, no auditório da Rádio Borborema (Campina Grande), quando uma senhora, trazendo nos braços uma criança, socorreu-se do cantador Cícero Bernardes, minutos após o poeta encerrar o seu programa diário. A curiosidade levou-me a comparecer ao auditório nos dois dias subsequentes, para a constatação do fato. A criança, cuja perna esquerda apresentava todas as características de alta infecção, em consequência da picada de uma aranha, já no dia seguinte ao do terceiro baião estava completamente restabelecida. Não havia mais nenhum sinal de picadura. E não se tratava de auto-sugestão, porque a cura se deu numa menina de poucos meses, o que me fez acreditar inteiramente no que estava presenciando.

Embora alguns pesquisadores do assunto afirmem a existência de vinte e cinco afinações diferentes da viola, apenas dezesseis são popularmente conhecidas, mais em voga no Norte e no Sul do que no Nordeste: "ré-abaixo", "cebolinha", "cebolão", "quatro-pontos", "castelhana", "ponteado do Paraná", "do sossego", "cana verde", "guaianão", "tempero mineiro", "oitavado", "tempero-pro-meio", "som-de-guitarra", "temperão", "guariano" e "guaianinho". As afinações preferidas pelo cantador nordestino são mi-si-sol-ré-lá, para dez cordas ou cinco duplas, e mi-lá-ré-sol-si-mi, para doze cordas ou seis duplas, quando emite o instrumento uma sonoridade mais elástica e agradável ao ouvido

E' a principal fonte de inspiração do cantador, ou, se quiserem, é a viola a própria razão de ser do cantador nordestino, como bem atesta este soneto de Dimas Batista Patriota, de inegável textura poética:

"Velha viola de pinho, companheira
De minhalma, constante e enternecida,
Foste tu a intérprete primeira
Da primeira ilusão da minha vida.

Eu, contigo, cantando a noite inteira,
Tu, comigo, tocando divertida.
Sorrias, se eu louvava a brincadeira,
Choravas se eu cantava a despedida.

Nas festas de São João, nas farinhadas,
Casamentos, novenas, vaquejadas,
Divertimos das serras aos baixios.

Perlustrando contigo pelo Norte,
Foste firme, fiel, feroz e forte,
No rojão dos ferrenhos desafios.

A Cantoria

II

A cantoria, que é o ato de cantar versos de improviso, a disputa poética, a refrega lírica de dois poetas, a peleja entre dois ou mais cantadores, o desafio entre repentistas profissionais, a polêmica rimada e metrificada ao calor da improvisação, nasceu nos primeiros quartéis do Século XIX, no ponto culminante da Paraíba, a Serra do Teixeira, tendo como seu primeiro expoente o genial Francisco Romano Caluete (Romano do Teixeira ou Romano da Mãe d' Agua), autor do próprio vocábulo **Cantoria**.

São os titulares da cantoria os mais autênticos representantes de todos os bardos, dizendo pelo canto improvisado, com admirável talento, a crônica dos vultos renomados da região em que labutam, os acontecimentos históricos, os fatos sociais recentes, em desafios que duram noites inteiras, fazendo exibições assombrosas de imaginação, "brilho e singularidade na cultura tradicional". Analfabetos ou semiletrados, raramente letrados,

têm o domínio do povo que os ama e compreende. "Independem das cidades e dos cultos; vivem no ambiente limitado, zona de conforto restrita mas real, para uma existência fabulosa de miséria e de encanto intelectual inconsciente", ainda na expressão de Câmara Cascudo.

São os cantadores, geralmente, homens de franciscana humildade, detentores, sempre, de espantosa memória, honestos e pacatos, fraternais e sinceros. São, em geral, oriundos do campo, de pequenos vilarejos ou de arrabaldes das cidades nordestinas. Espíritos idealistas, desprendidos, sensíveis, solidários, despidos de ambições materiais. Amam a Natureza, as pessoas e as coisas, principalmente a viola, tesouro sonoro inegociável, companheira das noites indormidas. Sua musa nunca está em férias. E' uma inspiração inconsútil, presente, prestes a irromper a qualquer momento, em qualquer circunstância, com a força de uma torrente:

"... Eu sou Joaquim Vitorino,
Cantador forte e fiel".

"O meu nome é Manuel
Fuloriano Ferreira!
O meu verso tem a força
Das água da cachoeira
Què vem com tanta embalage
Que come os pé da barreira."

Assim são os reflexos das almas de cristal dos nossos bardos rústicos que cantam no seu canto despretencioso e sentido, canto simultaneamente infantil e genial, pleno de uma poesia musical, pura, singela, sem requintes, sem resquícios de mofo. Canto claro de orvalho e de sol. Canto magoado de pássaro ferido. Canto misterioso de vento e de noite. Canto alegre de alvorada. E' um canto sempre novo e surpreendente, como este improviso do gênio que foi Canhotinho:

"Quem inventou esse "S"
Com que se escreve saudade,
Foi o mesmo que inventou
O "F" da falsidade
E o mesmo que fez o "I"
Da minha infelicidade".

Os cantadores constituem imensa legião de homens que amam, sonham, sofrem e brincam de viver no mundo, pescando estrelas, caçando ilusões, plantando tardes, colhendo manhãs, levando a sua mensagem sutil e profunda, tímida e vigorosa, ao povo ávido de poesia que os ouve embevecido.

Crianças maiores, povoam um mundo irreal, colorido, constante de amores, esperanças, saudades. Almas vestidas de arrebóis e alvoradas, olhos que lacrimejam à simples contemplação de um por-de-sol.

Centenas e centenas desses rapsodos bárbaros respiram as brisas tropicais do Nordeste brasileiro, aí vivendo e filosofando, a cantar o Céu e a Terra, a dor e a vida, o pranto e o sorriso, a despetalar as rosas do canto mais puro, humanizando a agreste paisagem. São cantadores grandes e pequenos, paupérrimos ou remediados, relativamente cultos ou inteiramente broncos, introspectivos ou agressivos, mas todos cantadores, sonhadores, poetas, meninões, menestréis selvagens que fazem transbordar ao som do pinho o esplendor de transcendentes talentos.

Para a definição sábia, justa, exata dos virtuosos da viola, fale o mestre Guerra Junqueiro, no seu "Prefácio ao Livro do Cantador de Setúbal":

"Que título augusto, que nome ideal para um vivente — o Cantador!

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. Os ritmos silentes do Universo traduzem-se pelo som nos ritmos do canto. Cantar é divinizar o som. A vida inteira é harmonia inteira. Quer os glóbulos do sangue, quer os glóbulos astrais movem-se por música. Um sol é um órgão e a luz uma sinfonia esplendorosa. O prisma decompõe-

na, a óptica descreve-a, mas definí-la só o canto. O canto, matemática viva, eis o revelador da Natureza, a língua suprema do Universo.

O Cantador! Que nome ideal para um destino! Ser o Cantador, ser a voz da água e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos monstros, dos infusórios e dos sóis, das nebulosas e dos átomos! Cantar o riso, o beijo, o olhar, a dor e a lágrima! Cantar o sangue impetuoso, as seivas genésicas, os fluidos radiantes, as marés vitais, as eletricidades criadoras! Cantar as formas e as essências, números que dizem idéiás, linhas que desenham espíritos! Cantar a marcha heróica e resplandecente do lodo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Gólgota do SER, a Paixão do VIVER, a cruz eterna e formidável que a Natureza leva aos ombros! Cantar, enfim, o amor e a dor, o drama religioso do Universo. E o drama do Universo cantado ao Universo inteiro, desde a cinza da urze ao pó dos astros infinitos. Ser o Cantador! Não ter outro nome! Quem és? — O Cantador! Quem te criou? — A vida imortal. Onde nasceste, onde moras? — Na vida imortal. E o último suspiro mandá-lo à vida imortal, no seu último canto! Ah! como eu te invejo, meu pobre e humilde Cantador de Setúbal! Tu foste, na tua ignorância, a alma lírica e luminosa dos deserdados e dos simples. Foste o éco risonho das suas alegrias, a voz amorosa e meiga dos seus desalentos e pesares. Canto de cuco, sempre o mesmo canto, singelo e monótono. Embora. A raiz chupa ao lodo a flor que nasce na vergôntea. Tu, do lodo da vida, extraiste a canção que é a flor em música. Mas a flor vem de ano a ano, e tu andas florido, que primavera! há mais de meio século. És o Cantador! E's o Cantador! Por mais de meio século, ao ritmo do teu macete martelando no escopro, aparelhaste barcos e canções. Barcos levando esperanças e misérias, canções levando lágrimas e risos. E que são barcos senão harmonias flutuantes? Uns em águas cristalinas deslizam como ídolos, outros, como epopéias, sulcam voragens e tormentas Sob o esplendor de ocasos outonais, recordo-

me de ver em baías ermas, galerias melancólicas, a concha sinuosa, os mastros nus e fugitivos aereamente destacando à luz ideal, as cordas leves e puríssimas. Não são navios, dizia eu, são harpas boiando, harpas gigantes que flutuam. Harpas de sonho, para dedos de sombra e misereres de luar...

Mas agora dou fé de que, sem o querer, estou cantando e não percebo o canto. Falar-te-ei com simplicidade, para que me entendas.

Não sabendo ler nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado Cantador de Setúbal. Os grandes poetas são os grandes homens e a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela inocência, pelo sentimento verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração. Ora, a tua bondade, meu velho, exala-se das tuas cantigas sem arte, como um aroma delicioso dum matagal inculto, que nasceu entre pedras. O vício não te manchou, o crime não te desonrou. Ganhaste com o suor da tua fronte o pão de cada dia, com a alma em Deus abriste o olhar a todas as manhãs, e todas as noites, tranquilo, na misericórdia de Deus adormeceste. Arrancaram-te lágrimas piedosas os tormentos do mundo, guerras, fomes, flagelos, desastres, misérias, iniquidades. Amaldiçoaste a soberba, cuspiste no dolo e na tirania. Bondade ingênua, pobreza santa, alegria clara, eis o resumo simples da tua vida. Bem poucos mortais, à hora extrema, poderão dizer o que tu dizes:

"Nunca fui mal procedido,
Nunca fiz mal a ninguém;
Se acaso fiz algum bem
Não 'stou disso arrependido.
Se mal pago tenho sido,
São defeitos pessoais,
Todos seremos iguais
No reino da Eternidade:
Na balança da Verdade
Deus sabe quem pesa mais".

Sim! Na balança da Verdade, na balança de Deus, acaso pesarão mais as tuas cantigas de analfabeto que muitos poemas ilustres, já consagrados pela História. Maior do que eu és tu, sem dúvida. Maior porque és melhor. Tu foste bom continuamente, e eu, querendo sê-lo muitas vezes, poucas o fui, na realidade. Venero-te. Venero em ti a beleza única, a beleza moral. Cantador humilde, Cantador velhinho, em paga do meu afeto, manda-me de longe a tua bênção!".

Fico a imaginar que fantástica impressão, que fabuloso alumbramento teria o grande poeta português se, vivendo em nossa época, tivesse a felicidade de conhecer de perto os cantadores nordestinos, bem maiores, bem mais divinos que o Cantador de Setúbal! Que magnífica impressão haveria de ter Junqueiro, se ouvisse uma dupla de cantadores nossos, numa noite sertaneja de luar, a extrair do mar misterioso da inspiração, esplendorosas pérolas do ingênuo e belo canto, quando as violas são estrelas sonoras, ou se fazem gaiolas harpejantes para prender os pássaros infinitos da poesia imaculada — a poesia se fazendo música e os sons desfazendo-se em eternidades! A inspiração se fazendo canto e o canto se fazendo em forma de **sextilha, sete-linhas, mourão-em-sete, você cai, mourão voltado, quadrão em oito, quadrão em dez, quadrão à beira-mar, martelo alagoano, gabinete, toada alagoana, oitava rebatida, nove palavras por seis, gemedeira, galope à beira-mar ,parcela, martelo agalopado, quadrão mineiro, meia-quadra e glosa!**

Chega a impressionar a prodigalidade da árvore da poesia do povo, com as raízes fincadas no sertão da Paraíba e os frondosos ramos a estenderem-se dando sombra e frutos em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, Ceará e Sergipe, às dezenas, às centenas, quem sabe, aos milhares, propagando o milagre da Criação, como frutos sazonados do gigantesco e secular carvalho que, mesmo açoitado por devastadores vendavais, permanece em pé, verde, tranquilo, imponderável, soberbo.

O Pássaro do Teixeira

III

Entre aquela fabulosa revoada de aves canoras, cantou um pássaro diferente, deixando a música do seu trinado a ecoar nas serras verdes da Paraíba: José Limeira, o Poeta do Absurdo.

Caboclo de estatura avantajada, desinibido e desabusado, doublê de menestrel e jagunço, carismático, abriu os olhos para a vida no chapadão da Serra do Teixeira. Analfabeto de pai, mãe e avós, José Limeira se constituiu no ídolo da grande massa ignara do sertão bravio, graças ao porte invulgar, à simpatia pessoal e à voz tonitruante casada a uma dicção perfeita.

Ao cantar, costumava amarrar ao pescoço extravagante lenço cor de sangue-de-boi, com um volumoso nó à altura do laringe, onde trazia pendurado ordinário e aberrante anelão de pedra azul, realizando violento contraste de cores. As mãos estavam sempre enfeitadas por dez, doze e às vezes quinze anéis que reluziam enquanto os grossos dedos tangiam ágil, meticulosa e compassa-

damente a dúzia de cordas da viola, todas afinadas numa só tonalidade. Nunca admitiu a existência de um cantador que lhe superasse o talento, dentro ou fora do Nordeste:

"... Sou o cantadô malhó
Que a Paraíba criou-lo".

Cantava com arte e os versos que improvisava, invariavelmente desconexos, revestiam-se, todavia, de tanta musicalidade, que se perdoava a loucura das construções. Cantou durante quase meio século e não improvisou um só verso desmetrificado, como depõem idôneos virtuosos da viola, seus companheiros mais chegados. No sentido literário, entretanto, construiu raras estrofes lúcidas, o que, para ele, era secundário ou plenamente dispensável. Na sua concepção, rimar e metrificar o verso era o primordial, enquanto o conceito, a imagem, a concatenação, o equilíbrio geral da composição não lhe parecia ser uma exigência da poética que, quando levada ao campo melindroso do improviso, requer grande domínio mental, não prescindindo, nunca, da chamada licença poética e de outras **licenças** especiais, necessárias à plenitude da formação estrófica.

Sem perceber o papel que estava representando, desafiava, incrivelmente suplantando, os mais renomados cantadores que aceitavam o desafio, não tanto para não melindrá-lo, mas, sobretudo, pelo prazer diversional. No entanto, por mais inspirado que fosse o repentista, geralmente levava desvantagem ao cantar com Zé Limeira, notadamente nas áreas de sua influência artístico-pessoal. Ninguém lhe desviava o aplauso quente e sincero do povo que o amava e ia até à idolatria, fato que constituía desestímulo para o parceiro do Poeta. E, com o estrépito das ovações, Zé Limeira sentia-se o príncipe absoluto dos cantadores, enchendo o vácuo das madrugadas com o pitoresco de uma infantilidade poética sem paralelo.

Dir-se-ia que seu comportamento de cantador revelava um quase desajustamento mental. Esta era a con-

clusão à que se chegava, ao ouvir-lhe os repentes desordenados e tão musicais.

Criador inconsciente de metáforas, ninguém voou mais alto pelos céus da loucura do que José Limeira. Teceu as paisagens mais absurdas de que se tem notícia em terras brasileiras, sem que disso se apercebesse, e aí estava a sua razão de cantar. Para ele ,tanto fazia um ciclone como uma epopéia ou uma apoteose. A rosa poderia ter a função de um raio elétrico, assim como um colibri vestiria paletó, uma estrela morder-nos-ia na perna, uma baleia iria à lua e o Papa comeria capim nos verdes e tranquilos pastos da Serra do Teixeira. Tudo parecia normal para Limeira. Tanto que, certa vez,

> "... Passou uma cobra azú
> Falando num microfone".

Foi um homem plenamente feliz e como poeta jamais experimentou o "martírio do artista". E não poderia ter vivido noutro prisma espiritual, porque toda a sua vida de cantador processou-se em verdadeiro estado de graça. Na sua ingenuidade, por mil vezes assassinou a Geografia. Bastava cantar. A Europa situou-se muitas vezes no Nordeste brasileiro, a Ásia integrou a faixa territorial do nosso ressequido Sertão, o Pacífico banhou o Moxotó de Pernambuco e o Mar Vermelho inundou o Curimataú da Paraíba, nas gostosas cantorias do Poeta do Absurdo.

Onde estaria a diferença da enseada para o planalto? Do arquipélago para a cordilheira? Da frase de amor para a substância química? Que mal havia em o Presidente do Vietnam passar a cambitar cana para os engenhos dos nossos brejos? Para o poeta, tudo era natural. Ninguém, em algum tempo, viu o mundo por uma janela tão docemente irreal. Criou um mundo para si e nele imperou — um Nirvana de cujas hiperbólicas paisagens impregnaram-se as suas cantilenas indeléveis.

Enquanto viveu entre nós, seus versos não encontraram a merecida divulgação, a despeito da mensagem excêntrica e valiosa que encerram. Com exceção de

determinados círculos literários, relativamente herméticos, os repentes limeirianos foram tão pouco difundidos, que os grandes centros urbanos do Nordeste o aceitam, ainda, como uma figura mitológica. Sua ausência nos círculos da elite literária foi tão acentuada que, em 1956, Ascenço Ferreira, de saudosa memória, propalava no Recife que eu havia criado um personagem extraordinário, "um tal José Limeira, da Paraíba". Ascenço, como inúmeros intelectuais pernambucanos, chegou mesmo a duvidar da existência do Poeta. E só se convenceu de que ele existira, realmente, porque levei à sua presença oito cantadores paraibanos que encheram toda uma noite com o recitativo de versos limeirianos. Tão impressionado ficara o Poeta dos Canaviais com o encanto desmantelado daquelas sextilhas, que, meses depois, quando se apresentava no Gabinete Português de Leitura a poetisa Mafalda Bussato, para o seu primeiro recital na Mauricéa, achou de interromper o espetáculo da moça para que eu recitasse alguns sextetos limeirianos, jocosamente estapafúrdios, criando, de relance e abruptamente, um clima de humor quente e rústico dentro de um ambiente requintado. Ascenço saiu repetindo, no dia posterior, alto e bom som, por todo canto, com o seu vozeirão inimitável: "O Tejo abafou o recital da Mafalda com os versos do doido da Paraíba".

Àquela época, preocupava-me em divertir as rodas boêmias do Recife com as produções do bardo do Teixeira, sobre quem, certa feita, afirmou numa mesa do Savoy, o professor Mário Melo: "É um grande louco, um louco sublime que merece o nosso respeito porque vai ser imortal". Valeu a sentença do mestre, porque José Limeira ficou, realmente, projetado no bojo da paisagem poético-folclórica do Nordeste, situando-se como legítima revelação, a exemplo dos numerosos "fenômenos" que vêm surgindo na segunda metade deste século assustado, liderando os suplementos literários dos nossos melhores jornais.

Não seria estranhável se a obra de Zé Limeira, pela originalidade, pela excentricidade, pelo absurdo, por

tudo o que é, motivasse o aparecimento de uma nova escola, como as que se têm formado no Brasil, consequentes do Movimento de 1922, após o que surgiu no País verdadeiro exército de "gênios". Ademais, o fato de Limeira estar no **de-boca-em-boca** dos meios intelectuais de províncias e metrópoles, é meio caminho andado para a ventilação de presumível movimento. Mas, sendo ou não patrono de possível escola poética, a verdade é que o Poeta tem, hoje, uma notável popularidade no Nordeste, celeiro ímpar de cantadores.

A História não acolhe apenas os cultores da perfeição artística, mas abre suas portas para todo aquele que inovar a sua arte, que abrir um roteiro positivo dentro da sua arte. E isto Limeira fez. A obra que deixou é mais do que um roteiro vago, porquanto é uma forte motivação para estudos de maior profundidade, o que tentarei fazer nos próximos livros, uma vez que esta poesia, que vem agora integrar-se no campo mais legítimo da poética nordestina, merece ser interpretada por um estudo de maior sensibilidade, para que possa, destarte, haver uma penetração mais profunda da obra, pois é de se concluir que ela, estudada à luz da análise, venha revelar o que, lida, ouvida ou sentida assim superficialmente, não nos chega à assimilação desejada. Mas, é de se crer que só o tempo poderá definir José Limeira, posto que até agora nenhuma tentativa situou o Poeta no seu verdadeiro ângulo, haja vista as interpretações, que registrei, de conhecidos intelectuais recifenses, artífices e defensores da poesia livre. O contista Hugo Pinotti, por exemplo, classificou Zé Limeira como sendo **abstracionista rústico,** ponto de vista contrariado por outros igualmente levianos, comicamente contraditórios.

Por ocasião de um coquetel com que os geógrafos de Recife homenageavam Gilberto Osório, na Torre de Londres, em 1957, ouvi do poeta José Siqueira sobre o alvo deste trabalho: "... O estilo desse cantador é **nítido-abstracional-impressionista**". E, na mesma oportunidade, e de poetas com assento no Savoy: **surrealista bárbaro, ultra-sincretista e futurista nitidista (?).**

Tais interpretações não passariam, todavia, de mais uma loucura do século. Prefiro aceitar o depoimento do poeta paraibano Egídio de Oliveira Lima, já desaparecido, eminente estudioso do folclore, que privou da amizade de José Limeira: "Um cantador cujos versos, divinamente musicalizados, não têm o conteúdo da poesia dos grandes repentistas". Este parecer parece-me honesto. Aqueles, no entanto, apesar de "bem intencionados", só não me surpreenderam estupidamente porque partiam de uma plêiade de literatos que se ufanava em propagar um poema de Euclides Gregório que terminava assim:

"... Já o meu coração, sim,
poderá ser uma poça de
iluminados elefantes
que colhes com lábios amarelos
para destrinchar a touceira de sonhos
machucados por meus pés de ar
que na solidão das ladeiras
pisam o infinito marron
dos teus saborosos desaforos".

Justificam-se, portanto, todas aquelas definições porque, quem tem um mercado de palavras assim em conta de poema, pode incluir Zé Limeira no rol dos futuristas, sem prejuizo para estes. Porém, feita a inclusão, cometer-se-ia uma injustiça, porque pelo menos um dos imprescindíveis requisitos da boa poesia encontra-se nos versos do Poeta do Absurdo, que é a métrica impecável, principalmente na sextilha, gênero mais explorado pelos cantadores, e no **galope à beira-mar**, o mais difícil.

Filho do Teixeira, Limeira não poderia ter fugido à sensibilidade musical, uma vez que é a sua terra natal o berço do repente, o que nos faz acreditar tenha a música certa vinculação com os fenômenos telúricos. Somente assim se explicaria o extraordinário talento musical dos poetas do Teixeira, rincão de Romano da Mãe d'Água; de São José do Egito, terra de Antônio Marinho

e dos Irmãos Batista; de Taperoá, berço do fenomenal Elísio Félix de Souza (Canhotinho); do Monteiro, onde nasceram o talentoso Severino Pinto e o surpreendente Diniz Vitorino. Já Cabaceiras, que não deu cantadores, mas nomes como Josué de Castro e Félix Araújo, é o município paraibano de onde saiu o maior número de excelentes músicos de que se tem notícia na região. E' a pátria de Nilo Lima, o mágico das sete notas, e Arnobio Araújo, da mesma cepa. A música estaria, então, numa força misteriosa da terra, presidindo a sensibilidade artística.

O bom cantador, a rigor, é aquele que, além de deter necessárias virtudes artísticas, valor intrínseco, prima pelo ritmo do verso, pela riqueza de sua música, não esquecendo o nexo das palavras e esmaltando, com as cores dos sons, os mais deslumbrantes cenários do sonho. José Limeira foi por excelência um músico. A natural música dos seus repentes teria sido um prêmio da Natureza para compensar a permanente ausência de sentido poético. A lira selvagem que tangeu, sentiu, realmente, as verdadeiras vibrações da música. Dir-se-ia que suas estrofes têm a mesma cadência das redondilhas de Casimiro de Abreu, sem, é óbvio, aquela sublime melancolia e a lucidez tão presentes na alma do vate dos "Meus Oito Anos".

José Limeira tinha a música tão em si, tão dentro, tão sua, que essa sensibilidade foi uma constante em todos os seus momentos de aedo inculto. Não é que ele se preocupasse com essa faceta da poesia, porque talvez haja desaparecido sem saber que foi antes de tudo músico, ou apenas um músico, prosaico e inconsciente, mas músico. Todo músico. E isto não deixa de ser uma positiva qualidade poética, pois o elemento pode ser bom músico sem ser poeta, mas não poderá ser bom poeta sem ser músico, com exceção dos futuristas, porque sua versalhada independe desses dois sentidos sensoriais.

A sonoridade que transbordava na verve do Poeta do Absurdo é um requisito quase ausente na maioria dos poetas da viola, embora eles não aceitem, de bom

grado, a realidade desta observação. Mas, em verdade, nem todo cantador alcança a significação que tem a música para o repente. Eles atentam mais para a harmonia das rimas, para a forma puramente literária da composição, às vezes para o problema da adjetivação, e, de um modo geral, para o **sentimento** do poeta, que reputam a dignidade da arte. Nisto, são naturalmente meticulosos e chegam a ser, por vezes, geniais. Muitos deles não percebem, porém, que a música para o verso é tão imprescindível quanto o espaço para o condor. Por não sentir a significação de um simples hiato, podem eles deixar de produzir autênticas obras primas. Mas, não se pode exigir, de quem verseja de improviso, a exatidão da métrica, em todos os seus momentos, a não ser de um ou de outro cantador, isoladamente.

Indubitavelmente, falta à maioria dos nossos cantadores essa consciência, o senso de responsabilidade artística que os leve a penetrar no âmago da técnica, para a plenitude do canto. Esse pecado Limeira não cometeu, em toda a sua vasta e intensa trajetória de nômade da viola. E é por força do talento musical que ele poderá fixar-se no próprio tempo, eternizando toda uma obra divinamente aberratória.

Mas o Poeta do Absurdo não foi o único a improvisar ingenuamente versos irrisórios. Outros, menos artistas, ouro de inferior quilate, cantam pelas feiras do Nordeste, em pobre diapasão, desopilando o fígado da populaça.

Recordo, a propósito, uma cantoria a que assisti na Fazenda Santa Clara, no município paraibano de São João do Cariri (1961), quando tive o cuidado de gravar algumas estrofes improvisadas pelos cantadores Martinho Cassimiro e Albertino do Norte, ambos residentes naquela localidade, onde são festejados. Eis uma ligeira mostra da cantoria:

"É Martinho Cassimiro
Cantando na cantoria,
Cantando na cantoria
Mais Albertino do Norte,

O home que tem corage
Até de mamá em onça."

Respondeu o parceiro:

"Meu verso se desengonça
Nesse seu desengonçado,
Na Fazenda Santa Clara,
Uma das boas do Estado,
Viva o doutor Jânio Quadros,
O Presidente quadrado".

Martinho:

"O meu cavalo melado
Eu botei atraz dum touro,
Cidade grande é São Paulo,
Lourival se chama Louro,
Moça só fica bonita
Se provar do cabilouro".

Albertino:

"Quem ronca muito é besouro
Caminhão corre de dia,
Besta aleijada não anda,
Dentro da Geografia
Vou descrevê três país:
Orapa, França e Bahia".

Martinho:

"Pra todos da freguezia
Tá na hora deu dizê:
Besta só presta amojada.
Cavalo é bom pra corrê.
Como avião de supapo
Tenho tudo no dendê".

Não resistindo à força da curiosidade, indaguei de Martinho Cassimiro o que viria a ser o vocábulo "dendê", face à maneira como o empregou

para fechar o sexteto. Respondeu que existe o comestível óleo Dendê, produto do coco que, ao ser dividido em partes iguais, transforma-se em duas quengas. "Pois bem — explicou — o macho de quenga é quengo e quengo é cabeça. Tenho tudo na cabeça, na cachola".

Albertino:

"Quem nunca viu, venha vê
Uma coisa que admira:
Uma viola nas mão
De seu Martim Cassimiro
Que é cabra bom no feijão
E na comida de milho".

A resposta do pantagruel repentista não fez frente à irônica denúncia do colega:

"Terra boa é a do Chile.
Como disse São Francisco,
Quando andava pelo mundo,
No seu cavalo murisco...
Zé Tavares vai casar
Com a filha de Zé Chico".

Albertino:

"Com a filha de Zé Chico
Zé Tavares vai casar,
Getúlio Vargas morreu,
Ninguém sabe o que é que há,
Mais depois do casamento
Quero vê o bê-a-bá".

Martinho:

"Carne boa é de preá
Quando é seivado na roça,
Carro de boi anda muito,
Esse povo anda na troça,

Zé Tavares vai casar,
Valei-me, Senhora Nossa".

Albertino:

"Se ele gosta dessa moça,
Que essa moça é verdadeira,
Que é filha de Mato Grosso
Mais é de cá da rebeira,
Viva Tomaz Salustino
Que é home bom no dinheiro".

Em dado momento, um tio meu, Felipe Renovato Meira, fazendeiro naquela região, entrou na sala com o olho esquerdo atingido por uma violenta conjuntivite, sendo saudado por Martinho:

"É coisa de fazê dó
O olho de seu Felipe,
Home bom, depreciave,
Que não tem um par de chifre,
Mais monta bem a cavalo
E gosta de andar no jipe".

Chega, em seguida, um irmão de Felipe, Severino, que se surpreende com a louvação de Albertino:

"Gosto muito desse velho
Severino Renovato,
Que é velho, mas velho bom,
Que nunca quebrou um trato,
E Albertino do Norte
Conta dois e três e quatro".

Esta foi, infelizmente, a última sextilha captada pelo gravador, naquela noite caririzeira que a esponja do tempo não conseguiu apagar da memória. Três dias depois, tive a segunda e última oportunidade de ouvir os dois repentistas, para lá do povoado de Malhada da Roça, no mesmo município, o que me custou uma soli-

tária caminhada de cerca de dezoito quilômetros, a pé, varando uma paisagem eivada de chique-chique, macambira, marmeleiro, coroa-de-frade e cascavéis, sob a bênção de um luar que parecia pregado na folhagem verde de agosto.

A citação dos dois repentistas não deve ser interpretada como crítica pejorativa à grande classe a que pertencem. Eles vieram à baila para que ficasse claro que o Poeta do Absurdo não se constitui na única exceção da regra, como poderia ser o juízo coletivo. Mas, o número de repentistas desse quilate talvez não chegue a representar dez por cento da massa dos nossos poetas populares, homens detentores de assombroso poder imaginativo, hercúleos e abnegados operários do verso.

Poderia citar outros "Martinhos" e "Albertinos", se o que dizem passasse do vazio, pois, como no caso dos dois caboclos do Cariri, o que se nota é simplesmente a ausência de qualquer mensagem, o que não acontece com o pássaro do Teixeira. Na imensa bagagem deste, sente-se algum conteúdo que salva, certamente, a sua obra, apesar da maneira complexa como foi produzida. Mas existe, inegavelmente, nos repentes limeirianos, ao menos a intenção, consciente ou não, de registrar fatos históricos, passagens bíblicas de um pitoresco gostoso, sobretudo quando o Poeta reporta-se à vida de Cristo, descrevendo hilariantes episódios, como, por exemplo, umas andanças do Filho do Homem por Betelelém, cidade ou região apenas existente no mapa geográfico de Zé Limeira.

Limeira em Campina Grande

I V

Foi numa nublada tarde de sábado de 1950 que ouvi pela primeira vez José Limeira. Cantava em sombrio casarão da Rua Manoel Pereira de Araújo, movimentado centro do baixo meretrício de Campina Grande. Chamou-me a atenção a dimensão do óculo exageradamente escuro que, havia vinte anos, inspirara este espirituoso repente de Severino Pinto:

"Nesses dias vou fazer
Como o nosso Zé Limeira:
Comprar uns óculos escuros
Desses de tolda de feira,
Botar o bicho na cara,
Sair cantando besteira".

Acompanhava-me, naquela tarde grande, Eduardo Ramires, uma das mais felizes expressões da lírica tabajara. Atraídos pela simpatia do exótico repentista, acen

tuado traço característico de sua personalidade, e, naturalmente, pelo absurdo de seus versos, fomos ficando presos ao ambiente, sem notar que, a certa altura, respirávamos já as primeiras brisas do alvorecer.

O parceiro de Zé Limeira era Cícero Vieira (Mocó), inspirado e jovem poeta, inestimável talento criador, hoje habitando plagas do Sul. As "meninas" da zona constituíam noventa por cento do cenário humano da cantoria. Elas nada entendiam de poesia, mas vibravam com as arrancadas do velho violeiro. Muitas até choravam de emoção e todas ovacionavam Limeira com ênfase, enquanto Mocó, de cuja privilegiada inspiração brotavam belíssimos e substanciosos sextetos, era aplaudido por meia dúzia de pessoas. Uma injustiça.

Tenho nítida, na retina, a primeira sextilha emitida por José Limeira, após sentarmos, Ramires e eu, para ouví-lo:

"O poeta Orlando Tejo
Eu já conheço demais,
E' filho de Santo Antônio,
Sobrinho de São Thomaz,
Neto de Pedro Primeiro,
Ediceta e coisa e tais".

Riu, com toda força dos pulmões, e gritou, eufórico:
— Esse é Zé Limeira véio falado!

E, enquanto Mocó realizava magnífica saudação aos recém-chegados, o velho teixeirense preparava-se para recepcionar o meu companheiro, com estes versos:

"Seu Ramiro, me adiscuipe
Fazê a prosopopança...
Eu gostei de vosmicês,
O terno de roupa mansa...
A flor da **pilogamia**
Na testa do Reis da França".

Antes que o seu colega iniciasse a estrofe seguinte, gritou em voz alta:

— Só aguenta o rojão de Zé Limeira cantador que tem foigo de sete gato!

Essas auto-promoções eram recebidas com simpatia pela platéia. Já era madrugada quando Eduardo Ramires, por solicitação dos cantadores, escreveu este mote:

"Escrevi o nome dela
Com o leve do azul do Céu".

Limeira não pestanejou:

"A minha poica maluca
Brigou com setenta burro,
Deu cento e noventa murro
Na cara de Zé de Duca.
Dei-lhe um bufete na nuca
Que derrubei seu chapéu...
Vai chegando São Miguel
Montado numa cadela...
Escrevi o nome dela
Com o leve do azul do Céu".

E saiu-se com mais estas duas disparadas:

"Me chamo José Limeira,
Cantador do meu sertão,
O Sino de Salamão
Tocando na laranjeira,
Crepusco de fim-de-feira,
Museu de São Rafael,
O Juiz prendeu o réu,
Dispois fechou a cancela...
Escrevi o nome dela
Como o leve do azul do Céu"

"Quando Abel matou Caim
No Rio Grande do Sul,
Deu-lhe um quilo de beiju
Com as berada de capim.
Nisso chegou São Joaquim

Que já vinha do quartel
Cumode prendê Abel,
Dois pedaço de costela ...
Escrevi o nome dela
Com o leve do azul do Céu".

O guarda do setor deixara de apitar e recolhera-se, indicando que já eram seis horas. A cantoria não descontinuava. Era um quadro inaudito, difícil de ser pintado. Sordidez, bagunça. Cerca de trinta mulheres, excessivamente "alegres", criaram uma forma de aplaudir os cantadores: ao término de cada estrofe, punham-se todas de pé e levantavam as saias, como um ato mecânico, sem a mínima cerimônia, num ritual exótico, enquanto algumas delas, as mais "felizes", dormiam a sono solto no chão encardido, "despreocupadamente", ao lado de manso perdigueiro que também dormitava tranquilo.

A abelha-mestra do **cortiço**, uma jovem morena de rara beleza, adormecera em posição incômoda, com uma vassoura na mão e um velho papagaio sobre o ombro, também dormindo. E, ao mesmo tempo em que o fantasma de um morcego rondava os quatro cantos da sala grande e sombria, um gato angorá e uma cabra preta portadora de estridente chocalho, entraram, simultaneamente, casa adentro, completando a sórdida paisagem matutina.

Zé Limeira e Mocó permaneciam improvisando, surpreendentemente dispostos, superiores ao quadro singular que viam. Inspiravam-se ainda mais, passando a discorrer sobre a originalidade pesada da atmosfera ambiente.

A rutilância dos versos de Mocó, a profundidade do seu pensamento ligeiro, a segurança da pronúncia poética, a sua versatilidade, enfim, me levaram a lamentar o desajustamento social do cantador e do homem. Estava o jovem completamente deslocado dentro de uma sociedade incapaz de compreender a sua quase genialidade e a necessidade de alçar o vôo exigido por um talento brilhante, uma inteligência que não cabia no seu meio. Com um vasto conhecimento de História Geral e

Geografia e relativa cultura política, além das suas virtudes poéticas, o jovem menestrel conseguiu incluir-me na relação dos seus sinceros admiradores, e a sua imagem de homem simples fixou-se na minha memória como um dos mais vivos cromos da adolescência.

Limeira comportava-se exatamente ao contrário, sem, contudo, desmerecer a fama. E foi naquela noite que pude compreender que o povo tinha razão quando permanecia, uma noite inteira, ouvindo-lhe os repentes cheios de uma inspiração que tinha muito de música e pouco de poesia. Enquanto lamentava o desajustamento sócio-cultural de Mocó, embevecia-me com o ritmo dos versos e a voz limeirianos, além da cadência perfeita do baião dedilhado com inimitável maestria, somando-se a esse conjunto harmônico a elegância do artista e o seu humor estável. Não tive a menor dúvida de que estava diante de um valor que se perdia no mundo interior por não haver encontrado o seu verdadeiro ângulo artístico, que teria sido, acertadamente, o Rádio (a partir desse momento, passei a estudar Zé Limeira, sua personalidade, seu comportamento, ao mesmo tempo em que promovia a divulgação de seus versos autênticos, espontâneos, doidos, onde quer que me encontrasse, nem sempre, todavia, sendo compreendido. Quanto mais me chamavam de doido, tanto mais eu me decidia a estudar e divulgar Zé Limeira, porque via que sua obra, conquanto de uma excentricidade aparentemente inexplicável, tem o seu valor, o valor da autenticidade, da originalidade, o mérito de não seguir ninguém. E foi naquela noite memorável que, sem hesitação, cognominei aquele que viria a ser meu grande amigo, de Poeta do Absurdo. E, se já àquela época, quem quisesse me botar uma emboscada era só ir a uma cantoria, tornei-me talvez o nordestino mais presente nas pelejas dos colegas da viola, hábito que ainda hoje mantenho, renunciando a qualquer outra coisa, motivado pelo fascínio do canto limeiriano).

Meses depois daquele espetáculo, mais uma vez em companhia de Eduardo Ramires, presença poética que se robustecia com a inesperada chegada de José Alves

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Sobrinho, testemunhei a segunda apresentação do Poeta do Absurdo em Campina Grande, agora num botequim do Mercado Central. Enquanto aguardava a chegada do parceiro, Zé Limeira começou a cantar, um canto solitário e estapafúrdio, e a memória de Ramires e J. A. Sobrinho iniciou a captação de coisas assim:

"Eu me chamo Zé Limeira
Da Paraíba falada,
Cantando nas Escritura,
Saudando o pai da coaiada...
A lua branca alumia
Jesus, José e Maria,
Três anjo na farinhada".

"Uma veia gurizada
Pra mim já é fim de rama,
Um veio Reis da Bahia
Casou-se em riba da cama...
Eu só digo pru dizê,
Traga o Padre pra benzê
O suvaco da madama".

"Jesus foi Home de fama
Dentro de Cafarnaum...
Feliz da mesa que tem
Costela de gaiamum...
No sertão do cariri
Vi um casá de siri
Sem cumprimisso nenhum".

"Napoleão era um
Bom capitão de navio:
Sofria de tosse braba
No tempo que era sadio,
Foi poeta e demagogo,
Numa coivara de fogo
Morreu tremendo de frio".

"Meu verso merece um rio
Todo enfeitado de coco,
Boa semente de gado,
Bom criatório de porco...
Dizia Pedro Segundo
Que a coisa melhó do mundo
E' cheiro de arroto choco"
"É difice um home moco
Apredê pirnografia.
Um prefessô de francês
Honestamente dizia:
Tempo bom era o moderno !
Judas só foi pro inferno
Promode a Virge Maria".

"São Pedro, na sacristia,
Batisou Agamenon...
Jesus entrou em Belém
Proibindo o califon,
Montado na sua idéia,
Nas ruas da Galiléia
Tocou viola e piston".

A formação religiosa do Poeta mesclava os seus festivais de um catolicismo excessivamente piegas e simultaneamente de ingênua irreverência, mas, sobretudo, de um misticismo marcante, doentio, constante. Agradava-lhe a permanente citação de figuras bíblicas. Estava sempre recorrendo à Escritura Sagrada, embora deturpando, não raro, fatos e imagens.

Os grandes vultos da História ocorriam-lhe com frequência, desencontrados no tempo e no espaço. Napoleão, por exemplo, situado como "um bom capitão de navio", sofrendo de "tosse braba", na qualidade de "poeta e demagogo" e chegando a morrer de frio "numa coivara de fogo", seria uma hipótese aterradora. Entretanto, mais cômico seria Agamenon Magalhães, de quem o Poeta era incondicional admirador, ter sido batisado por São Pedro na sacristia de uma igreja de Serra Talhada, berço do saudoso político pernambucano. Sim,

porque não se pode excluir a possibilidade de Bonaparte haver capitaneado um navio, na sua intensa trajetória de guerreiro; uma tosse realmente "braba" poderia ter levado ao leito o grande comandante de batalhas; e a hipótese de haver morrido numa "coivara de fogo", poderia figurar, em última análise, no sentido metafórico, como sendo a asfixiante angústia que o abateu em Watterloo.

A aberração maior estaria no batismo do líder brasileiro separado de São Pedro por quase dois milênios. Poderia o Poeta reportar-se à glutoneria de Dom Pedro II, tão célebre e aberta à glosação popular, mas preferiu enquadrá-lo como apreciador de "arroto choco". Curioso, também, Cristo andar preocupando-se com o uso de peças íntimas femininas e desfilar pelas ruas da Galiléia tocando instrumentos que, mesmo se já existissem na época, não se teriam afinado com a divina sensibilidade do Mestre.

Mas, foi essa irresponsabilidade intelectual, essa total inocência, esse alheiamento histórico, essa coisa gostosa que conduziu o bardo paraibano ao pedestal da fama.

A propósito de Cristo, paradoxos maiores aparecem noutras composições limeirianas, como a sextilha abaixo, que o Poeta do Absurdo compôs cheio de fé e de si:

"Quando Jesus veio ao mundo
Foi só pra fazê justiça:
Com treze ano de idade
Discutiu com a doutoriça,
Com trinta ano depois,
Sentou praça na puliça".

Por aí se deduz a extraordinária importância que o Poeta emprestava à autoridade policial, o que, geralmente, caracteriza o homem do campo, na sua profunda alienação social. E o que dizer desta décima?

"Sairam lá de Belém
Cristo e Maria José,

Passaro por Nazaré,
Foro pra Betelelém...
Chupô cana num engém,
Pediu arrancho num brejo,
De noite armuçô um tejo
Lá perto de Piancó,
Na sexta-feira malhó
Foi que Judas vendeu Jésus".

O autor generalizou uma confusão ao mesmo tempo histórica e geográfica: na viagem que o Nazareno empreendeu a "Betelelém", fê-Lo dar uma volta ao mundo, só assim justificando-se a Sua presença física no município paraibano do Piancó, depois de haver "chupado cana num engenho" e se hospedado "num brejo" em pleno Sertão. Mais adiante, o Mestre realiza nova viagem, desta feita às plagas egípcias, solitariamente sobre a carga de um asno, para encontrar Maria no meio da estrofe, misteriosamente:

"Jesus saiu de Belém
Viajando pro Egito,
No seu jumento bonito,
Com uma carga de xerém.
De noite pegou um trem,
Nossa Senhora castiça,
De noite Ele rezou missa
Na casa dum fogueteiro,
Gritava um pai-de-chiqueiro:
Viva o Chefe de Puliça !

Filosomia, filanlumia e pilogamia

V

Refratário às convenções sociais, aos velhos tabus, indiferente à crítica ou a qualquer juízo sobre seus versos e sua pessoa, José Limeira foi um dos raros homens livres que habitam a Terra. Amou a liberdade em todos os seus ângulos, homenageando-a no pensamento e nas ações quotidianos. Fez o que quis fazer, andou por onde quis andar, ouviu o que quis ouvir, disse o que quis dizer.

Homem, foi um pássaro; Poeta, mais do que isto, o próprio vôo. Vôo desarticuladamente ascensional, ilimitado, sidérico, no entanto tergiversante, infirme. Vôo condoreiro, mas precipitado, delirante, alçado pelo delírio de uma plumagem imprecisa, indo inopinadamente de encontro ao azul de uma amplidão espacial imensurável, embora inconsequente.

Mas, dentro desse mundo fantástico, agindo e pensando livremente, José Limeira não seguiu ninguém. Foi autêntico, sóbrio, impressionantemente original. Ninguém, como o Poeta, conseguiria ser tão mesmo,

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Nos seus remígios mais incontrolados, chegou a enriquecer o vocabulário da cantoria, criando palavras que deram certa ênfase às produções poéticas, ainda hoje repetidas por muitos cantadores, como é o caso dos interessantes vocábulos **filosomia, filanlumia e pilogamia,** somados a outros que continuam desafiando a sapiência dos etimólogos, como, por exemplo, **prodologicalidade** e **fulupafilutupeia**.

E' de se concluir que **filosomia** seja, para o Poeta, as coisas relacionadas com a História Sagrada ou ela, em si ("Pra cantá" filosomia / Sobre a vida de Jesus..."), assim como **filanlumia** seria a liberdade, a paz, a mansuetude ("Canto debaixo da terra / Na santa **filanlumia**...") e **pilogamia** viria a significar imensidade, vastidão, plenitude, pois presume-se que, quando o Poeta falou em "Oceano disdobrado / No véu da **pilogamia**", quisesse determinar um sentido de amplitude, um sentido puramente dimensional ao mundo maravilhoso que teve nas mãos, um mundo aberto e risonho, um céu muito azul e amplo, por onde voejaram, sem o atropelo das limitações, as asas coloridas de uma inspiração vacilante, contudo imperiosa nas próprias oscilações, serena, inconsútil.

Somente uma acurada e paciente análise poderia esclarecer a intencional ou não terminologia do Poeta do Absurdo, particularmente no caso dos três vocábulos em questão, já que **prodologicalidade** e **fulupafilutupeia,** além de outras "hieroglíficas" palavras, não oferecem uma idéia, mesmo vaga, de roteiro que possa identificar a sua estranha etimologia.

....**Filosomia, filanlumia e pilogamia** são palavras que Zé Limeira inventou por ocasião de uma cantoria no então distrito campinense de Lagoa Seca, em 1951, sobre o que depõe, com bastante propriedade, um dos melhores amigos que o pássaro do Teixeira conservou na Grande Campina Grande, o poeta Heleno Firmino:

"Como é bom recordar o passado, principalmente quando esse passado nos traz recordações agradáveis! Nossa memória é uma espécie de armazém cujo estoque não o enche nunca. Assim também é o nosso coração,

um grande depósito de armazenar saudades. Nós vamos mergulhando no passado e às vezes temos medo de não voltar à tona, tamanha é a profundeza percorrida.

Mas, nesses mergulhos, nossas almas parecem voltar mais lúcidas, mais puras, mais cristalizadas. Neste mergulho que ora empreendo a um passado não muito distante, encontro-me em Lagoa Seca, no ano de 1951, funcionário do Serviço Florestal do antigo distrito de Campina Grande, e vem-me à memória a figura inesquecível do Poeta José Limeira, um dos maiores amigos que tive na vida. Uma grande figura humana, um tipo humano a quem as pessoas ficavam presas no primeiro contato, para sempre. Mas, vamos mais diretos ao assunto.

Como funcionário do antigo Serviço Florestal do então distrito campinense de Lagoa Seca, residi alguns anos ali, até 1952, onde residiu também o famoso Poeta José Limeira, meu velho amigo do Sertão. Ele morou ali por volta de 1951 e durante o tempo que ali passou, quase que não ia visitar a família, pois vivia andando pelo Sertão a fazer cantorias, sempre a pé. Era muito querido de todos e não deixou um só inimigo. Todos eram seus amigos e admiradores. Era um homem de muito respeito, muito direito e procurava sempre ajudar aos necessitados. Apesar da ligação que ele tinha com Lagoa Seca, pois ali estava sua família, só cantou uma vez naquele distrito, e na minha residência. Foi numa noite de São Pedro, que nunca pude esquecer. O velho cantador nos fez passar toda a noite ouvindo baião de viola, com pequenos intervalos. A sua bonita voz e a sua simpatia prendiam mesmo a mais exigente assistência. A sala estava repleta de amigos meus que se divertiram pelo resto da vida. Interessante é que Limeira não fazia questão de cantar de parceria. Tanto fazia cantar com um companheiro como só.

Bem, na qualidade de funcionário daquela repartição, privo da amizade de muitos agrônomos. Naquele dia tomei emprestado o gravador de um deles, por sinal já falecido, e consegui gravar os versos que aí estão, tal qual foram improvisados.

Uma curiosidade: entre outras palavras pronunciadas por ele, que eu nunca consegui entender a significação, estão estas três: "Filosomia, Filanlumia e Pilogamia". Ele explicava, mas eu nunca entendi. Na sua inocência, o Poeta iniciou a cantoria com uma irreverente saudação à minha esposa, o que perdoei, levando em consideração que conhecia de perto, há muitos anos, o violeiro do Teixeira e sabia que se tratava de um homem honesto, uma alma pura de criança".

Os versos, segundo a fita magnética:

"Cantá pra Dona Zefinha
E' só o que me omenta,
Pois conheço a muié boa
Pelo buraco da venta.
Porém gosta duma briga,
Muié da venta comprida
Quage toda é ciumenta.

Senhora Dona Zefinha,
Esposa dum cabra macho,
Muié boa qui nem essa
No mundo todo não acho...
Eu sou um home de fé,
Mais só conheço a muié
Olhando a parte de baixo.

Seu Heleno eu já conheço,
Não perciso mais falá.
Que na famía de peba
E' quage um tamanduá...
Grande poeta e pachola,
Quando pega na viola
E' da tampa pipocá.

Me chamo José Limeira,
Cantô de sabiduria,
Peço licença premero
Pra cantá filosomia

Sobre a vida de Jesus
O home que deu a luz
A Pedro e Santa Luzia.

Filosomia discreve
A vida desses vivente:
Do sordado de puliça,
Do Juiz e do tenente,
Do cavalo e do vaqueiro,
Do peba no tabuleiro.
Da viúva na vertente.

Discreve também a vida
Dos home lá do sertão:
O boi da cara rajada,
O móio do barbatão...
Quem esse livro aprendê
Um dia vai conhecê
A vida de Lampião.

Esse livro insina tudo
Que tivé nas Escritura,
Fala na vida de Cristo
Vindo do Céu da fartura,
Fala em Maria José
E também de Jisué
Na feira de rapadura.

Conhece também o cabo
Da enxada Tamandaré,
Bacamarte e lasarina,
Uma pá, uma cuié.
O mato grosso que estala,
Conhece também a fala
Do pai da minha muié.

Do sertão eu só conheço
A traíra, o sururu,
E só conheço da Igreja
O cheiro do cumaru,

Mais conheço a ventania,
Pela beleza do dia
Conheço a surucucu.

Home só presta bem macho,
Moça só presta enfeitada,
Cabra ruim só vai na peia,
Muié só presta arpejada,
Porém só presta bem feme
Do jeito que foi Noeme
Com cinco mês de casada.

São José já me dizia,
Você tem que vê de tudo:
Cachorrada, safadeza,
Home macho cabiludo...
Você vai vê em Campina
Muié da calça tão fina
Que a gente vê o veludo.

A santa filosomia
Discreve os peixe do mar,
As sereia do sertão,
Mula preta e mangangá,
Muié de saia rendada,
Moça branca misturada,
Carro-de-boi Jatobá.

O livro diz que Jesus
Condenou a Besta-Fera
No currá do aprocalipes,
Que a ciência disunera...
Santo Agostinho cantou
De pareia com um pastor
Da Igreja da primavera.

Fala também nas astuça
Do Sino de Salamão,
São Tumaz ferrando bode
Nas encosta do sertão,

Fala do filho de Elia
Que pegou, por arrilia,
No mocotó de Sansão.

Esse livro tem de tudo
Que o cristão pensa no mundo:
A fala de Agamenon,
A mãe de Pedro Segundo,
Avô de Pedro Primeiro,
Que cantô num cajueiro
Seu sentimento profundo.

O livro tem três arroba
Só de letra è de papé.
Todo seu materiá
E' fazido de rapé,
A trazeira é luminosa,
A capa é também famosa,
Da cor da sóla do pé.

Zé Limeira quando canta,
Credo em cruz, Ave-Maria
Canto debaixo da terra
Na santa **filanlumia**,
Nos Arrieife ou na roça
Três muié da perna grossa,
Três bigode, três Luzia.

Não tem coisa mais bonita
Do que a cara da lua,
Uma muié passiando
Pula calçada da rua,
Quando vai bem alinhada,
Bem foimosa, bem taiada,
Com as perna quase nua.

Não tem home cuma eu,
Nem tem home cuma eu sou.
Sou filho de minha mãe,
Misturado a meu avô.

Assim são os filho meu,
Da mesma raça de Deus,
Foi Ele quem me gerô.

Maria quando nasceu
Já São José existia.
Assim que ela viu José
Foi sentindo uma agonia,
Mudou logo o pensamento,
Congelou o casamento
Com cento e vinte e três dia.

Assim ficou São José
Vivendo com a muié,
Quando não tinha café
Ela fazia pirão
De caroço de algodão...
Fazia seu santo unguento,
Tomava e dava ao jumento
Nos oito pés a quadrão.

São José no Santo Egito,
Cantava bom e bonito,
Quando ele atochava um grito
Assombrava até leão...
Comia sopa de pão
Pra ficá forte e valente,
Convidava São Vicente
Pra cantá oito a quadrão.

Na gruta de Ferrabraz,
São Tomé caiu pra trás,
Pisou no calo de Braz,
Comprou um maço de pão,
Comeu que caiu no chão,
O resto deu ao menino
Que ali solfejava um hino
Nos oito pés a quadrão.

Aqui eu cantando só,
Sou parente de mocó,
Quando a goela dá um nó
Grito por São Damião.
Sou cachimbo de trovão,
Resadô do mês de maio,
Curo as mágoa com o orvaio
Dos oito pés a quadrão.

Eu sou corisco pastando
No vergel da ventania,
Oceano disdobrado
No véu da **pilogamia**...
No dia trinta de maio
Pelei trinta papagaio,
Santo Deus, Ave-Maria.

Lagoa Seca parece
Uma moça no cinema;
Viva o Pico do Tendó,
Papa de bico de ema...
Convido Dona Zefinha
Pra ir na minha terrinha.
Conhecer o meu sistema.

Pra vê o Pico do Jabre
Com três mil metro de artura,
Chupá laranja tão doce
Que é vê uma rapadura...
Parece que me arrescordo:
Alencar morreu a bordo
Do vapô da desventura.

Lá na Serra do Teixeira
Nasci, sendo bem criado...
Na Alamanha os japonês
Já sabe lê um bucado...
Conheço esse mundo inteiro,
Fica tudo no estrangeiro,
Do Teixeira do outro lado.

Tudo que eu dixé agora
Vocês note no caderno
A feme de pato é pata,
O macho de perna é perno.
Seu Heleno, mé arresponda,
Qual é o macho de onda,
Qual é a feme de inverno
Dos oito pés a quadrão.

Minha voz fica apregada
Pru dentro desse aparcio,
Foi os doutô que inventô
Esse bicho de aperreio
Seu Heleno, eu quero qui
Desse tá doutô agromo
Que trouve esse bicho feio
Santo Deus, Ave-Maria.

O continente estrangeiro
Fica vizinho da Oropa,
Pru dentro de Nazaré,
Sendo do lado da cova
Foi lá onde os apostólo
Leu todo o livro de Apoloo,
Dispois entregou a tropa
Conhecer o meu sistema.

Seu Heleno, eu tou cansado
De cantá **pilogamia**,
Peço licença ao sinhô
Pra pará na violinha,
Peço licença ao subgento,
A chuva cai em São Bento,
Até já, Dona **Zefinha**.

Por Dentro do Cariri

VI

Em companhia de Anastácio Mendes Dantas, José Limeira desprende-se do Sertão e finca os pés e a viola no Cariri paraibano, para contemplar outros luares, respirar outras brisas, colher outras flores, abrir outras cancelas, palmilhar outros caminhos, ouvir outros chocalhos, conquistar outro público.

Cigarro-de-palha ao canto da boca, matulão a tiracolo, bengala em punho, o Poeta aceita o desafio das estradas e vence-as galhardamente, deixando para trás os fantasmas da distância. Um percurso de quase duzentos quilômetros a pé. Seu parceiro ia sempre com antecedência em transporte coletivo. Desta vez Anastácio foi esperá-lo na cidade de Cubati. A cantoria teria lugar na Fazenda Poço do Juá.

Limeira já era um nome familiar àquela gente inculta e boa, sincera e brava, que não fazia idéia da imagem física do cantador, mas detinha na "cachola" muitos dos seus versos estapafúrdios e sonoros que

rompiam distâncias interestaduais através do **de-boca-em-boca**. Era um nome popularíssimo na região em que poria as alpargatas-de-estalo pela primeira vez. Faltava era aparecer em pessoa, com seus trajes aberrantes e a viola "mais enfeitada do que cruz de beira de estrada". Desde 1940, em sua terra, manifestara o desejo de conhecer a região caririzeira:

"Seu Inácio da Jurema,
Vorte pra seu Cariri
E diga ao povo de lá
Que um dia eu vou por ali
Com os anjo tudo a meu lado,
Pra vê criação de gado,
Do jeito que vou daqui".

Onze anos depois, ei-lo abraçando os pacatos caririzeiros, à sua maneira espontânea, pelos ziguezagueantes caminhos da terra sofrida, a derramar ilusões na terra acolhedora, a colher no olhar de Poeta a poesia de tudo.

A cantoria estava anunciada havia meses e tudo indicava que seria imensa a afluência de pessoas ao Poço do Juá.

Limeira e Anastácio chegaram com o por-do-sol. E, quando a noite já podia mais do que o dia, a casa grande do Juá começou a ficar pequena. Era uma mirífica noite de lua cheia em que os cactos mais pareciam fantasmas de safira. Os rurícolas, beneficiados pela claridade, empreendiam grandes caminhadas, em montarias e a pé, para ouvir os cantadores. A expectativa geral foi satisfeita por volta das vinte horas, com o retinir compassado do baião. Foi Anastácio quem, declarando guerra ao silêncio, deu início à contenda, com a glosação de um mote solicitado pela professora da redondeza:

É lindo queimar-se as flores
No santo mês de Maria.

"No mês de maio a novena
Tem grande veneração!

No Brejo, Agreste e Sertão
E' muito honrada esta cena.
Rosedal, rosa e verbena
Se vê brotar todo dia ...
O aroma que a rosa cria
Nos faz esquecer as dores ...
E' lindo queimar-se as flores
No santo mês de Maria."

Limeira, alvo de todas as atenções, faz valer toda a sua capacidade gutural:

"Você pra mim é menino,
Queimo flor uma porção,
Boto fogo em barbatão
Cercado de arame fino.
No pagode do suíno,
Quando a poica grita e chia,
Corre Mané e Sufia
E até os agricultores...
E' lindo queimar-se as flores
No santo mês de Maria".

Um moço eufórico põe algumas cédulas na bandeja e oferece um tema:

"Viva a moça mais bonita".

Anastácio:

"Amigos, no meu sertão
E' onde existe menina
Mais bela do que a bonina
Do jardim do coração.
Nas festas de apartação,
Quando o vaqueiro se agita,
Derruba o boi e faz fita
Por causa duma donzela
E grita, olhando pra ela:
"Viva a moça mais bonita".

Limeira não permite que o silêncio se estabeleça nem por segundos:

"Já namorei uma Rosa
Que era nega cangaceira,
Gostava de fazê feira,
Tinha uma boca mimosa.
Mais, por modo dessa prosa,
Escrevi pra Santa Rita...
Ronca o pombo na guarita,
Passa um poico no chiqueiro,
Diz o bode no terreiro:
"Viva a moça mais bonita".

Àquela altura, o Poeta do Absurdo já conquistara, de maneira definitiva, o público do Cariri. Debalde Anastácio se esforçaria para suplantá-lo. Generalizara-se um verdadeiro vivório em louvor ao homem do Teixeira.

"**Diz o Novo Testamento**, mote dos mais pueris, aparece logo em seguida, a pedido do dono da fazenda, e é Limeira quem sai na frente:

"Numa certa ocasião
Eu ia por uma estrada,
Junto com meu camarada,
Escanchado num gangão.
Ali, naquela fração,
Estourou um pé-de-vento,
Eu me apiei do jumento,
Quebrei o chapéu na testa,
Quage me dava a molesta,
Diz o Novo Testamento".

Ninguém decorou a glosa de Anastácio e a seguir foi captada esta outra de Limeira:

"Um dia, no Paraíso,
Na velha casa de Adão,
Jesus, que fez um sermão,

Foi um Dia de Juízo.
São Pedro, que tava liso,
Ali vendeu um jumento
Por vinte e quatro e quinhento,
Pra comprá cumiduria ...
Foi muito pão nesse dia,
Diz o Novo Testamento".

A platéia exige um desafio e surge um mote tira-teima, ou pé-de-briga, composto em versos decassílabos:

"Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

Anastácio:

"Zé Limeira, você cuide em rezar
Que preciso hoje aqui dar-lhe um surrote.
Apresento as virtudes do meu dote
Pra você aprender a me honrar.
Se você resolver me acompanhar,
Diga logo a esse povo que perdeu,
Um fantasma chegou, lhe interrompeu,
Atraiu sua voz, o verso e o peito ...
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

Limeira revida sem pestanejar:

"Sou um nego um bocado esbagaçado,
Sou o vatis das glória desta terra,
Sou a febre que chama berra-berra,
Mastigando eu sou cobra de veado.
Sou jumento pru fora do cercado,
Sou tabefe que dero em seu Lameu...
Se tivé bom guardado bote neu,
Seu caminho de bonde ruim, estreito...
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

Anastácio:

"Cantador sem origem, sem ciência,
Miserável, lebrento, pé de péia,
E's miséria da guerra da Coréia,
Seu corruto, ladrão da consciência.
Castigado da santa Providência,
Que não honra o que Cristo santo deu,
Foste tu, imbecil, o fariseu,
Quem é bom dizes tu que tem defeito ...
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

Limeira:

"Zé Limeira onde canta, todo mundo
Vai olhá bem de perto a sua origc,
Já cantei no sertão, no Céu da Virge,
Sou doutô de meisinha, furibundo.
Viva o Reis, o Juiz, Pedro Segundo,
Sou a cobra que o boi nunca lambeu,
Sou tijolo da casa de Pompeu,
Peripécia da filha do Prefeito ...
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

A sugestão de outro mote, escrito por um estudante, põe termo ao desafio e a cantoria toma um rumo de certo romantismo:

"Vou fazer serenata na calçada
Da menina que amei na minha vida".

Anastácio improvisou:

"Venho amando do tempo da infância
Uma linda menina que ainda prezo,
Inda quase maluco eu não desprezo
Sua imagem e a sua rutilância.
Desprezá-la seria ignorância,

Minha deusa bonita e preferida
Que por Deus para mim foi escolhida,
Minha estrela brilhante e consagrada ...
Vou fazer serenata na calçada
Da menina que amei na minha vida".

Limeira:

"Pra fazê serenata eu sou bambão,
Toco em frente, de banda, quina e lado,
Na viola eu até toco um bocado,
Sou ribombo e zuada de truvão.
Muitas vez eu decanto uma canção
Lá no açude de Santa Margarida,
Eu me lasco mais faço uma ferida
No toitiço da velha madrugada ...
Vou fazer serenata na calçada
Da menina que amei na minha vida".

A glosa abaixo foi o último repente limeiriano memorizado pelo povo, na noite que pertence ao calendário caririzeiro:

"Quando a guerra zuou dentro da França
Eu ouvi os estrondo do Sertão,
Gosto muito de fava e de feijão,
A muié que eu quiri tinha uma trança.
Japonês e alemão entrou na dança,
As estrada do Brejo é tão comprida,
E' pecado matá vaca parida,
A Alemanha da China tá tomada ...
Vou fazer serenata na calçada
Da menina que amei na minha vida".

Três dias depois, Limeira e seu companheiro encontram-se realizando nova cantilena na Fazenda Pitombeira, a alguns quilômetros do Poço do Juá, onde uma expressiva multidão comprime-se na sala ampla e no terreiro enluarado. Anastácio Dantas arremata o primeiro sexteto com estes versos:

"Eu sou um guerreiro forte
Que toma qualquer fronteira".

Limeira, agarrando a **deixa:**

"Meu nome é José Limeira,
Cantadô veio moderno
Da palagana do vento,
Dos quelés do Padre Eterno,
Sou nego de fim de rama
Da castrapole do inverno".

Um vaqueiro apaixonado tira o chapéu de couro e, com o respeito e a humildade próprios dos vaqueiros nordestinos, entrega, com a licença do fazendeiro, um pequeno papel aos cantadores, em que se lê:

"No coração de Maria".

Limeira foi rapido:

"Um dia eu fui à novena,
Na casa de Dona Rita,
Moça de laço de fita,
Fuá do gogó da ema.
Chegô Dona Madalena,
Tia da nega Luzia,
Quando amanheceu o dia
Fui pra beira do riacho,
Um burro pulô em baixo,
No coração de Maria".

Os repentistas pisam, agora, um novo chão poético: passam a esbanjar rimas nas tradicionais estrofes do **oito pés a quadrão,** estilo muito popular em todo Nordeste. Anastácio manifesta-se:

"Eu sou um cantador novo
Que agrada bem ao povo,
Com saudades me comovo,

Sinto mesmo uma aflição.
A flor que rola no chão
Deixa o aroma somente,
Na hora do sol poente,
Lá vão meus oito a quadrão".

Limeira entra:

"Tu sois protestante e crente,
Água, riacho e vertente,
Quando a chuva desce quente
Enrolada num trovão,
Se alarma todo Sertão,
Cururu desce nos eito,
Eu vou falá com o Prefeito
Nos oito pés a quadrão".

Anastácio:

"A Natureza é incrível,
Faz a terra no seu nível
Girar de modo possível
Causando admiração...
O relâmpago, o trovão,
Arquivam-se pelo espaço,
Ligados pelo mormaço,
Lá vão meus oito a quadrão".

Limeira:

"Sou um nego do cangaço,
Brigo de perna e de braço,
Com a ingrizia que eu faço
Assombro qualquer cristão...
Eu vou cantá no Japão
Lá dos Estados Unidos,
Dá quarenta e três gemidos
Nos oito pés a quadrão".

O quadrão foi a chave da festa, quando os primeiros clarões da aurora, derramando-se pelo verde grosso da caatinga, despertavam os galos da Pitombeira.

Os poetas retornam à Fazenda Poço do Juá, apresentam-se noutras propriedades da região e rumam para Campina Grande, onde cantam em plena feira. Emboladores de coco recolhem seus ganzás e passam a ouvir a polêmica rimada dos profissionais da viola que dissertam sobre os mistérios da noite.

Anastácio dá princípio:

"Na noite nós vemos coisas
Que eu acho grande mistério:
A melodia do vento
Tem um som brando e funéreo,
Retratando a voz sagrada
Do nosso Pai e império".

Pegando a deixa, Limeira atira-se, na sua espontaneidade maluca:

"Um dia, no cemitério,
Tava cum meu camarada
Falando em cavalo gordo
E besta véia amojada,
Pois tudo aquilo é segredo
Da noite e da madrugada".

Anastácio:

"Acho certo, camarada,
Mas falaste inconsciente,
Pois o segredo da noite
Disso tudo é diferente...
Existem coisas noturnas
Que assombram qualquer vivente".

-Getúlio Vargas, delegado de Campina Grande.

Limeira:

"Uma vez, em São Vicente,
Quando uma vez eu cantava,
Bem cedinho, à meia-noite,
Quando de dia eu falava,
Passô uma besta-fera
E meus versos decramava".

Tendo Anastácio asseverado, ao término de uma sextilha, que o então Presidente Getúlio Vargas preocupava-se em proteger a pobreza, o Poeta retrucou:

"Ele protegeu o pobre
Mais deixou José Limeira.
Gafanhoto ferviando,
Silibrina corredeira,
Currá da polipogene,
Retaio de fim de feira".

(O Poeta teria repetido o penúltimo verso, pois, havia muitos anos, improvisara, no Teixeira: **"Derramou-se o querosene / Na batina do vigário / Currá da polipogene**)... Pela fluência poética que Limeira demonstrava no dia-a-dia do oficio, surpreendeu-me repetindo-se, mesmo que uma única vez).

A réplica perdeu-se em meio ao vozerio desencontrado da feira. Foi captada, todavia, a resposta de Zé Limeira:

"Getúlio foi home bom,
Fazia carnificina,
Gostava de comê fava
Misturada com risina,
Sofreu, mais ainda foi
Delegado de Campina".

Anastácio para a viola, exausto, e fica ouvindo o companheiro derramar-se em versos:

"Na serra do **cai-cai-osso**
Encontrei um bode moço
Cum chucaio no pescoço,
Me viu mais ficou em pé.
Eu fiz um **querrequequé**
Pra vê se o bode corria.
Ele fez que não me via,
Eu me escorei num mufumbo,
Lá vai caroço de chumbo
No toitiço de Maria.

Instado, por um circunstante, a glosar sob a inspiração de "Diz o Novo Testamento", o Poeta, solícito, cai, em cheio, nas estranhas minudências da História Sagrada:

"Viajou Nossa Senhora
Naquele passado dia,
Perto duma travissia
Descançou sem ter demora.
Cortou de pau uma tora
Debruçada sobre o vento,
Ali, naquele momento,
São José sartou do jegue,
Jesus passou-lhe um esbregue,
Diz o Novo Testamento".

E em seguida: "**Se eu não me casar contigo, Não caso mais com ninguém**".

"Gritou Dom Pedro Primeiro
No tempo da Monarquia:
Jesus, Filho de Maria,
Trovão do mês de janeiro,
São Pedro sendo o porteiro
Da capela de Belém,
Thomé comendo xerém
Com sarapaté de figo,
Se eu não me casar contigo,
Não caso mais com ninguém".

O poeta José Vicente da Paraíba chegava inesperadamente, quando Limeira abria a primeira ruptura na baionada, sob o pretexto de "molhar a goela". Pontificando agora ao lado de José Vicente, o Poeta do Absurdo continua a ser aplaudido pela multidão que se avoluma, circulante, em torno da barraca.

O talento de Agnelo Amorim estrapola, viçoso, para a tessitura perenização deste mote por todos os títulos magnífico:

"São frios, são glaciais,
Os ventos da solidão".

E da inspiração de José Vicente, num relance, brotou este lírio precipitado e eterno:

"Quando se sente saudade
Duma pessoa querida,
Dá-se um vazio na vida
E doi esta soledade...
Ninguém suporta a metade
Da dor do meu coração,
Lembrando o aceno de mão
Do amor que não voltou mais...
São frios, são glaciais,
Os ventos da solidão".

E Zé Limeira, numa tranquila arrancada surrealista:

"Conheço a curva do vento
No calô da marizia,
Quando amanheceu o dia
Fui acordá o jumento.
O mocotó de São Bento,
Espora, freio e gibão...
Por trás do Monte Simão
Residia Ferrabraz...
São frios, são glaciais,
Os ventos da solidão"

Ronaldo Cunha Lima, poeta adolescente, marca sua presença com a singeleza e o romantismo do mote que foi glosado apenas por José Limeira:

"Nos olhos de minha amada
Brilham estrelas de amor".

"O navi navega só
Como a muié nos espeio,
Pru dentro do mar vermeio
Que sai lá no Moxotó.
O poeta vive só,
A lua tem mais calô,
O jardim logo murchô,
Quage morri da patada ...
Nos olhos de minha amada
Brilham estrelas de amor"

A cantoria tomou o rumo de sua verdadeira autenticidade, com a chegada do mais legítimo discípulo de Zé Limeira, o limeirianíssimo Serra Branca. José Vicente entrega-lhe a viola para que se inicie, entre mestre e aluno, um desafio em **Mourão**, cujos repentes são aqui reproduzidos graças à memória do poeta Luiz Amorim:

Limeira:
"Sou Zé Limeira falado
Do véio Sítio Tauá".

S. Branca:
"E eu me chamo Serra Branca,
Cantando aqui, acolá".

Limeira:
"Zé Limeira quando canta,
Credo em cruz, agoi as pranta,
Lê-é-lé e lê-a-lá".

S. Branca:
"O vento assopra no á,
Cabra ruim só vai na peia".

Limeira:
"Se aprepare para ouvi
Uma história muito feia".

S. Branca:
"Lê-a-la e lê-u-lu,
Isso quer dizê beiju
Feito de massa de areia".

Limeira:
"Quando falá em areia
Se alembre do lhá-gá-lhá".

S. Branca:
"Meu mestre, não se abrufele,
Deixe de me arrecramá".

Limeira:
"De arrecramar-lhes não deixo,
Que fartô o circonfrecho,
Aprenda a pirnunciá".

A Princesa Isabel em Sumé

VII

Sumé, cidade paraibana encravada no lombo do Cariri, amada por sua tradição de hospitalidade, palco de históricos encontros dos mais célebres repentistas, estendeu as mãos de sua sensibilidade para receber a viola de Zé Limeira e fazer o Poeta sentir o amplexo acolhedor de sua veneração.

Primeiros dias de junho. 1952. O poeta excursionava com o seu conterrâneo Raimundo Batista de Arruda (Arrudinha Batista). Do extenso município perlustraram todas as distâncias, cruzaram todos os caminhos, levando a alegria do canto sincero e ingênuo às fazendas, aos vilarejos, aos distritos, para, alvo da maior expectativa, chegar à cidade de Sumé, onde Arrudinha, subitamente doente, recolheu-se a um quarto de hotel. Por força deste imprevisto, depreendia-se, logicamente, o adiamento da cantoria que teria lugar no Bar de Joaquim Barata, onde, desde as primeiras horas da noite, regular multidão acotovelava-se.

E, para surpresa geral, Limeira chegou com a sua viola e a sua alegria e fez a festa só, uma festa que somente ele sabia fazer. Realizou uma das suas maiores cantorias, consoante o testemunho do poeta José Marcolino, o maior compositor da música popular nordestina, do político Heleno Barros de Oliveira e de José Nunes Filho (Zé de Cazuza), memória assustadora que detém desde Baudelaire a Zé Limeira e que também se assenta na musa sertaneja, para gáudio do repente.

A festa vai começar. Zé Limeira, prenhe de euforia, após afinar o instrumento, resolve fazer breve discurso saudando a família sumidense, o que não era de seu feitio de sertanejo, frisando, em certo ponto:

— Foi aqui nessa terra pilogâmica que a princesa Isabé gozou muito no tempo da Monarquia. Pintou as canecas!

Ingeriu um pouco de "zinebra", sentou-se, feriu as cordas do pinho, começou a expandir-se nas convencionais sextilhas, cantando, cantando, cantando, o pensamento solto a vaguear pelo Parnaso absurdo de sua imaginação.

A monotonia dos sextetos desconexos foi interrompida. Zé Limeira passou a improvisar glosas, dando outra coloração ao curso das rimas, quando Heleno Barros de Oliveira, irremediavelmente apaixonado por certa jovem que o tornou seresteiro e poeta incorrigível, também presente à cantoria, criou, em louvor à amada, este mote:

"Mércia, tua tez morena
Prendeu o meu coração".

E assim inaugurou-se o espetáculo:

"O ano é cinquenta e dois
No Bar de Joaquim Barata,
O beijo dessa mulata

Tem gosto de pó de arroz.
Três, quatro junta de boi,
Muitos galhos de pinhão,
Pra cair não caio não,
Quem quizé reze a novena...
Mércia, tua tez morena
Prendeu o meu coração".

"Já mataro João Pessoa
Que era nego cangaceiro,
Viva Dom Pedro Primeiro.
Seu Bibiu é gente boa.
Limeira não fala à-toa,
Já cantei com Mergulhão,
Fiz ele comê sabão,
Ficou de venta pequena...
Mércia, tua tez morena
Prendeu o meu coração".

São Tumé tinha um concriz
Que só comia arroz-doce..
O satanaz já danou-se
Porque quebrou o nariz.
A sobrinha do Juiz
Brigou com trinta leão,
Haja chuva no Sertão,
Só escapa Madalena...
Mércia, tua tez morena
Prendeu o meu coração".

"Quando a Princesa Isabé
Escapô do cativeiro,
Arrudiou pru Monteiro,
Vêi se escondê em Sumé.
Foi quando uma cascavé
Mordeu-lhe a junta da mão.
Foi morrê lá no Feijão,

Dum jeito de fazê pena ...
Mércia, tua tez morena
Prendeu o meu coração".

O Poeta deixa para trás o mote do jovem apaixonado e busca as suas estradas bíblicas:

"Minhá muié chama Bela,
Quando eu vou chegando em casa,
O galo canta na brasa,
Cai o texto da panela,
Eu fico olhando pra ela
Cheio de contentamento ...
O satanaz num jumento
Pra mordê a Mãe de Deus,
Nem mordeu ela, nem eus,
Diz o Novo Testamento".

"Eu vi numa gavetinha
Da casa de João Moisés,
Mais de cem contos de réis
Só de ovo de galinha.
Ela comeu uma tinha
Da carcassa dum jumento.
Que bicho má, peçonhento,
Lacrau e piôi de cobra,
Não pôde mais fazê obra,
Diz o Novo Testamento".

"Jesus nasceu em Belém,
Conseguiu sair dali,
Passou por Tamataí,
Por Guarabira também.
Nessa viage de trem,
Foi pará no Entroncamento.
Não encontrando aposento
Dormiu na casa do cabo,
Jantou cuscus com quiabo,
Diz o Novo Testamento".

O terceiro mote é de um cidadão saudosista que se reporta à infância longinqua:

"Ainda guardo a lembrança
Da primeira trovoada".

"Eu amarrei um caçote
Daquele da tromba preta,
Quando puxei a gaveta
Veio o primeiro pacote.
Daí cortei um chicote
Às tantas da madrugada,
Dei quarenta lamborada
Na barriga da criança ...
Ainda guardo a lembrança
Da primeira trovoada".

As sextilhas e as estrofes em **sete linhas, abaixo,** transcrevem-se por conta da memória prodigiosa do genial poeta e compositor José Marcolino.

"O meu nome é Zé Limeira
De Lima, Limão, Limansa,
As estradas de São Bento,
Bezerro de vaca mansa ...
Vala-me, Nossa Senhora,
Aí que eu me lembrei agora:
Tão bombardeando a França".

"Ninguém faça pontaria
Onde o chumbo não arcança,
E vou comprá quatro livro
Pra estudá leiturança ...
Bem que meu pai me dizia:
Jesus, José e Maria,
São João das orelha mansa".

"Ainda não tinha visto
Beleza que nem a sua,
De cipó se faz balaio,

A beleza continua,
Sete-Estrelo, três Maria,
Mãe do Mato, Pai da Lua".

A beleza continua,
De cipó se faz balaio,
Padre-Nosso, Ave-Maria,
Me pegue senão eu caio,
Tá desgraçado o vivente
Que não reza o mês de maio".

"Sei quando Jesus nasceu,
Num dia de quinta-feira,
Eu fui uma testemunha,
Sentado na cabeceira...
São José chegou com um facho
De miolo de aroeira".

"Um dia o Reis Salamão
Dormiu de noite e de dia,
Convidou Napoleão
Pra cantá **pilogamia,**
Viva a Princesa Isabé
Que já morô em Sumé
No tempo da Monarquia".

"Zé Limeira quando canta
Estremece o Cariri,
As estrela trinca os dentes,
Leão chupa abacaxi,
Com trinta dias depois
Estora a guerra civi".

Um sertanejo velho, cujo filho tombara no campo de batalha, durante a Segunda Grande Guerra, "compareceu" à bandeja e solicitou a Limeira que versejasse sobre o fato. O Poeta rimou imediatamente:

"Por entre os altos e baixos
Vem o Sino Salamão,

Deus do Sul é Deus do Norte,
Deus do Norte é do Sertão,
Até as pedras se encontra
Quanto mais os alamão".

Uma jovem que, havia poucas horas, desfizera o noivado, encareceu de Limeira a glosação de um mote que serviria de sedativo para a sua dor: **"Quanto mais carinho eu faço, / Mais recebo ingratidão"**. A mensagem da glosa causou o mesmo efeito moral da que o **Poeta dirigiu à memória do pracinha:**

"Eu tinha uma cabra preta
Que quando tava de azeite
Dava dez litro de leite,
Se chamava borboleta.
Sortei uma carrapeta
De guarda-peito e gibão,
O jegue de Damião
Mordeu a porda de Inaço ...
Quanto mais carinho eu faço,
Mais recebo ingratidão".

Por toda a noite não se registrou um só bocejo por parte do cantador ou da platéia. Havia um ânimo coletivo. À chegada do sol, o Poeta suspende a viola, alegre, saudável, eufórico, e exclama, de braços abertos:

— Cinco hora, minha gente, na terra da Princesa Isabé! Parece que eu tô vendo ela aqui no tempo da Monarquia pilogâmica! Cantadô pra cantá com Zé Limeira é perciso ter foigo de sete gato!...

Seguiu, contando as pedras do caminho, rumo ao município do Teixeira, onde já o aguardava o poeta Arrudinha Batista. A dupla se faria ouvir na Fazenda Cipó, de propriedade do Coronel Pereira, cumprindo um contrato firmado havia alguns meses.

Era véspera de São João. A cantoria se fez em um vasto terraço da casa grande, espectadores superlotando as dependências do vetusto casarão azul da serra,

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

O vermelho largo da labareda iluminava o terreiro animado, os troncos verdes de angico estalando no grosso da fogueira, atirando faíscas para todos os lados — era a pirotécnica das coivaras do sertão bruto homenageando o santo do povo, padroeiro da canjica e da pamonha! E a meninada, espalhada pelo terreiro, assando milho e se tornando "compadres" e "comadres", completava o quadro junino!

Em volta da fogueira, balões coloridos, quais melancias de fogo, eram liberados para o alto, acendendo a paisagem, lambendo o firmamento, adentrando-se nas alturas, apequenando-se nas entranhas do infinito estrelejado, indo se confundir com as estrelas. Outro balão, e outro mais, e outros balões, mensageiros de fé dos devotos sertanejos à procura de São João.

Inspirado e cintilante, Arrudinha Batista tange o bordão e as primas da viola. E' o início do festival:

"Ó que balão luminoso,
Quanta beleza naquilo!
Enquanto ele vai singrando
O firmamento tranquilo,
Meus olhos se agarram nele,
Como querendo impedi-lo".

Zé Limeira dedilha serenamente o pinho e, sorrindo, desata o canto obtuso:

"Peço licença ao prugilo
Dos quelés da **juvenia,**
Dos tolfus, dos aldiácos,
Da baixa da **silencia,**
Do ginuino da Bribria,
Do grau da **grodofobia**".

Foi uma de suas mais ininteligíveis sextilhas. Difícil seria saber até onde quis chegar o Poeta, ao empregar tantas palavras infundadas numa só estrofe. Improficuo qualquer estudo etimológico que tivesse por objetivo encontrar o sentido de cada um vocábulo daqueles,

A verdade é que, ao pronunciar a última palavra da estrofe, uma salva de palmas irrompeu dos terraços e do terreiro, consagrando o criador da esdrúxula composição.

Arrudinha nada entendeu. Quer uma explicação:

"Eu jamais ouvi falar
Nessa tal de **juvenia,**
Nem tampouco em **aldiácos**
Dessa sua **silencia** ...
Limeira, me fale sério:
Que diabo é **grodofobia?**"

Zé Limeira explica, pois não:

"O mestre inda não sabia
Que Jesus **grodofobou?**
Apois fique conhecendo
Que Limeira **prugilou**
E o Cipó de seu Pereira
Também já **juveniou** !"

Atarentado, o contendor sai pela tangente, ciente de que "a emenda é pior do que o soneto":

"Limeira, agora é que vou
Tanger minha violinha,
Mas lhe aviso como amigo
Que hoje você definha,
Porque não há cantador
Que aguente a pisada minha".

"Coidado, mestre Arrudinha.
Ninguém canta em minha frente ...
Meu nome é José Limeira,
Caixa de guardá repente,
Nego da cara taiada
Da crasse de cumê gente".

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Um Oficial de Justiça escreve este mote:

"Responde, destino ingrato,
Qual foi o mal que te fiz ?"

Arrudinha, inspirado e humilde, joga-se na frente, continuando a peleja desigual:

"Minha vida é padecer
Por este mundão afora:
Minha amada foi embora,
Eu não sei o que fazer.
Nunca mais senti prazer
Nesta vida de infeliz,
Meu canto é duma perdiz
Ferida dentro do mato...
Responde, destino ingrato,
Qual foi o mal que te fiz ?"

Conquanto de aprumo poético e sentimento haja-se revestido a glosa, o autor recebeu, meio desorientado, o aplauso pálido de três ou quatro espectadores, enquanto a casa quase vai abaixo com as estrondosas palmas e os vivas conferidos ao Poeta do Absurdo, ao glosar o mesmo tema:

"A minha amada primeira
Eu achei nas Escritura,
Comendo uma rapadura
Pru riba da cumieira.
Peguei minha baladeira
Dei um tiro na infeliz,
Errei, pegou num concriz
Mordendo a boca dum pato ...
Responde, destino ingrato,
Qual foi o mal que te fiz ?"

Os poetas voltam às sextilhas e passam a discorrer sobre suas aventuras, quando Arrudinha descreve uma briga corporal em que ele teria enfrentado a policia, encerrando a estrofe assim:

"Não sei se eu era ele, nem sei se ele era eu."

"... No fim, estávamos nós,
Eu por cima, eles por baixo".

Limeira pega a deixa para, surpreendentemente, num dos raríssimos momentos lúcidos de sua poética, improvisar a maior estrofe que se pode exigir no gênero, dando conta da mais espetacular briga de corpo-a-corpo que o cérebro humano poderia conceber:

"Eu briguei com um cabra macho.
Mais não sei o que se deu:
Eu entrei pru dentro dele,
Êle entrou pru dentro dêu
E num zuadão daquele,
Não sei se eu era ele,
Nem sei se ele era eu".

Mais adiante, seu companheiro passa a atacá-lo impiedosamente, chegando a dizer que

"... Esse negro é imbecil
E além de tudo não presta".

A resposta a tão áspero desafio atesta quão pura é a alma do Poeta:

"Eu mais o mestre na festa
Canto até ficá de dia...
Na terra só tem tristeza,
No Céu só tem alegria...
Se um dia eu fosse chamado
Pra cantá no Céu eu ia".

Era um homem valente como poucos o são, mas o seu comportamento poético foi sempre revestido de inescondível cavalheirismo, de um fidalgo tratamento para com os seus semelhantes. E a sua coragem pessoal reflete-se bem nesta auto-crítica nascida na Fazenda Cipó:

"Eu me chamo Zé Limeira,
Cantadô de sangue forte,

Apranto aveloz no Sul,
Arranco cana no Norte,
Quatro, cinco vela acesa
Não faz eu temê a morte".

Arrudinha fecha uma sextilha dizendo: "... Hoje eu lhe dou uma pisa / Que você erra o caminho". O Poeta versejou como quem não dava ouvido, sequer, a ameaças:

"Hoje eu saí do Brejinho,
Passando pulo Teixeira,
Um moço me proguntô:
Cuma vai, seu Zé Limeira?
Eu dixe, num vai-não-vem:
Vou cantá e passá bem
No Cipó de seu Pereira".

E mais adiante:

"Canta, canta, Limeirinha,
Limeirinha do Tauá ...
Tanto faz dá na cabeça
Como na cabeça dá,
Dinda vem chegando aqui,
Mãe de Deus, acuda cá".

Encerrou a cantoria evocando o Novo Testamento:

"Napoleão Bonaparte
Saiu de dentro da grota
E vêi contá anedota
Pra seu Pedro Malazarte.
Dom Pedro teve um infarte,
Tomou um chá de jumento,
Vomitou, butô pra dento,
Tornou goipá outra vez,
Ás, dama, valete e reis,
Diz o Novo Testamento".

Orlando Tejo

"Quando Jesus vêi à Terra
Foi gerente da Paulista,
Sócio de São João Batista,
Depois da Segunda Guerra.
De tanto subir a serra
Tivero um padecimento,
Inda existe decumento
Da **juvenia** dos dois,
Hoje, amanhã e depois,
Diz o Novo Testamento"

O Veio de Cristal

VIII

Seis meses depois de sua passagem por Sumé, o Poeta José Limeira encontra-se perlustrando o interior do Rio Grande do Norte, onde trava conhecimento com o jornalista José Cassandro, secretário da Prefeitura do Natal, hoje fazendo imprensa em São Paulo.

O Poeta ali estava a convite de José Ricardo do Rêgo, dono da Fazenda Várzea da Yracema, a cerca de cem quilômetros da capital. Sua fama de repentista havia muito ultrapassara os limites geográficos da Paraíba e seu nome ecoava forte no vizinho Estado.

O Poeta chegou à Várzea da Yracema numa manhã quente de dezembro, com seu matulão, sua viola e sua vontade de cantar. Em companhia do fazendeiro e do jornalista, andou por alguns pontos da propriedade que descreveria à noite, quando desatasse o canto diferente para os camponeses.

Percorre vazantes, serrotes, tabuleiros e encostas. Do topo de uma colina, José Ricardo do Rêgo sugere ao

Poeta a observação do cenário extasiante que se descortina para o nascente:

— Veja, sr. Limeira, se lhe agrada o panorama.

O vate olhou e seus olhos pararam na vastidão verde e perderam-se no verde da vastidão. Contemplou o córrego cristalino que canta e ziguezagueia por entre o laranjal florido, as flores brancas sendo levadas placidamente pelas águas perenes para outras paragens, como se fossem brancas mensagens da flora da Várzea.

Limeira, quase basbaque, tem a atenção voltada para um detalhe: o córrego encontra, depois do laranjal, espessa plantação de carnaúba à sua margem esquerda. O verde escuro das carnaubeiras projeta-se no espelho argentino das águas com maior densidade que o das laranjeiras, de modo que, à vista de quem está no píncaro do serrote, o córrego adquire um fascínio esmeraldino, à semelhança de um tênue fio do Atlântico, ora verde, ora azul, ora azul-verde, conforme a espontânea oscilação da folhagem.

Esse riacho, que domina indescritível paisagem da Várzea da Yracema, denomina-se Veio de Cristal e sua majestosidade tem sido decantada por grandes poetas potiguares. Teria que inspirar também o Poeta do Absurdo naquele dia em que os raios incandescentes do sol-a-pino lembravam flexas de diamante fincadas no dorso prateado das águas que galopavam rumo ao nascente, perdendo-se, mais adiante, por dentro de um canavial que parece engolir o riacho. O "Veio" reaparece do outro lado do plantio, conduzindo folhas de cana caiana, de um verde esmaecente, e, poucos metros na frente, embrenha-se num fechado de capim elefante e paquivira, tomando nova coloração. Dá, em seguida, uma meia volta, afoga um partido de matapasto, experimenta, por instantes, a doce alfombra de velhas gameleiras, retoma o antigo rumo e cai, desastradamente, na Gruta do Satanaz, para, logo em seguida, esbater-se contra a beleza branca da Pedra da Solidão. Toma, aí, a denominação de Cachoeira do Triste, cujas alvinitentes espumas, vistas da chapada da colina, mais parecem filigranas de saudades do laranjal tranquilo.

Todo orgulho de José Ricardo do Rêgo consiste em ouvir de um cantador a descrição poética do Veio de Cristal, manso e soberbo, tesouro líquido e preciosidade maior da Várzea da Yracema, rincão sagrado de seus ancestrais.

Anoitece. Paulo Afonso jorra em forma de lâmpadas nos alpendres coloniais da imponente mansão. O povo reúne-se na sala branca, de candelabros antigos e antigo piano, onde um cantador diferente extrai harpejos claros de uma viola psicodélica.

Faz-se um silêncio convencional, rompido pela guturalidade da musa absurda:

"Eu já vi moça bunita
Fumá e tumá rapé...
Na guerra das alemoa
Os home brigou de pé,
Mais só fiquei manginando
Nas água que tá lavando
O rego de seu José".

"Eu vi na beira do rego
Passá voando a cauã
E me alembrei no momento
Da cara da minha irmã...
Me arresponda, seu Ricardo:
Seu rego tem leopardo
Comendo curimatã?".

"Lá de cima da colina
Vi o rego lá em baixo...
Viva Dom Pedro Segundo
Que fazia casbalacho,
Era bom navegadô,
Quando tava com calô
Timbungava no riacho".

O Poeta falava em tudo, menos no Veio de Cristal, razão única de estar a sua viola sonorizando aquelas plagas potiguares. Para isto ele fora convidado, contratado e ansiosamente aguardado pelo fazendeiro.

José Cassandro, hábil estenógrafo que se dispuzera a não perder um só verso de Limeira, notando que José Ricardo, conquanto estivesse admirando a voz, a dicção e a toada melancólica do bardo do Teixeira, frustrava-se pela involuntária omissão do Poeta ao nome daquilo que constitui mais do que uma glória, porquanto está vinculado à memória de seus ancestrais, sugeriu, inteligentemente, a composição de um mote cuja principal figura fosse o Veio de Cristal. E o tema foi construído:

"Minhalma canta e vagueia
Pelo Veio de Cristal".

E o canto se fez:

"Foi numa noite fagueira,
Quando eu vinha do Tauá,
Vinha um carrocé de lá
Todo feito de aroeira.
São José vinha da feira
Pru dentro do carnaval,
Dum giro fêz um girau
E foi pará na cadeia...
Minhalma canta e vagueia
Pelo Veio de Cristal".

"O meu nome é Zé Limeira,
Filho de Nosso Senhor,
Nego veio cantador
Do continente Teixeira.
Uma veia zeladeira
Gemia lá no quintal,
Lá na frente um general
Gritô, eu passei-lhe a peia...
Minhalma canta e vagueia
Pelo Veio de Cristal".

Os aplausos se sucediam. A voz invejável do caboclo fascinava os ouvintes do campo, vibrando dentro da noite alta:

Pedro Álvares Cabral, estreando como pistonista na volta de Zé Leal (Campina Grande).

"A Suiça é vizinhança
Do Rio Grande do Norte,
Eu sou um caboco forte
Que não tem senvergonhança.
Peso na minha balança,
Carrego no meu borná,
Chegando no Paraná
Só canto depois da ceia...
Minhalma canta e vagueia
Pelo Veio de Cristal".

Trinta glosas, aproximadamente, foram submetidas ao tema-salvação, mas o estenógrafo permitiu que se extraviassem quase todas, salvando-se apenas as três aqui transcritas. Não se perderam, todavia, as décimas em que o Poeta, mais uma vez, evoca o Novo Testamento:

"O Marechal Floriano,
Antes de entrá pra Marinha,
Perdeu tudo quanto tinha
Numa aposta com um cigano.
Foi vaqueiro vinte ano,
Fora os dez que foi Sargento,
Nunca saiu do convento
Nem pra lavá a corveta,
Pimenta só malagueta,
Diz o Novo Testamento".

"Pedro Álvares Cabral,
Inventô do telefone,
Começou tocar trombone
Na Volta de Zé Leal.
Mais como tocava mal,
Arranjou dois instrumento;
Daí chegou um sargento
Querendo enrabar os três,
Quem tem razão é o freguês,
Diz o Novo Testamento".

"Um dia, Nossa Senhora
Se encontrou com Ruis Barbosa,
Tiraro um dedo de prosa,
Voltaro e foro-se imbora.
Judas se enforcou na hora,
Numa corda de cimento,
Butô os filho pra dento,
Foi pra barca de Noel,
Viva a Princesa Isabel,
Diz o Novo Testamento".

"Quando Dom Pedro Segundo
Governava a Palestina
E Dona Leopoldina
Devia a Deus e ao mundo,
O poeta Zé Raimundo
Começou castrar jumento,
Teve um dia um pensamento:
Tudo aquilo era boato,
Oito noves fora quatro,
Diz o Novo Testamento".

"São José de Mipibu
Era o pai de Jesus Cristo,
Mais quando Ele soube disto
Já tava em Caruaru.
O mundo ficou azul,
Começou um pé-de-vento,
São Pedro vem lá de dento,
Correndo atrás duma lebre,
Quem for podre que se quebre,
Diz o Novo Testamento".

"Um dia, Augusto dos Anjos,
Junto com São João da Barra,
Foro fazer uma farra
E tivero um desarranjo.
Se encontraro cum marmanjo
Lá perto do Livramento,
Daí sairo pru dento,

Passaro nas Três Irmães,
Dormiro em Puxinanãs,
Diz o Novo Testamento".

Limeira passou a cantar em **sete linhas**, como desfecho da cantoria, o que foi cuidadosamente estenografado pelo jornalista José Cassandro. Fala de suas vitórias sobre os grandes cantadores com quem se debateu:

"Eu me chamo Zé Limeira,
Cantador que tem ciúme,
Brisa que sopra da serra,
Fera que chega do cume,
Brigada só de peixeira,
Mijo de moça sorteira,
Faca de primeiro gume".

"Assassinei Lourisvá
E matei seu Jisué,
Pinto eu matei na cantiga
Com um cabo de cuié,
Agarrei seu Anastaço,
Dei um tiro no espinhaço,
Mais pegou num jacaré".

"Só não matei Canhotinho,
Prumode ele não morreu...
Matei Serrador de Lima,
Junto com um amigo seu.
Dimas velho cascavé,
Danou-me a ponta do pé,
Mais ele foi quem sofreu".

"Otacílio eu só matei
Três vez num dia de feira.
Peguei Antônio Marinho,
Matei só pru brincadeira,
Depois que matei Marinho,
Lasquei Zé Alves Sobrinho
Numa ponta de roqueira".

"Lino eu matei dum supapo
Na beirada do cangote,
Depois amarrei o bicho
Berrando pelo serrote...
Peguei Zé da Paraiba,
Cortei a parte de riba
Prumode mostrá meu dote".

"João Severo, esse, coitado,
Eu matei nas Espinhara,
Só dum bufete que dei
A lua ficou quilara,
Dei uma tapa na testa,
Quage que dava a molesta,
Na mão, no pé e na cara".

"E depois de João Severo,
Viajei pru Ceará,
Peguei Domingos Fonseca,
Fiz ele se arripiá...
João Siqueira de Amorim
Assassinei no jardim
Com uma tora de jucá".

"Numa noite de sol quente
Matei Lourisvá Bandeira,
Enterrei o corpo dele
Dentro duma bananeira,
Butei quatro pá de terra,
Inda hoje o cabra berra
Pensando que é brincadeira".

"Matei seu Aleixo Dantas
De pancada de gibão...
Um dia a guerra acabou
No meu bonito Sertão,
Foi quando eu matei Aleixo,
Peguei ele e fiz um feixo,
Junto com seu Mergulhão".

"Peguei Antônio Barbosa,
Matei lá na Imaculada...
Estrelinha e Zé Gonçalves
Matei só duma paulada...
Matei tanto cantador,
Valei-me, Nosso Senhor,
Não matei ninguém, nem nada".

"Matei Vicente Granjeiro
Na porteira do currá,
Porque chuva de janeiro
Só cai do lado de lá,
O vento sopra pra riba,
Porém só na Paraíba,
Pernambuco e Ceará".

"Matei e tirei o couro
De Faustino Vila Nova,
Ele diz que é cantador,
E' cantador uma ova!
A muié de Salamão
Butou chifre com Sansão
E Serrador tá de prova".

"Igualmente o velho Adão
Namorou com sua tia,
Porém Judas Carioca
Do mesmo jeito dizia...
Porisso é que de joelho,
Matei Antonino Coelho
De noite, sendo de dia".

"Peguei o Cego Aderaldo,
Junto com Jó Patriota,
Sapequei uma rasteira
No toitiço da cangota,
Fugi pra Copacabana,
Mais não tem cana caiana
Doce que nem piojota"

"Cesário também é cego,
Mais assim mesmo eu matei,
Fiz um doce de chorição,
Cheguei na feira, vendei,
Passei pela Palestina,
Vim saí cá em Campina,
Prumode as ordem do Rei".

O Absurdo dos Poetas

I X

A pé, sempre a pé, com o seu matulão, a sua viola enfeitada e a sua inspiração inconsútil, Zé Limeira não só enfrentou as distâncias para o Rio Grande do Norte. Eram ainda seus conhecidos os caminhos do Ceará, das Alagoas e de Pernambuco, e lhe era familiaríssima a fisionomia geral da Paraiba, do Litoral ao Sertão, do Agreste ao Curimataú. Suas alpargatas de estalo carimbaram muitas estradas.

Certa vez transpôs as pontes do Recife e foi cantar para o Governador Agamenon Magalhães. O saudoso estadista, que foi um Mecenas dos cantadores, como bem atesta a cobertura que lhes dava através d'A Folha da Manhã, jornal de sua propriedade, via nos nossos aedos matutos a figura autêntica da inteligência marginalizada, e, entendendo que "os poetas humanizam as batalhas democráticas", contratava-os para cantarem nos seus comícios populares do interior pernambucano.

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Salvo melhor juízo, data da memorável campanha de 1950 o registro dos dois repentes abaixo, da verve de Agostinho Lopes dos Santos, de saudosa memória, e Lourival Batista Patriota, respectivamente, na cidade de Bom Jardim:

"Os pais convidem seus filhos,
Os filhos convidem as mães,
As mães convidem as filhas
E as filhas chamem as irmãs,
Para votarem na chapa
De Agamenon Magalhães".

"Agamenon Magalhães,
Que tanta grandeza encerra,
Nasceu em Serra Talhada,
Naquela talhada serra,
Porisso nasceu talhado
Pra governar sua terra".

Na aurora do seu segundo período governamental, o grande estadista distinguiu os cantadores, acolhendo-os na residência do Chefe do Governo para um concerto de violas e repentes, do qual participaram, entre outros, Agostinho Lopes dos Santos, José Vicente da Mota (Zé Vicente da Paraíba) e os irmãos Lourival e Otacílio Batista.

A festa ia animada, presentes altas figuras da paisagem política nacional, os poetas brincando com as musas, o repente flamejando sob o teto decorado do Palácio das Princesas, o Professor Agamenon e os Ministros, deslumbrados, apalpando, com as mãos da admiração, poéticos retalhos do Sertão brabo, as violas gemendo, a poesia chispando, solta, na noite aristocrática.

Um mordomo foi receber o homem que batia palmas no terraço lateral e voltou meio assustado, dirigindo-se ao Governador:

— Doutor, há um homem esquisito querendo entrar. Traz um matulão e uma viola e o pescoço coberto por um lençol vermelho.

Lourival Batista atalhou:

— Aposto como é Zé Limeira!

O Governador disse ao mordomo que introduzisse o visitante, que era, incrivelmente, José Limeira. Com o seu sorriso contagiante, colocou o matulão e a viola sobre o piano, e, reatando o nó do grande lenço encarnado:

— Esse aqui não é ninguém não, minha gente, é somentes Zé Limeira velho falado. Vim cantar pru doutor! Cantador pra cantar pru doutor Agamenon é perciso ter foigo de sete gato!

O estadista estendeu a mão e externou seu prazer em receber mais um poeta paraibano. Riu e, segurando o braço esquerdo do recém-chegado, cavalheirescamente:

— Poeta, esta é minha mulher, que, como eu, sente-se imensamente feliz em tê-lo em nossa casa.

Limeira aperta respeitosamente a mão de Dona Antonieta e expressa-se, esboçando um sorriso sincero:

— De feição, parece muito com a minha patroa, sendo que ela é pobre do pé da serra e a senhora é uma madama rica da capital!

Àquela altura, todas as pessoas presentes já simpatizavam o velho bardo que fazia questão de cantar para o casal Agamenon Magalhães, e a sua participação no concerto era principalmente uma exigência da Primeira Dama de Pernambuco.

O Poeta do Absurdo elegeu para seu parceiro Otacílio Batista (que, por sinal, foi quem me contou esta historia), e os dois passaram a cantar um **martelo agalopado.** Otacílio, para não fugir ao figurino, fez o tradicional "brinde à dona da casa", fechando assim a estrofe:

"... E antes que a nossa festa aqui se finde,
Doutor Agamenon, receba o brinde
Que à Dona Antonieta estou erguendo!"

Seguindo a etiqueta, Limeira ergueu também o seu "brinde":

"Eu cantando pra Dona Antonieta,
A muié do Doutor Agamenon,
Fico como o Reis magro do Sion,
Me coçando na mesma tabuleta.
Eu aqui vou rasgando a caderneta
De Otacílio Batista Patriota...
Doutor, como eu não tenho um brinde em nota.
Que possa oferecer à sua esposa,
Dou-lhe um quilo de merda de raposa
Numa casca de cana piojota!"

O discutido homem público sempre mereceu a reverência dos cantadores, especialmente de José Limeira que, onde quer que cantasse, acendia-lhe o nome, dirigindo-lhe seus repentes, como esta glosa improvisada em Campina Grande:

"Se encontrando adoentado,
Agamenon Magalhães
Mandou suas três irmãs
Comprar carne no mercado.
Depois que tava deitado,
Pegou a carne e comeu...
Foi Casimiro de Abreu
Moreno da cor morena...
Os ossos choram com pena
Da carne que apodreceu".

Entrementes, conquanto admirasse profundamente o insigne político desaparecido, o Poeta deixou claro que foi José Américo de Almeida o homem público de sua maior admiração. Citava, sem maiores alardes, Argemiro de Figueirêdo e Ruy Carneiro, como mencionava Raymundo Asfóra e Félix Araújo:

"Félix Araújo e Asfóra
É dois cabra de primeira,
Mais nem Asfóra, nem Félix,
Açoita José Limeira...
Minha velve é de mussu,
Mocotó de boi zebu
Da Serra da Gameleira".

"Esse doutor Ruy Carneiro
É primo de Lampião,
Nasceu lá na **Grans-Bretânicas,**
Viajou de caminhão,
Pra descobrir meu segredo,
Prantou quarenta arvoredo,
Trinta culha de feijão".

Já o Ministro José Américo é visto pelo Poeta como maior mesmo do que o Salvador da humanidade:

"Malhó do que Jesus Cristo
Foi o pai do velho Adão,
Com medo de Satanaz
Fez o Sino Salamão,
Quage ficou cadavérico...
Malhó mais é Zé Américo
Que não morreu do avião".

Tão acentuada era sua admiração pelo Ministro, que, ao indagar do poeta Heleno Firmino sobre o que viria a ser um gravador, aparelho que conheceu em Lagoa Seca, em 1951, termina por asseverar que somente o autor de "A Bagaceira" seria capaz de dizer o nome do "bicho":

Heleno, que bicho é esse
Que tem fala de home macho?
Parece um tatu quadrado,
Cum cinturão no espinhacho...
É uma coisa tão pouca,
Mais ninguém sabe se a boca
Fala pru riba ou pru baixo".

"Me vala, Senhor São Bento,
Daquela amardiçoada
Amarrada na cintura,
Fazendo tanta zuada...
Só se parece uma mala,
Pru fora se escuta a fala,
Pru dentro não se vê nada".

"Credo em cruz, Ave-Maria,
Esse bicho fala só...
Parece um rolo de fumo
Desses da marca boró...
Heleno, eu sei qué me acabo:
Isso ou é coisa do diabo,
Ou força de catimbó".

"O bicho roda que nem
Cavalo de carrocé,
Não tem venta, nem barriga
Nem tem braço, nem tem pé,
Quando essa cia se estica,
Só Zé Américo espilica
Que droga esse bicho é".

O microfone, pelo contrário, foi encarado por Limeira com a mais absoluta tranquilidade. Houve-se bem o Poeta ao transmitir sua mensagem lírica pela onda da Rádio Caturité de Campina Grande, em meteórico programa de stúdio apresentado pelo novelista Deodato Borges. Todavia, não teria sido improvisado naquela oportunidade, mas numa cantoria de **pé-de-parede**, o sexteto em que o Poeta se refere circunstancialmente ao microfone:

"Um dia eu tava acordado,
No mais rancoroso sono,
Passou uma cobra azul
Falando num microfono
E o mudo gritando em baixo:
Vim buscar o meu abono".

Cantava, na ocasião, com o inspirado repentista Josué Félix de Souza, irmão de Canhotinho que se aproximava do recinto e ouviu esta saudação limeiriana:

"Vareda aberta é caminho,
O' meu Jesus de Israé!
Esse aí é Canhotinho,

Um irmão de Jisué,
Os alemento da Terra:
Rato, preá, punaré".

Exteriorizando seu acendrado espírito de hospitalidade, dirige fraternal oferecimento ao colega que chega:

"Se tu for na minha casa,
Tem capim pru teu cavalo;
Se chegar um fotoigáfo
Eu mando fotoigafá-lo;
Se chegar um filosófo
Eu mando filosofá-lo".

Tão límpida é a consciência da métrica na lírica de Zé Limeira, que ele surge, muitas vezes, com arranjos admiráveis, sufocando, embora, o espírito do vernáculo, como é o exemplo desses curiosíssimos **fotoigáfo** e **filosófo** que, por nenhuma hipótese, entram na composição estrófica para efeito de rima, o que somente acontece, sem exceção, em se tratando de sextilha, com os segundo, quarto e sexto versos, que rimam entre si.

O que se percebe, aí, é o perfeito domínio do autor nessa importante faceta de sua poesia, a música. Ora, se tem o Poeta conservado ambas as palavras na sua forma exata, proparoxítonas, os terceiro e quinto versos da estrofe perderiam o seu maior valor, ou o seu único valor além do pitoresco, porque, com apenas seis sílabas, estaria a estrofe amargamente castrada e Limeira jamais desceu de sua impecabilidade no campo melindrosíssimo da métrica.

Fotoigáfo e filosófo engendram-se no sexteto por força de uma licença especial e necessária, e como vocábulos paroxítonos, salvam, artisticamente, a composição.

O Poeta justifica essa consciência quando diz, em glosa já mencionada, que "Na sexta-feira malhó / Foi que Judas vendeu Jésus", porque ele tanto sabia que o nome do Senhor era **Jesus**, quanto estava absolutamente

convicto de que, se aplicasse a palavra como oxítona, o verso ficaria com oito sílabas, ao contrário, exatamente, do que ocorre com **fotoigáfo** e **filosófo**, e, como tinha perfeita consciência da "economia" poética, não admitia inflação nem deflação de sílabas, comungando com o evangelho parnasiano de Olavo Bilac.

Instintivamente, o Poeta usava inteligente processo de deslocamento da sílaba tônica, manipulando uma técnica tão somente dominada pelos poetas do berço. E neste ângulo, diga-se de passagem, o Poeta do Absurdo foi tão exigente, intransigente e transcendente quanto o próprio ouvinte das estrelas.

A metro-música de Limeira é de uma preciosidade parnasiana e os seus versos, no todo, têm a mesma imagem fósmea dos poemas surrealistas.

Os estilos limeiriano e surrealista formam um conjunto harmônico pela própria desarmonia de suas imagens em relação aos primordiais fatores **conceito e sentido**, de que ambos são desnudos: o que se encontra na poesia de Limeira é uma quase absoluta ilogicidade e um impressionismo involuntário; na poesia surrealista encontra-se a ilogicidade absoluta e um impressionismo intencional. Em Limeira sente-se a aberração literária jorrada barbaramente ao calor do improviso, da espontaneidade maior, portanto, cômica; na poética surrealista nota-se a aberração literária pingada, paulatinamente, na frieza matemática dos gabinetes, ridícula, portanto.

Ora, o repente, uma poesia totalmente descompromissada com a crítica, prescindindo do papel, da tinta e do cálculo, não poderia ser jogada à margem da lógica, assim como a poesia surrealista, seriamente comprometida com a crítica e existindo unicamente em função do papel, da tinta e do cálculo, o cálculo frio da matemática dos débeis mentais, não poderia merecer a dissimulação da crítica. É uma poesia hipotética, inconexa, imprecisa, inconsequente e inconcebível que, em suma, se nivelaria à limeiriana, ressaltando-se, todavia, a enternecedora sonoridade do repente.

"Ela parece um limão rodeado de cebola..."

Os adeptos do surrealismo, como de resto os asseclas do modernismo mais exagerado, atiraram-se num vôo inopinado ao desconhecido e não souberam retomar o roteiro, perdendo-se no abismo do vazio. Não sabem por onde flutuam, nem tampouco desejam encontrar o seu norte. É o que se depreende de suas análises às seguintes estrofes de Zé Limeira:

"Sou casado e bem casado,
Com quem, não digo com quem.
A muié ainda é viva,
Mais morreu, mora no Além,
Se um dia voltar à Terra,
Vai morar no pé da serra,
Não casa mais com ninguém'.

"Casemo no ano de quinze,
Na seca de vinte e três;
A muié era donzela,
Viúva de sete mês,
Mais não me alembro que tenha
Um dia ficado prenha,
Estado de gravidez".

O fato de a mulher estar viva e simultaneamente residir na Eternidade, é interpretado pelos defensores do modernismo como um fenômeno de alto valor para a renovação da poesia que "não pode estagnar". Encontram perfeita harmonia na expressão "casemo no ano de quinze / Na seca de vinte e três". E entendem, ao mesmo tempo, que o conteúdo de "se um dia voltar à Terra / Não casa mais com ninguém" tem elevado sentido surrealista, mas condenam, categoricamente, qualquer hipótese do processo da reencarnação, o que seria a única tangente para o Poeta, o único meio de justificar que a esposa, desaparecida, poderia voltar ao globo terrestre para habitar um pé-de-serra, trazendo uma radical aversão ao casamento.

Outra composição limeiriana classificada como surrealista pelos "entendidos".

"Ela parece um limão
Rodeado de cebola,
Uma goiabeira verde
Enfeitada de ceroula...
Com dentadura de pau
Eu elogiá-la vô-la".

Na concepção daqueles intelectuais, o sexteto acima tem gosto de obra-prima e olor de genialidade, porque "o limão representa a pureza da virgem e, **rodeado de cebola,** adquire o calor não do amor, mas do real". A goiabeira verde, como qualquer outra árvore, é, segundo a mesma concepção, "a beleza natural da moça sertaneja, sem sofisticação".

Até aí, dentro desse campo imenso das hipóteses e dos vôos metafóricos ,os "gênios" se salvam, mas se perdem totalmente quando afirmam que a mesma árvore toma caracteres divinais ao enfeitar-se de ceroulas, que o Poeta teria aplicado no sentido de virtudes. Por fim, a **dentadura de pau** assumiria a função da linguagem do amor platônico.

"Eu só gosto dessa moça
Porque tem vegetação...
Porteira de pau-a-pique,
Três pneu de caminhão,
Rabo de jumenta russa
E haja chuva no Sertão".

"Eu sou açude corrente
Dentro da mata bravia,
Gramática azul, beiçuda,
Queijo de leite de jia,
Rincho de burra cardan
E haja festa na Bahia".

Os dois sextetos acima, despidos de qualquer substância poética e igualmente desnudos de mensagem, escapando, tão somente, pelo absoluto rigor da metrificação resistível à mais exigente análise, estão sendo en-

carados, na concepção da mini-literatura que parece tomar corpo entre as novas escolas poéticas, como "excelente roteiro".

É que o homem, o homem que faz arte, na sua incansável e penosa busca do desconhecido, da originalidade, vem empreendendo desesperados vôos, numa triste desorientação, como consequência, talvez, de uma certa decadência do sistema social estabelecido entre os povos latino-americanos. E todas essas aventuras artísticas que se fazem nos campos da poesia, da pintura e da música, refletem, sem sombras de dúvida, a angústia do Século.

Não obstante haja algo de positivo nesses saltos de arte, especialmente no que concerne à poesia, não se pode negar que está havendo um certo abuso, ou um abuso certo, por parte dos poetas modernistas que dificilmente sabem interpretar, com honestidade, o que escrevem. É a degenerescência artística se fazendo sinônimo de talento, na era da mediocridade satisfeita.

Vejamos, como exemplo dessa inconsciência literária, o poema intitulado "Terceira Tentativa de Poema Surrealista", inserido no suplemento literário de um jornal de Belo Horizonte, trazendo a assinatura de J. J. Bandeira:

"Caminho de madeira,
Madeira de caminho,
Sombra de cinza,
Cinza de sombra.

Caminho
Madeira
Madeira
Caminho
Cinza
Sombra
Sombra
Cinza

Depois ou antes ?
Antes ou depois ?
Agora ?
Sempre ?

Ruptura de vozes,
Vozes caladas,
Vozes furadas,
Caladas vozes,
Furadas vozes.

Gaúchos, rosa, pedra,
Bolhas de sabão,
Sabão de bolhas
Que a gente compra.
Por quanto ?
Por quê ?
Pra quê ?
Como ?
O quê ?

Quê ?
É sempre ?
É nunca ?
É jamais ?
É já ?
É sempre ?
Sempre ou nunca ?
É não ?
É ?
É ?

É, sr. J. J. Bandeira, é mesmo. É. É disenteria mental das violentas, graças a Deus não transmissível.

Já o sr. Indalécio Coêlho publica, heroicamente, em destacada página do jornal Artes, de São Paulo, este "Sentimento de um Poeta Surrealista Perdido na Garoa":

"Porém eu parei,
Como o barro parou,
Como a égua pariu.
Trem é trem.
Beijo que faz luar gelatinado como o diabo...
Amantes de pedra,
Raios que voltam,
Que voltam,
Que voltam,
Indo,
Indo,
Inviezadamente quadrados.

Raios que ficam,
Contratempo,
Cor incolor,
Rastos no vento.
Trem é trem
(História, papo, rato, sargaços,
Bandolins quebrados, a gota...)

Os olhos da loura
(Meus Deus, os olhos da loura !)
Os cabelos da negra,
Os braços do mar que fazem
Do estômago cérebro.
Eu quero a moça loura,
Já que a negra lascou-se e fugiu
Levando meus sonhos, meus sentidos,
Meus cabelos, meus sapatos.

Ciclones que esmago,
Garoa madura
Na tarde do fim de qualquer coisa.
Amo,
Quero,
Escuto,
Vejo,
Sinto,
Acaricio,

Como
Não a negra,
Mas a garoa madura,
Escuto garoa madura,
Machuco garoa madura,
Garoa madura, garoa madura, garoa
Positivamente.
É melhor dar pra puta e fazer vida no mangue
Do Rio de Janeiro".

Estou de acordo com o surrealista bandeirante: "É melhor dar pra puta e fazer vida no mangue do Rio de Janeiro", do que enveredar melancolicamente por caminhos de tão lamentável prostituição literária. Ainda bem que ele admite que parou, "como o barro parou, como a égua pariu". Antes assim, sr. Indalécio Coêlho. Melhor do que continuar "indo inviezadamente quadrado", pois andar assim deve ser bastante perigoso.

O mal é da época. Poemas desta dimensão recitam-se com insistência nas rodas da nova geração de intelectuais brasileiros, burgueses que, à força do cifrão, tornam-se poetas do dia para a noite e passam a ocupar os suplementos com as suas "geniais" produções. E são "entendidos" pelos entendidos. E são elogiados pelas cúpulas. E são prodigamente adjetivados por quantos não têm a devida coragem de dizer que não entendem. E são plenamente aceitos por aqueles que têm medo de, ao menos, deixar transparecer indiferença ou repulsa por semelhantes aberrações.

As produções dos srs. J. J. Bandeira e Indalécio Coêlho são a imagem viva do surrealismo na poética brasileira, o desabafo de uma gente que daria muito maior contribuição à literatura nacional, se fosse para o campo cuidar da nossa agricultura, tão problemática, tão carente de braços fortes.

Uma coisa é procurar incrementar cores novas no cenário da poesia e outra coisa é ultrajar a Arte, em nome de uma escola livre, derramando-se sobre o papel uma porção de palavras sem sentido, sem concatenação, sem sentimento.

O mais grave que há nessa pseudo-poesia não é o fato de o leitor apenas deixar de sentir a mensagem, mas o próprio autor não compreender o que escreveu e procurar demonstrar que está seguro do que fez, esbanjando explicações que ele mesmo, no fundo, não entende e nem aceita, perdendo-se em cada tentativa de interpretação

O comportamento poético de Manuel José de Lima, tido como um dos lídimos representantes do surrealismo em João Pessoa, eloquentemente atesta esse estado de inconsciência literária. Costuma dizer, ao se apresentar: "Sou o poeta Manuel José de Lima; Manuel Caixa Dágua; na Paraíba só quem anda de branco somos eu, José Américo e Renato Ribeiro, mas Renato é só industrial e eu e José Américo somos grandes intelectuais". Seus poemas são recitados nas rodas da capital, onde é querido e profundamente popular, apesar de, por falta de dispositivos econômicos, não haver, ainda, aparecido nos suplementos, ao lado dos seus colegas J. J. Bandeira e Indalécio Coêlho. Um dos mais famosos poemas do surrealista paraibano:

"CAMINHO PERDIDO

Se as noites envelhecessem,
se os meus olhos cegassem,
se as fantasmas danças
para que me ensinassem o caminho
em blocos de neve
por onde eu caminhei.
A cidade sem porta,
as ruas brancas de
minha infância
que não voltam mais.
Se minha mãe se abruma,
se o mar geme,
se os mortos não voltam mais,
se as matas silenciosas
não recebem visitas,

se as folhas caem,
se os navios param,
se o vento Norte
apagou a lanterna,
eu tinha nas minhas mãos somente sonhos,
eu tinha nas minhas mãos somente sonhos"

Entrevistado pelo jornal O Norte, Evandro Nóbrega perguntou ao poeta o que viria a ser isso de "se minha mãe se abruma". Manuel Caixa Dágua respondeu, na sua autenticidade surrealista:

— Ora, rapaz, isso é negócio de mãe mesmo!

Outra mostra da poética surrealista oferece-nos Antônio Almeida, o popularíssimo Breu Com Cola, de Campina Grande:

"Caboclo, tira uma loa,
Cê-a-cá-gê-rê-cê-rão.
Tira, taras e tarão,
Guage, guage, guage - ganga,
Cunquinheró coque-canga,
Unca caixa marumbeta,
E teró, toró tombeta,
Bacharel, bacharelama".

O que se observa no atual panorama literário do Brasil é mera confusão: as vocações mais legítimas sendo marginalizadas, as mediocridades brilhando como sóis, sob a proteção ignominiosa das "igrejinhas", ou das "panelinhas", em termos nordestinos. O que se observa é, enfim, um Céu nublado, uma paisagem pobre de cores, pobre de tudo, porque os seus pintores nem se entendem a eles próprios, nem se deixam ser entendidos. Isto foi o que pude constatar durante uma reunião do Grêmio Literário Joaquim Nabuco, entidade recifense de vida efêmera, que funcionou nos idos de 1956.

Um poeta futurista foi à tribuna para recitar sua mais recente produção. O poema, "sui-gêneris", "novíssimo", suscitou o interesse geral dos gremistas que passaram a analisá-lo com simpatia, fé e esperança. Após

a declamação, o autor pediu aos colegas que interpretassem a mensagem, permanecendo na tribuna para a sustentação do diálogo. Pela ordem, um crítico literário levantou-se e fez, rápido, a sua apreciação:

— Acho que o nobre poeta pintou, com as cores mais reais, o sofrimento da classe média brasileira nos dias atuais.

O poeta aceitou integralmente a opinião. Outro gremista, logo em seguida, bastante compenetrado, cônscio de sua responsabilidade no julgamento, sentenciou:

— Nunca vi nada mais bem escrito do que este poema em que o ilustre colega transporta-nos ao Cais de José Mariano.

O poeta aceitou a segunda opinião. Uma poetisa das mais discutidas do Recife deduziu o pensamento do poema nestas palavras:

— Uma viagem ao Desconhecido!

O autor aceitou a terceira opinião. Finalmente, o alagoano Alcoforado de Pereira, poeta de grande merecimento e bom tribuno, que alisava os bancos da Faculdade de Direito do Recife, solicitou um aparte e, aproveitando-se da inabilidade do presidente do Grêmio, uma proeminente figura da imprensa recifense, conseguiu ir até à tribuna. Com sua ironia que chega a transcender, proferiu longo discurso, entre acadêmico e condoreiro, fazendo mudar inteiramente a opinião dos três críticos. Mostrou o orador que o poema não traduzia "o sofrimento da classe média nos dias atuais", nem transportava ninguém "ao Cais de José Mariano", nem, tampouco, significava nenhuma "viagem ao Desconhecido". E, lançando mão de todos os recursos de sua oratória, Alcoforado de Pereira fez "esclarecer" o poema, afirmando que se tratava de um "Ciclone em Bemol Sustenido".

O autor concordou com a opinião de Alcoforado e aceitou, inclusive, a sugestão do orador no sentido de mudar o título da peça, que era "Felicidade Tríplice" e passou a ser, a partir daquele momento, "Ciclone em Bemol Sustenido". E não foi só o autor da obra, sr. José Jorge Brandão, mas toda a casa, incluindo-se os

três críticos, aceitou, com ligeiras e sutis discrepâncias, a argumentação do orador. Porém, entre todas as pessoas que acompanhavam os debates, apenas eu sabia que, detentor de uma notável habilidade parlamentar e aplicando, em seu discurso, idênticas dosagens de eloquência e ironia, o poeta Alcoforado de Pereira estava ali tão somente levando todos os gremistas ao ridículo, sem a piedade mínima. Provou, com uma clareza meridiana, que todos, principalmente os críticos e o próprio autor do poema, não haviam sentido nem compreendido a mensagem.

Uma semana depois, surpreendi-me com a publicação, no suplemento domingueiro do Correio do Povo, do "Ciclone em Bemol Sustenido", com uma amável dedicatória a Alcoforado de Pereira. Salvo engano, o "ciclone" começava assim:

"O vento estrangulou-se
Com os seus próprios dedos
E os cavalos de prata
Tinham patas de brisa,
Enquanto as bestas de ágata
Eram também feitas de chuva e de nada.
Um deserto danado..."

Na mesma época, intelectuais adeptos do movimento poético apimentado do Recife — mistura de futurismo e surrealismo — reuniam-se, em número de quinze, invariavelmente todas as noites, a partir das vinte e três horas, sentados à sapata de cimento que margeia o Rio Capibaribe, e, numa justa homenagem à Rua da Aurora, recepcionavam o sol. Passavam a madrugada toda "analisando poemas".

O folclorista Josy Santiago, paraibano de quatro costados, o poeta Alcoforado de Pereira e eu, resolvemos, certo dia, mostrar àquela plêiade de belletristas que a poesia tão em voga era plenamente infundada. E começamos o trabalho. Compuzemos, conjuntamente, uma espécie de "Ciclone em Bemol Sustenido", datilografamos, abaixo, o nome de Carlos Drumond de Andrade,

e, numa madrugada de sábado, chegamos à tertúlia. Lá estavam os quinze estudiosos da poesia, mergulhados em altas análises. A conversação foi interrompida por Josy Santiago:

— Resolvemos, nós três, aderir ao futurismo. O motivo da nossa adesão não poderia ser outro, senão este divino poema de Drumond.

Entregou a cópia ao líder do grupo, poeta Frederico Frota, e este leu em voz alta. A vibração foi geral:

— Grande !
— Magnífico !
— Estupendo !
— Genial !
— Divino !
— É a obra-primeira do autor...

Deixamos os "analistas" entregues a uma felicidade coletiva. As cópias sucederam-se, no dia posterior. O grupo todo colocou na memória o "grande" poema que se intitulava "Que Será das Rosas de Vento?":

"Cavalguei o vulcão de Paulo Afonso.
Engoli os Andes e o Everest das tardes
Sorvi o último grão de areia dos gabinetes...
Palmilhei veredas de fogo, conquanto verdes,
E devastei os subterrâneos pensamentos das
Florestas do beijo incolor que foi quase nosso.
— Quem viu minhas sandálias no Saara?"

Trinta dias depois, voltamos a nos reunir com os pupilos do sr. Carlos Drumond de Andrade, para confessar a brincadeira. Ganhamos quinze inimigos.

O sr. Hugo Bellard, que na observação do poeta Machado Bittencourtt é um dos mais sóbrios surrealistas brasileiros, tem, no poema abaixo, o seu momento mais lúcido:

"As fezes do cavalo na calçada
E o coração a trepidar nos ares,

Ovários retalhados e espremidos
Nas geratrizes, milagrosas ânsias...
— O pássaro voou? Quebrou-se a voz?
Renasce a natureza triangular,
Quero parir idéias multiformes
Pela ponta dos dedos calejados,
Tesouros escondidos no intestino
A borbulhar pela ilharga do orbe,
Serão nuvens as idéias tão ligeiras
Ou loucuras bailando neste crâneo?"

O que mais se estranha no poema não são os "ovários retalhados e espremidos", nem "as fezes do cavalo na calçada", mas aquele "coração a trepidar nos ares". Coitadinho! O pior é que a gente não sabe se o trepidante coração é o do cavalo ou o de Bellard.

Enquanto o surrealista carioca contempla "fezes de cavalo na calçada", cria uma "natureza triangular" e deseja parir, seja o que for, pelas pontas dos dedos, o sr. Arnaldo Tobias, no seu "Soneto em uma Agenda de Amor e Mar" (suplemento literário do Diário de Pernambuco de 15/1/67), dá conta de um

"Navio abortando janeiros,
sorriso embora,
e fevereiro indeciso
comia os ventos e o roteiro".

Será que José Limeira produziu alguma coisa mais absurda do que um "navio abortando janeiros e fevereiro indeciso comia os ventos e o roteiro"?

O Jornal do Commércio, de 19 de março de 1967, inseriu, em seu suplemento literário, uma mostra do "mais novo ramo da poética surrealista", a Poesia de Muro. Trata-se do poema "O Sapo", de que é co-autor o sr. Anthístenis Pinto, da Equipe de Poetas Amazonenses (eles agora estão escrevendo em equipe — deve ser mais prático):

"Em cada pulo
mais parece um relógio
dentro de um burro,
no entanto é um bicho
que tanto chia como
engole o chiado..."

Comentando o hipotético fenômeno (um relógio dentro de um burro), não sei se foi Noaldo Dantas que observou:

— Deve ser fortíssimo!

— O relógio? — Indaguei.

— Não, o burro. Foi o primeiro quadrúpede que ouvi falar pudesse comer metal.

Um crítico escrupuloso diria que se trata de uma charada, embora desse as pedras e não anunciasse o conceito

Vamos ser honestos: diante da aridez e da ininteligibilidade do trabalho da Equipe de Poetas Amazonenses, sem qualquer encanto, sem nenhuma mensagem, é preferível ouvir o Poeta do Absurdo, no absurdo do seu canto sentido, até certo ponto perceptível:

"Eu me chamo Zé Limeira,
Cantador velho boeme,
Só gosto de duas coisa:
Vida boa e muié feme...
Ainda o ano passado
Fui pai dum casá de geme".

Ou, então, este canto ingênuo e telúrico:

"Não deixo a minha rocinha
Pelas festança da praça ...
Cavalo magro não corre,
Cachorro doido não caça ...
Conheço o pai do menino
Pela barguia da calça".

Esta poesia crioula, por suas modulações naturais, pela sutil musicalidade de que se reveste, soa mais suavemente nos tímpamos populares. E, em verdade, comparando-a com o futurismo em tela, com toda aquela sua inextricabilidade, chega a ser um acalanto.

Em se tratando de coisas inextricáveis, nada mais vigoroso do que a composição que o Jornal do Commércio inseriu em seu suplemento literário (16/4/67), de autoria do sr. Marcos Vinicius de Andrade, intitulada "Missa":

"a)

o sino, o silêncio
o dão e o dim
repicam missa à messe

moça acorda / corre
mulher acorre
correm véus (vôo)
e vida

e lida — luta — luto
e tudo e tanto:
clerical e claustro
à custo a missa

b)

pão e vinho — vão e pinho
Cristo na cruz acre e cru
cruzado corpo, corpocruz
— luz ?
tilintam os tlins o tilintar
fim

c)

missa acaba e volta a messe
a cruz, os braços cruzados".

Fiquei "na missa", valendo-me da gíria popular.

Teça-se, agora, um paralelo entre a "missa" transcrita e a que abaixo se transcreve, de Zé Limeira:

"Ô mestre, os donos da casa
Tão pedindo a tu e a mim
Pra se cantá uma missa
Com três palavra em latim:
Quinca, quincó, melengonço,
Goguenso, quincoloquim".

Surpreende esse desencontro: quando os sacerdotes passaram a celebrar a Missa em português, para não mais "perder o seu latim", uma vez que os fiéis ficavam sempre "na missa", os poetas começaram a complicar o Santo Sacrifício. O cantador fala em:

"Quinca, quincó, melengonço,
Goguenso, quincoloquim";

o vate pessoense parece querer ir mais longe

"...o dão e o dim...
Cristo na cruz acre e cru
cruzado corpo, corpocruz...
tilintam os tlins..."

Um julgamento imparcial colocaria as duas "missas" num só altar: são configurações estróficas análogas, justapostas, deixando, ambas, o leitor com uma só interrogação. Ora, o "melengonço" de Limeira está para o "dim" do sr. Marcos Vinicius, assim como o "corpocruz" deste está para o "goguenso" daquele. De resto, estes inauditos vocábulos "quincoloquim", de Limeira, e "tlins", do sr. Marcos Vinícius de Andrade, induzem a gente ledora à conclusão lógica: as duas "missas" não estão muito "católicas".

E o que dizer do poema com o qual o financista e "poeta" Milani Ferrara conquistou o primeiro prêmio de um concurso de poesia futurista em São Paulo? Abai-

xo, "ipse literis", transcreve-se do jornal "Artes", da capital econômica do Brasil — edição dominical de 12/1/69:

Canção para o menino Paulo

Menino Paulo, menino Paulo,
Não és mais o menino Paulo,
Simplesmente uma cruz no cinema
Ou no Cemitério do Braz.

O que foste, menino Paulo,
Além do fenômeno biológico:
Vísceras, moléculas, minérios,
Carbono, montanha, fogo, brasa,
Ferros, ossos, bondes, carroças, fraldas,
Grito na madrugada aviatória na cara.

Agora és um anjinho,
Um anjo
Ou um anjão.

Menino Paulo, menino Paulo,
E agora, menino Paulo ?
Tás lascado mesmo?"

Uma nota breve, da redação, indicando que houve polêmica em torno do pobre menino Paulo:

"Que o sr. João Cardoso queira ou não queira, é assim que se fala de anjo. A colocação do poeta Milani Ferrara como primeiro lugar, foi, sem tirar nem por, justa. E é bom que os demais inconformados saibam que no Brasil ninguém ainda conseguiu fazer poesia sobre anjo com tanta sensibilidade".

Na minha opinião, sem desmerecer a crítica bandeirante, quem sabe fazer poesia sobre anjo é a poetisa Miriam Asfóra, de Campina Grande:

"**Canção para um certo menino**

"Durma, durma, meu anjinho,
para despertar no Céu...

Lá onde foi sua casa
existe um homem chorando
com saudades de você.

No seu bercinho vazio
paira o sussurro de um beijo
de uma mulher que lhe vê.

Durma, durma, meu anjinho,
para despertar no Céu ...

Quando você acordar
com o balanço das núvens
e sentir o Deus Menino
segurar em suas mãos,
peça a Ele num sorriso
que lhe deixe vir à Terra
para enxugar os olhinhos
de seis anjos, seus irmãos.

Durma, durma, meu anjinho,
para despertar no Céu ...

Você vai viver brincando
por entre núvens e estrelas,
vai correr pelo arco-íris,
mergulhar os pés em luz;
vai colher flores marinhas
nas águas verdes do tempo,
vai brincar de esconde-esconde
com o Menino Jesus.

Mas quando for noite escura
desça do Céu, anjo lindo,
e entre bem de mansinho
onde outrora foi seu lar
e cante a canção mais linda.
baixinho, muito baixinho,
pois só o seu acalanto
fará seu pai repousar".

Mas, bem diz o sertanejo que onde cabe um, cabe dois: na mesma página em que se publicou a "Canção para o menino Paulo", publicou-se o poema "Marta", do mesmo homem de letras (de câmbio), de idênticos conteúdo e forma:

"Marta, bocado de
substâncias plásmicas,
além de brincos, meias,
sutians, sapatos e outras
peças que não devo dizer.
Marta, que nas alvoradas orgiacas
dos cabarés,
não sabe, ela mesma,
se é ela ou um
metrô.
Marta, vagabunda de
terceira categoria,
com duas pontes
nos olhos e várias
macacas no coração,
bondes nos dedos,
elefantes na alma
e parafusos nos joelhos.
Será que alguém dirá
melhor sobre ti,
Marta da noite ?"

O poeta Francisco Maria Filho, de Campina Grande, é a melhor resposta à indagação do financista bandeirante, com o seu poema também intitulado "Marta", transcrito da Coletânea de Autores Campinenses:

"Marta morena,
Marta sem nome,
Que a vida consome
Em noites do cais.
Marta das mãos
Nervosas e frias,
As faces macias

Perderam o calor.
Marta tão meiga,
Marta tão calma,
Perdeste tua alma
No jogo do amor.
Marta criança,
Marta pecado,
Teu corpo delgado
O vício acabou".

Interessante é que os Indalécios, os J. J. Bandeiras e os Ferraras têm José Limeira em conta de seguidor de sua escola, no que estão integralmente equivocados. Eles, sim, é que podem estar querendo seguir o pássaro do Teixeira, considerando-se que o movimento que integram surgiu, no Brasil, muito depois do desaparecimento físico do Poeta.

Ora, se o cantador mal assinava o nome, nunca abriu um livro nem jamais manteve contato algum com essa gente, como situá-lo na qualidade de seguidor? Seguir a quem? Por qual telepático ou misterioso processo, se Zé Limeira, telùricamente preso a uma região selvagem, adstrito ao campo da mentalidade mais retrógrada possível, jamais poderia ter aspirado, nem de leve, trocar a felicidade de sua viola pelas vicissitudes de uma caneta inatingível?

Não se pode duvidar, evidentemente, que sua estapafúrdia poesia contenha fagulhas de surrealismo, ou que seja ela, literalmente, o próprio surrealismo musicalizado e menos hermético, até certo ponto aceitável, que teria o Poeta criado inconscientemente. Mas isto não se pode asseverar, porque não se empreendeu, até agora, uma pesquisa de profundidade que mostrasse o **porquê** do seu singular comportamento poético. Seria um estudo sério que envolvesse, em cheio, a psicologia, e, enveredando pela psicopatologia, dentro do ângulo sociológico do Poeta, atingisse fundamente a sua alma, até chegar à razão do seu acentuado psitacismo. Sem a devida autoridade no complexo assunto, o que se pode dizer, sem se arriscar à leviandade, é que Limeira está muito

acima desse movimento e que sua poesia será objeto de estudos sociológicos, psicopatológicos e etimológicos, porque, queiram ou não, é uma poesia verdadeiramente revolucionária que medrou em um sertão de macambiras e vaqueiros. Sei o um néscio, foi, diga-se de passagem, um neólogo inœnito, portador de estranha idiossincrasia.

Em verdade, Jos. Limeira fez-se estilo. Plantou no Nordeste uma semente que prolifera nos campos da comunicação, eternizando-se no processo de sua continuidade. Deixou fincadas na paisagem nordestina as raizes da árvore fantástica da loucura, adequadamente na era em que a loucura se renova nas mais diversificadas formas de arte, que, sob o rótulo de "artes plásticas", apura-se na poesia, na música e na pintura, ultrajando a Arte, prostituindo mentalidades.

Zé Limeira é estilo. Renova-se, renasce em cada verso louco que se há composto na Paraíba e alhures, à guisa de originalidade. Nota-se a poesia alimeirando-se, saltando do popular para o hermético e se plantando no branco dos suplementos literários, sob a égide de um futurismo que não tem futuro.

Na Paraíba é sensível a presença do Poeta do Absurdo, refletindo-se, por exemplo, no poeta Stilong Wanzeck, a quem se atribui a autoria dos sonetos:

"OS TRÊS PODÊRES

Quatro vacas brincavam no quintal,
Cinco burros dançavam no terreiro,
Dez navios, no Rio de Janeiro,
Navegavam pensando em Portugal.

Recordando a viagem de Cabral,
De Lumumba, Kruchove e Mubutu,
Iracema banhar-se no Ipu,
Não pensava morrer de morte tal.

Lá nas margens do velho Rio Doce,
Um macaco tarado deu um coice
E Getúlio atirou no coração.

E Kruchove dizia a Salazar:
Nós agora podemos processar
Virgulino Ferreira — Lampião".

"JUMENTO CARNAVALESCO

O jumento ciscava no quintal
Procurando pedaços de xerém.
Ao comer o xerém, não se deu bem,
Como não se deu bem, sentiu-se mal.

Lá por fora passava o carnaval
E o jumento correu, dando sopapo.
O xerém quis inchar dentro do papo,
E ele disse, bem alto, ao pessoal:

Comi uma comida e me ofendeu.
Ensinem-me um remédio para eu
Ficar bom da doença, que eu tomo.

Ensinaram a saúde das mulheres,
O jumento tomou trinta colheres,
Vomitou o xerém para o Rei Momo".

"VIDA HODIERNA

Um velhinho bem velho, um ancião,
Fez de palha uma cama de aroeira.
Escorou-se na ponta dum ferrão
E deitou-se na verde capoeira.

De repente chegou-lhe uma soneira
E o pobre velhinho adormeceu.
Acordou-se nos braços de Morfeu,
Novamente dormiu a noite inteira.

Lá por fora cantava um passarinho
E na cama gemia. Era o velhinho:
Quem eu era? Quem fui? Quem diabo sou?

Quem me dera uma pitada de rapé!
— Um mosquito lambia um jacaré
E um soldado prendia um jigolô".

Outra manifestação da influência limeiriana é esta décima que Raymundo Asfóra recolheu no meio do povo, não identificando a autoria e batisando como "Limeirada":

"Um sujeito chegou no cais do porto
E pediu um emprego de alfaiate.
Misturou cinturão com abacate
E depois descobriu que estava morto.
Ligou seu rádio no fucim de um porco
E afogou-se num chá de erva cidreira,
Requereu um diploma de parteira
E tocou numa ópera de sinos...
Eram mãos de dezoito mil meninos
E não sei quantos pés de bananeira"

A Prefeitura da cidade de Natal, no período administrativo do sr. Agnelo Alves, editou, sob a epígrafe de "Poesia Concreta Dez Anos", uma coletânea de autores concretistas, dentro do Plano de Extensão Cultural, cujos poemas, classificados pelo poeta João Mendes da Cunha como "masturbações intelectuais", são abaixo transcritos sob o mais absoluto respeito aos mínimos detalhes gráficos:

"ra terra ter
rat erra ter
rate rra ter
rater ra ter
raterr a ter
raterra terr
araterra ter
raraterra te
rraraterra t
erraraterra
terraraterra".

décio pignatari

"beba coca cola
babe cola

beba cola
babe cola caco

caco
cola

cloaca".

décio pignatari

"com can
som tem

com tem tam
têm são bem

tom sem
bem som".

augusto de campos

"branco branco branco branco
vermelho
estanco vermelho
espelho vermelho
estanco branco".

haroldo de campos

"S O L I D A
S O L I D Ã O
S O
L I D A
S O L
S A
I D
O
D A
L I D A
D
O
D
I A"

wlademir dias pino

"V V V V V V V V V V
V V V V V V V V V E
V V V V V V V V E L
V V V V V V V E L O
V V V V V V E L O C
V V V V V E L O C I
V V V V E L O C I D
V V V E L O C I D A
V V E L O C I D A D
V E L O C I D A D E"

ronaldo azevedo

"poema
poema
poema
poema
poema
poema
pó
e
mó"

edgar braga

"1
2 2
3 3 3
4 4 4 4
c i n c o"

josé lino grunewald

"INFINITIVO"

"amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar
amar"

nei leandro de castro

"C I D A D E
I L O R A S
L H M M T C
A A A A A A
D D D D D D
A A A A A A"

dailor varela

"quarta operação fundamental
e u
d
i
v
i
d
i
d
o
sou quociente de mim
e só"

joão bosco de almeida

marinha concreta

"lentamente corre o frio

no mar tírio e azul
rio azul
mar azul
ar sul
(frio)"

anchieta fernandes

Orlando Tejo

Navegrama para Valentina Terechkova

"E (n) volta
astro nave
giras sol
gira
só Valentina
gaivo ta
es
p aço
azul girasSOL
VIa ja
É ter
ValenTI na
COr ação
mundo"

Luis Carlos Guimarães

Quanta pobreza verifica-se na atual paisagem poética do Rio Grande do Norte, terra de tão soberbas tradições literárias ! Não chega a ser propriamente pobreza, porque o que se registra é a miserabilidade intelectual, quase um desmentido à História. Mas as musas não abandonaram por completo a terra potiguar. Ainda pontificam Otoniel Menezes, Renato Caldas e Antônio Mangabeira, na preservação da boa poesia de Nizia Floresta, Auta de Souza, Segundo Wanderley, Palmira Wanderley e Ghotardo Neto.

E, como se a trindade não bastasse para perpetuar o panorama, em Mossoró desponta uma alvorada de poesia na figura adolescente de Janiro Costa Rêgo, a quem está reservado um lugar de destaque no cenário das letras nacionais. Do talento deste mossoroense de dezesseis anos, jorram, improvisadamente, sonetos assim:

Modorra, um misto de preguiça e sono...
Sozinho, a espreguiçar-me sobre a areia,
Sonho um perfil longínquo de sereia
Na suave sensação deste abandono!

E penso se de ti sou mesmo o dono
E, enquanto a brisa sobre mim passeia,
Sinto-te a percorrer, veia por veia,
Todo o meu organismo de carbono!

Chora, aos meus pés, o manso mar de Olinda!
O corpo, lasso, entrega-se à madorna...
A alma absorve a tua imagem linda...

Desperto! E agora a solidão retorna!
E eu, absorto, busco em vão, ainda,
Teu corpo em flor por esta areia morna..."

O sr. Washington Samargo, com muita justiça visto pela crítica das Alterosas como o "artista do concreto", deveria, ao lado dos seus colegas da **poesia concreta dez anos**, ajudar no desenvolvimento do Brasil, carregando concreto para as construções. Assim construiria alguma coisa de concreto. Diz, no seu poema "A Cópula", o sr. Samargo:

"Ai, aí não, meu amor
" " " "
" " "
" "
"
"
"
"
.
."

É essa a literatura dominante na época em que o homem conquista a Lua. Mas a doença não é nova e nem é nossa. É importada e remonta há quase meio século no Velho Mundo.

Corrobora com estas assertivas o seguinte trecho do livro "Gog", do escritor italiano Giovani Papini, numa tradução do professor **Humberto Melo:**

"**Renunciei, desde algum tempo, a todas as minhas atividades de direção e participação em indústrias, para comprar a coisa mais cara — em sentido econômico e moral — do mundo: a liberdade. Um luxo que não está hoje nem mesmo ao alcance de um simples milionário. Suponho que sou um dos, aproximadamente, cinco ou seis homens livres que vivem na Terra.**

Mas quando alguém se entregou, durante tantos anos, ao vício dos negócios, é quase impossível fugir de uma recaída. Deu-me na veneta, no ano passado, criar uma pequena indústria, só para subtrair-me às tentações de voltar a ocupar das grandes e pesadas. Queria que fosse absolutamente nova e que não requeresse demasiado capital.

Lembrei-me, então, da poesia. Esta espécie de ópio verbal, ministrado em pequenas doses de linhas numeradas, não é, decerto, um artigo de primeira necessidade, mas, o fato é que muitos homens não conseguem passar sem ela. Ninguém, contudo, pensou em organizar, de um modo racional, a fabricação de versos. Foi sempre abandonada aos caprichos da anarquia pessoal. A razão dessa negligência reside, provavelmente, no fato de que uma indústria poética, embora florescente, proporcionaria utilidades bastante modestas, já pela dificuldade (não digo impossibilidade) de adoção de máquinas, já pelo escasso consumo dos produtos.

Para mim, porém, não se tratava de uma questão de lucros, mas, de curiosidade. O financiamento necessário era mínimo, os gastos de instalação quase nulos. Sabia que era preciso recorrer, para esta nova empresa, a skilled workers, mas tais indivíduos eram numerosíssimos, sobretudo na Europa. Dediquei-me a procurá-los. Observei, em muitos deles, uma estranha repulsa à

idéia de trabalhar regularmente, a soldo de um empresário. Por outro lado, não era, tampouco, necessário fazer um recrutamento demasiado amplo, tratando-se de uma simples experiência sem finalidade de lucro. Consegui contratar cinco, todos jovens, menos um, e discípulos das mais modernas escolas.

Instalei a primeira oficina em minha vila da Flórida, com dois criados negros e duas datilógrafas, fiz montar uma pequena gráfica e esperei os primeiros frutos da minha iniciativa. Os cinco poetas eram alimentados, alojados e servidos; desfrutavam de um pequeno ordenado mensal e tinham direito a uma determinada porcentagem sobre os lucros eventuais; o contrato durava um ano, mas era renovável por igual período.

Logo aos primeiros meses começaram os enjoos e as dificuldades. Um dos poetas escreveu-me que tinha necessidade de custosas drogas para inspirar-se e que seu soldo não lhe bastava. Uma das datilógrafas, a mais jovem, demitiu-se porque nenhum dos cinco trabalhadores a deixava em paz; outro poeta pediu uma pequena orquestra para favorecer a visita das musas, mas teve de se contentar com um gramofone e seis dúzias de discos; o terceiro poeta se lamentava da falta de vinho e de livros; os outros dois, segundo me escreveu a datilógrafa que ficara, não faziam mais que discutir entre si, da manhã à noite, entre nuvens de fumaça. Naturalmente, não respondi a nenhum.

Transcorridos seis meses, fiz, como estabelecia o contrato, minha primeira visita à oficina da Flórida e convoquei meus poetas, um após outro, para prestar informações. O primeiro a se apresentar na sala da diretoria foi Hyppolite Cocardasse, francês, desertor da escola Dada e pescado, naturalmente, em Montparnasse. Pequeno, moreno, calvo, provido de uma barba rebelde, todo muito lustroso, da lente dos óculos aos sapatos, parecia, mais que um poeta, um agente de polícia que acabasse de chegar de uma delegacia de província.

— O senhor nos encomendou a mim e aos meus colegas, disse, que criássemos um tipo novo, adaptado ao gosto da poesia moderna no mercado internacional.

Je me flatte d'avoir réusse au dela de vos esperances. O senhor sabe que cada língua tem sua própria musicalidade e que determinadas palavras incolores ou surdas têm uma sonoridade admirável traduzidas para outro idioma. Utilizar-se, pois, uma só língua para escrever poesia e colocar-se em condições difíceis para obter aquela variedade e riqueza musical que é o verdadeiro fim da lírica pura. Pensei, portanto, em compor meus versos elegendo, entre as principais línguas, as palavras e expressões que melhor se prestem para a realização harmônica do mistério poético. Atualmente as pessoas cultas conhecem cinco ou seis idiomas europeus, e não há perigo de não serem compreendidos. Acrescente-se que a Sociedade das Nações tomará com gosto, sob seu patrocínio, estes primeiros ensaios de poesia poliglota. Já Dante inseriu na Divina Comédia versos em latim, provençal e gíria satânica. Entretanto, ficaram quase afogados na superabundância do idioma vulgar. Eu, em troca, alterno palavras de idiomas distintos no mesmo verso e cada verso está construído com combinações do mesmo gênero. Voi Ámon point de depart et voici mes premiers essais. Jugez vous meme.

E ao dizer isto, Cocardasse me apresentou algumas laudas de grande tamanho, com um sorriso e uma deferência. O título da primeira poesia era Gesang of a perduto amour.

E li os primeiros versos:

"Beloved carinho, mein Weltschmerz
Égorge mon âme en estas soledades.
My tired heart, Raju presvétleyj
Lieber himmel, castillo de los dioses
Quaris quot durerá this fun desespere?
Drévno zizni... Tanctasa deis".

Minha ignorância linguística impediu-me de continuar. Encarei, silenciosamente, o poeta Cocardasse.

— Talvez, disse-me, não lhe pareça equânime a parte proporcional de cada língua? Contudo, na divisão, levei

em conta os séculos, o passado literário, a importância demográfica e política...

Compreendi que era inútil discutir com tal imbecil.

— Continue seu trabalho, disse-lhe, e quando findar o ano veremos até que ponto a poesia poliglota é susceptível de uma ampla venda.

Despedido Cocardasse, foi introduzido Otto Muttermann, de Stuttgart. Um monumento de dois metros de altura que há meio século baixara à Terra, não certamente para adorná-la, mas, para iluminá-la. Parecia nascido do cruzamento de um boi e de uma leoa, e sua cabeleira, ainda longa, ainda loura, e ainda despenteada como nos tempos míticos de Thor e do Sturn und Drang, era o maior de seus títulos de profissão poética. Era, além de poeta, metafísico, filósofo da História e um pouco assiriólogo; em conjunto, era um bom homem, embora seus olhos de porcelana azulada nem sempre fossem tranquilizadores. Eu lhe confiaria um milhão, mas não o receberia sem um revólver no bolso.

— Embora de pura raça germânica — começou dizendo Muttermann, com ar solene — sempre admirei o pensamento do francês Joubert, que diz exatamente assim: S'il est un homme tourmente par la maudite ambition de mettre tour un livre dans une page, toute une page dans une phrase, et cette phrase dans un mot, c'est moi. Deste pensamento fiz, para mim, um imperativo categórico. O defeito de meus compatriotas é a prolixidade, e só se pode ser grande libertando-se dos costumes da própria raça. Ainda mais, a poesia deve ser a destilação refinadíssima de uma gota de perfume concentrado de uma massa enorme de ervas e de flores. Minha vida é toda fidelidade a este programa. Aos vinte anos concebi uma epopéia lírica e filosófica que devia conter não só meu Weltanschauung, mas, em resumo, a evolução histórica da Humanidade em torno do mito central de Réa-Cibele. Aos trinta anos tinha terminado o poema, mas era demasiado longo: cinquenta mil e seiscentos versos. Foi então que descobri o profundo aforisma de Joubert. Trabalhei com o machado e com a lima: aos trinta e cinco anos, os versos não eram

mais de dez mil e o essencial estava salvo; aos quarenta anos consegui reduzí-los a quatro mil; aos quarenta e seis anos já não eram mais que dois mil e trezentos versos; aos cinquenta, quando cheguei aqui, tinha podido condensar o poema em setecentos e vinte versos, e, agora, graças à sua generosa hospitalidade, meu sonho realizou-se: minha epopéia está toda encerrada, finalmente, em uma só palavra: palavra mágica, quintessenciada, que toda a expressa e toda a abarca. Ao senhor ofereço o resultado de meus trinta anos de penoso noviciado no caminho da perfeição.

E, dizendo isto, depositou na mesa um papel. Olhei-o. No meio da página, traçada com letra elegante, havia esta palavra:

ENTDINDUNG

Nada mais. O resto da folha estava em branco. Otto Muttermann deu-se conta de minha perplexidade:

— Não acha o senhor nesta palavra, grávida de um mundo, os infinitos sentidos que resumem o sentido dos homens? Binden, atar, é o mito de Prometeu, a escravidão de Spártaco, o poder da religião (de re-ligare), os abusos dos tiranos, a redenção e a revolução. Porém, o prefixo dá o outro aspecto do drama cósmico. Entdindung é desenvolvimento e parte. É a redenção dos vínculos, é o nascimento milagroso do Deus mártir, a gestação triunfante da Humanidade libertada, enfim, dos mitos e das Leis. Aqui está compreendido o duplo alento do Deus de Protino e, ao mesmo tempo, as universais vicissitudes da História: conquista e revolução, escravidão e liberdade!

Os olhos de Mutterman começaram a disparar chispas. Achei ser mais prudente admirar sua síntese, com a secreta esperança de que uma agravação de suas manias me permitisse transportá-lo a um manicômio, legalmente.

O terceiro poeta era um uruguaio e procedia da escola ultraista. Carlos Canamaque era mocíssimo,

louríssimo e timidíssimo. Seus olhos negros de alcatrao cálido eram uma dupla surpresa naquela palidez e naquele louro.

— Eu também, disse-me, tratei de fazer algo um pouco diferente da poesia corrente. A poesia pura, em Itália e em França, tem agora a sua técnica: todo o encanto poético reside unicamente na harmonia das palavras, independentemente do sentido. Intentei redimí-la integralmente de todo significado, avançando mais além dos poetas puros, os quais conservam sempre, embora envolto em obscuridade, um resto de conteúdo emotivo ou conceitual. Aqui as palavras se associam unicamente em razão de seu valor fonético e evocativo, sem nenhum ligamento lógico que possa atenuar ou desviar o contraponto sonoro. Leia, como ensaio, este madrigal.

Não tive outro remédio senão ler:

"Lienzo, sombra, suspiro.
Amarillas, mistérios, desierto.
Huella, palabra, doliente, Tiro.
Faraón, corazon, lábios, huerto."

Minha capacidade de suportar, já posta à prova pelos outros dois poetas, vacilou ao chegar a este ponto:

— E crê, senhor Canamaque, exclamei, que haverá bastantes imbecís no mundo para dar dinheiro em troca desta ridículá mixórdia de palavras? Contratei-o para escrever poesias e não estratos de vocabulários. O senhor acredita poder enganar-me, mas aqui há motivo suficiente para rescindir o contrato. Desde hoje não pertence mais à minha empresa. Suma-se!

O pobre Canamaque baixou seus grandes olhos de carvão líquido e murmurou, tristemente:

— Assim foram sempre tratados os descobridores de novos mundos!

E saiu com dignidade, sem sequer saudar-me.

O quarto poeta que se apresentou diante de mim era um russo, um dos tantos exilados que se espalham por Europa e América, felizes de poderem posar, ao mesmo tempo, como ocidentalistas e como desterrados. O Con-

de Fédia Liubanoff teria, no máximo, trinta e cinco anos, mas a vida levada nos cafés de mônaco e de Paris o envelhecera antes do tempo. Seu rosto tinha o notório molde mongólico dos moscovitas e uma barbicha alva-cento-avermelhada dava-lhe um ar intencionalmente diabólico. Tremiam-lhe constantemente as mãos, pelo terror de uma condenação à morte não cumprida, dizia ele; pelo uso imoderado do Vodka, diziam seus amigos.

— Senhor Gog, começou, não farei longos preâmbulos. O senhor é sutil bastante para ter necessidade de comentários antecipados. Unicamente lhe recordarei uma verdade que de certo não escapou à sua inteligência. Toda poesia tem dois atores: o poeta e o leitor. O poeta sugere e alude; o leitor preenche com sua sensibilidade pessoal e suas lembranças o que o poeta simplesmente insinuou. Sem esta colaboração, a poesia é inconcebível. Um poeta que oferece mil versos para descrever uma batalha ou um crepúsculo, jamais logrará que um covarde ou um cego compreenda alguma coisa. Desde algum tempo, todavia, os poetas se deixam vencer pela superabundância; digamos que tratam de refazer ou de violentar o Eu de seus colaboradores necessários. Querem dizer demasiado e não deixam espaço para a obra do leitor, para aquela integração pessoal que constitui o maior atrativo da poesia. Os japoneses, raça genial e aristocrática, fizeram poesias de oito ou nove palavras. Ainda é muito, porém. Eu quis dar um passo mais. Eis aqui meu livro.

Era um pequeno volume encadernado em couro vermelho. Abrí-o e comecei a folheá-lo. Cada página continha, na parte superior, um título. O resto estava em branco.

— Veja, esclareceu Liubanoff, quis reduzir ao mínimo a sugestão do poeta. Cada poema meu se compõe exclusivamente do título; é um tema oferecido à meditação individual, um lá para criações múltiplas e sempre novas. Minha primeira poesia, por exemplo, se intitula Sesta do Rouxinol Abandonado. Todos os elementos para a eflorescência poética estão aí. A sesta lhe dá a estação e a hora; o rouxinol evoca toda música,

todo o amor; e esse abandonado lhe induz a tratar dos temas eternos da traição e da dor. Reflita alguns minutos sobre este título, e, pouco a pouco, surgirá em sua alma e se desenvolverá o canto maravilhoso que eu quero sugerir, de modo que cada leitor chegue a ser, realmente, graças a mim, um criador. E as criações serão tantas quantas sejam os leitores. E cada vez se poderá criar uma poesia nova que sacie e contente melhor do que o poderiam fazer as elucubrações de um estranho.

Não tive sequer forças para enfurecer-me. Reconheci lealmente que a experiência falhara, que a fábrica fora um desastre. Nem ao menos quis ver o quinto poeta.

Parti na mesma noite e, no fim do ano, todo pessoal, os poetas inclusive, foi despedido. É a primeira vez, na vida, que me falta tão vergonhosamente o faro de business. Começo, afinal, a compreender porque o velho Platão queria expulsar os poetas de sua República. Neste negócio tive uma perda líquida de setenta e dois mil dólares."

E foi exatamente a Giovanni Papini que Pablo Picasso, conhecido como o gênio das artes plásticas do Século XX, o mais genial de todos os pintores do Século, escreveu, em 1952, uma carta em que esclarece toda essa bacafusada reinante nos nossos tempos — tempo áureo da mediocridade —. É isto o que confessa o famoso pintor espanhol:

"O artista pode exercer seu talento, tentando todas as fórmulas e todos os caprichos de sua fantasia e todos os caminhos de seu charlatanismo intelectual. Na arte, o povo não encontra consolação nem exaltação, mas os requintados, os ricos, os ociosos, os distiladores de quinta-essências, nela buscam a novidade, o estranho, o original, o extravagante e o escandaloso. Eu mesmo, desde o cubismo e de muito antes, tenho contentado a todos esses críticos com todas as brincadeiras que me ocorrem e que eles mais admiram quando menos as entendem.

A força de exercer todos esses jogos, esses quebra-cabeças e esses arabescos, tornei-me célebre rapidamente.

A celebridade significa, para um pintor, vendas de quadros, fortuna, riqueza. Agora, sou, além de célebre, rico. Mas, quando fico só comigo mesmo, não posso considerar-me um artista no grande sentido que essa palavra tem.

Grandes artistas foram Giotto, Ticiano, Rembrandt e Goya. Sou apenas um brincalhão que tem compreendido seu tempo e sacado o possível da imbecilidade, da vaidade e da concupiscência de seus contemporâneos."

Esse "charlatanismo intelectual" acentua-se mais profundamente na poesia do que propriamente na pintura, porque o pecado em que incorrem esses rapazes, consiste na insistência em fabricar poesia, como se fabricam peças de cerâmica. Poesia não se faz. Poesia acontece. Acontece no poeta, um simples receptor. Inutilmente os artezãos sacrificam-se na manipulação de versos, porque estes, forjados sem o concurso da inspiração, jamais passarão de versos, versos sem poesia, sem eternidade. Fazer poesia moderna não é escrever aberrações. A poesia moderna também pode acontecer, como no poeta paraibano José Cabral Filho aconteceu a "Balada da Moça Amante", um exemplo da boa poesia desta escola, que se compreende e se sente:

"A moça tinha no leito
o corpo de madrugadas
e auroras interditadas.
E sob os olhos fechados,
premidos, em contrição,
encenações de pecados
faziam gestos de chão ...
Os silêncios que passavam
beijavam luas partidas
que a moça tinha nas mãos.
E as confissões encerradas
nos lábios da moça amante
tinham raízes plantadas
no coração dos instantes.

No tempo havia mensagens,
na noite desejos vãos,
nos abismos liquefeitos,
vazios, sem remissão ...
E a moça jazia insone,
indiferente a futuros.
Seus dedos executavam
a sinfonia dos muros,
suas mãos jogavam pedras
em preconceitos escuros ...

E as visões pressentidas
de cavalgadas estranhas
anunciaram a chegada
de gritos rasgando entranhas.
Eram as visões impossíveis,
há milênios invocadas.
As patas de mil centauros
despedaçando as estradas,
a avalanche dos medos
nas encostas escarpadas.
E a moça galgou distâncias
nas asas da escuridão.
Suas mãos cavaram fontes,
furaram a imensidão ...

Das convulsões proclamadas
nas reticências do leito,
brotaram lírios desfeitos,
abortos de solidão..."

A necessidade de outro exemplo da poesia moderna que se pode ler, arranca do seu completo anonimato o poeta Alcides de Albuquerque do Ó, da nova geração de intelectuais de Campina Grande:

"O Adeus a Minerva

Nem viva nem morta,
prostrada na vida,

ferida de morte,
arqueja no leito.
A vida lutada,
sofrida e amada.
Do inferno pro Céu.
Agora agoniza.
Relembro bondades
e mãos carinhosas.
Figura serena
de rosto feliz.
Ternura em pessoa.
Passada da luz
pro mundo das trevas.
Reluta cansada

nas mãos de ninguém.
O povo puxando
pra dentro do Nada.
Nas mãos uma vela
pegada por todos,
passagem do Além.
Na hora do tempo,
a morte sorrindo
espalha seu pranto.
Senti num instante
um nó sufocado
e em prantos gritei
o adeus a Minerva."

O poeta Gladstone Vieira Belo, integrante da chamada "Geração-65", movimento que reúne os novíssimos escritores pernambucanos, oferece, com o seu poema "As Garras", a chave de ouro com que se fecha este capítulo. A mensagem, no seu hermetismo e na coloração do equilíbrio poético, é uma realidade dentro da escola moderna. Toda a força do poema reside na estrutura simbólica da linguagem, com os seus mútuos operativos:

"Remover a cor lacre do objeto,
eis o presságio do Leopardo; a crina

do animal feroz na montaria
das águas em direção ao vale.
Intrépidas, suas patas tragam
a flora na superfície do lance.
São jograis de plumas equilibrados
no desmantelo dos olhos.
As pálpebras a dilatarem o sangue
no veio do grande rio, aquele
que corta o interior da linguagem
transitória nas aberturas da camisa.
Insólito, assalta as extensões
imensas do Parque, ele recobrando
em si o verbo contido, a clara
e horizontal feitura das alamedas.
Garras e músculos na relva
do fosso, as suas ancas prostradas,
escarlates, nos umbrais da tarde,
sangue nas extremidades do sonho".

O Velho Thomé de Souza

X

A espontaneidade, conquanto seja uma característica bem marcante dos poetas legítimos, nem sempre está presente em suas atividades intelectuais, a exemplo da inspiração que acompanha o poeta, ou dele subitamente afasta-se, às vezes surpreendendo-o pela prodigalidade e, por vezes, traindo-o misteriosamente, como a tímida impressão da miragem.

Diz-se, é comum, que o pintor foi feliz na construção do quadro; que o compositor foi infeliz na elaboração de sua última música; que o tribuno teve momentos felizes no seu discurso; que o poeta não foi feliz no primeiro verso, mas encontrou uma chave felicíssima para fechar o soneto. Diz-se, e em boa hora repete-se, porque a espontaneidade, que é a manifestação mais evidente da inspiração poética, ou, se quisermos, o sopro da inspiração, a exteriorização nítida, forte e imediada do sentido sensorial que nunca abandonou Zé Limeira, pode ser traduzida como a felicidade artística. É um re-

flexo sincero do estado espiritual do artista, impressionantemente oscilante, que, no caso dos repentistas, tanto pode anulá-los momentaneamente, como, num rompante inesperado, pode conduzí-los à glória, de um momento para outro.

Poetas há, raríssimos embora, cuja obra é integralmente consagrada pelas gerações, ou em parte eterniza-se pela sucessão das reedições. Aqui no Brasil citar-se-iam Augusto dos Anjos, Castro Alves e Olavo Bilac, pois, em verdade, os poetas brasileiros, quase em sua totalidade, têm noventa por cento de suas produções relegadas ao esquecimento. Perde-se, mofa no silêncio das estantes tudo o que se produzir sem o sopro misterioso da inspiração, sem o toque mágico da espontaneidade. Todos eles, entretanto, ficam pela popularidade de um soneto, um poema, às vezes por uma trova, como aconteceu a Américo Falcão: "Não há tristeza no mundo / Que se compare à tristeza / Dos olhos de um moribundo / Fitando uma vela acesa"; como aconteceu a Júlio Salusses ("Os Cisnes"), Casimiro de Abreu ("Meus Oito Anos"), Hermeto Lima ("Santa"), Jorge de Lima ("Acendedor de Lampiões"), Manuel Bandeira ("A Aranha"), Gonçalves Crêspo ("A Confessada"), Mauro Mota (As Elegias"), Da Costa e Silva ("Saudade"), Raul de Leoni ("Ingratidão"), Zé da Luz ("A Cacimba"), Menothi del Pichia ("Juca Mulato"), Carlos Dias Fernandes ("Miriam"), Raul Machado ("Estela"), Machado de Assis ("A Carolina"), Raimundo Correia ("Mal Secreto"), Coêlho Neto ("Ser Mãe"), Afonso Celso ("Anjo Enfermo"), Padre Antonio Thomaz ("A Meretriz"), Giuseppe Guiarone ("Dia das Mães"), Rogaciano Leite ("Os Trabalhadores"), Jansen Filho ("Copacabana"), Alceu Walmosy ("Duas Almas"), Guimarães Passos ("Teu Lenço"), Ascenso Ferreira ("Perna Pru Ar"), Silvino Olavo ("Trem de Cana"), Leonel Coêlho ("Nua"), Luiz Guimarães ("Visita à casa Paterna").

O fenômeno, entrementes, não está adstrito ao campo poético. Um orador que haja pronunciado centenas de discursos, poderá tornar-se célebre pela grandeza de

uma frase, como um escritor fica presente na memória coletiva por força de um conceito.

Com relação aos repentistas ocorre o mesmo fenômeno. Celebrizam-se, pela tradição oral, com uma sextilha improvisada com espontaneidade.

Essa espontaneidade que disse, por intermédio de Canhotinho:

"Doce como os versos teus
Só o mel do uruçu,
A água do coco verde,
A flor do mandacaru,
O riso de uma criança
E o canto do irapuru".

essa espontaneidade que tocou o pensamento de Apolônio Cardoso:

"Se eu fosse o Presidente
Desta nacionalidade,
Mandava erguer uma estátua
Bem no centro da cidade,
De Canhotinho apontando
Os erros da humanidade";

que fez Palmeira Guimarães, o maior glosador que a Paraíba conhece, improvisar, numa rapidez de relâmpago:

"No meu tempo de criança
Às seis horas despertava,
Quando um aleijado passava
Na sua pisada mansa...
Cresci, perdi a esperança
De perna-de-pau voltar...
Ainda hoje, ao despertar,
Sinto aquele mesmo choque:
Toque... toque... toque... toque...
Perna-de-pau vai passar";

que cintilou na alma de Cícero Bernardes, neste improviso irradiado:

"Neste programa diário
Quem canta é meu coração,
Pois toda vez que aqui canto
Deixo, com satisfação,
A minhalma retalhada
Nos "Retalhos do Sertão";

espontaneidade que iluminou o poeta Sinval Ferreira da Costa Lima, quando venceu um concurso de glosas em Campina Grande:

"Vou brincar como quem sonha
Com uma festa no Céu:
Camisa esporte, chapéu,
Calça de meia-coronha...
Comer canjica e pamonha,
Afogar as minhas dores,
Arranjar muitos amores,
Dançar quadrilha e baião...
Vou brincar o meu São João
No Clube dos Caçadores";

que em menos de um minuto imortalizou João Benedito, com este sexteto filosófico:

"Há, entre o tempo e o homem,
Contradições bem fatais:
O homem não faz, mas diz,
O tempo não diz, mas faz,
O homem não traz, nem leva,
Mas o tempo leva e traz";

espontaneidade que chispou na alma de Diniz Vitorino, para a explosão destes versos antológicos:

"Eu também fiz uma escada
Como fizeram os hebreus,

Pra chegar ao Paraíso
Com estes próprios pés meus,
Caí do último degrau,
Já vendo o rosto de Deus."

que vibrou no pinho de João Batista Sobrinho, fazendo isto:

"Os seus versos imortais,
De um dom puro e divino,
Têm a grandeza de um hino
Cantando os carnaubais...
E, deixando os palmeirais
Das serras do Maranhão,
Foi cantar sua paixão
E ouvir vaqueiro aboiando...
Catulo nasceu brilhando
Como o Luar do Sertão".

espontaneidade que celebrisou Manoel Belarmino Duarte, com esta glosa:

"Quando a gente era criança,
Que ia por um caminho,
E se encontrava um velhinho
Estranho na vizinhança,
Com a voz tranquila e mansa
Dizia: bença, seu Zé!
E ele, na mesma fé,
Dizia: Deus te abençôe...
Veja o passado o que foi,
Olhe o presente o que é".

que invadiu Manoel Meneses num dos seus grandes momentos:

"Da meia-noite em diante
Ninguém acerta o meu giro.
Eu começo gaguejando,
Porém depois que me inspiro,

Tenho a grandeza do tato
Dum cego jogando firo."

Este aspecto da poesia mereceu uma conferência do Padre Manuel Otaviano, ilustre desaparecido que, no berço do trabuco paraibano, o Piancó, foi pastor de almas, conduziu massas e escreveu livros. Esmerando-se em seus profundos conceitos, o velho escritor foi buscar em Zé Limeira os elementos com que ilustrou o trabalho posteriormente divulgado por uma entidade cultural de João Pessoa.

Antes de citar a estrofe limeiriana que reputava da mais absoluta espontaneidade e que fulgurou no ápice da conferência, o velho sacerdote reportou-se a um hilariante episódio de que foi involuntário personagem, nos idos de 1940: saía do templo quando a noite entrava no Sertão. Dirigia-se à casa paroquial por uma rua estreita quando, súbito, em meio à escuridão reinante, divisou um vulto que se aproximava em sentido contrário. Apenas enxergava aquele vulto em movimento. O indivíduo conduzia uma viola, um matulão e uma espingarda a tiracolo, era de grande estatura e o movimento natural dos braços era o de uma dança desarticulada, lembrando os "números quebrados" do Poeta do Pau-d'Arco. O padre não acreditava em fantasmas, principalmente armados de espingarda, mas parou, instintivamente, recuando alguns passos. E começou o seu dilema: não queria voltar, nem "desejava" prosseguir. O estranho vulto, intimorato, prosseguia caminhando, firme, ao encontro do vigário que, um tanto "emocionado", não viu outra alternativa:

— Quem vem lá? É de paz?
A resposta se fez urgente:

"Quem vem lá é Zé Limeira,
Cantô de força vulcânica,
Prodologicadamente
Cantô sem nenhuma pânica,

A primeira missa..."

Só não pode apreciá-lo
Pessoa senvergonhânica".

Ainda cismativo, faz nova indagação, já a esta altura quase ciente de que estava frente a frente com uma aparição. E, compreendendo que não se sairia bem fazendo circunlóquio, foi incisivo:

— Identifique-se, por favor, diga seu nome com mais clareza. Quer reza?

"Meu nome é José Limeira,
Cantô que não é pilhérico,
Mais já sofreu d'alguns males,
Foi atacado de histérico,
Chame logo a junta médica,
Faça o exame cadavérico".

Certo, agora, de que dialogava com uma alma, o reverendo precipitou-se na escuridão rumo à casa paroquial. No dia seguinte, pelo jornalista Manoel Alexandrino Leite, seu particular amigo, veio a saber que a voz misteriosa era José Limeira que excursionava pelo Vale do Piancó. Na sala de visitas do Hotel de Justino, o Poeta, sem o mínimo esforço de memória, reproduziu para o jornalista os versos que fizeram com que o idôneo vigário deixasse de transitar, por algum tempo, pela artéria do incômodo encontro.

À noite, numa casa residencial e de parceria com o mestre Lourival Batista, o Poeta do Absurdo cantava para os piancoenses, aplaudido pelo escritor Manuel Otaviano que anotou em sua agenda versos memorizados por homens do povo:

"Esse é Lourisvá Batista,
Que é Batista Lourisvá,
É filho da cobra preta,
Neto da cobra corá,
Tanto faz daqui pra ali,
Como dali pra acolá".

Lourival, cujo coração não cabe no saco da viola, agradeceu a deferência do colega, ironizando:

— Bonito, Limeira! Grande verso! Não mereço tantos elogios!

— Agora vá decorá e sair por aí dizendo que é seu!

"O aboio do vaqueiro . Nas quebradas do Sertão", mote que surgiu imediatamente após a sextilha, foi por Limeira glosado assim:

"As tantas da madrugada,
O vaqueiro do Prefeito
Corre alegre e satisfeito
Atraz da vaca deitada,
Deitada e bem apojada
Com a rabada pelo chão...
A desgraça de Sansão
Foi trair Pedro Primeiro...
O aboio do vaqueiro
Nas quebradas do Sertão"...

E logo em seguida:

"Frei Henrique de Coimbra,
Sacerdote sem preguiça,
Rezou a Primeira Missa
Na beira duma cacimba.
Um índio passou-lhe a pimba,
Ele não quis aceitá
E agora veve a berrá
Detrás dum pau de jureme...
O bom pescador não teme
As profundezas do mar".

"Frei Henrique descansou
Nas encosta da Bahia,
Depois fez a travissia
Pra chegá onde chegou,
Pegou a índia, champrou,
Ela não pôde falá,
Assou carne de jabá,

"O velho Thomé de Souza.. "

Misturou com queroseme...
O bom pescador não teme
As profundezas do mar".

A noite vinha saindo
Pru dentro da ventania,
Vi o rastro da cutia
Na minha rede dormindo,
A tremela foi caindo,
Gritei pelo meu ganzá,
Anum preto, anumará,
Só gosto de nega feme...
O bom pescador não teme
As profundezas do mar".

O Poeta informa a sua procedência religiosa:

"Minha mãe era católica
E meu pai era católico,
Ele romano apostólico,
Ela romana apostólica,
Tivero um dia uma cólica
Que chamam dor de barriga,
Vomitaro uma lumbriga
Do tamanho dum farol,
Tomaro Capivarol,
Diz a tradição antiga".

"Minha avó, mãe de meu pai,
Véia feme sertaneja,
Cantou no coro da Igreja,
O Major Dutra não cai,
Na beira do Paraguai
Vovó pegou uma briga,
Trouve mamãe na barriga,
Eu vim dentro da laringe,
Quage me dava uma impinge,
Diz a tradição antiga".

Foi à glosa abaixo que o Padre Manuel Otaviano se referiu, como sendo a estrofe mais espontânea de quantas lhe chegaram ao conhecimento, sendo, ao mesmo tempo, o mais irreverente de todos os improvisos de Zé Limeira:

"O véio Thomé de Souza,
Governador da Bahia,
Casou-se e no mesmo dia
Passou a pica na esposa ...
Ele fez que nem raposa:
Cumeu na frente e atrás,
Chegou na beira do cais,
Onde o navio trefega,
Cumeu o Padre Nobréga,
Os tempos não voltam mais".

A Pavoa Devoradora, em que, segundo o historiador Agnelo Amorim, tem origem a tradicional e ilustre família Agra, de Campina Grande.

A Pavoa Devoradora

X I

Paraíba, 1953, dezessete de março. O sol flameja na tropicalíssima cidade de Patos. É dia de feira na Princesa das Espinharas, e, entre os milhares de feirantes que se atropelam nos caçuás de mangalho e garajaus de rapadura, e tropeçam em tulhas de legumes, promovendo o burburinho, Zé Limeira e Antônio Barbosa procuram-se mutuamente. Informam-se nas toldas, nos botequins do Mercado, indagam conhecidos.

Os dois cantadores conterrâneos estão perdidos na bulha da feira. Buscam-se, as violas arranhando-se no cipó dos balaios, os olhos absorvendo o festival das cores na investigação de fisionomias. Zé Limeira e Antônio Barbosa não podiam deixar de se encontrar, pela imperiosa necessidade de cumprir a palavra empenhada na cidade de Juazeirinho, havia meses, e, compromisso mais sério, teriam de cantar na Fazenda Paraíso.

O calçamento da cidade do Major Miguel Sátyro fumegava ao sol das onze horas, quando os poetas en-

contraram-se na porta do Mercado. Abraçam-se ruidosamente, numa sensação de desafogo.

Como Barbosa se prontificasse para ir comprar as passagens, o companheiro deteve-o:

— O mestre vai na sopa? E essas perna desse tamanho não serve pra nada?

Surpreso, Barbosa menciona a distância: sessenta quilômetros!...

— Apois o mestre compre uma só. Eu vou aqui pru dentro apreciando o tempo, que é mais divertido e bom pra saúde.

E embrenhou-se pela estrada, passos largos, firmes, rápidos, viola e matulão a tiracolo, bengala de aroeira na mão, cigarro de palha ao canto da boca, indiferente à iminência de uma chuva torrencial. Desapareceu no caminho como por encanto, deixando na Princesa das Espinharas um adolescente sem condições físicas de acompanhar um sexagenário no passo-a-passo da poeira.

Antônio Barbosa comprou a passagem para o coletivo das quinze horas e ficou perambulando pela feira, "fazendo hora", a meditar sobre a extraordinária disposição física e espiritual do famoso cantador que só temia os castigos de Deus. Estava envergonhado consigo mesmo, por não ter enfrentado também a distância, desse no que desse, ele que era moço, que tinha todo o vigor a pulular nos músculos de vinte anos; ele que poderia ser neto de Zé Limeira. Estava ali a vagabundar em meio ao burburinho agressivo, agora "fazendo" hora, minutos, segundos, azucrinando-se a si mesmo, experimentando uma profunda decepção íntima: deixara de "topar a parada" do intimorato pássaro velho do Teixeira.

Às quinze horas o ônibus partiu do oitão do Hotel Central, conduzindo o poeta Antônio Barbosa que se preocupava em avistar o velho cantador na estrada. O passageiro que viajava a seu lado desistira de entabolar conversa, porque o poeta tinha os olhos grudados na rodovia. Vinha completamente absorto, fumando sem descontinuar, o cotovelo fora da janelinha, em grande tensão nervosa.

O coletivo alcançou Juazeirinho ao crepúsculo. Antônio Barbosa espantou-se ao avistar Zé Limeira esperando-o no ponto, dando formidáveis gargalhadas de quem estava saudavelmente refestelado.

Às vinte horas, num bar da rua principal, os violeiros carpiam mágoas, dissipavam tristezas, diluiam saudades, deleitavam animada multidão. Noite tranquila de luar, ambiente adequado, contentamento popular, muita cachaça com limão e muita poesia.

Tradicionalistas, os poetas não contrariam as normas da cantoria e dão início ao festival com a improvização de sextilhas, referindo-se nominalmente às pessoas presentes — uma forma de externar seu agradecimento pelo apoio moral. A saudação de praxe tem a duração natural de trinta minutos e os repentistas calam os instrumentos para "temperar a garganta".

Recostado ao balcão, o delegado de polícia sugere um desafio em **mourão** e inaugura-se a peleja propriamente dita.

Antônio Barbosa arrisca-se:

"Limeira, meu camarada,
Se apronte para apanhar".

Limeira:
"O delegado daqui
Tem beiço de sabiá".

Barbosa:
"Não falei em delegado,
Não seja maleducado
E queira me acompanhar".

Limeira:
"Eu me chamo Zé Limeira
No véu da **pilogamia**".

Barbosa:
Essa palavra esquisita
Não dá bem pra cantoria".

Limeira:
"A busina do estrangeiro,
A chama do candeeiro
Na luz da **gordosopria**"

Barbosa:
"Santo Deus, Ave-Maria,
Agora eu "fiquei na missa".

Limeira:
"Napoleão Bonaparte
Isfaleceu de intiriça".

Barbosa:
"Estou vendo que você
Ou não quer compreender,
Ou é burro, ou tem preguiça".

Limeira:
"Oficial de Justiça,
Bode, marreco e tatu".

Barbosa:
"Eu só queria saber
Em que é que pensas tu".

Limeira:
"Eu penso nos arribambos,
Mocós, tacacas, mulambos,
Bonde, carroça e zebu".

O continuado rumor ambiente, com excesso de tintilar de garrafas, arrastar de cadeiras e sons de vozes desencontradas, determinou o fim da cantoria por volta das vinte e três horas. Um popular memorizou a glosa em que Limeira diz que

"A burra deu uma popa
Que derrubou Salamão,
A fortuna de Sansão

O Reis carregou na sopa ...
A burra gritanto "opa",
Sansão fazendo ingrisia,
Salamão comeu a jia,
Vomitou pro delegado,
Foi berro pra todo lado,
Adeus, até outro dia".

Dois dias depois, quando o sol suicidava-se no Ocidente, a porteira velha rangia à chegada de José Limeira no pátio tranquilo da Fazenda Paraíso, a casa grande acesa, as vacas mansas mugindo no curral ali pertinho. Antonio Barbosa chegaria logo depois, no jipe do Prefeito de Juazeirinho.

O fazendeiro Severino Ramos, homem de mais de uma centena de compadres, estava, após o jantar, recebendo os convidados no terreiro iluminado, o povo que vinha parabenizá-lo pela data natalícia. Um luar novo fluorescia sobre o Cariri velho, parecendo faiscar no arame farpado da cerca.

José Limeira e Antônio Barbosa estão a postos. No salão e nos alpendres de balaustradas estão quase todos os compadres de Severino Ramos, homens leais, alegres, conversadores, gente "sem bondade".

Severino Ramos reúne, quanto possível, o povo no salão grande da frente e, como costuma fazer nas suas festas aniversárias, dá início a um breve discurso acerca da arte de improvisar versos, frisando que todos sentiriam imenso prazer em ouvir José Limeira, o cantador de maior fama e talento do Brasil, não deixando de fazer alusão ao poeta Antônio Barbosa que, com vinte anos, já dava conta do recado. Solicitou o silêncio de todos e a peleja começou, Zé Limeira apertando o nó imenso da flanela vermelha amarrada ao pescoço, libertando o vozeirão de gigante:

"Eu canto no Paraíso
A dezenove do mês,
A **castrapole** da noite
É do **saci pererês,**

Vocês vão me adiscuipando
Que eu sou poeta francês".

Barbosa acompanha:

"É esta a primeira vez
Que eu canto no Paraíso,
Para Severino Ramos,
Homem de muito juízo,
Porisso bonitos versos
Improvisar eu preciso".

Limeira:

"Peço licença ao **truliso**
Dos **olbus** da **periféria**,
Dos **chuás** das **pontulínias**,
Dos **chomotós** das **matérias**,
Das grotas dos **veluais**,
Das mimosas deletérias".

Diante de tão desarrazoada engrenagem poética, Barbosa, iniciante na profissão, desorienta-se por completo, principalmente pelo volume das palmas estrepitosas.

Um espectador dirige-se a Limeira:

— Nunca vi cantador se aprofundar tanto em ciência!

O Poeta agradece o elogio e explica ao admirador que não se trata de ciência, mas de Filosomia Social. Do meio da sala ouve-se uma voz metálica, num aparte intempestivo:

— Esse aí não é ninguém não, minha gente, é somente José Limeira, o maior cantador do Brasil!

O Poeta berra na mesma entonação:

— É ele mesmo, mestre! Cantadô pra cantá com esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato! É ou não é, mestre Barbosa?

Antônio Barbosa, apreensivo e desanimado, pede aos Céus a significação de **truliso, olbus, chuás** das **pontu-**

línias, chomotós e veluais. Tem uma súbita vontade de largar a viola e sair rompendo os partidos de macambira e chique-chique, ao luar, como um desvairado. Atônito, vê-se perdido e acha que o Paraíso é um inferno. Mas prossegue cantando, mais por uma questão de honra:

"Meu distinto camarada,
Bote a "ciência" de lado,
Deixe essa **filosomia**
E cante mais aprumado...
Vamos falar da fazenda,
O Paraíso do gado".

— Vou arrespostar dentro da Filosomia Regente — anuncia Limeira. O povo aplaude por antecipação e ele começa a dar vida à desconchavada estrofe:

"Os hemisférios do prado,
As **palaganas** do mundo,
Os **prugis** da Galiléia,
Quelés do meditabundo,
Filosomia Regente,
Deus primeiro sem segundo".

Antônio Barbosa estava triste e desorientado; José Limeira, solícito e eufórico. No relógio grande da parede azul os ponteiros se cruzam.

Um conterrâneo e íntimo amigo de Limeira aproxima-se. Faz um pedido:

— Cante o romance!

O Poeta estranhou:

— Que romance, mestre?

— O romance da **Pavoa Devoradora**, que você só cantava depois da meia-noite, lá no Sítio Tauá, porque se cantasse antes dessa hora se dava uma desgraça na redondeza!...

O pedido do agricultor despertou a curiosidade geral e a platéia, unânime, passou a exigir a interpretação do misterioso poema. Limeira, após certa relutância, resolve cantar. Antônio Barbosa levanta-se, encosta a viola no canto da parede e passa a ser mais um espectador.

Zé Limeira coloca o pinho sobre a cadeira, ajoelha-se, persigna-se e retoma o instrumento. Numa linguagem muito própria, faz longo preâmbulo, asseverando que a **Pavoa Devoradora** é citada no Alcorão e que por causa dessa ave adveio o Dilúvio, formaram-se os vulcões, nasceram os terremotos, os maremotos, os eclipses lunares e solares.

— Vosmicês vão me dissimular que eu só canto esse romance de olho fechado. Não é farta de atenção não, é por modo que se eu cantá de olho aberto posso morrer antes de terminá a **Pavoa**. Tá no Alcorão.

Exigiu de todos um silêncio sepulcral, feriu as doze cordas da viola, afinadas pelo bordão, improvisou algumas sextilhas invocando a proteção do Padre Cícero Romão, e, compenetrado, soltou a voz.

O poema, que Limeira aprendera com um irmão de seu avô paterno, era mais lúgubre que O Corvo de Alan Poe e tinha a complicação dos romances de Kafka. A melodia era desoladoramente melancólica, sinistra, de fúnebres entonações, à semelhança das **excelências** com que a crendice popular homenageia os defuntos no Nordeste.

Figuras bíblicas e pré-históricas desfilavam na música arrastada e mistérios tenebrosos eram revelados nas estrofes de fogo. Era um infinito punhado de catástrofes em forma de guerra, epidemia, inundação, genocídio, todas as possíveis e imaginárias maldições que ali ganhavam movimento e cor, enquanto eram lentamente repetidos os estribilhos da canção tétrica.

A voz excêntrica do intérprete vibrava sob o teto da casa grande do Paraíso, ecoava à distância no silêncio do campo, tornando nítidas as expectrais paisagens "de aberratórias abstrações abstrusas"

Era uma cena dantesca. Toda uma sucessão de trágicos episódios cósmicos formava a epopéia rústica, u'a miscibilidade de Shakespeare, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Homero, Baudelaire, Kafka, Augusto dos Anjos, Alan Poe e Zé Limeira — um autêntico **canto do bode** sem as tumultuosas representações do ditirambo.

O povo ali estava acovardado, trêmulo, dando tréguas à superstição. E o Poeta prosseguia no seu canto do outro mundo, uma voz fantástica, os olhos fechados, as pestanas grossas a tremelicar, os dedos firmes a ferir as cordas bambas, as alpargatas de estalo marcando o compasso mágico.

Só um pensamento assaltava a todos: quando terminasse a interpretação dramática, uma grande desgraça haveria de cair sobre a Fazenda Paraíso. Deus estava vendo aquele sacrilégio. A Providência Divina haveria de mostrar, incontinenti, o castigo que bem mereciam o cantor e os ouvintes daquele desfile de profanações. Um suspense doloroso que parecia ser eterno. Uma atmosfera pesada. Muitos espectadores pareciam petrificados, basbaques, roendo unhas, estalando dedos, orando em silêncio. Outros, no terreiro enluarado, descobriam sinais de anormalidades no firmamento carrancudo. Houve quem vislumbrasse uma viola de fogo engastada no Cruzeiro do Sul. Houve quem divisasse o carimbo da besta-fera — 666 —, os números muito claros, dentro de uma enorme auréola de enxofre, vomitando fumaça amarela — uma paisagem tipicamente apocalíptica.

— É o sinal dos tempos!

— Zé Limeira veio anunciar o fim do mundo!

— Comadre, vamos se arrepender dos pecados e entregar a alma a Deus, que a coisa está ruim!

E a **Pavoa Devoradora** continuava na sua trajetória miserável, fomentando pestes, secas, fome e toda sorte de misérias sobre a face da Terra, abalando terras e mares, com o seu **"bico de trinta e seis léguas / a vomitar fogo e sangue:"**

A interpretação teve a exata duração de noventa minutos — uma hora e meia de angústias. O intérprete

persignou-se para poder abrir os olhos, conforme "estava no Alcorão", são e salvo.

— Graças a Deus terminou!

— Felizmente tá tudo vivo!

— Graças, graças! Vou pagar minha promessa em São Severino dos Ramos!

— Alvisseras, compadre, está tudo bem!

José Limeira mal coloca a viola sobre a cadeira, uma chuva torrencial, de extraordinárias proporções, desaba sobre o Cariri esturricado. Poderosos trovões explodem no espaço. Fortes relâmpagos consecutivos fuzilam, impiedosos, a caatinga cinzenta.

— É um castigo!

— É a maldição do Céu!

— Tá vendo em que deu a brincadeira?

Enquanto todos acusavam Zé Limeira de haver provocado o fim do mundo, ele se limitava a contemplar a paisagem desoladora, plúmbea, por um ângulo da janela, tranquilo

— Foi Zé Limeira!

— A culpa é daquela **Pavoa** maldita!

— Só Deus dissimula...

A chuva não parava. Pingos violentos pareciam furar o secular telhado da casa grande.

— Eu bem que não queria cantá a **Pavoa**. Vosmicês insestiram!...

A trovoada ribombava nos Céus, lembrando pequenas explosões atômicas, as águas descendo encachoeiradas arrastando bodes, carneiros, aves, bezerros, pequenos arvoredos, levando tudo de vencida.

A suposição era de que iria embora tudo de água abaixo, inclusive a casa grande. As águas já invadiam a sala e os compadres de Severino Ramos arregaçavam as calças, esbugalhavam os olhos. As mulheres choravam, rezavam, gemiam, num alarido infernal. Os bois mugiam no cercado, desorientados, os chocalhos badalando em disparada.

O fazendeiro Severino Ramos temia que a situação não se normalizasse:

— As águas vão levar tudo, seu Zé Limeira, tudo, tudo!

— Deixando minha violinha de estimação, eu to sastifeito!

Havia quinze anos, o Poeta se eximia de cantar a Pavoa Devoradora, temendo as funestas consequências. Contudo, não se considerava ali um incongruente, pois atendera ao povo, satisfizera um pedido de todos, inclusive do fazendeiro, quase uma imposição.

Por quase duas horas a invernada se esbateu, implacável, sobre o Cariri, como que advertindo o Poeta do Absurdo.

Já o Céu limpo, as estrelas de volta, o luar se derramando pelos marmeleiros, foi do vaqueiro do Paraíso que partiu a grande lembrança: era Dia de São José, quando fatalmente se repete o fenômeno do equinócio. Mas ninguém queria saber disso. Teria sido mesmo o efeito da Pavoa Devoradora, aquela desinfeliz na concepção geral. Mas, afastada a hipótese da destruição do mundo, começaram a ser notadas cenas as mais hilariantes: o delegado de polícia de Juazeirinho, debaixo duma cama, abraçado com uma cabra e reclamando porque a esposa do sub-delegado havia urinado o seu rosto e molhado o seu terno branco. A mulher do vaqueiro, por sua vez, não perdoava o sacristão de Soledade, que, acometido de uma extemporânea disenteria, havia inutilizado o seu vestido novo. É que, na cozinha, no pandemônio da escuridão, o beato sentou-se sobre as costas da moça que se amoquecara à beira do fogão, pensando que estava em cima de um saco de algodão.

As violas, umedecidas, permaneciam ali no canto da parede, emudecidas. Não havia mais clima para cantoria.

José Limeira e Antônio Barbosa transpuzeram o pátio da Fazenda Paraíso quando uma sonata de chocalhos, aboios, mugidos e ranger de porteiras registrava o início das atividades do homem do campo, com os caminhos aclarados pelo sorriso da grande boca de açafrão da aurora. Retomaram a estrada percorrida. À

noite, em Juazeirinho, num bar da rua principal, realizaram o terceiro e último desafio da breve excursão.

Regular assistência, acordos de praxe, detalhes convencionais, bandeja sobre o centro, curiosidade popular, ânimo poético.

Zé Limeira inaugura a noitada com um improviso desparafusado:

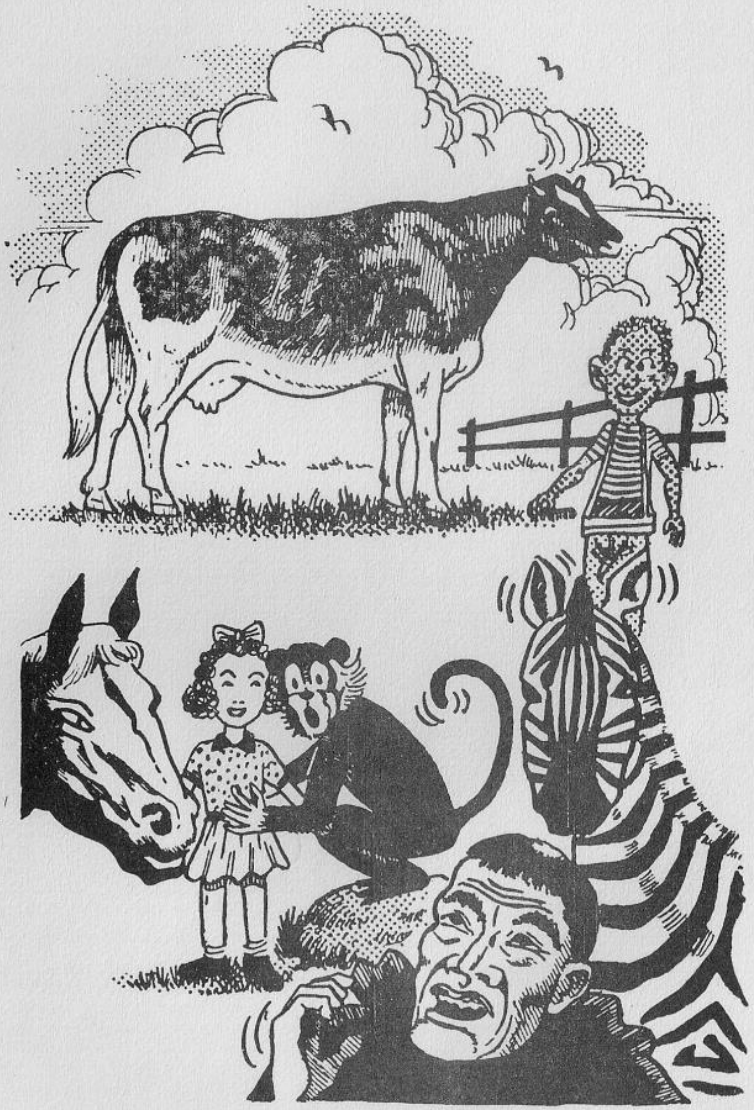
"Eu só canto sastifeito
Com miraculosidade,
Como cantava Jesus
Que foi Capitão e Frade...
Ciência da primavera,
Prodologicalidade".

Barbosa teve vontade de perguntar o que significava **prodologicalidade**, mas, diante do grande aplauso conferido a Limeira, e levando em conta a popularidade do Poeta na região, preferiu não chegar a tanto, limitando-se a **pegar a deixa** para construir esta gema:

"Vou saudar esta cidade,
Disto ninguém me proíba!
Seu nome é Juazeirinho,
Forte que ninguém derriba,
Um colar de diamante
No peito da Paraíba".

A platéia ficou indiferente ao improviso de Barbosa, e, coisa rara, não captou a resposta de Limeira. Mas, quando o jovem cantador da Imaculada desafiou o parceiro para cantar com base na Geografia, todos memorizaram a limeirissima arrancada:

"Colega, a Geografia
É dois pato, uma marreca,
É dois braço, duas perna,
Duas mão, duas munheca,
Colega, sustente as calça,
Vamos subir a cueca".



"Um cavalo chinês trincava os dente, uma zebra corria atrás dum frade...?

Barbosa para o instrumento. Encerra-se aí a primeira etapa da cantoria. Os poetas "molham a garganta", fazem uma pausa natural para reiniciar a peleja. Glosam, agora, um mote em decassílabos, de bom gosto literário, que emprestou um toque de romantismo à paisagem:

"Quer saber quanto custa uma saudade?
— Tenha amor, queira bem e viva ausente".

Ouviu-se a voz de Barbosa:

"Saudade é uma palavra tão mimosa
Que só cabe nos cânticos de amor!
Quando a gente se torna um sonhador,
Pronuncia saudade em cada glosa.
É tão bela que a lira de Barbosa
Decantá-la tentou, inutilmente...
É um espinho que fura a alma da gente,
Deixando o coração pela metade...
Quer saber quanto custa uma saudade?
— Tenha amor, queira bem e viva ausente!

Zé Limeira glosa a seu modo:

"No sereno sertão da Palestina
Eu cantava num Dia de Finado,
Uma vaca pastava no cercado,
Um macaco comia uma menina,
Um sargento chegava numa usina,
Um moleque zarôi vendia pente,
Um cavalo chinês trincava os dente,
Uma zebra corria atrás dum frade...
Quer saber quanto custa uma saudade?
— Tenha amor, queira bem e viva ausente!

Barbosa:

"Eu comparo a saudade com um barquinho
Solitário, perdido no alto mar,

Sob os raios de prata do luar,
Entre as ondas que fazem seu caminho.
Mesmo assim, sem roteiro e tão sozinho
É o poeta que canta e chora e sente...
Quanto mais a saudade mata a gente,
Mais a gente se inspira de verdade...
Quer saber quanto custa uma saudade?
— Tenha amor, queira bem e viva ausente!

Zé Limeira constrói, agora, uma Torre de Babel em forma de décima:

"Zé Limeira é meu nome do amor santo,
Pinga fogo, caboco do Tauá,
Papagaio, cantiga de imbuá,
Papavento, cristão por todo canto,
Casamento, tacaca, salamanto,
Carnaval, muçambê e Tiradente,
Um macaco, um Prefeito, dois Tenente,
Quatro bode, um fuzil, mais a metade...
Quer saber quanto custa uma saudade?
— Tenha amor, queira bem e viva ausente!

(O Poeta realizou uma estrofe magnificamente musical que se integrou perfeitamente na tonalização modulatória do tema, com a tônica caindo exatamente nas terceira, sexta e décima sílabas. Técnica bilaqueana. Se a perfeição da música tivesse merecido a esmola da lógica teria Limeira, ai, um rompante de gênio).

Com uma súbita dor de cabeça, Antônio Barbosa recolhe-se a um quarto do interior do Bar. Mas o Poeta do Absurdo não deixa que a festa sofra solução de continuidade:

— Tem nada não, pessoá, enquanto mestre Barbosa geme e toma meizinha, eu canto no seu lugar. É porisso que eu digo: cantadô pra cantá com esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato!...

Passa a improvisar versos em **sete linhas**, agora sem a responsabilidade da **deixa**:

"Santo Antônio foi pescar mussu no Rio Jordão..."

"Jesus ia rezar missa
Na capela de Belém,
Chegou Judas Carioca
Que viajava num trem,
Trazia trinta macaco,
Botou tudo num buraco,
Não tinha nem um vintém".

"Santo Antônio foi pescar
Mussu no Rio Jordão,
Quando jogou o anzol
Arrastou um caminhão,
Deu-lhe uma câimbra no pé,
Nisso passou São José
Com três arroba de pão".

"Principalmente São Pedro
Saiu de dentro do mato,
Daí chegou uma índia
Que vendia carrapato,
Tocou o sino da igreja,
Continuou a peleja
Com todo carinho e trato".

"Eu me chamo Zé Limeira
Aqui, ali, acolá,
No Sertão tem uma velha
Que cozinha mangangá,
Viva o Reis da Palestina
Que já reinou em Campina
Cantando no seu ganzá".

Barbosa recupera-se e volta para enfrentar mais uma vez o Poeta do Absurdo que diz, em tom de blague:

— Já ficou bom, mestre? Agora sente aqui pra apanhar até bem cedo!

O jovem anuncia que vai cantar o tema da despedida, a barra já quebrando. Precipita-se à frente de Limeira:

"Meu adeus a Juazeirinho,
Terra do bom brasileiro
Severino Marinheiro
Que vai certo em seu caminho.
Esta cidade é um ninho
Todo feito de harmonia,
Onde as aves da poesia
Cantam canções de saudade...
Deixo triste esta cidade,
Adeus, até outro dia".

Limeira:

"Meu nome é José Limeira
Dos arrabalde do Norte,
Não tem machado que corte
O tronco duma aroeira.
Amanhã eu vou na feira
Do mercado da Turquia,
Rezo pra Santa Luzia
No curral de Marinheiro,
Viva Dom Pedro Primeiro,
Adeus, até outro dia".

Barbosa:

"Adeus, todos do lugar
Tão querido onde cantamos;
Adeus, senhor José Ramos,
Proprietário do Bar.
Adeus, Antônio Gaspar
Que gosta de cantoria,
Adeus, que a noite está fria.
Vou guardar meu violão
Que foi tremendo o rojão...
Adeus, até outro dia".

Limeira:

"Adeus, Manuel Irineu,
Veriador do lugar,
Adeus, mocó e preá,
Serra, alicate e pineu.
O dia já se escondeu
Na grota da **silencia,**
O sapo enrabando a jia,
A jia lambendo o sapo,
Burra de choto e sopapo,
Adeus, até outro dia".

Barbosa:

"Vou cantando a despedida
Quase morto de saudade
Do povo desta cidade
Tão bonita e tão querida.
Adeus, praça e avenida
Tão cheias de poesia,
Adeus, bela freguesia,
Vou-me despedindo agora,
Já vai passando da hora...
Adeus, até outro dia".

Zé Limeira põe termo ao torneio com a ressurreição do amigo sol do sertão amigo, as lamínulas de púrpura refletindo nos trastes da viola psicodélica:

"Adeus, que eu já vou rodar
No carrocel do destino...
Eu vou tocar no meu sino
Até o guarda apitar.
Barca feita de jucá,
Caminhão de melancia,
Cangaceiro, correria,
Bacamarte e lazarina,
Rege, regente e Regina,
Adeus, até outro dia".

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Os abencerrages da lira sertaneja, em sextetos não captados, teceram considerações em torno da importância da cidade de Juazeirinho no contexto da faixa caririzeira e reportaram-se à tradição da família Marinheiro. Antônio Barbosa fez especiais referências ao chefe do clã, o ilustre Severino Marinheiro, de saudosa memória, inconteste líder político da região, em casa de quem jantara com Zé Limeira, sentindo o calor da verdadeira hospitalidade do sertão paraibano.

Na casa do velho Severino Marinheiro, chefe político, homem bom, defensor da cidade de Juazeirinho, protetor dos pobres, colecionador de vitórias eleitorais, cabia todo mundo. O chefe do clã dos Marinheiro recebia com urbanidade, tratava os pobres com carinho e os poderosos de igual para igual. Ninguém passava necessidade perto do velho Marinheiro.

Zé Limeira e Antônio Barbosa sentaram-se à mesa franca e enorme do líder festejado que se surpreendeu com uma extemporânea indagação do Poeta do Absurdo:

— Vosmicês é Tenente?

— Não, sou civil.

— Julguei que o mestre fosse Tenente da Marinha Nacioná.

— Simples equívoco, nunca vesti uma farda.

— Se é, não me negue, mestre!

— Garanto-lhe que nunca fui militar.

— Mais se for não me negue, mestre, por modo que eu tenho uma história muito bonita do Alcorão de Pedro Segundo, que só posso contá a Tenente da Marinha Nacioná.

— Sinto não ter o privilégio de ouví-la, mas não posso iludir o Poeta dizendo que pertenço à Marinha. Seria uma ignomínia.

— E o mestre não é Marinheiro?

O querido patriarca de Juazeirinho limitou-se a rir, pensando tratar-se de uma brincadeira do seu hóspede.

O Grito de Satanaz nas Melancias

XII

Na manhã clara, música de vento e pássaros, o sol espargindo o ouro aquecedor sobre o telhado da igrejinha branca de Juazeirinho, beijando a asa dos pombos, o poeta Antônio Barbosa de Moraes apertava a mão de Severino Marinheiro na calçada da Prefeitura, o velho patriarca ajeitando o vinco do linho branco, acenando aos correligionários.

O ônibus já estava buzinando no outro lado da pracinha, de saída para Campina Grande. Barbosa toma sua cadeira e planta o olhar na paisagem bucólica, o veículo levantando poeira no rumo da Rainha da Borborema, sacolejando nas reticências de "**boca-de-pilão**", derrapando nas curvas sucessivas, coleando sobre os camaleões da estrada precária, buzinando, buzinando...

Quando o coletivo fez a sua costumeira parada na calçada do Bar Sertanejo, em Soledade, Antônio Barbosa avistou José Alves Sobrinho que tomava café, entre amigos. Sobrinho quer notícia de Zé Limeira e o colega informa:

— Deixei agora mesmo em Juazeirinho, dizendo que viaja de tarde para o Teixeira.

José Alves tinha necessidade de encontrar Zé Limeira; estava devendo muito, tinha que cantar com ele para ganhar o com que resgatar suas dívidas. Barbosa orienta-o:

— Se quiser vê-lo, vá correndo, antes que ele pegue embalagem com suas pernas automáticas e desapareça na estrada.

Barbosa retoma sua cadeira no ônibus e ruma para Campina Grande, ao mesmo tempo em que José Alves Sobrinho também deixa a terra de Dom Delgado, com destino a Juazeirinho. Vai pensando nas suas eternas dificuldades financeiras, nos títulos em véspera de vencimento, no numerário para a próxima feira, na prestação do gringo.

Sempre conheci o grande poeta presa dessas preocupações, com o coração cheio de amor, a cabeça prenhe de idéias e os bolsos vazios — o mal dos filósofos. Sabia que, se encontrasse Zé Limeira, acabaria "o tempo ruim", porque, segundo se dizia, a bandeja de Zé Limeira era abençoada. Nenhum repentista era mais bem pago do que o Poeta do Absurdo nem mais compreendido e amado. José Alves sabia que, sejam quais forem as circunstâncias da cantoria, nenhum profissional do pinho viola esta lei: o resultado financeiro é dividido com os dois participantes, em partes iguais, e, se os protagonistas forem dez, não se faz caso porque a distribuição é equitativa. Só Zé Limeira, portanto, salvaria a situação do poeta angustiado.

O plutocrata do repente foi encontrar o Poeta do Absurdo no "Salão Juazeirinho", aguardando sua vez, distribuindo bombons e sorrisos com uma infinidade de meninos.

Sobrinho abraça o velho colega e o calor do amplexo parece transmitir o sentido do apelo íntimo — "para o bom entendedor meia palavra basta". Limeira sabia sentir, como ninguém, quando o próximo queria ser ajudado; para ele as palavras, nessas ocasiões, eram desnecessárias. Parecia apalpar o interior do amigo:

— Foi de Deus eu encontrá o mestre, por modo que eu tenho um trato pra cantá em Cajazeiras, na Fazenda Melancias, e tava sem companheiro. O mestre quer ir mais eu?

José Alves Sobrinho ganhou, de repente, a fisionomia de um náufrago que pisasse terra firme, os olhos iluminando o "Salão Juazeirinho". Informa-se de Zé Limeira sobre o horário do transporte e sugere irem no primeiro ônibus da tarde:

— Gostaria de viajar às treze horas?

— O mestre pega a sopa que quisé, mais pega só, por modo que eu vou a pé.

— Limeira, você não acha uma estupidez a gente caminhar trezentos quilômetros a pé?

— Acho não, mestre. Vosmicês pegue a sua sopa e me espere lá que com cinco dia eu chego. É a continha!

Caminharia sessenta quilômetros diários, calculou rápido. Sobrinho ainda relutou, mas não conseguiu demover o velho bardo. Aceitou, finalmente, a condição, e pegou a condução deixando a terra de Severino Marinheiro sob os dardejos do sol-a-pino, os olhos repousando na paisagem adusta.

Zé Limeira ajeita o matulão cheio de rapadura, farinha, camisas, queijo, carne-de-sol, fumo, cuecas, papel de cigarro, **jaca, cordas de violão, garrafa de "zinebra"**, feixe de pena de cordoniz para curar mordida de cobra, mel de uruçu, seus apetrechos de viagem. Coloca o matulão no ombro esquerdo, ajeita a viola do lado oposto, agarra a bengala de aroeira e, da porta da barbearia, toma a direção do Sertão. Larga-se estrada adentro, com a sua inabalável fé em Deus e em si, rompendo as distâncias, afrontando a solidão dos caminhos.

Não fraquejava, não conhecia adversidades. Era ele o sertanejo forte. Euclides da Cunha já o dissera. "Quatro, cinco vela acesa / Não faz eu temê a morte". já afirmara ele mesmo. Dormia dentro do mato com uma tranquilidade absoluta. O rosário que lhe ofertara o Padre Cicero Romão, seu padrinho, afugentava feras e malfeitores. Não temia assombrações. A única coisa que lhe despertava certo temor era o apito do trem.

Aceitava o monstrengo a resfolegar nos seus férreos solavancos, mas não podia nem imaginar no "grito de Satanaz" que emitia o "imbuá de ferro".

Despertava com os pássaros e mal a barra quebrava já ele estava na estrada, os dentes escovados com espuma de juá, andando, fumando, assoviando, alegre, sempre amanhecendo. Era dono de si e do seu tempo. O sol e a lua davam-lhe a orientação do tempo e do espaço e isso lhe bastava, homem livre que era. Quando o estômago reivindicava, não havia dificuldades: deixava a estrada e no mato acendia o fogo, assava carne seca, fazia café. O queijo, a farinha e a rapadura estavam no matulão, a água corria no riacho, a viola e a rede do Ceará tinha-as ao lado. A vida estava toda ali. Em vez da sesta, o desafio da distância, o cumprimento do dever. Seu dever era cantar, obrigação das aves, destino das fontes, religião de Zé Limeira. Cantar, que o canto é vida, e ele precisava vencer distâncias para viver Prosseguia na sua solitária e feliz peregrinação, numa cruzada sem atropelo de relógio, de nenhum planejamento, de nada convencional. Uma alma eternamente auroriescendo nas estradas, tocada de ventos e árvores

Zé Limeira caminha em diração a Cajazeiras. Seus passos de puro sangue, testemunhados pelo sol, pelas estrelas, desviando "bocas-de-pilão", subtraem as lonjuras.

Aos poucos o viajor começa a divisar, muito ao longe, retalhos do casario antigo da cidade do Padre Rolim. O cruzeiro, a torrezinha da igreja, o frontespício da Coletoria, o telhado da Estação, outro telhado, muitos telhados, numa paulatina gradação. As casas vão tomando corpo, arrumadinhas, e na óptica do Poeta a cidade vem vindo, toda, na sua opulência sertaneja, aproximando-se de quem a procura. No quinto dia as alpargatas de estalo de Zé Limeira pisam a terra do Padre Rolim. Eram infalíveis os cálculos do andarilho.

O Poeta foi encontrar José Alves Sobrinho na sala de estar do Hotel Oriente. Incrivelmente, trazia a fisionomia mais repousada do que a do jovem colega. Já conhecia a cidade. Por várias vezes ali havia passado, a pé, destinando-se a Juazeiro do Norte. Ia pedir a bênção

do padrinho Padre Cícero. Nunca, todavia, parara na cidade que "ensinou a Paraíba a ler e a rezar".

A hospitalidade de Pedro Rolim aliada à sua imensa admiração pelos poetas, não deixou que José Limeira e Sobrinho continuassem hóspedes do Hotel Oriente. Seguiriam, no outro dia, para a Fazenda Melancias, de um irmão do saudoso Mecenas sertanejo, a trinta quilômetros, onde já era familiar a sextilha limeiriana:

"Na casa de pulistrico
Meu repente filupeia,
Na casa de fulustreco,
Fulubriga e fulubeia,
Na casa de maribondo
A gente dorme sem ceia".

A difusora local registrou a presença dos poetas na cidade, anunciando o festival que se faria na Fazenda Melancias. A notícia correu célere pelos quatro cantos da urbe tranquila, despertando o interesse da gente simples que se deslocaria do centro urbano para ouvir o repente cintilando no nascedouro, vestindo-se de beleza e imortalidade, através de José Alves Sobrinho, um gênio à beira da loucura, e de José Limeira, um louco à beira da genialidade.

Os cantadores partiriam com o canto do galo para as Melancias. Limeira criou um problema sério para seu anfitrião: só iria a pé. Por mais que Pedro Rolim insistisse em oferecer automóvel, jipe, caminhão, camioneta, charrete, o Poeta continuava decidido, inflexível. Só iria a pé. Era um sertanejo destemido, sincero, fiel à memória de seus ancestrais que andaram com os pés que Deus lhes deu. Fez uma ponderação: se não fosse a pé, concordaria em ir de carro-de-boi, transporte abençoado.

O primitivo veículo deixou a centenária cidade paraibana quando o sol, vermelho e glorioso, despontava por entre os serrotes, acordando o Sertão. Conduzia os poetas, um estudante e o carreiro, embevecidos com o fascínio da paisagem soberba. O carro-de-boi, moroso e

gemebundo, vencia, altaneiro, com os seus violinos desafinados, a variante acidentada, curvilínea, ornamentada por velhos angicos, baraúnas e oiticicas, a afugentar as lépidas siriemas assustadas que se refugiavam na espessa vegetação à margem de pequenas lagoas.

O gemido saudoso do carro velho misturava-se à música dos pintassilgos, ecoava nos valados e na crista da serra, enquanto o roufenho choramingado dos cocões, das rodas de craviúna triturando o pedregulho, pareciam súplicas selvagens tragadas pelo barro duro.

Saltava à memória dos viandantes a trova do poeta sertanejo Nô Gomes Filho:

"Boi-de-carro, vida amarga,
Como é dura a tua lida!
Bem maior que a tua carga
É o fardo da minha vida!"

A junta de bois mansos, como que reclamando contra a canga, fungava e avançava, avançava e vencia o caminho, de curva em curva, de quebrada em quebrada, acordando os ecos das grotas onde mocós espantados amoquecavam-se nas lascas de pedras, tímidos e bárbaros. De vez em quando os bois cismavam com os vôos rasos, desorientados dos espanta-boiadas que espirravam das moitas próximas. Havia, aqui e acolá, vestígios de caborés que se recolhiam à fronde verdejante de copados juazeiros, cantando o seu nostálgico "foi-foi-foi"... e a ternura do canto do carão anunciava bom inverno.

O dia já andava pelo mundo e o carro-de-boi prosseguia na sua lentidão desafiando carrascais, escarpas e lombadas, com os pacientes animais, lerdos e heróicos, protestando com resmungos a cada açoite da macaca impiedosa no lombo grosso ou no cangote sofrido. E o caminho quase todo por percorrer.

José Limeira e José Alves Sobrinho aboiavam versejando, uma forma de encurtar a caminhada monótona, estafante. A toada saudosa dos aboios parecia estimular a junta de bois cujos cascos fincavam-se na terra vermelha, levantando espirais de poeira, no rumo

das Melancias de Raimundo Rolim. Perdia-se nos longes do Sertão, confundindo-se com os arrulhos soluçantes das arapongas, a voz de José Alves Sobrinho:

"Anda à frente, boi mansinho,
Anda à frente sem parar !
Obedece ao teu carreiro
Que te ordena caminhar!
Bem cedo nas Melancias
Hoje eu desejo chegar !!!
Êh êh êh êh êh êh ...
Êh lá êh boooi ...
Êh lá, êhhh ..."

A junta arrastava-se morosa, capenga, estropiada, sob o sol escaldante, fazendo ligeiras paradas às proximidades das porteiras.

A viagem se fazia agora por uma longa faixa de tabuleiros e carrascais, onde somente havia pedras, raízes de cansanção, chocalhos de cascavel e caveiras de boi — uma paisagem desoladora em que só se via, muito à distância, como sinais de vegetação, o verde agressivo dos juazeiros, árvore que resiste ao castigo das grandes estiagens, retalhos de esperança enfeitando um Sertão desiludido — cenário desconcertante que a sensibilidade do poeta Eilzo Mattos pintou nos quatorze versos de "**A Seca**":

"Tudo é silêncio e calma. Sopra quente
A brisa outrora ciciante e amena !
A terra, que era ubérrima e serena
Jaz calcinada pelo sol ardente !

Eis a caatinga dantes tão virente:
Moitas sem folhas, secas — triste cena
Que nos invade o coração de pena
De uma cigarra ao estalar ingente !

O Céu azul, azul, mira a paisagem
Desoladora, lúgubre, ardendo
Aos incruentos raios do sol alto...

E lá ao longe, qual uma miragem,
Um juazeiro a solidão rompendo
Na fronde abriga uma ave em sobressalto !"

Os violinos desafinados do carro velho executavam, ininterruptamente, a canção da paciência, a melopéia triste da resignação sertaneja, do heroísmo de uma gente que acredita em Frei Damião e vê a grandeza de Deus em cada pingo de chuva; a canção de um bravo povo esquecido que trabalha, matando-se, para fazer a opulência das metrópoles.

Os violinos bárbaros vencem a tarde. Os viajores avistam, já sob as laminulas de extasiante crepúsculo, o acolhedor verde-azul da vazante das Melancias, extremando, ao nascente, com o hotel balneário do Brejo das Freiras e, ao poente, com o primeiro município cearense.

Havia ficado para trás a paisagem de marmeleiros, mandacarus, juazeiros, oiticicas, escarpas e lombadas. Não mais os tabuleiros e carrascais de raizes de cansanção, chocalhos de cascavel e caveiras de boi. O carro gemia sobre a fertilidade da Fazenda Melancias, uma Suiça em miniatura, onde não se fala em miséria.

O olhar dos poetas perde-se no panorama de floridos laranjais, mangueiras amigas, frondosas jaqueiras, gameleiras seculares e uma interminável faixa de capim-de-planta e capim-santo, dando a impressão de imenso tapete verde. O canto das jaçanãs à margem do açude era a saudação das Melancias à Musa do Absurdo. Havia revoadas de concrizes, bem-te-vis, graúnas e pombas-rola que se iam agasalhar nos arvoredos, em trinados de amor que o homem não compreende.

A junta de bois mansos, trôpega, arquejante, esbarra no terreiro da casa grande, libertando-se, por fim, da macaca e da canga, a noite já podendo mais do que o dia. As ovelhas mansas atrávessavam o pátio largo, enfileiradas, pulando, balindo, chocalhando, indo para o curral de pedra. Os trabalhadores do eito deixavam seus enxadecos no pé da barreira, ao lado da pedra de amolar.

José Limeira, José Alves Sobrinho e o estudante Nestor Rolim recebem, penetrando a alpendrada, as boas-vindas do fazendeiro Raimundo Rolim e de seu irmão Pedro que na cidade de Cajazeiras hospedara os virtuosos da viola.

Limeira esboça um sorriso natural, dirige-se ao proprietário e pergunta, abraçando-o:

— O mestre aprecia repente de **filanlumia?**

O tranquilo fazendeiro diz que sim, que a cantoria é o único divertimento do Sertão.

— Apois o mestre hoje vai se impanziná de verso com esse caboco veio e o meu camarada Zé Alves, que também é um grande cantadô.

— Por aqui — atalha Raimundo Rolim — é muito popular uma sextilha que o senhor teria improvisado em Patos, há muitos anos, se não me falha a memória:

"Nessa vida de viola
Vivo pra diante e pra trás,
Nunca mais tive alegria
Depois que perdi meus pais,
Minha vida é de caboco,
Quatro é muito, cinco é pouco,
Dez não dá, sete é demais".

— Foi isso mesmo, mestre, é tudo bonito assim. O povo gosta de butá meus verso na cachola, mais não sei por modo que o jorná não fala no meu nome, quando até a rádia de Pernambuco já falou — lamenta o Poeta do Absurdo, uma reclamação justa porque a imprensa pouca atenção tem dado aos poetas.

Não era sem razão que Cesário Verde formulava queixas contra a imprensa européia, naqueles idos de 1875, como denuncia o poema **Contrariedades:**

"O obstáculo estimula, torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa de um jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopéia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais de uma redação, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

A crítica, segundo o método de Taine,
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

Eu nunca dediquei poemas às fortunas,
Mas sim, por deferência, a amigos ou artistas.
Independente! Só porisso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingênuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convém, visto que seus leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua **coterie;**
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E aprumo-me em lançar, originais e exatos,
Os meus alexandrinos !..."

Ora, se em 1875, época de grande efervescência literária na Europa, os jornais lisboetas, com o seu romantismo anacrônico, fechavam-se para Cesário, Quental e até para Castilho, hermeticamente, que diriam os contemporâneos de Zé Limeira, numa época de sérias transições sociais, quando a imprensa reserva todo seu espaço quase que exclusivamente para os temas econômicos, fala por indústria e cala por conveniência ($) ?!

O Poeta não tinha consciência do problema, mas estranhava a indiferença dos jornais quanto à sua existência, o que era perfeitamente humano. Queixava-se

ao fazendeiro das Melancias, que, nos confins da Paraíba, surpreendia-o com a récita de uma sextilha sua.

— Apois é, mestre, um dia os filósofo bota eu no livro, por modo já botaro João Benedito, Pinto do Monteiro, os Irmão Batista, Zé Alves Sobrinho e um magote de camarada que canta que nem eu.

A noite é clara, estrelada, grande. Depois do jantar vão chegando os convidados e não convidados, em grupos, às dezenas, para ouvir um cantador de fama. No terreiro os poetas contemplam a paisagem enluarada, a lua abençoando o rebanho bovino ao longo da várzea verde, os pingos de orvalho se fazendo pérolas, salpicando a ramada. O batuque descompassado dos chocalhos dá um ar bucólico ao prenúncio da festa.

Não para de chegar gente a pé, em montarias, de caminhão, de charrete, de todos os lados, principalmente das bandas do Brejo das Freiras. Não para de chegar gente. Às vinte horas a mansão das Melancias comporta com problemas a multidão ávida de poesia.

As moças da casa passam a servir uisque em abundância, mas Limeira prefere tomar "zinebra". Não quer sair da sua simplicidade de caboclo que não anda em transporte motorizado.

Possantes candeeiros a carbureto iluminam a sala espaçosa pintada a óleo, refletindo a luz forte nas lentes escuras que protegem os grandes olhos firmes do Poeta, sob as grossas pestanas negras.

Ali está José Limeira em carne e osso, centro de todos os olhares, com a inseparável flanela cor de sangue-de-boi enrolada ao pescoço, um nó volumoso à altura do laringe, um anelão azul encravado no nó. Ali está José Limeira, ele mesmo, "O cantadô malhó / Que a Paraíba criô-lo", os dedos apinhados de anéis a tanger as cordas da viola enfeitada, companheira maior de suas glórias, testemunha eterna de suas batalhas. Ali está o Poeta do Absurdo, o bardo rústico, o aedo soberbo, os olhos a dançar nos quatro cantos da sala, as mãos extraindo sons diferentes de um instrumento psicodélico. Ali está José Limeira, o cantador favorito, a vedeta da noite, o "dono da bola".

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Os cantadores sentam-se, as violas já afinadas, os espectadores tomando seus lugares. Sobrinho sabia que Limeira era endeusado no Sertão, um mito, um pedestal incólume. Sabia de tudo, porisso estava inseguro, apreensivo. Tinha consciência de seu talento, mas não estava diante de platéias ilustres de Fortaleza, do Recife, de Campina Grande. Cantaria para um povo rude que gostava dos versos de Zé Limeira, "o maior cantador do Sertão".

— Minha gente, vamos ouvir poesia, já são nove horas da noite, já devia ter começado o festival — diz o fazendeiro Raimundo Rolim, em voz alta, para estimular os repentistas. E grita:

— Viva as patativas do Sertão !

O povo aplaude calorosamente os donos da noite que já estão ponteando nas violas o ritmo nordestinissimo do baião. Sobrinho ingere uma dose forte de uisque, Limeira agarra meio copo de "zinebra". O baião ganha seu compasso e o Poeta do Absurdo elimina a expectativa:

"Mestre Raimundo Rolim,
Capataz das Malancia,
Eu posso até lhe ensinar
Repente e pilogamia,
Abeia tem a ciência,
A lua é quem alumia".

Sobrinho acompanha:

"Nesta noite a poesia
Vai cintilar no Sertão,
Na voz deste pobre bardo
E Limeira, meu irmão,
Dois poetas que se uniram
Na mais santa comunhão".

Limeira:

"Macho de abeia é zangão
E feme de home é muié,
Quem quisé vá no cortiço,

Chegue lá e beba o mé,
Cachorro vai pelo faro,
Quem tem linha é carrité".

A platéia ovaciona delirantemente o Poeta, desnorteando o seu brilhante parceiro que, não compreendendo o que queria dizer Zé Limeira, assim fala da "camisa de onze varas" em que está metido:

"Deus, como é que com Zé
Limeira aqui cantarei ?
Um cantador diferente
De quantos já enfrentei:
O que eu digo ele não sabe,
O que ele diz eu não sei".

Limeira:

"Home nasce pra ser Rei,
A muié pra ser Rainha,
Tá na Sagrada Escritura
O som dessa violinha
E depois de Deus querer
Água do pote é meizinha".

Há um verdadeiro vivório. As palmas não descontinuam e Sobrinho pensa em desistir, mas não pode se dar a esse luxo, pela necessidade financeira:

"Ó meu Deus, que sorte a minha,
Nesta noite brasileira !
Eu sei que não canto ruim,
Minha voz é prazenteira,
Mas todos negam-me a palma,
Só aplaudem Zé Limeira".

Soam algumas palmas convencionais, aplauso amarelo de misericórdia. E o Poeta do Absurdo, na sua alegria própria dos vencedores, com a paz do mundo nos olhos de carvão:

"La na Serra do Teixeira
Zé Limeira é o meu nome,
Eurico Dutra é um grande
Mas vive passando fome
Ainda antonte eu peguei
Na perna dum lubisome".

Sobrinho:

"Eu mudo até o meu nome
Se esse bicho apareceu !
Porém não vou afirmar
Que isso não ocorreu
Que é capaz de aqui dizerem
Que o mentiroso sou eu".

Limeira:

"Getúlio Vargas morreu
Foi com saudade da esposa,
Lampião inda tá vivo
Morando perto de Sousa,
Por detrás do Sete-Estrelo
Tem um casal de raposa".

Em breve intervalo, Nestor Rolim redigiu o primeiro mote da cantoria:

**"Canta, canta, cantador,
Que teu destino é cantar".**

Limeira iniciou a glosação:

"Quando o carão tá cantando
É sinal que vem inverno,
Eu sou um nego moderno,
Foi não foi eu tou pensando.
Amanhã tô viajando
Pru sertão de Bogotá,
Tico-Tico no Fubá,
Padre, Juiz e Doutor,
**Canta, canta, cantador,
Que teu destino é cantar".**

Sobrinho glosa:

"Minha vida é esta cantiga,
Meu amor é esta viola...
Deus me botou nesta escola
Egrégia, sublime e antiga.
Se minha viola amiga
Quiser um dia parar,
A dor não vou suportar,
Porque ordena Nestor:
Canta, canta, cantador,
Que teu destino é cantar".

O povo silencia, indiferente ao belo improviso. Irrompe, de momento, numa aclamação espalhafatosa:

— Agora lá vai fogo !
— Zé Limeira agora vai "desmoralizar a Medicina!"
— É o Castro Alves da viola !
— Sapeca, Zé Limeira !...

O Poeta não se torna enfatuado. Sente-se feliz, agradece com um sorriso largo o estímulo dos admiradores para, tranquilo, fazer valer a música da alma:

"Numa berada de serra
Dom Pedro ficou de coca,
Começou tirá taboca
Do cabeceiro da terra,
Veio a febre berra-berra
Pru dentro dum caçuá,
Comendo o tamanduá
Da filha do Promotor,
Canta, canta, cantador,
Que teu destino é cantar".

Sobrinho:

"Este tema deslumbrante
Que nos deu Nestor Rolim,
Despertou dentro de mim

Um sentimento gigante !
Porisso eu canto perante
O povo deste lugar,
Já fazendo despertar
A musa do sonhador ...
Canta, canta, cantador,
Que teu destino é cantar".

Um dos candeeiros apaga-se, por excesso de vento, e Limeira firma-se na motivação:

"Se apagou-se a lamparina
Prumode o vento assoprou,
Me adiscurpe, seu Nestor,
Caboco da Palestina.
Joguei minha lazarina
No tronco do jatobá,
Fiz Lampião avuá
Na baixa do corredor,
Canta, canta, cantador,
Que teu destino é cantar".

O estudante redige e entrega a Sobrinho um novo tema:

"Quem sabe o que sou, sou eu,
Sou eu quem sabe o que sou".

E Sobrinho, desenvolto e cintilante:

"Eu sei que dentro de mim
Há sentimento demais:
Alma e coração leais
Vão comigo até o fim,
Pois eu sei que sou assim
Desde que Deus me criou,
Porisso cantando vou
Sabendo o destino meu ...
Quem sabe o que sou, sou eu,
Sou eu quem sabe o que sou".

A declaração de auto-confiança, fundida em versos tão harmoniosos e precisos, não mereceu dos presentes tantas palmas quantas foram dirigidas à glosa limeiriana:

"Um dia eu passei pru dentro
Duma cancela deserta,
Tava a lua toda aberta
Debaixo dum pé-de-vento...
No terreiro do convento
Um canário me chamou,
Daí o Juiz chegou
Pra prendê João Elizeu ...
Quem sabe o que sou, sou eu,
Sou eu quem sabe o que sou".

Por coincidência, o homem que se encontrava mais próximo a José Limeira, de braços cruzados, roupa de mescla, cigarro de palha, chamava-se exatamente João Elizeu e estava sendo processado na Comarca de Antenor por haver atentado contra a vida de um vaqueiro da Fazenda Liberdade. Coincidiu, ainda, que no exato momento em que Limeira terminava de fechar a glosa, entrava na sala um cidadão de fisionomia sóbria, austera, bem vestido, com ares de Juiz de Direito, olhando ligeiramente para o "réu". João Elizeu não teve tempo para hesitar: saiu correndo em direção ao terreiro, derrubando pessoas, cadeiras, candeeiros — um autêntico pandemônio — e embrenhou-se num fechado de jurubeba, indo sair no Brejo das Freiras, cerca de doze quilômetros das Melancias. Uma inquietação estabeleceu-se por minutos, até que, esclarecida a coincidência, os poetas poderam recomeçar a peleja. João Elizeu demandou ao Sul e nunca mais voltou à Paraíba.

— Já vi um caboco mufino! Só sendo brejeiro! Como é que um home tem sobrosso do verso desse nego veio? Mais é isso mesmo, vaqueiro pra escutá Zé Limeira é perciso ter foigo de sete gato !...

As violas voltam a gemer na grande noite sertaneja. Nestor Rolim lembra aos cantadores um mote de Raymundo Asfóra, de textura oriental:

"Trago nalma as tatuagens
Da minha origem cigana".

Sobrinho:

"Já varei muitos desertos,
Fui senhor de muitas lendas,
Já povoei muitas tendas,
Vi muitos braços abertos,
Já cruzei caminhos certos
À frente da caravana,
Já vivi numa cabana
De onde avistava miragens,
"Trago nalma as tatuagens
Da minha origem cigana".

Referindo-se a **desertos, lendas, tendas, caravana, miragens,** o violeiro demonstrou assimilar o sentido oriental do mote, fazendo Limeira exatamente o inverso:

"Sou caboco do Tauá,
Quem quiser me dissimú-lio,
Lampião matou Getúlio
No Sertão do Ceará...
Viola, banjo e ganzá
Eu toco toda sumana,
O vento da palagana
Me açoita toda viage,
"Trago nalma as tatuagens
Da minha origem cigana".

Com certa descortezia, Sobrinho admoesta o colega:

"Limeira, você agora
Fez verdadeiro flagelo;
Botou a perder o belo

Mote de Raymundo Asfóra.
Tudo que disse foi fora
Daquela trilha bacana...
Dissipou a caravana,
Interrompeu as viagens ...
Trago nalma as tatuagens
Da minha origem cigana".

Limeira, ligeiramente ressentido:

"O que eu dixé você note
No caderno do futuro:
Limeira canta seguro
E sabe acochá o mote.
Cascavé que não dá bote,
Guachinim chupando cana,
Já passei uma sumana
Só vendendo catrevage,
Trago nalma as tatuagens
Da minha origem cigana".

Quatro horas. O tempo corria rápido. Novos litros de uisque. Alegria e satisfação na fisionomia geral. Nenhum bocejo. Raimundo Rolim mostrava a sua grande capacidade de anfitrião. Namorados valiam-se da penumbra que invadia os alpendres laterais. Chocalhos e mugidos ao longe, intermitentes. Coalhada e requeijão servindo-se em abundância, na sala, na cozinha, nos terraços. Bandejas atropelavam-se. A sacarrolha trabalhava. Rolos de fumo boró diminuiam. José Alves Sobrinho bebia uisque, Zé Limeira bebericava "zinebra", fumava cigarros-de-palha, cuspia no chão sem cerimônia, firme na sua sinceridade pétrea. Nada de sofisticação, de protocolos, de etiquetas, de esnobismo. Ali estava o sertanejo a quem se referira "Os Sertões", o único cérebro humano capaz de colocar um casal de raposas atrás do Sete-Estrelo, cantando, rindo, contagiando o meio ambiente, animando o povo. Estava de viola em punho, metrificando vocábulos inauditos, musicalizando ataba-lhoadas estrofes, sustentando a multidão insone, alegre,

vibrante, sem fazer caso do quebrar da barra. Um prazer inconsútil.

Havia murmúrios nos terraços, chiar de bicos de carbureto, cédulas multiplicando-se na bandeja, flertes nas janelas, poesia nas almas e na noite.

Vai alta a madrugada, hora de desafio, do salve-se quem poder. Nascem as primeiras résteas da matina e com elas surge o tira-teima. Redobra-se, agora, a atenção da platéia. Os repentistas pisam terreno escorregadiço, temerário, lançando-se, um contra o outro, na luta renhida. José Alves Sobrinho atira-se de peito aberto:

"Vou lhe avisar agora, Zé Limeira
(Dizem que quem avisa amigo é):
Vou lhe amarrar agora a mão e o pé
E lhe atirar naquela capoeira,
Pra você não dizer tanta besteira
Nesta noite em que Deus nos acolheu...
Você hoje se esquece que nasceu
E se lembra que eu sou bom e perfeito...
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

Zé Limeira corisca na réplica:

"Mais de trinta da sua qualistria
Não me faz eu corrê nem tê sobrosso ...
Eu agarro a tacaca no pescoço
E carrego pra minha freguezia.
Viva João, viva Zé, viva Maria,
Viva a lua que o rato não lambeu,
Viva o rato que a lua não roeu,
Zé Limeira só canta desse jeito,
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

Uma torrente de palmas e vivas consagra o Poeta do Absurdo, desarmando, aparentemente, seu competidor. Sobrinho não recua, mesmo sentindo o gradativo

crescimento da hostilidade à sua grande poesia e avança, como soldado ferido no combate desigual:

"Se esse negro não fosse tão cretino
Eu não ia lhe dar esta lição ...
Seu Raimundo Rolim, peço perdão
Por ter que aberturar esse felino ...
Vou mostrar como um vate nordestino
Dá num besta que já se arrependeu...
Esse negro um soldado já prendeu
Por ladrão, quem soltou foi o Prefeito ...
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

Limeira, tranquilo e distante:

"Eu me chamo Limeira da Nação,
O malhó cantadô da redondeza ...
Jesus Cristo vendia miudeza,
Ferrabraz tinha tudo no Japão,
Um macaco enrabou a mãe do cão,
O Prefeito do Brejo não morreu,
O Sertão nesse dia escureceu,
Salamão trabalhou no mesmo eito,
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu".

— Eu não digo? Zé Limeira é o maioral — bradava um admirador.

— Pode encostar cantador que um só é pouco — berrava outro.

Os litros de uisque substituiam-se, as bandejas diminuiam, a bandeja engordava, uma euforia geral.

— Já dixe e tá dizido: eu sou Zé Limeira véio falado! Cantadô pra acompanhá esse negro veio é perciso ter foigo de sete gato! É ou não é, mestre Zé Alves? — gritava, eufórico, o favorito da platéia. Gritava e pedia confirmação ao colega deprimido, quase desorientado, que balançava a cabeça "afirmativamente", como um autômato.

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

O tempo parecia galopar. Os poetas cantavam já sem o auxílio dos possantes candeeiros. Em direção ao cercado da vazante vasta, vaqueiros aboiavam guiando o rebanho, os aboios confundindo-se com o gorgear dos rouxinóis, dos xexéus-de-bananeira, dos graúnas que, sobre os espinhos de cardeiros iluminados, desprendiam o canto da liberdade que só os pássaros podem cantar, na colorida plenitude da vida campesina.

Uma grande rosa de púrpuras saia do horizonte, abrindo-se, desmanchando-se em pétalas luminosas de vinho.

José Limeira e José Alves Sobrinho sustentavam-se na peleja, com apenas três intervalos de vinte minutos durante a noite. As horas pulavam. Cinco horas. Os violeiros engalfinham-se no **galope a beira-mar**, o mais difícil gênero da cantoria nordestina: estrofe de dez versos com **onze** sílabas, obrigatoriamente tônicas as segunda, quinta, oitava e décima primeira. Fora desta metrificação, desta técnica, pode-se fazer choto, **passada-de-baixo, passada-de-meia**, carreira, mas nunca o **galope**. Daí a necessidade desta repetição: o elemento pode ser bom músico sem ser poeta, mas não pode ser bom poeta sem ser músico. O **galope a beira-mar** é antes de tudo música e somente pode ser improvisado por aqueles que nasceram poetas (era o gênero predileto de Canhotinho, o mais puro repentista que conheci no Nordeste, o mais analfabeto, o mais iluminado, o gênio que a Paraíba perdeu em 1965, que deixou uma lacuna impreenchível na paisagem da viola. Cantava genialmente em todos os gêneros e divinizava o **beira-mar**).

Àquela hora da manhã era o **galope** o teste de fogo para Limeira e Sobrinho. O Poeta do Absurdo, consciente de sua maestria nesse ângulo, do seu perfeito domínio no campo da metro-música, imprescindível requisito do beira-mar, expande-se nos seus versos inimitáveis:

"Eu canto **galope** no Céu e na Terra
Prumode os vivente pudê me ispiá ...
Tacaca, mufumbo, raposa e preá.

No campo, na baixa, na grota e na serra.
Jumento, cavalo, garrote que berra,
Garrote, cavalo, jumento muá,
Vaqueiro, cangalha, chicote de pá,
Chicote, cangalha, vaqueiro, sacola,
Limeira é quem berra no som da viola
Cantando galope na beira do mar".

Sobrinho acompanha, vestindo os versos da harmonia glauca exigida pelo **galope**, pois o estilo é por natureza glauco:

"Provo que sou navegador romântico,
Deixando o Sertão para ir ao mirífico
Mar que tanto adoro e que é o Pacífico,
Entrando, depois, pelas águas do Atlântico.
E nesse passeio de rumo oceânico
Eu quero nos mares viver e sonhar ...
Bonitas sereias desejo pescar,
Trazê-las na mão pra Raimundo Rolim,
Pra mim e pra ele, pra ele e pra mim,
Cantando galope na beira do mar".

Limeira, contrariamente, não sai do Sertão. Agarra-se, com unhas e dentes, a jumento, garrote, cangalha, vaqueiro, mufumbo, serra — um quadro de sua terra em alto relevo pintado com as cores da fidelidade ecológica. É a expressão do seu amor telúrico imorredouro a afirmar que um coração sertanejo não pode pulsar em peito litorâneo. Enquanto José Alves Sobrinho singra os mares desvendando-lhes os mistérios, pescando sereias, seguindo trilhas marinhas, Limeira finca o pé no seu Sertão de chapéu-de-couro, mandacaru, cascavel, coroa-de-frade. E eis que arranca novamente numa autêntica pororoca de música e motivos selvagens:

"Limeira só canta toada bonita
Pra moça da roça, pra moça da rua ...
Braúna, chocalho de noite de lua,
Cardeiro enfeitado de laço de fita.

Carroça vestindo camisa de chita,
Novena na casa do Sítio Tauá,
Porteira, cancela, vareda, jucá,
Mutuca, facheiro, valado, pagode,
A cabra rodando na pimba do bode,
Cantando galope na beira do mar".

São nove horas. Não há o menor sinal de cansaço nos semblantes. A platéia permanece intacta, ingerindo uisque e poesia. Limeira continua endeusado, invicto. Sobrinho retoma o rumo de suas viagens marítimas, intrépido:

"Vou empreender uma nova viagem
Por cima das águas do Glacial Ártico,
Deixando pra trás o Glacial Antártico,
Do Índico e Pacífico traçando a imagem...
De praia, de golfo, baía, a paisagem
Eu pinto e completo com barco a boiar...
Lagunas, enseadas eu quero esmaltar,
Com portos fluviais, marítimos, lacustres,
Porque 'stou cantando pra homens ilustres,
No velho galope da beira do mar".

Limeira:

"Me chamo Limeira, Liminha, Limão,
Muntado a cavalo no mato fechado,
Ciência Regente conheço um bucado:
Carcassa de burro de espora e gibão,
Facheiro, jurema, coiada, trovão,
Novilha parida do lado de lá,
A cabra berrando do lado de cá
Com medo do bode da pimba de ponta,
Limeira é quem fala, Limeira é quem conta,
Cantando galope na beira do mar".

Sobrinho:

"Vou pelo oceano em missão geográfica,
Cantando enseadas, lagunas e rios,
Os volumes dágua, salgados e frios,

Os golfos, as angras, bacia hidrográfica.
Eu quero trazer a visão fotográfica
Dos portos, das algas, por onde eu passar,
Os álveos, as ilhas eu quero deixar,
À praia voltando em roteiro romântico,
E aí terminou meu passeio no Atlântico,
Cantando galope na beira do mar".

Limeira, sertanejo intransigente:

"Não sei onde fica esse ta de oceano,
Nem sei que pagode vem sê esse má...
Eu sei onde fica Teixeira e Tauá,
Que tem meus moleque vestido de pano...
A minha patroa é quem traça meus prano,
Cem culha de milho inda quero prantá,
Farinha, lugume, feijão e jabá,
Com môi de pimenta daquela bem braba,
Valei-me, São Pedro, Limeira se acaba,
Cantando galope na beira do mar".

Sobrinho:

"Viajo seguindo sem rumo nos mares,
Revendo as ilhotas, penínsulas, ilhas,
E dos arquipélagos mil maravilhas,
Das belas gaivotas os lindos cantares...
Gaivotas em bandos cantando nos ares
E eu, no meu barco, o oceano a singrar,
Os peixes na frente correndo a nadar
Nas ondas revoltas do mar tão bravio,
E eu sigo remando em meu barco erradio,
Cantando galope na beira do mar".

Limeira:

"Mourão de porteira. cangote de vaca,
Cangote de vaca, mourão de porteira,
A nega vexada chamando a parteira
E o nego pulando na ponta da faca.

Preá, punaré, papa-vento, tacaca,
Cachorro querendo lembê o préa,
O pobre correndo pra qui, pra culá,
O mato fechando, se abrindo de banda,
No tá do repente Limeira é quem manda,
Cantando galope na beira do mar".

Sobrinho:

"Não falo em porteira nem coisa nenhuma
Do velho Sertão em cantiga romântica,
Pois aqui só cabe conversa oceânica,
Falando de praia, de onda, de espuma,
De peixes nadando por dentro da bruma,
De velhos navios a água a cruzar...
Eu pego uma lancha para viajar
E lá no alto mar reviver pescarias
Por cima das águas profundas e frias,
Cantando galope na beira do mar".

Limeira:

"Eu sou Zé Limeira, caboco do mato,
Capando carneiro no cerco do bode,
Não gosto de feme que vai no pagode,
O gato fareja no rastro do rato,
Carcassa de besta, suvaco de pato,
Jumento, raposa, cancão e preá,
Sertão, Pernambuco, Sergipe e Pará,
Pará, Pernambuco, Sergipe e Sertão,
Dom Pedro Segundo de sela e gibão,
Cantando galope na beira do mar".

Aô meio-dia as violas ainda retiniam no compasso contagiante do **beira-mar,** o povo todo ali ouvindo um cantador de fama, as cigarras estalando nas oiticicas do pátio circulante, as ovelhas mansas achegando-se, enfileiradas, branquinhas, à sombra das alpendradas.

Somente um brusco imprevisto interromperia a grande peleja. Zé Limeira, caboclo forte, homem destemido, com quem para se cantar era preciso ter fôlego de

sete gatos, que só temia os castigos de Deus e o "grito de Satanaz", sufocou subitamente a voz do pinho, diante do inesperado: o trem apitou a cem metros da casa grande das Melancias, um berro metálico sempre surpreendente, ecoando longe.

De um salto, Zé Limeira estava no meio da sala, os olhos esbugalhados, a viola na mão, o desespero na testa, num pé e noutro, sobrando em si mesmo.

O comboio procedia de Patos e destinava-se ao Crato, em viagem rotineira, ali fazendo rápida parada obrigatória. O Poeta não observara, ao chegar às Melancias, os trilhos de ferro dividindo a várzea, o que concorreu para agigantar o seu espanto. Era o "grito de Satanaz" a única coisa deste mundo que metia medo em Zé Limeira, homem forte do Sertão.

— Me vala, Senhor São Bento! É o imbuá de ferro! Donde vem esse danido? É Satanaz gritando por modo de adivinhar seca no Sertão... espia o baita onde tá istirado !...

Dentro do capinzal fechado estavam os enormes vagões engatados na locomotiva vermelha, um vermelho velho contrastando com o verde novo do capim.

Limeira não poderia pensar na hipótese de aparecer um trem apitando por aquelas paragens tranquilas de árvores e pássaros. Era uma realidade absurda. Na mansuetude da pequenina Suíça não havia lugar para semelhantes invasões. A vazante acolhedora das Melancias não poderia se prestar para as expansões da Greet Western. Não, não podia. E o Poeta se valia do Senhor São Bento para afugentar o "imbuá de ferro".

Ao cabo de cinco minutos a locomotiva emite novo apito, desta vez mais forte e mais longo, para mais longo e mais forte vexame do Poeta. E parte, a vomitar fumaça pela chaminé encardida, deixando aquele cheiro agressivo de carvão-de-pedra, aquela saudade e aquele espanto. O comboio alcança a sua marcha normal, sai a resfolegar sobre as linhas curvas, transpõe o valado florido, embrenha-se na sombra dos buritizais, descamba na planície vasta em demanda do Ceará, ao compasso

matemático da música dos solavancos, rasgando o ventre do Sertão de Zé Limeira. E some-se...

— Graças a Deus! — Zé Limeira balbucia, aliviado.

No terreiro, nos alpendres, em torno da pedra de amolar, no oitão da casa de farinha, há, agora, como de costume, ressonâncias da cantoria. Vão aparecendo fragmentos poéticos da peleja, décimas e sextilhas, improvisadas nos momentos em que o gravador não funcionava (a despeito da habilidade do estudante Nestor Rolim), decoradas por matutos de boa memória.

— De Zé Limeira eu só gravei uma sextilha, mais essa valeu pelo resto — diz um curioso, recitando com orgulho:

"Na profissão de viola
Vivo nesse vai-não-vem,
Dom Pedro foi home forte
Que sabia andá no trem,
Se casou-se e foi morá
Perto de Betelelém".

— Eu decorei mais de uma dúzia na hora, mais agora só me lembro dessas duas glosa, ô veio macho! — anuncia outro camponês, passando à declamação das glosas limeirianas:

"No samba que nego dança
Tem cheiro de muçambê,
Quem nunca viu venha vê
Limeira fazendo trança...
Foi lá perto de Esperança
Que eu vi a truba passá,
Cai aqui, cai acolá,
Sargento, cabo e doutor,
Canta, canta, cantador
Que teu destino é cantar".

"Eu não sei fazer o doce
Mais sei quando ele tá bom,
Moça que bota baton
Pra mim ela já danou-se...

Lampião se atrapalhou-se
Ficou pra lá e pra cá,
Foi quando no Ceará
A guerra se arrebentou,
Canta, canta, cantador
Que teu destino é cantar".

— Bunito como o droga foi esse. Duvido qualquer bichin de oreia fazê isso — exclama outro circunstante:

"No tempo do Padre Eterno
Getúlio já governava,
Prantava feijão e fava
Quando tinha bom inverno...
Naquele tempo moderno
São João viajou pra cá,
Dom Pedro correu pra lá,
Escanchado num trator...
Canta, canta, cantador
Que teu destino é cantar".

"Na corrida de mourão
Quem corre mais é quem ganha,
São Thomé vendia banha
Na fogueira de São João...
Foi na guerra do Japão
Que se deu essa ingrizia,
Camonge quage morria
Da greguena berra-berra,
Quem se morre é quem se enterra,
Adeus, até outro dia".

Não aparecia uma estrofe de José Alves Sobrinho. Seus versos não teriam entrado na cachola dos homens da roça, para constatar a consagração de Zé Limeira nas zonas rurais da Paraíba como cantador do povo, amado e compreendido, "primeiro sem segundo" na generalização da mentalidade camponesa.

Por colecionar tantas decepções dessa natureza, tantas mágoas e tantos desencantos, como espinhos do ofí-

cio, foi que José Alves Sobrinho abandonou a profissão, recalcando a sua dor na tristeza do silêncio. E que genial artista perdeu o elenco da cantoria nordestina! Um dos maiores do Nordeste.

Extra gravador, raríssimos versos de Sobrinho foram memorizados durante a cantoria e estes por pessoas de mentalidade relativamente avançada. A transcrição da glosa abaixo deve-se à memória de uma professora da cidade de Antenor Navarro. Glosando um mote corriqueiro, José Alves Sobrinho realizou uma peça poética rica de conteúdo, ritmo, conceituação e adequação terminológica:

"A mulher, quando noiva, é como a planta
Que promete a melhor vegetação;
Como esposa, a mulher é a floração
De onde o fruto da vida se alevanta;
Sendo Mãe, a mulher é uma santa,
Como filha, a mulher é o próprio amor;
Como irmã, a mulher é o doce olor
Da angélica, do cravo e do jasmim:
Este mundo, cercado, é um jardim
E a mulher, dentro dele, é uma flor".

Depois da "buchada" ao calor etílico da Chica Boa, preparam-se os poetas para o retorno à cidade de Cajazeiras, utilizando o mesmo carro-de-boi que já os espera no terreiro, ensaiando os seus gemidos, os bichos encangados. Ouvirão novamente a canção da paciência executada pelos violinos desafinados dos velhos cocões de craviúna do primitivo carro de que fala Cristiano Cartaxo:

. . . . . .
"...Quando um carro-de-boi gemendo passa
Pelas estradas ermas do Sertão ...
. . . . . .

Mas, apesar de desventura tanta,
Sempre que passa se arrastando, ao luar,
Ou sob a luz de um sol crepuscular,
A impressão que se tem é a de que canta!

....
....
....
....

Ao passares gemendo estrada afora,
Eu te escuto, contrito, e me comovo,
Porque bem sei que és, carro-de-boi,
A imagem fiel e viva do meu povo!"

José Limeira e José Alves Sobrinho despedem-se do fazendeiro e sobem no carro, juntamente com o estudante Nestor Rolim e o carreiro. Acenam para a multidão feliz. Todos estão felizes: José Alves Sobrinho, com o numerário suficiente para o resgate de seus débitos; José Limeira, certo de haver proporcionado aquela felicidade ao colega; Nestor Rolim, conduzindo alguns metros de poesia nas fitas magnéticas; o carreiro, sonhando com os aboios que iria ouvir nos altos e baixos do conhecido itinerário.

Mas, a junta de bois já ensaiando o pezunhado da partida, Zé Limeira salta no chão, inesperadamente, decidindo tomar outro rumo:

— Arresorvi ir aqui pru dentro, por modo que perciso passá na casa de um compadre, no Antenor. Quem quisé me acompanhá, vamo mais eu, porém vivente pra acompanhá esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato!

Despediu-se de todos num aceno dramático, quebrou para o lado do nascente, com a sua viola, o seu matulão, a sua bengala de aroeira, o seu cigarro-de-palha e a sua fé em Deus, sumindo num partido de jurubeba e capim-de-planta, pisando firme nas alpargatas de estalo, misturando o seu assovio ao estalar ingente das cigarras e à ópera maviosa dos pássaros das Melancias.

Passou pelo Hotel Balneário do Brejo das Freiras, assoviando, tirando fumaça, na sua pisada firme de puro sangue, ao crepúsculo. Com as primeiras estrelas, alcançou a cidade de Antenor Navarro, o pequeno país do Major Jacob Frantz.

A cantoria que não foi ouvida

XIII

O nevoeiro da Serra da Borborema caía, solene, sobre Campina Grande, cobrindo os seus logradouros, com o sudário glacial de agosto, o vento atirando "aplicações hiemais de gelo russo" na população da trepidante cidade cosmopolita às oito horas da manhã — um grande panorama frio, uma paisagem alvacenta e opaca.

Pela Rua Maciel Pinheiro eu ia pensando em Zé Limeira. Uma lembrança que me chegava de chofre e se me ia ficando insistente, clara, forte. Meu pensamento fixava-se na figura do cantador exótico, do homem diferente, do caboclo impoluto. Parecia ver, nítida, sua imagem. Pensava naquela sua inimitável maneira de ser, naquela originalidade em todos os seus aspectos. Ia com o pensamento fixo nele. Uma recordação acesa, uma saudade endereçada, abundante, horizontal, dessas que a gente sente e não sabe porque.

Dirigia-me à Livraria Pedrosa e não ia comprar livros. Apressava os passos, sob a névoa serrana, para che-

gar logo, como se tivesse algum compromisso com o endiabrado livreiro José Pedrosa. Nada desviava meus passos do itinerário não traçado. A direção era a Livraria Pedrosa, aonde devia chegar imediatamente, onde ninguém me esperava, onde, talvez, me desse no bestunto levar mais um livro fiado, por onde, talvez, passasse indiferentemente. Ia como um autômato.

Quando pisei a calçada daquela farmácia do espírito, estava, inexplicavelmente, diante de Zé Limeira. Só então dei por mim: vinha, evidentemente, absorvido por um desses circunstanciais fenômenos telepáticos só explicáveis pela Parapsicologia.

O Poeta chegava do Vale do Pajeú, onde se digladiara com renomes da viola, em grandes duelos de rimas. Vinha com a habitual indumentária aberrante com que inaugurava, sem intenções publicitárias, o tropicalismo no Brasil. Com um sorriso largo, estendeu-me a mão angulosa, com aquela franqueza do pé-da-serra, aquela dignidade que as elites não conhecem. E assustei-me quando o poeta disse-me que vinha pensando em mim.

Dirigimo-nos ao Ponto Certo, na Praça da Bandeira, onde, sobre uma mesa larga, o Poeta pôs a viola, o matulão e a bengala de aroeira. Sentamos à mesa vizinha.

— Que espécie de transporte utilizou do Pajeú para cá, Poeta? — inquiri, sabendo que a resposta seria:

— Os pé, mestre, eu só ando a pé. Tirei em duas sumana.

Lamentou não ir à casa de uma irmã no Largo da Estação: não queria ter a desventura de ouvir o "grito de Satanaz". Privava-se, destarte, de "tirá uma madorna".

Havíamos pedido café, mas não chegamos a bebê-lo, porque um violento e covarde massacre de policiais na pessoa de um homem indefeso, a poucos metros de nossa mesa, inspirou-nos um misto de repugnância e revolta. Como protesto à torpeza daqueles atrabiliários homens do **caqui**, retirámo-nos do local. Na calçada do restaurante, onde conversamos cerca de duas horas, Zé

Limeira insistiu para que me fizesse presente à sua cantoria, à noite, na Rua Manoel Pereira de Araújo:

— O mestre não deixe de ir. E' naquele sobrado azul do baixo militrissimos adonde vosmiceis viu esse nego velho cantando feito cigarra. Eu vou cantar com José Gonçalves, aquele cambado do Ceará. (Canhotinho vinha chegando e, com a intimidade antiga, saudou Limeira com aquela conhecida brincadeira, fazendo um gesto com a mão, como quem está brigando de peixeira, dizendo: "Lá vai faca, Limeira!" O Poeta, empunhando sua bengala de aroeira, respondeu, sorrindo: "Não isfacilite senão isfalece!").

Em companhia do poeta Marcelo de Almeida e do jornalista Olinto Tinto, cheguei por volta das vinte horas ao sobrado velho da Manoel Pereira de Araújo, subterrâneo moral da capital politica e econômica da Paraiba. Encontramos um ambiente indescritivelmente sórdido, onde generalizava-se uma confusão inapaziguável: a proprietária da casa havia-se equivocado quanto à data da cantoria e contratara um tocador de concertina para a mesma noite. O rapaz não rescindia o contrato, alegando o prejuizo que teria, no que tinha razão, pois era um profissional, e a sua renúncia custaria X. Ao mesmo tempo, Limeira baseava-se na palavra empenhada, com igual intransigência, não porque levasse em conta o que pudesse deixar de ganhar, mas, unicamente, por haver prometido aos amigos que cantaria naquela noite.

As opiniões, por outro lado, dividiam-se: um grupo queria dançar e outro preferia ouvir os cantadores. Não se entendia mais nada. Olinto Tinto, entretanto, conseguiu conciliar as duas partes, sugerindo que o samba se fizesse na sala da frente e a cantoria na cozinha. A idéia do jornalista pôs termo às divergências, todos concordaram, inclusive o comissário de policia, e dentro de cinco minutos começa a bagunça.

Na sala, acordes agressivos da concertina em consonância com o triângulo, o pandeiro, o zabumba, o reco-reco e o chiar do arrasta-pé no cimento bruto: na cozinha, as plangentes violas parecem imitar arrulhos de

aves feridas. Lá, a dança erótica, a lascívia, a libertinagem, o berro do sexo; aqui, o sentimento, as evocações do passado, a toada dolente de instrumentos magoados.

Quem se pusesse ao centro do comprido e sombrio corredor, ouviria sons indistintos de concertina, triângulo, pandeiro, zabumba, reco-reco e violas fundindo-se no ar, formando uma miscibilidade sonora desarticulada. Coloquei-me, a propósito, ao meio da passagem, deixando Olinto Tinto na sala e Marcelo de Almeida na cozinha, para saber com qual das partes estava a desvantagem. A pesquisa de dez minutos trouxe-me a conclusão: ambas se prejudicavam.

No corredor, de olhos fechados, era-me difícil distinguir as notas musicais, conseguindo perceber, não muito nítidos, retalhos de frases dos cantadores e do jagunço do fole:

— "...Limeira veio falado..."

E sons quebrados de concertina, triângulo, pandeiro, zabumba, reco-reco e violas abafavam os demais versos da estrofe. Mais adiante, com certa dificuldade, captava:

"Convidei a comadre Sebastiana
Pra dançar o xaxado na Paraíba..."

E as vozes de José Limeira e José Gonçalves e os acordes dos pinhos faziam desaparecer a continuação do xaxado de Rosil Cavalcanti, misturando-se, mais uma vez, concertina, pandeiro, zabumba, reco-reco e violas. Os outros dois observadores, nos seus postos de escuta, experimentavam a mesma confusão. Marcelo, de grande sensibilidade poética, estava a um metro dos cantadores e ouvia estridentemente o batuque apressado do xaxado e até o chiar do arrasta-pé; Olinto, por sua vez, com o seu faro de repórter, encostava-se aos tocadores e conseguia ouvir acordes das violas e fagulhas de repentes; eu, postado ao centro do corredor, situado em igual distância da sala e da cozinha, ouvia tudo de uma

vez, uma Babel de sons desarrazoados, uma guerra infernal de ritmos partidos.

O corredor, estreito, era insuficiente para o trânsito de curiosos que queriam apreciar simultaneamente o forró e a cantoria. Marcelo ia à cozinha, Olinto dirigia-se à sala, revezavam-se, e eu, todo ouvidos, permanecia concentrado no meu incômodo centro de escuta. A experiência revelou literalmente impraticável a continuidade da festa inédita, mas, uma vez firmado, o acordo teria que vigorar, conforme a norma criada por Olinto Tinto e aceita por todos.

O povo irritava-se e se porventura houvesse uma tragédia ali, seria o jornalista o único responsável — Marcelo assim o acusava. E tudo indicava que o desfecho não seria pacífico, pois os repentistas e os tocadores estavam prestes a perder a calma:

— Diga àqueles negros que se continuarem berrando, eu vou fazer eles engulirem essa concertina — gritava o jagunço enfezado.

— Não se pode nem ouvir os versos direito por causa do diabo daquele fole — berrava um espectador da cantoria.

— Aqueles mequetrefes hoje engolem faca — vociferava outro.

A cantilena e o forrobodó continuavam, misturando-se fragmentos de sons de concertina, triângulo, pandeiro, zabumba, reco-reco, violas, xaxado, repentes, desaforos. A iminência de um episódio trágico ia ganhando dimensão a cada segundo. Mas, quando tudo fazia crer que o barulho seria inevitável, o poeta Marcelo de Almeida encontrou a fórmula diplomática para a solução providencial. Convidando para uma reunião no quintal a proprietária da casa, o comissário de polícia, os poetas e os tocadores, fê-los ver a impraticabilidade da coisa, ao mesmo tempo em que acusava Olinto Tinto de haver procurado semear a discórdia no ambiente mais perigoso da paisagem libertina de Campina Grande. Sugeriu a continuação do samba até uma hora da madrugada, suspensa a cantoria que teria reinício com o encerramento do arrasta-pé. Nada parecia mais lógico.

O poeta procurava, assim, livrar o jornalista de provável drama de consciência. A sugestão foi plenamente acatada. Novo pacto celebrou-se. Tudo voltou à normalidade. Ninguém mais iria dar em ninguém.

Às vinte e duas horas reiniciou-se o forró, agora com maior afluência, e todo mundo foi dançar, inclusive o comissário. O fole de oito baixos parecia suspirar na execução do samba quente, enquanto os instrumentos auxiliares marcavam com precisão o batuque brasileiro. Os pares, desfrutando da mais convidativa "democracia", chegavam à plenitude das extravasões. Um autêntico espetáculo de sensualismo sodomista.

Olinto Tinto despertou Marcelo de Almeida para um detalhe:

— Qual a diferença deste forró para os bailes da sociedade?

— Entre as mulheres daqui, ha andrajos ferindo a nossa sensibilidade óptica; entre as damas do Campinense Clube reluzem os colares — arriscou o poeta.

— Nada disso, imbecil! É que aqui, neste sub-mundo, o povo dança sem sentir falta da penumbra que é imprescindível nos bailes da burguesia, que são o refúgio da elite, a válvula escapatória dos hipócritas e das vagabundas que integram uma sociedade balofa, vazia, ridícula. Aqui ha uma gente sincera dançando como quer dançar, às claras, aos olhos de todos, sem subterfúgios. Olha, Marcelo, grava isto: povo é povo e burguesia é burguesia.

Olinto Tinto entrou também na dança e nós ficamos admirando a popularidade de um homem de imprensa que sinceramente misturava-se à escória social, com a máxima simplicidade, como se pertencesse àquele meio.

A poeira era perfeitamente visível, grossa, menos prejudicial que as picadas de percevejos e pulgas ali em profusão, diabolicamente invisíveis. Mas, cavalheiros e damas, como que hipnotizados, pareciam indiferentes à insistência das alfinetadas. O mormaço quase asfixiava; o ar, sem se renovar, parecia inútil. Ali só respirava bem o fole de oito baixos.

Lá fora, sob a proteção de rústicos agassalhos de lã, a cabeça guarnecida por aquecedores chapéus de massa, os boêmios tiritavam à hiemal ventania das noites campinenses de agosto. Os notívagos buscavam no etílico a sua vingança aos doze graus centígrados da Serra.

O samba rolava na sala poeirenta e asfixiadora. A cabroeira abria a camisa. O mulherio — na sua maioria de treze a quinze anos — desabotoava a blusa, ia beber cachaça no balcão. O ar impregnava-se de odores de aguardente, maconha, suor de axilas, próprios do ambiente.

Uma jovem insiste em arrastar Zé Limeira à dança. O Poeta recusa-se:

— Moça, eu só danço com minha patroa e aprecio arrespeitá as filha aleia.

A tentadora morena saiu xingando, foi-se agarrar ao comissário, o par desapareceu na poeira, grudado, saltitante.

Enquanto os jagunços do conjunto saracoteavam num canto de parede, suando por todos os poros, homens e mulheres ampliavam a liberdade da dança.

Marcelo de Almeida sentia-se ferido em sua susceptibilidade de poeta adolescente e Olinto Tinto encarava a coisa como um problema natural, característico dos Estados subdesenvolvidos. Era, na concepção do jornalista, a chocante realidade latino-americana, ali manifesta — retrato sincero de um povo subnutrido.

A dança agora chegava ao auge, entrando no miudinho apimentado, um vale-tudo dentro do ritmo:

"... Eu pegava a nega
Por baixo do suvaco,
A nega tinha uma
Inhaca de macaco..."

E um coro de muitas vozes insistia no estribilho:

"Chega, nega, chega, nega,
Senão eu me intrigo...
Deixa eu cheirar teu suvaco,
Deixa eu lamber teu imbigo".

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

No ritmo disparado do **apimentado**, machos e fêmeas confundiam-se num rodopiado inédito, equilibrando-se nas pontas dos dedos numa absurda ligeireza de movimentos que dava a impressão de um grande elenco circense. O número completava-se com a adoção de umbigadas violentas, sensuais, irreverentes.

— Safadeza que nem essa eu nunca tinha visto não, mestre — disse-me o Poeta do Absurdo, recostado à janela, profundamente decepcionado, ferido, basbaque.

Ouvem-se uns lancinantes gritos no interior da casa, gritos de socorro, de apelo profundo, fortes, consecutivos, desentonados. O berro feminino soa sob o teto da pensão com a força comovente de uma rogativa da hora extrema.

— Abram alas, abram alas! Abram alas, seus cornos !...

Em meio ao desarrazoado pezunhar de tamancos e chinelos e espirais de poeira, quatro indivíduos conduzem, horizontalmente, uma mulher semi-morta embrulhada num lençol branco, com algumas manchas que denunciavam o aluguel, ainda fresco, do sexo.

O cortejo atravessa o salão em meio à dança voluptuosa que apenas interrompe-se parcialmente, ao som da música do miudinho, que não parou, que nos fazia mal, que verrumava o coração e a alma. A infeliz horizontal estremecia nas hemoptises, esperneava, esgoelava-se, vomitava farrapos dos pulmões em pandarecos. A matéria líquida abundante ia tingindo de vermelho o cimento pardo, misturando-se à poeira quase-terra, em coágutos enormes. A sensibilidade de Marcelo de Almeida socorria-se de Augusto dos Anjos:

"... É bem possível que eu um dia cegue.
No ardor desta letal tórrida zona,
A cor do sangue é a cor que me impressiona
E a que mais neste mundo me persegue!

Esta obsessão cromática me abate.
Não sei porque me vêm logo à lembrança
O estômago esfaqueado de um criança
E um pedaço de víscera escarlate."

A mulher parecia receber o impacto formidável das últimas convulsões. Conduziam-na para o hospital, onde, por falta de numerário para a caução, provavelmente não entraria. A única magra esperança residia na indigência, de onde raramente logra-se sair com vida — sinistro sumidouro dos **ninguens**.

A miserável, que se desmilinguia no esplendor de seus vinte anos, havia dez minutos estivera na cama comercial entregue a um bigurrilha desavisado, a quem alugara o sexo, premida pela angústia inominável da necessidade.

Zulmira foi transportada na carroceria de uma camioneta, deitada nas táboas sujas e pontilhadas de cabeças de pregos, à mercê da própria sorte, como um fardo de algodão.

— Amanhã eu vou ter que lavar essa carroceria no posto, pagar não sei quanto, perder um tempo danado — alegou o dono da camioneta na cara da moribunda, com uma frieza nipônica. Saiu rua afora em disparada, rompendo o silêncio da meia-noite, rumo ao hospital, transportando uma espectral mulher no verdor dos anos, na primavera da vida. Passou pelos largos pátios da feira, desviou barracas e caixotes, tomou a direção do bairro de São José.

O samba continuava apimentando-se, agigantando-se na sua miséria moral, as umbigadas rítmicas, irreverentes, matemáticas, marcando o compasso contagiante do miudinho. Ninguém fazia caso da infeliz ocorrência. Os casais umbigavam, aos gritos, como possessos. O fole resfolegava no seu gemido antigo.

A notícia circulou na Manoel Pereira de Araújo, pela boca da prostituição:

— Zulmira lascou-se !...

A deslumbrante jovem falecera quando a viatura atravessava a Praça da Bandeira, os olhos fixos na imensidade do Céu profundo, contemplando um bailado de estrelas, no seu último delírio.

As colegas da defunta receberam a notícia com uma naturalidade revoltante, insensíveis àquele último ato do drama comum das profissionais da alcova.

De repente, uma ligeira confusão faz parar o forró: palavrões, tabefes, punhais brilhando em punhos de malandros, mas nenhuma consequência.

Recomeça a bagunça. As companheiras de Zulmira reencontram-se com seus homens marcando umbigadas doidas, ao som do harmonioso conjunto que esnoba na marcação precisa do estribilho grosso:

"... Chega, nega, chega, nega,
Senão eu me intrigo...
Deixa eu cheirar teu suvaco,
Deixa eu lamber teu imbigo..."

Embora já sufocante o número de dançantes em relação ao espaço da dependência, continuam chegando, em grupos, as habituês do cai-pedaço: mulheres embriagadas, de olheiras, sifilíticas, famintas; mulheres belas, joviais, atraentes, lúcidas; mulheres solteiras; mulheres acompanhadas; mulheres cobertas de andrajos, esquálidas, imundas, esquecidas, vivendo o inevitável e amargo fim da carreira; mulheres em pleno esplendor da profissão. Mas, todas, passageiras do mesmo trem, irmanadas na trajetória sombria de um mesmo destino. E todas entram na gafieira, atraídas pela irresistível batucada do miudinho. O saracoteado e as umbigadas continuam constituindo a atração do ballet bárbaro, a ópera miserável da sargeta.

José Gonçalves isolara-se no quintal, onde fumava, olhava as estrelas, pensava no malsinado destino de Zulmira.

Zé Limeira permanecia recostado à janela, observando, apoplético, os detalhes do fusuê infame, com uma interrogação pesando na alma cristalina.

Em um dos quartos localizados à esquerda do corredor (separados por irrisória meia-parede de frágil tabique), acalora-se uma discussão entre um homem e uma mulher. Uma porta se abre abruptamente. Em meio à ensurdecedora zuada do forró, distinguem-se os gritos histéricos da prostituta lesada:

— Pega o xexeiro, pega o xexeiro, pega...

Um jovem de branco passou pelo centro do salão em direção à rua, como uma bala.

— Pega, pega!...

O escândalo já tomava conta da artéria e agentes policiais espalhavam-se, num esforço comum, pelos bares, pelos cortiços, pelos becos escuros adjacentes, com suas lanternas indiscretas, na caça ao vulto de branco.

Estupefacto, Zé Limeira induz Olinto Tinto à observação de uma novidade, uma cor nova que enriqueceria o quadro, que completaria a sórdida aquarela.

— Lecência, cidadão... lecência...

Circunstantes afastaram-se da porta para dar passagem ao casal exótico que entrava de mão dada, espremendo-se, fazendo uso dos cotovelos. Eram uma mulata setentona e um malandro de dezoito anos, exímio manejador da navalha, mestre da capoeira, maconheiro inveterado, escrunchante nas horas vagas.

O marginal trajava camisa de seda vermelha, calças verdes e sapatos brancos. Passava, com insistência, um pente azul pela basta cabeleira preta, estirada, cobrindo as orelhas, o óleo de coco a escorrer pelo pescoço pardo, provocando náuseas. Era um moreno pálido, esguio, olhos raiados de sangue, dentadura perfeita e unhas grandes bem tratadas.

Ela era Dona Diva, a mãe de Zulmira, ainda àquela altura ignorando o desenlace da filha. Morena pardacenta, grossa, rosto largo, olhos graúdos, pescoço encardido, usava um vestido desbotado, conservava uma fita amarela prendendo os cabelos grisalhos.

O casal dirigiu-se ao balcão. Foi ajudar a minar o estoque de aguardente. O indivíduo foi identificado, então, como Agápio, o terror da Lagoa dos Canários.

Surpreendentemente, malandro e velha agarram-se e entram, firmes, no miudinho, saracoteando e umbigando, aos beijos — uma cena menos cômica que deplorável.

Os pares foram deixando de dançar para apreciar o degradante espetáculo, e dentro de três minutos o folc tocava exclusivamente para Agápio e Dona Diva, alí atracados no miudinho, enlevados, felizes, cínicos. Ter-

minava uma parte, eles voltavam ao balcão, bebericavam, reencontravam-se na dança, vindo, indo, retornando. Informada do prematuro desaparecimento da filha, a anciã, já visivelmente embriagada, pouco caso fez, certamente pela maneira como lhe comunicaram o fato, em tom de galhofa. Toma outra bicada e ri. O vagabundo passa o pente azul pela cabeleira lisa, segura a companheira pelo braço, berra em voz alta:

— Emburaca, tocador! — E, olhando para os lados, de soslaio: — Que é que tão vendo? Comigo não tem **pirreps** !

A concertina ronca novamente o seu gemido antigo, e os dois, único par, recomeçam a dança, agora um samba de Noel Rosa, dolente, lânguido, arrastado. Agápio e Dona Diva estão esquecidos do mundo, narcotizados, embevecidos, desligados, ao balanço gostoso do samba que transportava os ouvintes ao luar de Vila Isabel. Todos os ouvidos estão atentos à música emocionante. Todos os olhos convergem para o casal.

A prostituta velha começa a claudicar, à força de consecutivos ataques reumáticos, desacertando os passos, sob vaias e pilhérias navalhantes.

O poeta Marcelo de Almeida, indisfarçavelmente revoltado ante o quadro que seus olhos não aceitavam, pediu ao comissário de polícia que retirasse a anciã que Olinto Tinto classificava como vítima de uma sociedade balofa e malsã. O poeta apelou para o espírito da solidariedade humana, mas o policial respondeu com um riso de escárneo:

— Deixa essa puta velha se lascar!

Zé Limeira franziu o cenho e retirou-se, num protesto mudo condizente com a sua dignidade. Marcelo de Almeida e Olinto Tinto permaneceram no salão, corando de vergonha, remoendo ódio, mastigando tristeza, ruminando decepções. O povo continua pelos cantos de parede, sádico, pérfido, atirando basófias e apupos. Agápio levantava a saia da miserável e gritava, cínico:

— Comigo não tem **pirreps** !

As gargalhadas clangoravam noite adentro. Dona Diva, já sem os tamancos sambados, tropeçava, ria, sua-

va, pendia, capengava — pobre farrapo humano, triste rebotalho social. Ela mesma encarregava-se de suspender o vestido roto, expondo a calça surrada. Arrastava-se com dificuldade, exangue, aos tombos, amparando-se no ombro do marginal.

— Essa cadela velha hoje baixa o fogo — gritava uma futura Dona Diva.

— Já pensou isso quando tinha dezoito anos? — ajuntava outra candidata.

Zulmira, menos desventurada, expirara na Praça da Bandeira sobre as táboas de uma carroceria, vislumbrando, no seu derradeiro delírio, o delirante ballet mirífico das estrelas, libertando-se da sargeta infecta, do pútrido sub-mundo, irremediável ponto final das mocinhas que, empurradas pelo braço estúpido da fome, entram no primeiro automóvel de luxo e se entregam à gula sexual.

O trapo de mulher, claudicante, desequilibrava-se sob o peso de uma chuva de bagaços de laranja que se lhe atiravam na cabeça branca assanhada. Não largava, contudo, o companheiro e esforçava-se por dançar sem descontinuar, arrastando-se trôpega, cambaleante, pelo salão sinistro, o suor pingando no chão pegajoso. Zombeteiro, Agápio repetia cínica, sarcástica, sadicamente:

— Comigo não tem **pirreps** !

Dona Diva sentia diluirem-se as últimas reservas de energia. Ia gradativamente fraquejando, desgovernada, ridícula, injuriada, a baba escorrendo pelos peitos denreados, o pescoço cedendo ao peso da cabeça oca, os braços sem equilíbrio, as pernas soltas, um olho fechado, os beiços contraindo-se, o suor rolando pelas rugas da testa, lavando setenta anos de miséria.

— Levanta a saia dela, Agápio — gritavam — descobre a trazeira dessa cadela velha sem vergonha!

— Isso é rebolo do diabo derrubar juá...

O malandro expunha os quadris moles da veterana meretriz e ajuntava, frio, mastigando as sílabas:

— Comigo não tem **pirreps** !

Olinto Tinto evocava Castro Alves, vendo naquele quadro o grande sentido social do Navio Negreiro:

"Deus, oh! Deus dos desgraçados,
Dizei-me Vós, Senhor Deus,
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! Noites! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!"

Marcelo de Almeida agarrava-se ao mestre Anézio Leão:

"... Fitou-me, grave. Nesse instante passa
Pela alma do ambiente uma agonia ...
E respondeu nesta pérgunta fria:
Não haverá ventura na desgraça ?"

Novas gargalhadas estrondavam e novos bagaços velhos de laranja retirados das latas de lixo eram dirigidos à cabeça sem dono de Dona Diva. O fole não parava e outras doses de aguardente eram levadas para ela, que avidamente ingeria a bebida excessiva. O vozerio sem alma instigava o bandido:

— Faz ela tomar outra, Agápio!

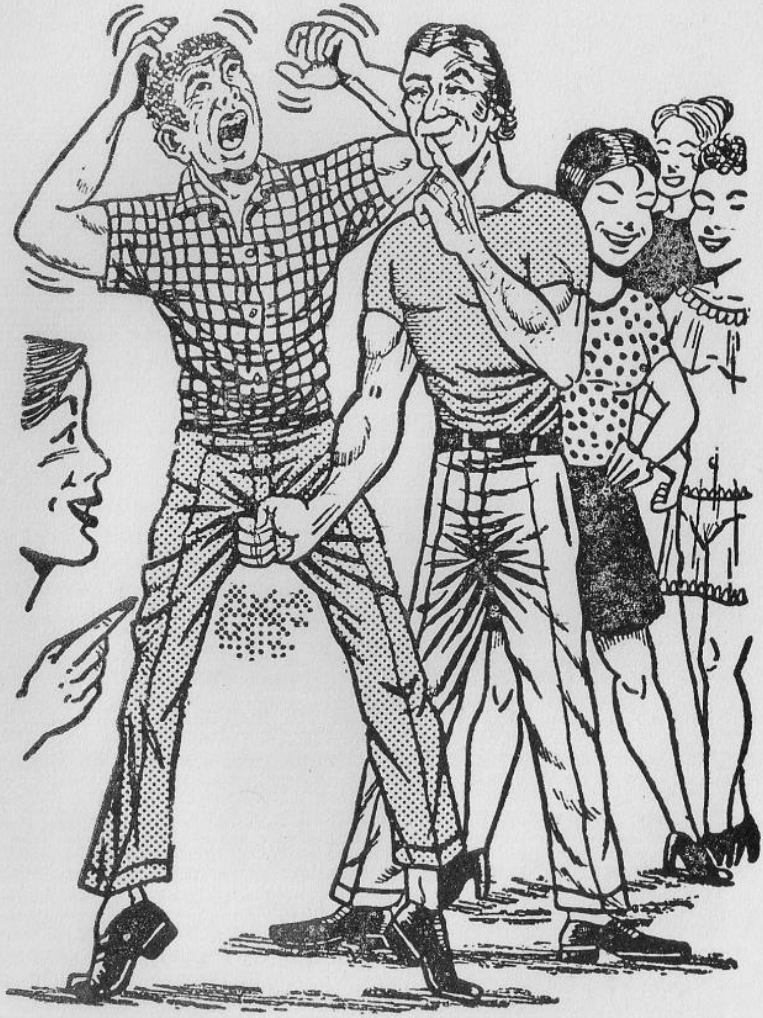
— Mete o pé na trazeira dela! Desgraça pouca é meio de vida !

Agápio levava o copo à boca de Dona Diva, ato contínuo batia o calcanhar de encontro às nádegas da velha, zombando e repetindo, irritante:

— Comigo não tem **pirreps!**

E saía, na sua torpeza, arrastando a anciã pela sala, exercitando mímicas indecorosas, fazendo mungangas, galhofando, desgraçadamente triunfante.

Ao perceber que sua vítima perdia o equilíbrio por completo, Agápio retirou as mãos da cintura da companheira, deixando que a carcassa desgovernada caísse, de bruços, exatamente com as narinas na poça de sangue que Zulmira deixara nas suas últimas hemoptises. O cabra da Lagoa dos Canários completou a tarefa apli-



"Comigo não tem PIRREPS...

ção. Agápio, pressentindo que seria obrigado a lutar contra a polícia, liberou imediatamente o sujeito, aplicando-lhe um chute nas cadeiras.

O comissário deu voz de prisão. O malandro, sereno, permaneceu encarando-o com um olhar oblíquo, sombrio, firme, ameaçador. O policial foi de encontro ao insolente, sendo recebido com um formidável bofete no rosto. Reinvestiu contra o insubordinado e este o fez voltar com um murro mais violento à altura dos olhos. Em socorro do comissário, chegou meia dúzia de soldados. Estabeleceu-se a confusão.

Dona Diva permanecia estirada ao cimento pegajoso, na mesma posição, entregue às baratas, com as narinas sobre a poça do sangue de Zulmira.

Os homens do cáqui, furiosos, partiram para segurar o desordeiro, mas Agápio, com uma habilidade cinematográfica, valeu-se de sua maestria na arte da capoeira, derrubando-os na primeira investida. Levantavam-se. Novos lances de capoeira os devolviam ao chão. Foi aí que a voz intolerável do escrunchante se fez ouvir:

— Comigo não tem **pirreps** !

O barulho engrossou quando dois paisanos, voluntários, resolveram aderir à rixa, dando combate ao tarado da Lagoa dos Canários, gerando indescritível pandemônio. Agápio estava desocupado: derrubava, indistintamente, paisanos e militares, como se o mestre estivesse ministrando uma aula de capoeira. Gritava, tranquilo, entre um baque e outro:

—Comigo não tem **pirreps**!

O cabra dispunha de pernas tão ágeis e fortes, e sua técnica no jogo da capoeira era tão infalível que chegava a prescindir da utilização dos braços e das mãos. Era uma cena inesquecível. Era um moço disposto a enfrentar tudo e todos. Tantos fossem, quantos caíam.

Os soldados apelaram para seus cassetetes; o malandro valeu-se da navalha. Tirou rapidamente os sapatos brancos e, com a arma na mão, pôs-se a pinotear nas pontas dos dedos, numa dança incerta de galo-de-briga, encarando os inimigos com uma firme disposição de

enfrentá-los. E, como que renovando o desafio, olhou para todos com desdém e proferiu, com voz calma e segura:

— Comigo não tem **pirreps!**

Os elementos da força policial sacaram de seus revólveres. As mulheres de Agápio refugiaram-se nos seus aposentos. O jagunço do fole pulou a janela, deixando o instrumento no canto da parede, a exemplo dos demais componentes do conjunto. A paisagem tomou um aspecto da mais profunda gravidade: um sepulcral silêncio, poucos homens na sala, incluindo-se Olinto Tinto e Marcelo de Almeida, de um lado meia dúzia de revólveres em punhos policiais, no outro ângulo uma navalha afiada que reluzia à luz da lâmpada, na mão de um jovem bandido para quem a vida nada significava. Um suspense estarrecedor.

Os policiais olhavam para Agápio e ele os encarava sem pestanejar, grave, equilibrando-se nas pontas dos dedos, leve como uma pluma, saracoteando. Parou de repente, firmou-se em um ponto estratégico, ficou fazendo rodar a navalha entre os dedos, com a naturalidade de quem maneja um chaveiro, fitando, com altivez, os contendores, a coragem faiscando nos olhos. Nunca vi tanta dignidade no olhar de um cafajeste.

Os homens do **cáqui,** visivelmente inseguros, pareciam querer recuar e ao mesmo tempo avançar, enquanto Agápio, sob a mira de seis armas de fogo, comportava-se com inusitada bravura. E não poderia se conduzir de outra maneira quem, com dezoito anos apenas, já se constituíra numa legenda de heroísmo dentro do panorama noturno dos bordéis da cidade. Era, no seu ambiente, ao mesmo tempo temido e amado. E, se haveria de morrer ali, que o fizesse lutando, contanto que a sua navalha se perpetuasse na crônica da Manoel Pereira de Araújo, do Deserto e da Lagoa dos Canários, como um símbolo. Aquela era a sua hora extrema, a última cartada.

A expectativa de um minuto parecia eterna. A voz titubeante do comissário interrompeu o silêncio pesado:

— Ou se entrega, ou vai morrer varado de balas!

O militar fez um gesto para Olinto e Marcelo, dando a entender que os paisanos não deviam permanecer no salão.

— Ou se entrega ou morre! Disse o homem do **cáqui**.

— Comigo não tem **pirreps**! — respondeu agápio.

O comissário não sabia porque Agápio olhava tanto para a lâmpada. Fitava a patrulha, nos olhos, olhava para a lâmpada, descia o olhar aos revólveres, encarava de novo os policiais, rodava a navalha entre os dedos, fitava a lâmpada.

O militar sustentava sua arma inoxidável, de cabo de madrepérola, cano curto, a mão esquerda no bolso. Olhava para Agápio, os olhares encontravam-se no meio da sala, fuzilavam-se.

O silêncio estendia-se, profundo, raramente ferido, de leve, pelo canto dos galos, ao longe, nos quintais de José Pinheiro, melancólicos.

O comissário daria tudo para saber porque Agápio olhava tanto para a lâmpada. Seria uma tática? O fato é que o malandro olhava, com insistência, para a tocha elétrica.

Todos colaboravam com o silêncio. E todos queriam falar. Mas a expressão morria "no molambo da língua paralítica". Ninguém pestanejava. O revólver inoxidável brilhava na mão segura do policial. A navalha, rodando entre os dedos do malandro, ao reflexo da lâmpada, emitia estranhas cintilações. A situação permaneceia insustentável. Ao primeiro gesto de uma das partes se transformaria a fisionomia do ambiente. Gesto ou palavra caberia ao comissário. Agápio olhava, de relance, a tocha elétrica; encarava a patrulha como que examinando, soldado por soldado. Parava os olhos no comissário, aquele olhar obliquo, sombrio, ameaçador. A ele, somente cabia a habilidade da observação. O militar que tocasse fogo no estopim. A patrulha estava sob seu comando, o marginal sob a mira de seis revólveres. Bastava uma palavra e ele estaria liquidado. O comissário preferiu fazer a última tentativa. Resolveu:

— Entregue-se!

Agápio olhou para a lâmpada, fitou o comissário, riu.

Na acústica do prédio velho soou a palavra decisiva:

— Fogo !...

O gume cintilante da navalha inutilizou a tocha elétrica.

Na escuridão as sombras confundiam-se. As pernas de Agápio trabalhavam uma técnica mais clara, ampliando as táticas infalíveis da capoeira. A escuridão era a sua luz.

Os homens do cáqui caíam, os revólveres rolavam no cimento, Agápio se fazia na capoeira, árdego, diabólico.

Na confusão das sombras, um vulto saltou pela janela, como um grande gato bravio, levando uma faísca entre os dedos. Ao pisar a calçada, advertiu:

— Comigo não tem **pirreps!**

A tara da Lagoa dos Canários desapareceu por entre os boêmios da Manoel Pereira de Araújo, ziguezagueando pelas calçadas mal iluminadas, esgueirando-se pelas paredes escuras, driblando, fugindo. Quando dobrou a esquina, em demanda da Lagoa dos Canários, a rua toda ouviu aquela voz inconfundível, verrumando a alma da noite:

— Comigo não tem pirreeeeps !!!...

Só então o comissário lembrou-se de utilizar sua lanterna. E quando a tocha acendeu, iluminou um cadáver de **cáqui**. Os agentes policiais juntaram-se a outros e ganharam a madrugada na pista do marginal, numa diligência infrutífera.

Acendeu-se um candeeiro, os curiosos voltaram ao salão sinistro. Dona Diva estava fora de si, de bruços, a saia levantada até os quadris, as narinas sobre a poça de sangue da própria filha, paralela ao cadáver do soldado João que logo foi retirado, o mulato com o baixo ventre navalhado, uma grande rosa de púrpura na calça **cáqui**.

Mulher infeliz, Dona Diva teve dois filhos: Otacílio tombara no campo de batalha no crepúsculo da Segunda Guerra Mundial, defendendo a honra da Pátria;

Zulmira ingressara no cabaré aos quatorze anos, seguindo o exemplo materno, e àquela altura jazia sem vida na lápide fria do necrotério público, após deixar, no chão encardido e empoeirado do lupanar em que vivia, os derradeiros resquícios da vida sem objetivo, tragicamente representada naquela poça vermelha, sobre a qual, por uma sinistra ironia do destino, estava o cadáver moral de sua mãe.

A anciã parecia dormir o sono eterno quando José Limeira, retornando ao local, conseguiu sentá-la, aplicando fricções de álcool nos pulsos e fazendo-a aspirar amoníaco, até recobrar os sentidos. À luz trêmula de uma lamparina, conduziu-a nos braços musculosos para o quarto de onde Zulmira fora retirada estertorando-se, esvaindo-se nas hemoptises fatais, deixando a vida pelo chão imundo.

No precário aposento, Zé Limeira mandava providenciar um chá de cidreira para Dona Diva, enquanto Olinto Tinto, externando a sua indignação, soltava a voz que ecoava pelo corredor escuro:

— Um dia, este regime podre cairá; homens de vergonha haverão de governar este País e esses quadros hediondos não se repetirão. Desse dia em diante, em vez de morrer na lama da sargeta, o Povo será aquecido pelo sol da Justiça. Desaparecerão os canalhas e haverá trabalho e paz social. Esse dia abolirá a ribalta expúria e macabra dos "Agápios" e das "Donas Divas" e em seus lugares viverão estudantes e mães de família honradas. Os párias serão uma triste reminiscência histórica, uma pálida e vergonhosa lembrança desta canalhocracia infame que em pleno ano de 1954 constitui uma mancha na História de um Povo. Essa canalhocracia não resistirá mais dez anos — profetizava.

As imprecações do jornalista não encontravam acústica dentro da madrugada trágica, e mais uma vez o Poeta dos Escravos era evocado:

"Deus, ó Deus, onde estais que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes,
Embuçado nos céus?...

Há dois mil anos, te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estais, Senhor Deus ? ...

Marcelo de Almeida apegava-se à realidade chocante de Augusto dos Anjos, retalhando As Cismas do Destino:

"Na ascenção barométrica da calma,
Eu bem sabia, ansiado e contrafeito,
Que uma população doente do peito.
Tossia sem remédio na minha alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava, à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza
Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza !"

Dona Diva, Zulmira e Agápio eram, certamente, pálidas partículas da população de que fala o Poeta da Morte.

O poeta José Gonçalves externou sua revolta numa estrofe que escreveu sobre a toalha rota de uma mesa quebrada, na cozinha. Olinto Tinto transcreveu-a na sua agenda

"Coitada de Dona Diva,
Que velhice desgraçada!
Só da miséria é cativa,
Por todos é desprezada,
Nem é morta e nem é viva,
Tudo almeja e não tem nada !"

O vento do levante, que encrespava as águas do Açude Velho, gaguejava sobre o telhado levadio do casarão antigo, levando a mensagem renovada da aurora, en-

quanto as viaturas da milícia, com os faróis inúteis debaixo da névoa densa, cruzavam-se nas extensões suburbanas, cobrindo becos e vielas, na caça ao assassino do soldado João.

Zé Limeira deixou a anciã dormindo na cama de Zulmira, sonhando, talvez, com a filha liberta dos caprichos do seu mesquinho destino horizontal.

Os violeiros acordaram em cantar, à noite seguinte, na Pensão Azul, defronte do Eldorado.

Saimos ...

Dois meses depois, vim a saber que Dona Diva falecera na indigência e que ainda tivera direito a uma cova anônima, no Cemitério de Nossa Senhora do Carmo, tal a filha que expirara contemplando estrelas na Praça da Bandeira, qual o filho que tombara no campo de batalha defendendo a Pátria — uma cruz a mais no Cemitério de Pistóia.

De Agápio, a tara da Lagoa dos Canários, a cidade não mais teve notícias. Nunca mais foi visto na paisagem noturna da Manoel Pereira de Araújo, do Bordel, do Quarenta, do Açude Velho, dos Coqueiros de Zé Rodrigues, do Deserto ...

Teria morrido de **pirrepsia** ...

Pela última vez em Campina

XIV

O vento cortante de agosto espadanava no chapadão da Borborema, a mão da Natureza acendia as lanternas do firmamento, furando o vaporoso dorso plúmbeo do nevoeiro.

A Rua Manoel Pereira de Araújo estendia os grandes braços contaminados para o encontro da orgia; escancarava a bocarra velha para receber o ósculo pestilencial da luxúria, para cantar "a canção prostituta do ludíbrio".

A artéria comportava a sua quotidiana paisagem: grupos de boêmios; cavaquinhos repetindo Waldir Azevêdo; estudantes que gazeavam aulas do Alfrêdo Dantas; adolescentes discípulas de Maria Garrafada — o ABC do amor campinense —; cães vadios virando latas de lixo ao meio-fio; radiolas rodando discos de Nelson Gonçalves; a brisa gelada movimentando a dança sem ritmo dos papeluchos do calçamento, sacudindo o jaquetão de

casimira de Moacyr Tiê; Horácio Bacanácio cantando samba de breque de Jorge Veiga.

No amplo salão grená da Pensão Azul engalanada de bandeirolas, José Limeira e José Gonçalves afinavam os instrumentos, quando cheguei com o poeta Marcelo de Almeida e o jornalista Olinto Tinto. Ao avistar-nos, levantaram-se e vieram ao nosso encontro, para o calor do abraço irmão. Zé Limeira foi logo desabafando:

— Asta noite, mestre, não pude tirá uma madorna. Passei o tempo todo só esculitando aquela voz arripisando: "Comigo não tem **pirrers** ..." comigo não tem **pirreps**... comigo não tem **pirreps**..." O mestre pode me espilicá que diacho vem sê esse **pirreps**? Será a doença do pela ?

Olinto Tinto tentou satisfazer a curiosidade do Poeta. Disse-lhe que se tratava de uma palavra estranha à língua portuguesa, um vocábulo isolado, sem significação, certamente oriundo da imaginação do marginal da Lagoa dos Canários; um termo inexistente no nosso idioma, que talvez para seu autor fosse algo importante ou meramente uma pincelada a mais na grande tela da gíria do cabaré. Mas Limeira queria uma explicação mais clara para o sentido da esdrúxula palavra. Socorreu-se de Marcelo e ouviu a jocosa dissecação:

— Pirreps, Poeta, é tudo aquilo que é e ao mesmo tempo não é; uma coisa qualquer que não seria, se não existisse; um troço que nem foi, nem devia ser, porque, se existisse mesmo, não era, e já que não era, não era troço nenhum, nem deixou de ter sido, uma vez que, se existiu, não houve e nem deixou de ser. Quer dizer: é e não é. Entendeu, Poeta?

— Agora o mestre misturou tudo. Não entendi nada nem faço menção de entendê. Mais só digo uma coisa, mestre: infeliz do home que pirnunciá aquela mardita **pirreps** na vista da minha patroa e das minhas filha, por modo que não dá certo não, mestre!

Sentado à sua cadeira de palhinha, viola em punho, pensativo, distante, estava o repentista José Gonçalves, de lúcidos remígios poéticos. Jovem modesto, um belo talento sufocado entre a timidez e a introversão, escla-

recido e em dia com os acontecimentos mundiais, glosaria os fatos político-sociais do momento. Diria o humilde mulato de Várzea Alegre, e com regozijo, que a Corte Suprema dos Estados Unidos declarara ilegal a separação racial nas escolas; falaria sobre a agitação política então reinante em Honduras, noticiando a vitória de Lozano como Chefe de Estado; anunciaria a eleição de Stroessner para a Presidência do Paraguai; reportar-se-ia à Guatemala e denunciaria a deposição tumultuosa do Presidente Arbenz.

José Limeira ocupava a cadeira da esquerda, os grandes olhos sonhadores guarnecidos pelas lentes de ocaso, o pescoço dentro do lenço vermelho aberrante, alpargatas-de- estalo, quinze anéis faiscando.

— Quando eu morrê vou fazê cantoria no Céu! Não é, mestre Zé Gonçalves?

A composição do quadro faz-se de boêmios, estudantes e mulheres de ninguém que tomam lugar no grande salão grená desbotado, sob cujo teto musgoso os morcegos repetem-se nos vôos circulantes.

Um cabo de polícia manda servir cerveja a Gonçalves e "zinebra" a Limeira. As violas plangem para a floração da cantoria que não fora ouvida na noite anterior prenhe de injúrias, aviltamentos, hemoptises, dignidades em cinzas, trapos da sociedade que entregou a Agápio uma navalha em vez de um livro, que ofertou a Dona Diva uma alcova pública em vez de um lar, que fez Zulmira conhecer o lupanar na idade da Escola Normal.

Os instrumentos gemem o baião. Os versos, em chispas, vão pulando dos lábios dos cantadores para o possante gravador da Rádio Caturité, aos cuidados do jornalista Barbosa Mendes.

O desenlace trágico do Presidente Vargas, ocorrido havia oito dias, seria, infalivelmente, a tônica dos repentes. José Gonçalves esmaltaria com fidelidade o quadro da dor nacional:

"Hoje faz uma semana
Que o Presidente morreu!
Impressionante mistério

Essa tragédia envolveu...
Um suicídio entre aspas
E o Brasil foi quem perdeu".

O cantador estava em dia com a História e sabia que uma inflação desordenada tomara conta das finanças do País, e a livre importação de artigos supérfluos havia diminuído consideravelmente nossas divisas. Passou a enaltecer a política nacionalista de Vargas, dando ênfase às suas grandes realizações, entre as quais a exploração do petróleo nacional através do monopólio estatal da PETROBRÁS e a expansão da Siderúrgica de Volta Redonda. Denunciou a iminência de um novo golpe de Estado, quando poderia ser implantada no Brasil uma República Sindicalista, à moda Peron. O poeta reportou-se às denúncias que partiam do Congresso Nacional e da própria imprensa brasileira, de enriquecimento ilícito de elementos ligados ao Governo Vargas e dos escandalosos financiamentos feitos pelo Banco do Brasil e várias autarquias. Foi esmiuçando o tema, até culpar a pressão dos trustes internacionais pela tragédia presidencial, descendo a detalhes do crime da Rua Toneleros. Foi aí que Zé Limeira entrou:

"O crime da Toneleros
Eu me arrescordo demais:
Passava Carlos Lacerda
Em procura dos currais,
Muntado em seu alazão
Pra enrabar Major Vaz".

Gonçalves:

"Eu não vou explicar mais
Major Rubens Vaz quem é,
Pois Limeira não entende,
Termina fincando o pé...
Vamos manter a esperança
No Governo de Café".

Limeira:

"Gosto muito de café
Daquele torrado em casa,
Eu sou como o galo velho,
Quando canto bato a asa,
Numa noite de São João,
Assando milho na brasa".

Gonçalves:

"Limeira, você se arrasa
Com seu canto diferente...
Eu não falei em café
Torrado, frio, nem quente,
Mas no Café que se fez
Nosso grande Presidente".

Limeira:

"Eu nunca vi Presidente
Nacioná sê café...
O café que nós conhece,
Nós bebe e sabe o que é...
Viva Epitácio Pessoa,
Nosso Reis Tamandaré".

Gonçalves:

"Limeira caminha a pé
Na estrada da nossa História;
Ele desconhece o nome
De quem nos dá tanta glória ...
Não saber quem é Café
É ignorância notória".

Limeira:

"Gado come palmatória,
Abeia fabrica o mé,
O mestre José Gonçalves,
Nesse seu **querrequequé,**
Vem dizê que o Presidente
D'agora invante é café".

Da platéia surge um mote:

"A morte do Presidente
Cobriu de luto a Nação".

Gonçalves exterioriza sua revolta:

"Foi o truste, esse maldito,
Que Getúlio liquidou.
Ele não se suicidou,
Eu morro e não acredito !
Só porque quis dar o grito
Da nossa libertação,
Apertaram sua mão
No gatilho e, de repente...
A morte do Presidente
Cobriu de luto a Nação".

Limeira:

"Gritou Dom Pedro Primeiro
Na porteira do Mourão,
São Cosme e São Damião,
Semente de marmeleiro...
Getúlio foi o parteiro
Da muié de Salamão,
Fez o parto no Sertão,
Se acabou de dor de dente...
A morte do Presidente
Cobriu de luto a Nação".

Gonçalves:

"A morte foi esquisita,
Grande mistério ficou:
A carta que ele deixou
Por ele não foi escrita !
Embora seja bonita,
Cheia de argumentação,
Não é dele a redação,
Seu estilo é diferente ...
A morte do Presidente
Cobriu de luto a Nação".

Limeira:

"No tronco duma aroeira,
No tempo da Monarquia,
São Pedro fez pontaria,
Matou uma rez solteira.
Se deu-se uma quebradeira,
Getúlio caiu no chão,
Escanchou-se num gangão
Baixeiro, forte e valente...
A morte do Presidente
Cobriu de luto a Nação".

Gonçalves:

"Lutou pela liberdade
E a vitória trabalhista
O nosso bravo estadista,
De quem só resta a saudade!
E agora, na Eternidade,
Distante da multidão,
Getúlio Vargas já não
Derrama seu verbo quente...
A morte do Presidente
Cobriu de luto a Nação".

Em virtude de um enguiço no gravador, perdeu-se a glosa de Limeira, aproveitando-se, logo em seguida, esta de José Gonçalves:

"Vargas não trabalha mais
Do idealismo na forja,
Porque no chão de São Borja
Estão seus restos mortais.
Os seus instantes finais,
Para a nossa História, são
Um hino de redenção,
Vibrando na alma da gente...
A morte do Presidente
Cobriu de luto a Nação".

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

O mote redigido por uma veterana da casa afasta Getúlio da rota poética, determinando que os homens da viola glosem uma realidade amarga:

"Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

Exímio escafandrista, José Gonçalves mergulha nas profundezas de encapelado mar sentimental para trazer esta pérola nas mãos sonoras:

"Vida velha, velha vida,
Qual tua finalidade,
Além da fatalidade
Do amargo da despedida ?
Se a vida é pra ser vivida,
Por que viver a infeliz
Mulher que blasfêmias diz,
De prantos banhando o rosto ? ...
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

O Poeta do Absurdo:

"Na casa de fariseu
Tem quarenta meretriz,
Padre, vaqueiro, Juiz,
Material de pineu.
Espora, gibão, judeu,
Garrote da raça giz,
É Zé Limeira quem diz
No finá do mês de agosto:
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

Gonçalves, realista e preciso, reporta-se ao quadro da noite anterior, emprestando-lhe uma clareza meridiana:

"Vi um drama de tormento
Ali, na noite passada:
Uma velha injuriada
Servir de divertimento.
Era o desajustamento
Social deste País ...
Infelizmente quem diz
Não pode ocupar um posto ...
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

Limeira:

"Eu cantando mais Mocó,
Mocó cantando mais eu,
A lua já se escondeu
Por detraz do Serido.
Inda vou no Mossoró
Tomá um chá de raiz
Do bico da cordoniz,
Pra sastifazê meu gosto ...
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

Gonçalves.

"Ontem, da pobre Zulmira,
Findou-se o trágico drama ...
E ali, sobre a sua cama,
Dona Diva arfa e delira.
Pobre mãe, chora e suspira
Por sua filha infeliz
Que não teve um Raio-X
Porque não pagava imposto ..
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz"

Limeira:

"Zé Limeira, quando canta,
Parece uma trovoada,
Alegra a rapaziada,
Quem tá no chão se levanta .
Zé Limeira tem garganta
Pra embatucá Juiz,
Mocó, preá e concriz,
Currá, serrania e posto ...
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

Gonçalves:

"Se a pobre sofre do peito,
Não pode comprar remédio
E vai morrendo de tédio,
Num sofrimento perfeito ...
Não tem direito ao Direito
Que vigora no País
E o Governo ainda diz
Que gente pobre tem gosto ...
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

A madrugada avançava, nenhuma anormalidade perturbava o curso da cantoria. Os poetas cantavam para uma platéia animadora. Uma noite calma.

Um homem da noite entra na sala esbofeteando uma jovem morena de longos cabelos desgrenhados, os bugalhos pedindo socorro. E é Zé Limeira quem, largando a viola, puxa a mulher pelo braço e encara, grave, o indivíduo:

— Adonde eu tô, mestre, home não dá em muié. Só se passá pru riba deu.

O fantoche, duplamente desmoralizado, deu uma cínica meia-volta e retirou-se, passando o lenço na testa. Enquanto Limeira tomava para si a defesa da jovem, José Gonçalves registrava o incidente chinfrim.

"Não faça essa tirania
Se viver em paz quiser:
Homem que dá em mulher
Dá prova de covardia.
Venha escutar poesia
Em vez de dar na infeliz,
Que na sua angústia, diz,
Com as mãos cobrindo o rosto:
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz".

"Ontem à noite vi os crepes
Da humanidade caindo,
E um bandido repetindo:
Comigo não tem **pirreps** !
Vêm agora esses **presepes**
Para cortar a raiz
Da cantoria feliz,
Neste infeliz mês de agosto ...
Só há dor, tédio e desgosto
Na vida da meretriz"

José Gonçalves levanta-se. Abre uma ruptura na peleja Os cantadores juntam-se a Marcelo de Almeida. Olinto Tinto e Barbosa Mendes e fazem desaparecer o conteúdo de três garrafas de cachaça. São três horas. Um intervalo de trinta minutos e a cantoria recomeça, presidindo-a o mesmo entusiasmo. Marcelo entrega aos repentistas um mote inspirado em violenta paixão:

"Por você eu mato gente,
Mato você e me mato".
O Poeta do Absurdo tange a lira bárbara:

"Morena do meu amor,
Cabo da minha bengala,
Segredo da minha mala,
Meu cavalo corredor.
Sansão foi o vencedor
Daquela luta decente,

Morena, me dá um pente
Pra tirá meus carrapato ...
Mato você e me mato,
Por você eu mato gente".

Gonçalves:

"Por você eu sou capaz
De atravessar o oceano,
Num esforço sobrehumano,
Rindo, sem olhar pra trás...
Por você sofro demais
E só recebo maltrato,
Pois seu coração ingrato
Faz de mim um padecente ...
Por você eu mato gente".
Mato você e me mato,

Limeira:

"Eu me chamo Zé Limeira,
Cantadô de muita fé,
Home que dá em muié,
Não é home, é brincadeira.
Sou caboco do Teixeira
Que nunca quebrei um trato,
Chá de bigode de rato,
Água de açude corrente ...
Por você eu mato gente".
Mato você e me mato.

Por solicitação de uma velha vendedora de bilhetes de loteria, os poetas improvisam **décimas** sob esta inspiração:

"Não tenho medo da morte,
Tenho saudade da vida".

Investe Gonçalves, fulgurante:

"Sou um navegador forte,
Atravesso o mar profundo,

Não temo nada no mundo,
Não tenho medo da morte.
E vou, sem rumo, sem norte,
Dobrando em cada avenida
Duma cidade perdida
No mapa do meu viver,
Porisso, quando eu morrer,
Tenho saudade da vida".

A glosa foi composta à moda clássica: o primeiro verso do mote amarra a quadra e o segundo serve de chave para a composição. Limeira "dança conforme a música":

"Canto repente no Norte,
Arranco feijão no Sul,
Toco fogo no paul,
Não tenho medo da morte.
Uma mulata bem forte,
Uma novilha parida,
Uma saia bem comprida,
Um cangote, duas perna,
Poço, cacimba e cisterna,
Tenho saudade da vida".

— Boa, Zé Limeira, desmoralizou a Medicina — gritavam. As palmas estrondavam em louvor ao gênio surrealista do Teixeira. Gonçalves, desencantado, cantava praticamente para Marcelo de Almeida, Olinto Tinto, Barbosa Mendes e eu, os únicos que o aplaudiam:

"À mercê da própria sorte,
Vagando qual beduíno,
Enfrento qualquer destino,
Não tenho medo da morte.
Eu ando em qualquer transporte
Na minha terra querida,
Mas, na hora da despedida,
Meu amor não quero vê ...
Não é por nada, é porque
Tenho saudade da vida".

Limeira:

"Não tem faca que não corte,
Nem sol que não alumi,
Arma de guerra é fuzi,
Não tenho medo da morte.
Não tem pau que não intorte,
Nem luz que faça ferida,
Cravo, rosa e margarida,
Portão, porteira, cancela,
Menina, moça e donzela,
Tenho saudade da vida".

À proporção em que a madrugada diluia-se, escoando, pingo por pingo, no estuário do tempo, a cantoria revestia-se de maior calor poético. Limeira e Gonçalves, dispostos a saudar o sol, brincavam com as musas, quase em estado de graça. Passam a cantar **nos oito pés a quadrão**.

Gonçalves:

"Eu canto com Zé Limeira,
Rei dos vates do Teixeira,
Nesta noite prazenteira,
Da lua sob o clarão,
Sentindo no coração
A alegria deste canto,
Porisso é que eu canto tanto
Nos oito pés a quadrão".

Limeira:

"Eu sou Zé Limeira e tanto,
Cantando por todo canto,
Frei Damião já é santo
Dizendo a santa missão ...
Espinhaço e gangão,
Batata de fim de rama,
Remédio de velho é cama
Nos oito pés a quadrão".

Gonçalves:

"A poesia me chama,
A minha musa reclama
Para eu fazer um programa
Da mais alta inspiração,
Com Zé Limeira, este irmão,
Que nasceu na grande Serra
Para encantar nossa terra
Nos oito pés a quadrão".

Limeira:

"Eu sou o malhó da terra,
Cantando no pé da serra
Como a febre berra-berra
Que quage acaba o Japão.
O tejo morde o pinhão
Pra vencê a cascavé,
Viva a Princesa Isabé,
Nos oito pés a quadrão"

Gonçalves:

"Montado no meu corcel,
Nada impede que o tropel
Avance e vença o painel
Da caatinga do Sertão ...
De espora, freio e gibão,
Cavalgando atrás do gado,
Eu vou cantando inspirado
Nos oito pés a quadrão".

Limeira:

"Quando eu corro atrás do gado,
Sai fogo pra todo lado,
O caminhão tá parado

Pindurado num trovão ...
Viva São Pedro e São João
E o povo de Guarabira,
Tira e bota e bota e tira
Nos oito pés a quadrão".

Gonçalves:

"De noite o que mais me inspira
É a lua cor de safira
Com sua sagrada pira
Prateando o meu Sertão ...
Eu olho para a amplidão
E vejo a lua brilhando,
Como que me abençoando
Nos oito pés a quadrão".

Limeira:

"A lua se balançando
Parece que tá rinchando,
Damião, Zé e Armando,
Armando e Zé Damião,
Maria, José e João,
São João, José e Maria,
Lá vai verso e poesia
Nos oito pés a quadrão".

Gonçalves:

"A madrugada está fria
E breve amanhece o dia
Pra acabar a nostalgia,
Dissipar a solidão,
Expulsar a escuridão,
Devolver a claridade
E despertar a cidade
Nos oito pés a quadrão".

Limeira:

"Me acuda, por caridade,
Perdi minha mocidade,
Lá perto de Soledade
Ganhei cinquenta fostão,
Comprei quarenta de pão,
Mais quarenta de biscoito,
Inda fiquei com dezoito
Nos oito pés a quadrão".

Gonçalves:

"Você tava muito afono:
Quarenta só de biscoito,
Inda ficou com dezoito,
São cinquenta e oito, então;
Com mais quarenta de pão,
Noventa e oito completa,
É conta para poeta
Nos oito pés a quadrão".

Limeira:

"Lampião foi bom poeta,
Mais andou de bicicreta
Pru dentro duma valeta
Mais mataro Lampião,
São Pedro fez um sermão
Na capela de Campina,
Atirou de lazarina
Nos oito pés a quadrão".

Gonçalves:

"Meu Deus! São Pedro em Campina,
Atirando em lazarina,
Numa capela divina,
Realizando um sermão!
Pedro não veio aqui não,
Morto há quase dois mil anos,
Você cometeu enganos
Nos oito pés a quadrão".

Limeira:

"Numa casa de cigano
Comprei dez mil reis de pano
E o Marechal Floriano
Fez um terno de algodão,
Mais não deu nem um tostão,
Enganou e foi-se embora,
Inda hoje o cigano chora
Nos oito pés a quadrão".

As violas silenciam. Fazendo blague, Olinto Tinto diz a Zé Limeira que ele poderia ser preso, por haver dito que o Marechal Floriano teria enganado um cigano na cidade de Soledade. O Poeta ri, tranquilo, pondo a mão no ombro do jornalista:

— Ora, mestre, eu não tenho medo nem de Capitão, quanto mais de Marechal. Marechal pra prendê esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato. E' ou não é, pessoal ?

Sorveu uma dose de "zinebra" para recomeçar a peleja.

Marcelo de Almeida lembra o célebre mote de Antônio Telha. Os poetas passam a ver **os seios da lua / no decote do horizonte**. José Gonçalves abre com chave de diamante o momento mais lírico da cantoria:

"Eu vinha com minha amada
Num bosque todo florido
— Um paraíso perdido
Na paisagem recatada ...
Era quase madrugada
Quando subimos no monte...
E, pelo espelho da fonte,
Onde o infinito flutua,
Eu vi os seios da lua
No decote do horizonte".

Limeira:

"A lua tava amojada,
Bem faceira e bem quilara,
Tinha uma cerca de vara
No toitiço da chapada ...
Nem era a lua, nem nada,
Era a berada da ponte,
De viola tinha um monte,
Martelo, serrote e pua...
Eu vi os seios da lua
No decote do horizonte".

Gonçalves:

"Do topo da serrania
Eu disse pra meu amor.
Olha que santo esplendor
A Natureza irradia !
Ela, em êxtase, pedia
Que lhe beijasse na fronte ...
O resto eu nem sei se conte ...
Mas, naquela noite nua,
Eu vi os seios da lua
No decote do horizonte".

Um estudante cuja noiva perdera a vida tragicamente, havia poucos dias, conservava-se cabisbaixo, com os braços cruzados sobre a mesa próxima aos cantadores, carpindo suas mágoas, ruminando sua dor, bebendo "para esquecer". De barbas crescidas, de olheiras, fronte pálida, bebendo vinho, dava a impressão de um bardo remanescente das tabernas da **bélle époque**. Colocou um lenço sobre a bandeja dos repentistas e pediu-lhes que versejassem sob a inspiração do que estava escrito. Olinto Tinto leu para Zé Limeira o mote contido no linho branco, gravado em tinta vermelha, as letras molhadas de lágrimas sentidas. O jovem desvairado extravazava, assim, a dor que só ele sentia:

"Nem á polícia me empata
De chorar na cova dela".

Zé Limeira improvisou a primeira glosa:

"A coitadinha morreu
E o coitadinho ficou:
O coitadinho chorou
E a coitadinha gemeu.
Lá perto do cirineu
Eu matei uma cadela,
Depois corri atrás dela,
Ela entrou dentro da mata
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela"

Gonçalves:

"Partiu para a Eternidade
Minha bela e santa musa ...
Uma dor funda me acusa,
Martiriza-me a saudade.
Como doi esta verdade !
Como esta dor me flagela !
Como tudo lembra ela !
Como a lembrança maltrata !
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Limeira:

"Ela drome nas creteras
Prodogicadas das búzias,
Filanlumando as bafúzias
Dos tolfus das popageras.
Vive tangendo as panteras
Do ceu da cor de franela,
Morena cor de canela,
Coitada, perdeu a pata,
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Gonçalves:

"Ela era a minha estrela,
A rosa do meu jardim,
Porisso estou triste assim,
Sentindo a dor de perdê-la.
Nunca mais poderei vê-la
Na noite desta procela ...
Não me liberto daquela
Saudade imensa que mata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Limeira:

"Me vala, Frei Damião,
Minha neguinha morreu,
Porisso o que sucedeu,
Me vala, Senhor São João.
Na porteira do mourão
Se abriu-se minha cancela,
Morri eu e morreu ela,
A burra danou-me a pata,
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Gonçalves:

"Eu vou pular o portão
Do cemitério hoje à noite,
Sem temer que o vento açoite,
Sem medo da escuridão,
Pra fazer uma oração
Na campa de Maristela,
Cantando uma canção bela,
Na mais triste serenata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Limeira:

"Triste da pobre tristonha
Que morreu de sede e fome,
Mais eu não sei se seu nome
Era Severina ou Tonha,
De milho se faz pamonha
Cozinhada na panela,
Quem tivé dor de canela
Vá morrê dentro da mata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Gonçalves:

"Nunca mais pude dormir,
Não sei mais nem o que é sono,
Por viver neste abandono,
Sem destino e sem porvir ...
Eu nunca mais vou sorrir
Dentro da minha favela,
Porque a vida sem ela
É feia, amarga, abstrata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Limeira:

"Essa vida de namoro
Estraçáia o coração,
Laranja, lima e limão,
Espora e chapéu de couro,
Gibão, chibata de louro,
Rabicho, cangáia e sela,
Menina, moça e donzela,
Ouro, latão, cobre e prata,
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Gonçalves:

"Depois que lhe avistei morta
Não senti mais alegria,
Morreu minha poesia,
Emurcheceu minha horta,
Minha vida ficou torta,
Deu-me uma dor na canela,
Fui dormir pensando nela,
Senti uma insônia chata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Limeira:

"Eu disse à minha patroa,
Quando cheguei no Tauá:
Compre um quilo de jabá
Na bodega da lagoa...
Um primo de João Pessoa,
Cunhado de Dona Bela,
Nem era ele e nem ela,
Juntei tudo na chibata,
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Gonçalves:

"Recordo o último beijo
Que trocamos no jardim,
Quando ela, olhando pra mim,
Disse: mate meu desejo ...
Parece que ainda vejo,
Como se fosse uma tela,
Os olhos de Maristela
Fitando o luar de prata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Limeira:

"Eu me chamo Zé Limeira,
Nome de sabiduria,
Canto de noite e de dia
Na sombra da quixabeira,
Mais tô nessa roedeira
Porque morreu Maristela,
Ela era moça e donzela,
Era branquinha e mulata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Gonçalves:

"A gente tem que ser forte
Para enfrentar esta lida ...
Luta a morte contra a vida
E a vida não vence a morte ...
Meu brigue perdeu o norte
Na enchurrada da procela ...
Perdi minha caravela
E agora, que a dor me mata,
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Limeira:

"Eu já vi uma peitica
Comer cabeça de prego
E um doido capando um cego
Com uma aspa de barrica...
A borrachinha se estica,
Vai o Prefeito encher ela,
Voltar pra Casa Amarela
Com o bolso cheio de prata ...
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela".

Displiscentemente, o jornalista Barbosa Mendes inutilizou um metro da fita magnética, exatamente onde estavam contidas as homenagens de Limeira e Gonçalves aos grandes poetas da viola, os maiores do Nordeste. Evocações aos valores mais legítimos da cantoria, vivos e desaparecidos: João Benedito (morto), Aleixo Dantas (morto), Severino Pinto, Canhotinho (vivo, à época), José Alves Sobrinho, José Ayres de Mendonça, Rogaciano Leite (vivo, à época), Zé Catota, Antônio Marinho (morto), Lourival Batista, Dimas Batista, Otacílio Batista, Domingos da Fonsêca (vivo, à época), João Siqueira de Amorim, Manoel Chudu, Jó Patriota, Lourival Bandeira, Joaquim Vitorino, Belarmino de França, José Bernardino, Manoel Belarmino Duarte, Pedro Amorim, Zé Filó (à época, vivo), Josué da Cruz (à época, vivo), Severino Milanês, José Faustino Vilanova (à época, vivo), Bernardo Nogueira (morto), Mergulhão (morto), Romano da Mãe d'Água e Inácio da Catingueira (mortos).

Após um intervalo de quinze minutos, agora improvisando sextilhas, Zé Limeira refaz o canto:

"Vou abrir minha cancela
Por modo tanger meu gado,
O mestre venha atrás deu,
De banda ou mesmo de lado,
O meu nome é Zé Limeira,
Caboco disbagaçado".

Gonçalves:

"Limeira é vate inspirado
Lá da Serra do Teixeira ...
Tanto ele canta bonito
Como a voz é prazenteira,
No compasso da viola
Canta verso a noite inteira".

Limeira:

"Um dia eu tava na feira
Comprando um couro de bode,
Chegou quarenta alemão,
Fizero logo um pagode,
Me proguntaro: pru quê?
Eu dixe: tarvez, prumode".

Gonçalves:

"Com Limeira só Deus pode
E mais ninguém neste mundo,
Porque sua voz é forte,
Seu sentimento é profundo ...
Cantor que canta com ele
Não passa de um vagabundo".

Limeira:

"Viva Dom Pedro Segundo
No tempo da Monarquia,
A guerra estourou na França
Por causa de poesia,
O Reis de lá se enforcou
Por cima duma furquia".

Os poetas comentam a campanha político-partidária de 1954, Argemiro de Figueirêdo e Assis Chateaubriand sacudindo a Paraíba como candidatos ao Senado da República, luta das mais renhidas que culminou com a vitória do líder campinense. Embora não omitindo os méritos intelectuais do Velho Capitão, os cantadores tecem, à sua moda, eloquentes encômios ao candidato da Oposição, infelizmente num momento em que o gravador não funciona. A memória de Olinto Tinto, entretanto, registrou esta apologética estrofe de José Gonçalves e a característica resposta limeiriana:

"Argemiro foi Governo
E seu nome ainda ressoa;
Saneou Campina Grande,
Embelezou João Pessoa,
Protegeu a agricultura,
Mostrando a sua cultura
Fez o Liceu e a Lagoa".

"Eu vou contá uma boa
De Argemiro Figueirêdo:
Ele nasceu em Veneza
Com braço, mão, pé e dedo,
Depois que tava criança
Foi pro Nordeste da França
Niguciar com foiguedo".

Veneziano Vital do Rêgo, uma legenda de bravura e cavalheirismo inapagável na Paraíba e em Pernambuco, com orígem nas mais nobres linhagens sertanejas, não escapou aos instantâneos poéticos. Evocadas foram as históricas passeatas de 47, as estrondosas multidões sufocando as avenidas, o tumulto na capital política e econômica da Paraíba, as grandes concentrações populares em torno de um simbolo político, um parlamentar de fundas clarividências.

As violas homenageavam uma liderança verdadeira, o Major Veneziano, uma figura querida do povo, preclaro líder de claras atitudes, valente e bom, altaneiro e humilde, comandando o rebanho eleitoral do alpendre senhorial da casa grande de Campo de Boi — suseranato do seu orgulho — na sua rede branca de varanda, com o seu cachimbo e seu chapéu de couro.

Na nitidez de suas evocações, os violeiros enalteciam a frondosa baraúna que viria a tombar ao impacto dos vendavais, a 13 de setembro de 1969.

Gonçalves mergulha em suas evocações:

"Lembrando quarenta e sete,
Mergulho naquele ano
De efervescência política,

Quando o povo soberano
Vibrava nas passeatas
do Major Veneziano".

Alheio ao quadro político da época, Zé Limeira externa a sua neutralidade eleitoral:

"Não intendo de inleição
Que lá no Tauá não tem,
Porém se eu fosse votá,
Entretanto mais porém,
Eu só votava se fosse
Num burro manso ou num trem".

Incondicional admirador do Dr. Luiz Gonzaga de Oliveira Lima, à época prefeito de João Pessoa e candidato, sob a égide do Partido Trabalhista Brasileiro, à Câmara Federal, José Gonçalves indica ao colega:

"Se você inda não tem
Um candidato ideal
Pra defender nossa terra
Lá no plano federal,
E quiser ficar de cima,
Vote em Oliveira Lima,
Prefeito da Capital".

Informado de que Plínio Lemos não mais estava à frente do Governo Municipal, pois licenciara-se para postular uma cadeira na Baixa Casa do Congresso, limeira comentou:

"É tempo de carnaval
Eu sou poeta sonoro,
Plínio Lemos já saiu,
Eu fiquei choro, não choro,
O Prefeito de Campina
Entrou pru dentro da sina,
É o Marechal Deodoro".

"E dixe que Zé Américo vai matar uma serpente..."

Gonçalves emendou:

"Meu companheiro, eu lhe imploro
Que não seja extravagante,
Pois Deodoro morreu
Num passado bem distante...
Para lhe esplicar melhor,
Nosso Prefeito é o Major
Lafayete Cavalcanti".

Ante a saudação cálida do sol, o jovem poeta José Gonçalves encerrou a sua participação na cantoria, suspendendo a viola. O Poeta do Absurdo não se preocupava com a invasão dos raios solares. Achava uma estupidez silenciar o pinho às seis horas:

— Eu canto só mesmo, mestre! É purisso que eu digo: cantadô pra cantá com esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato!

Sob aplausos, reestabelece a festa, comprovando, mais uma vez, que "o sertanejo é antes de tudo um forte". Marca o baião da viola e, do jardim absurdo de sua inspiração, vão desabrochando as flores singulares, em forma de estrofes em sete linhas:

"Eu me chamo Zé Limeira,
Cabra macho do Sertão,
Serrote que serra cedra
No tupete do baião ...
Se Zé Américo quisé,
Os home vira muié,
Jurema vira aigodão".

"Zé Américo em trinta e dois
Bateu pulo Ceará
E na seca de quatorze
Ele inda tava por lá ...
Nessa terra do Teixeira,
Eu me chamo Zé Limeira,
Cantando aqui, acolá".

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

"Eu vi uma besta-fera
Perto da feira de gado,
A cara cheia de chifre,
Ô animá desgraçado !
Mesmo assim Pedro Segundo
Chamou seu Mané Raimundo,
Foi grito pra todo lado".

"A besta-fera falou
Prodologicadamente
E dixe que Zé Américo
Vai matá uma serpente
Com vinte e três cacetada,
Dez tiro, uma peixeirada,
Quatro mordida de dente".

"Zé Américo viajou
Pra Belém da Palestina,
Escanchado num jumento
Que mandou vê em Campina,
O Reis muntou na garupa,
Aquela bendida drupa
Fizero carnificina".

"Zé Américo andou no trem
Sem aperrei nem sobrosso,
Saiu de Betelelém,
Foi pará no Mato Grosso,
Mesmo assim o Reis da França
Mandou trazê a criança
Segurando no pescoço".

"Zé Americo foi princesc
No trono da Monarquia,
De pareia com Sansão
Que governava a Bahia,
Viajaro pra Sapé,
Butaro lá um Café
Só pra vendê melancia".

"Quem quisé andá pra trás
Tome chá de caranguejo,
Cheire a mão duma mulata
Com cerimonha e traquejo,
Fuá de forrobodó,
Zé Américo ficou só,
Tocando num realejo".

"Um dia se deu-se um samba
Na casa de Salamão,
Zé Américo foi chegando,
Atracou-se com o trovão
Chega a poeira cobriu,
Getúlio veio saiu
Tangendo bode e gangão"

"Zé Américo no Sertão
Amarrou a besta-fera,
Dizendo que ela era o cão,
Ela dixe que não era,
Zé Américo foi assim,
Deu-lhe um murro no fucim
Que quage que desunera".

A cidade despertava ao berro metálico das sirenes, o operariado — termostato da máquina do desenvolvimento — deslocando-se dos subúrbios para a faina do dia-a-dia, lotando os coletivos, apinhando as calçadas, chegando para as fábricas. Era o atendimento à voz das chaminés que na sua multiplicidade saturavam os céus da metrópole dos sertões nordestinos, turvando de progresso o alto da paisagem serrana.

Aos poucos a urbe readiquiria o seu ritmo quotidiano que se completava com o desencontro das buzinas nas ruas barulhentas, a trepidação vertiginosa do comércio, a correria da estudantada, a azáfama de todos os trabalhadores, o burburinho de sempre.

Campina Grande retomara a sua configuração de cidade cosmopolita, funcionando em toda a sua plenitude, enchendo-se.

Na mesma proporção, esvaziava-se o salão desbotado da Pensão Azul, o velho salão grená, onde os acordes da viola de Zé Limeira pareciam traduzir a melancolia ambiente, no seu compasso ritmado, seguro, arrojado.

O Poeta, emergindo do seu êxtase, apercebe-se da descrção gradativa da assistência, desata o canto da despedida, quase para si mesmo, um canto nostálgico, misterioso, fundo, assim como o canto do cisne, como se o pássaro velho do Teixeira desabrochasse a rosa do último adeus; como se nunca mais fosse desprender a alumbrante sonata matuta sob os céus da Borborema; como se visse perdida, e para sempre, a cidade amada; como se não soubesse que "voltar é uma forma de renascer e ninguém se perde no caminho da volta".

José Gonçalves desperta da sua modorra, descola a cabeça da mesa manchada de vinho, sente o silêncio da viola.

Zé Limeira distribui algumas cédulas, quase o resultado da cantoria, com prostitutas e boêmios necessitados, como sempre o fazia, desnudo de ambições, espírito vestido de fraternidade. O que era seu, era de todos. Um socialismo congênito, uma filosofia ingênita, uma religião sua. Realizava-se distribuindo, e se distribuia e distribuía tudo o que era seu, com exceção da viola, a musa bárbara, fluente, que Deus lhe deu, a voz que ninguém conseguiu imitar, a simpatia arrebatadora das multidões.

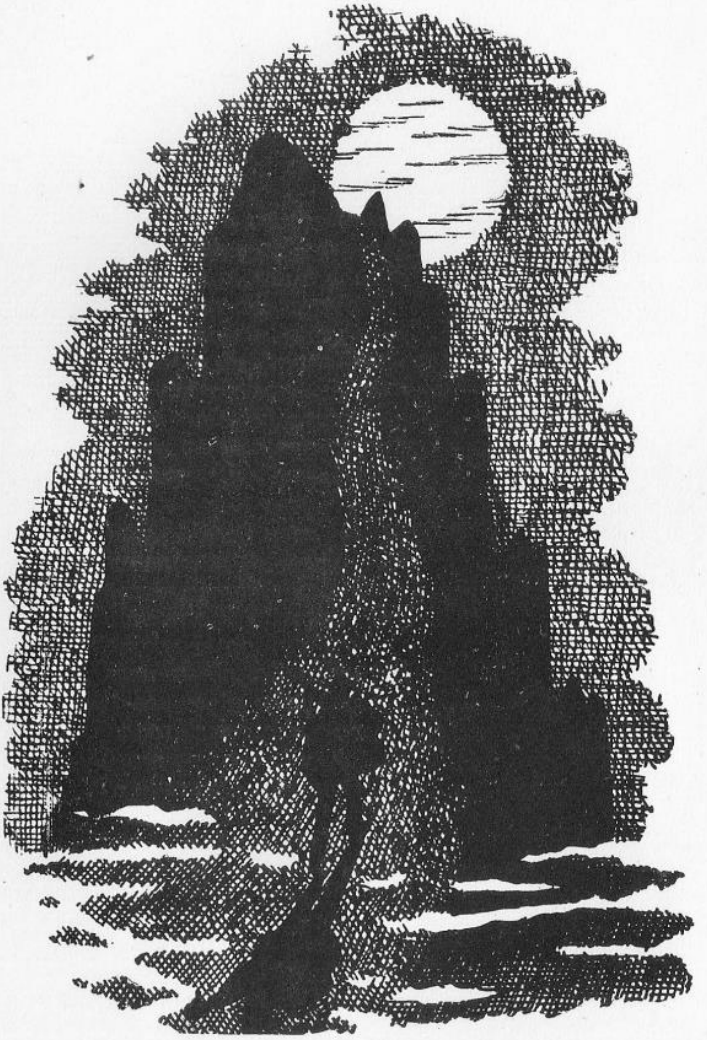
O Poeta distribuía quase todo o lucro da peleja, e sorria.

Com o matulão a tiracolo, segurando a bengala de aroeira, o óculo escuro guarnecendo os olhos grandes, o cigarro-de-palha no canto da boca, sorria.

Quer ir mais eu, mestre? — perguntou-me, estendendo o convite a Barbosa Mendes, Marcelo de Almeida, Olinto Tinto, a todos nós. Quisemos saber aonde:

— Vale do Piancó. Vou drumi em Soledade, se Deus quisé!

Abraçou-nos, abraçou a todos, um por um, aquele abraço amigo, quente, a alma cantando no sorriso sincero. Apertou o nó do grande lenço vermelho, utilizou o currimboque, esvaziou um copo de "zinebra", gesticulou um adeus com os braços piramidais, e saiu firme — o papa-légua — rumo ao Sertão, desviando as latas de lixo da Manoel Pereira de Araújo, o corpanzil ereto diminuindo na extensão da artéria, sumindo, encantando-se na esquina ladeirosa, os passos seguros de puro sangue...



A derradeira caminhada.

Prestando contas ao Mestre

XV

O vento, a música do vento, o vento passando livre, as pedras brancas, as sombras, as estrelas, o silêncio, a amplidão — a estrada. O mormaço, a poeira iluminada, o cansaço, as árvores, o desafogo — a estrada. O sol, a liberdade, a chuva, a esperança, a volta — a estrada. A saudade, a ilusão, a alegria, a tristeza, o caos, o êxito — a estrada. A ida, o aceno, a mensagem, o retrocesso, o avanço — a estrada. A promessa, o desencanto, a glória, o enigma — a estrada. As serras azuis, o campo verde, as cancelas, o carro-de-boi — a estrada. A viagem, a precipitação, o acidente, o socorro — a estrada. A escuridão, a claridade, as auroras, os ocasos, o orvalho, as núvens — a estrada. O começo, o fim, o nada, a realização — a estrada. A vida, a morte — a estrada. Os montes, a planície, os caminhos — a estrada.

A estrada era o mundo, a casa de Zé Limeira. Ora ao sol-a-pino, ora à luz das estrelas, o Poeta vai pelo Sertão, vai todo: o matulão, a viola, as alpargatas de

estalo, a bengala, o currimboque, o cigarro-de-palha, tudo. A estrada era o seu mundo, ele mesmo era a estrada. Curvas, ladeiras, chãs, poeira, sol, distâncias, miragens, tudo estava em Zé Limeira como se fossem partículas suas.

Que são as pessoas, senão estradas humanas? ! Umas longas, outras curtas, retas, curvilíneas, todos somos estradas. José Limeira, porém, foi uma estrada singular: sem transversais, sem óbices, sem terminal. Uma estrada por onde a vida viajou, alegre, sessenta e oito anos, subindo, descendo, cantando, sorrindo, curvando.

Pela estrada do Sertão vai o Poeta, sonhando, sorrindo, cantando; vai sentindo a vida, deixando-se ficar em cada palmo de chão que pisa. É a vocação, o amor à estrada.

Pela estrada do Sertão vai o peregrino, o beduino, o bom Ahsverus, com um matulão prenhe de poesia e o coração cheio de amor para distribuir.

Zé Limeira vai carimbando o chão sertanejo, o chão amado — São Bento, Malta, Condado, Pombal, Souza, Piancó, Catingueira, Princesa Isabel, Misericórdia, Monte Orebe — vai deixando a marca da sua cantoria nos rastros rústicos das alpargatas de estalo.

O poeta Palmeira Guimarães, na sua missão de repórter desportista da Rádio Borborema, vai nas pegadas de Zé Limeira, recolhendo o surrealismo extremado do Poeta do Absurdo:

Em Pombal:

"Belarmino quer dizê
Fulipafulitupeia,
França quer dizê latim,
Mucumbambocapeteia,
Cantoria quer dizê
Zé Limeira fala a peia".

"Belarmino, me arresponda,
Se o mestre subé de có.
Se arrespostá eu já seio
Que o mestre França é o malhó:
Quantos peixe tem no mar,
Pra sair no Moxotó?"

Em Malta:

"O cantador que se presa
Nunca ripuna a viola,
A muié que tem respeito
Não dança na caçarola,
Pedro Segundo morreu
Impanzinado de bola"

Em São Bento:

"O povo tá supricando
Uns versos de despedida,
Os atropelo da vida,
Bode fala bodejando,
Eu vou parti não sei quando,
Foi Adão pai de Isaía,
Abraão se despedia
Viajando com cuidado,
Pastava um boi no cercado,
Adeus, até outro dia".

Em Souza:

"Uma vaquinha na chuva,
Uma camisa engomada,
Uma sela bem bordada,
Um rosário de viúva,
Um caminhão de saúva,
Uma princesa vadia,
Uma mulata sadia,
Uma dor de roedeira,
Um cavalo na cocheira,
Adeus, até outro dia"

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Em Condado:

"No **galope** e no **martelo**
Ninguém vai com Zé Limeira,
Eu já cansei de dá surra
Em cantador de premeira,
No dia que eu não cantá
Leve meu couro pra feira".

Em Misericórdia:

"Quando Jesus gritou: Pega ! ...
No Rio Grande do Norte,
A polícia japonesa
Não tinha medo dá morte,
Toda vez que eu canto assim
Meu peito fica mais forte".

Em Catingueira:

"Eu já cantei no Recife,
Dentro do Pronto Socorro,
Ganhei duzentos mil réis,
Comprei duzentos cachorro,
Morri no ano passado,
Mais esse ano eu não morro".

No Piancó:

"O verso que tangoleia
No sino da Ave-Maria,
A tacaca no mufumbo
Só mija se for de dia,
Vi um lubisome feme
No vergel da nostalgia".

O Poeta vai desafiando as distâncias, vencendo a estrada, levantando poeira, ao crepúsculo. Seus olhos vão absorvendo as primeiras estrelas do Ocidente, e os passos, de puro sangue, seguros, medidos, largos, suce-

dem-se no rumo da cidade de Patos. Vai avistando, pouco a pouco, um bailado confuso de pequenas claridades, as lamparinas do povoado de Estaca Zero. Detém-se no vilarejo o tempo de tomar o café do Hotel São Joaquim, café saboroso, torrado em casa, café feito pela negra Zefa, grosso de deixar nódoa na xícara.

A fumaça escura do cigarro-de-palha esvai-se em espirais desordenadas, em pequenas núvens ao vento da estrada. A noite é de vento e de estrelas. Noite de andar. Gosto de café donzelo e fumaça de fumo bom fazem o caminheiro esquecer de parar. E o ritmo seguro de puro sangue não conhece tropeços nem recuos.

A estrada é a vida ao comprido, o Poeta vive mais um pedaço de estrada sob cachos de estrelas grávidas de luz. A estrada é o amor em horizontal, o Poeta ama os horizontes da noite, dilata-os numa eterna peregrinação.

Patos está pertinho, quase em cima.

Zé Limeira vai pela estrada divertindo-se com os reflexos agressivos do olho dos bacuraus, — os vigias da noite — assoviando antigas toadas em consonância com o vento inconsútil da estrada.

As tochas dos postes vão ficando menos longe.

A cidade dorme o seu sono quente; os passos do viajor fazem-se ecos na avenida deserta...

As auras da alvorada, em mornos bafejos de ternura, desalinham as comas semi-embranquecidas do Poeta, orvalhadas pelos luares das estradas...

Na pracinha, à tarde, Zé Limeira e Lino Pedra Azul encontram-se para combinar detalhes da única cantoria que fariam juntos. E são ainda da agenda de Palmeira Guimarães os fragmentos da peleja aqui registrados: glosas subordinadas a um mote com que uma professora quis homenagear a memória do ilustre pai do romancista Ernani Sátyro, o Major Miguel Sátyro, bela vocação política da terra tabajara, sobrinho de Cazuza Sátyro, o infatigável matador de onças do Sertão, que ainda vive, quente, na tradição oral, brilhando nos romances de cordel.

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

A contribuição da mestra:

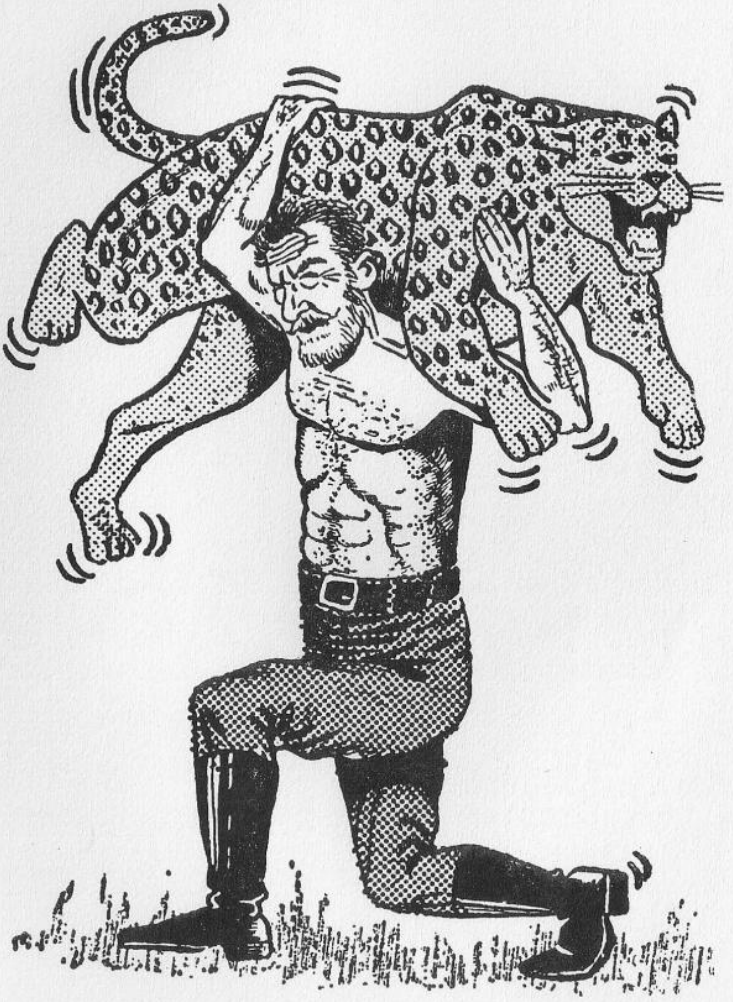
"Patos do Major Miguel,
Coração da Paraíba".

E os arremates do Poeta do Absurdo:

"Lampião chegou aqui
Atrás do Major Miguel,
Derrubou logo um quartel,
Chupou trinta abacaxi,
Cai acolá, cai ali,
Matou o chefe da triba,
Mais depois passou pru riba,
Lambeu um tacho de mel,
Patos do Major Miguel,
Coração da Paraíba".

"Quando chegou a volante
De Casimiro de Abreu,
Lampião apareceu,
Atrás, mais ficou adiante,
Atirou num ruminante,
A bala saiu pra riba,
Matou quarenta guariba,
Dois conciriz e três xexéu,
Patos do Major Miguel,
Coração da Paraíba".

"Meu Deus, a guerra civil
Arrebentou no Sertão,
Os ingrês lá no Japão
Já pegaro no fuzil...
De chibata e peitoril,
Corre pra baixo e pra riba,
Tá tudo escrito na Briba,
Pru dentro do carritel,
Patos do Major Miguel,
Coração da Paraíba".



Cazuza Sátyro, infatigável matador de onça.

"Foi tiro pra todo lado
Naquele dia decente ...
Major Miguel tinha um dente
Que tava todo furado,
Seu Partido era aprumado,
Vivia sempre de riba,
Gostava de lê a Briba,
Tinha um cachorro Xaréu,
Patos do Major Miguel,
Coração da Paraíba".

"Major Miguel tinha um tio
De nome próprio Cazuza,
Velho da vida confusa,
Caçava de peitoril,
Onça matou mais de mil,
Mais de quinhentas tubiba,
Só não chuvia pra riba
Pra não fazê escarcéu ...
Patos do Major Miguel,
Coração da Paraíba".

"Quando Cazuza nasceu,
Sansão morreu em Campina
Pegado na lazarina
De Casimiro de Abreu ...
Cazuza se enfureceu,
Botou a onça pra riba,
Escanchou-se na guariba,
Capou Caim mais Abel,
Patos do Major Miguel,
Coração da Paraíba".

O vulto do Poeta é visto ao crepúsculo, subindo a Serra do Teixeira, a caminho do Sitio Tauá. O andar modorrento na estrada íngreme, de proporções quase verticais, parafuseando à beira das precipitações dantescas.

As lanternas do firmamento vão-se acendendo, às miríades, limpando as sombras de sangue da serra, as caricaturas das últimas púrpuras do ocaso.

Zé Limeira, Poeta do Absurdo

Zé Limeira vai escalando a serra, chegando para o Sítio Tauá, o seu pedaço de terra, o rincão amado, o fim da estrada, terminal de todas as estradas, também o começo de tudo.

Abeirando os abismos, o diapasão seguro, o Poeta vai parafuseando, subindo, assoviando, sentindo o cheiro das frutas do Sítio Tauá, das bananas de ouro caindo do cacho, das laranjas de mel.

No terreiro claro, bem varrido com feixe de vassourinhas-de-botão, Dona Bela abre os braços para o seu pássaro repousar de um vôo de muitos meses. As filhas tomam-lhe o matulão surrado — cheio de presentes para a família —, a viola invicta. Tomam-lhe a bênção, fazem a festa.

A lua parece maior em cima da serra. A casa branca, moradia tranquila, parece sorrir às estrelas.

— Meu veio quage não vorta mais dessa vez, não foi, meu veio? — desabafa Dona Bela, entre suspiros de satisfação. O Poeta, amortalhando o cigarro grosso:

— Minha nega não sabe que nunca saiu de dentro da minha viola? Tu não sabe que tu soes a chuva do meu roçado?

A companheira ri, feliz. A filha mais velha entrega-lhe a roupa limpa, cheirosa, a toalha, o sabão. Zé Limeira vai ao riacho, ali pertinho, tirar o enfado da viagem no melhor banho deste mundo. A carícia da água amiga faz o Poeta esquecer os contratempos da estrada. O córrego cristalino e frio vai correndo por entre o bananal denso, refletindo a imagem da lua, a cara risonha do Céu. O corpanzil moreno mergulha no cristal líquido, aquele mergulho hábil de peixe, demorado, gostoso.

Retorna à casa assoviando, cantarolando, para, em torno à mesa franca, reunir-se à família, as terrinas esborrotando de angu com leite, os semblantes festivos.

O compadre Chico Pedro vem chegando, aboleta-se no pilão deitado. Só aceita uma xicara de café donzelo.

— Que hora chegou, cumpadre?

— À boquinha da noite, cumpadre Chico, quage indagurinha.

Chico Pedro informa: na casa de Zé de Tila só estava faltando uma parelha de cantadores para a festa começar — o aniversário do velho Joaquim Tomaz. Havia um cantador alagoano, morenão de voz bonita, artista jeitoso, mas que não chegava nem perto de se comparar com José Limeira. Além disso, não cantava só, haveria de aparecer outro cantador para o deleite do povo ávido de poesia. Chico Pedro não sabia o nome do alagoano, era um tal de Bentevi.

— Cumprade se astreve a ir?

— Me astrevo não, cumpadre Chico, por modo que hoje é a era da minha patroa. Foi só purisso que eu deixei de fazê umas pouca de cantoria com Lino Pedra Azul, na redondeza de Patos. Agora, se o véio Quinca quisé vim pra qui, nós ajunta as duas era e faz um tirinete só.

O Sítio Cajueiro ficava a umas quinhentas braças do Tauá. Num instante Chico Pedro estaria convencendo o velho Joaquim Tomaz a transferir a festa para a casa de Zé Limeira.

Ao cabo de meia hora já se avistava a fileira de gente atravessando o cercado, à frente o velho Joaquim Tomaz e Dona Tila com os filhos, logo atrás o cantador alagoano com sua viola dinâmica.

Ao divisar o povo, à luz da lua, Dona Bela sente-se orgulhosa da homenagem, mas acha uma judiação consentir que o marido, ainda não refeito de tão longa viagem, exercite os pulmões em benefício dos outros.

— Isso é besteira, minha nega! Tu não sabe que teu nego véio trouve a sina da cigarra? Quem tem essa sina, minha nega, tem que morrê feito cigarra da capoeira, cantando sem nunca pará. Eu nunca injeitei cantoria. E tu não sabe que cantador pra cantá com esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato?

Dona Bela não sabia discordar do marido, era a educação doméstica que recebera. Trata de matar um peru gordo para fazer tira-gosto, manda buscar muita

aguardente e "sequilho" na Bodega da Lagoa, manda trazer "solda" e bolacha da boa para fazer a festa. Nunca se passara um ano sem que, no dia vinte e três de dezembro, não houvesse na casa de Zé Limeira, em honra à aniversariante Dona Bela, uma comemoração digna da grande companheira.

Os moradores do Cajueiro vão chegando, em fila, cada qual com o seu tamborete à cabeça. Vão tomando seus lugares no terreiro enluarado, amplo, bem varrido, orlado de canteiros de resedá.

Nas cadeiras antigas, seguras, revestidas de couro cru, sentam-se Joaquim Tomaz e Dona Tila, perto da janela da frente, ao lado dos cantadores.

A casa branca do Tauá parecia sorrir à amplidão. Do terreiro vislumbrava-se um cenário · embevecedor, graças ao luar que brincava de pratear o Sertão.

Zé Limeira e Bentevi cantavam livres como os pássaros, ao plenilúnio que dançava sobre o cabeço da serra. As violas plangiam, cantavam, gemiam como que magoadas... Os acordes adquiriam a nostalgia inaudita de madrigais de dor, ecoando distante, ferindo o ventre da noite branca e grande. Filamentos de cristal caíam de leve na paisagem estonteante. Em tudo o mesmo abismo de beleza, diria Augusto dos Anjos. Os poetas cantavam alentados por uma inspiração nunca dantes experimentada.

Aproveitando o primeiro intervalo da cantoria, uma comadre do Poeta lhe faz um pedido:

— Compadre Zé Limeira, cante o romance da **Pavoa Devoradora**, que eu nunca ouvi!

— Cumadre — retruca o dono do Sítio Tauá — eu só posso cantá a **Pavoa** quando passá da meia-noite, por modo que se eu cantá nessa hora posso morrê ainda hoje. A cumadre não sabe disso?

A mulher insistiu e outros espectadores reforçaram o pedido, inclusive o velho Joaquim Tomaz. Limeira solicitou a paciência de seus ouvintes, pediu-lhes um prazo de mais duas horas. Quando passasse da meia-noite satisfaria a todos cantando o exótico e tétrico poema que aprendera com um irmão de seu avô. Mas,

diante da insistência da platéia, resolveu executar o romance.

Numa rogativa comovente, Dona Bela e as filhas cairam aos pes do Poeta:

— Pelo amor de Deus, não faça isso! Pelo amor de Deus, paizinho, a gente não quer que o senhor morra!

Ele estava decidido. Era a palavra de sertanejo. Se morresse, morreria honrado, e isso era o que importava.

Zé Limeira recosta a viola à cadeira, ajoelha-se, ora invocando a proteção do Padre Cicero Romão, retoma o pinho, fere, forte, as cordas em tristes acordes. O romance só poderia ser cantado por quem o fizesse de olhos fechados, conforme estava escrito no Alcorão. Mas, uma vez que decidira fazê-lo antes da meia-noite, o Poeta resolveu cantar mesmo de olhos abertos, quebrando o tabu por completo:

— Se eu morrê não tem nada, minha gente! Mais, se assucedê uma desgraça na ridondeza, vosmicêis queira me dissimulá. Eu só queria cantá a **Pavoa** depois da meia-noite, vou cantá agora por modo de sastifazê o pessoá. Pavoa pra fazê medo a esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato!...

O Poeta solicita a todos a generosidade do silêncio. E, sob o clangor dos aplausos e à luz mirífica da lua que lambia a serra, inicia a interpretação misteriosa da Pavoa Devoradora. As sinistras estrofes do poema negro vão brotando da garganta de aço do carismático artista do povo. E um interminável desfile de terremotos, maremotos, vulcões, genocídios, epidemias, secas, todas as catástrofes, vai verrumando os ouvidos da assistência agora arrepiada, entregue aos braços da superstição.

Zé Limeira solta a voz de trovão no meio da noite prateada, acordando o chapadão do Teixeira. As gradações modulatórias da grande voz assumem características caruzianas, e os versos, perfeitamente ajustados à fantástica, fúnebre, estarrecedora melodia, são pronunciados numa cadência langorosa.

O desfile de tragédias é imprevisível. Os espectadores mais nervosos vão saindo, desfalcando a platéia quase estática.

— É o fim dos tempos! — comenta o velho Joaquim Tomaz, e quase todos os moradores do Sítio Cajueiro repetem, em coro:

— É o fim dos tempos!

A **Pavoa** não para. A ave maldita que depravara Sodoma e Gomorra, prossegue na sua fatídica trajetória, abalando terras e mares, com o seu "bico de trinta e seis léguas a vomitar sangue e fogo".

Ao interpretar as últimas estrofes, o Poeta tem o comportamento de quem entrara em transe.

A lua, plácida, escondendo-se por trás de um bloco de núvens, parece um protesto da Natureza ao sacrilégio dos homens, enegrecendo a serra por momentos, como se fosse um prenúncio de luto no roteiro da noite selvagem... Mas, logo volta a resplandecer no Céu imenso do Sertão.

Zé Limeira põe a viola sobre a cadeira, em horizontal, para poder persignar-se, esquecendo-se, entretanto, de rezar para o Padre Cicero do Juazeiro. Sem que ninguém lhe toque, o pinho cai ao chão enluarado do terreiro, como se fosse um feixe de sons.

Em prantos, Dona Bela abraça-se ao marido:

— Nego, por que foi que a viola caiu por ela mesmo? Será que você vai morrê, porque cantô a **Pavoa** fora de hora? Você tá com a feição diferente, meu nego, tá diferente, tá diferente!

— Isso é coisa de suspeição besta, minha nega. A viola caiu por modo que eu não rezei pru meu Padrinho Padre Cirço. **Pavoa** pra istalicê esse nego veio é perciso ter foigo de sete gato!...

O velho Joaquim Tomaz interfere, grave:

— Acho que o senhor não devia mesmo ter cantado o romance fora de hora, pois não se deve fazer troça com os mandamentos do santo Alcorão. Eu também pedi para que cantasse, porque não sabia do mistério da hora.

— Mais eu não tenho sobrosso de nada — responde o Poeta.

Esforçando-se para esconder sua tristeza, Dona Beta distribui aguardente com os homens, "solda" e "sequilho" com a moçada.

— Agora, mestre Bentevi, pegue a sua viola pra nós cantá repente até Mané chegá, em honra da minha patroa e do mestre Quinca Tomaz, por modo de suas eras **prodológicas!** — diz o Poeta.

O caboclo alagoano senta-se ao lado de Zé Limeira, com sua viola dinâmica, e começam, ambos, a ensaiar o baião.

A cantoria se faz sob um prisma de indescritível lirismo, entrando pela madrugada clara. Tudo agora é satisfação, serenidade, poesia. Poesia no Céu, poesia na Terra. No cenário celestial, a poesia extasiante das estrelas em delírios de safira e da lua que recita estrofes de luz do poema do Infinito para a imensurável platéia dos astros coruscantes; no espinhaço da serra, a poesia nua de dois caboclos que cantam e duas violas que soluçam; a brisa perfumada da serra a sussurrar por entre a folhagem verde dos juazeiros; ao longe, o canto melancólico de um caboré no galho da ingazeira, o retinir saudoso do chocalho de alguma rês tresmalhada — uma paisagem bucólica, uma madrugada sertaneja: paz, claridade, fascínio.

A cantoria atingiu as suas culminâncias quando os poetas, já pelas três horas da manhã, embrenharam-se em um arrojado e poético **galope a beira-mar,** beneficiados por uma inspiração jamais presumida — algo parecido com uma cascata de estrelas que rolasse sobre um leito de saudades, sussurrando **misereres** de abismos e delírios.

Os cantadores ingeriam "zinebra" e cantavam. Cantavam com vontade de cantar. Eram duas cigarras da serra. Eram dois pássaros apaixonados libertando o canto nirvânico do amor e da noite, na noite do amor.

Os versos do **galope,** simétricos, transcendentais, mágicos, faziam-se coriscos de rimas. Os ouvintes sentiam-se enlevados, manietados pela força mágica do encanto,

O encanto do canto mais puro. A pureza mais pura do encanto do canto. Os repentes tomavam forma de estrofes e as estrofes adquiriam forma de lírios luminosos que se despetalavam ao vento da noite lirial, lírica, límpida, lívida.

Zé Limeira, com os seus quinze anéis reluzindo ao luar, vai no meio de uma estrofe do **beira-mar** quando, súbito, numa fração de segundos, desloca-se da cadeira para um encontro abrupto com o chão e o Infinito.

Há um espanto e uma dor. Todos correm para cima, presas da mesma estúpida surpresa. O desencanto transforma as fisionomias. A paisagem parte-se pelo meio.

A lua, plácida, volta a esconder-se por trás de um bloco de núvens, enegrecendo a serra, como se fosse um prenúncio de luto no roteiro da noite selvagem.

A Rádio Borborema de Campina Grande encerrou o tradicional programa "Retalhos do Sertão", às oito e meia da manhã, levando aos céus nordestinos o seu famoso Campinense Repórter, jingle de fundo musical trágico, idealizado e gravado por Hilton Motta.

O alarmante noticiário dava conta do desenlace, dizendo, em outras palavras, que Zé Limeira, o andarilho de fôlego de sete gatos, o precursor do tropicalismo no Brasil, o dono da noite e da estrada, o repentista impagável, o Poeta do Absurdo, desde as três horas encontrava-se na Eternidade, prestando contas ao **Mestre!**

.. "SE UM DIA EU FOSSE CHAMADO
PRA CANTAR NO CÉU EU IA..."

Campina Grande, Alto da Conceição, janeiro de 1969.

ORLANDO TEJO

Fui em busca de Zé Limeira e encontrei Orlando Tejo. Companheiro de lutas estudantís em Campina Grande, Orlando faz parte da coreografia humana e sentimental da minha terra.

É um poeta autêntico; e quando falo em autenticidade quero me referir à definição de Maritain sobre poesia: conhecimento-experiência, conhecimento-emoção, conhecimento existencial, fruto do contato do espírito com a realidade em si mesma inefável e com a sua fonte, que acreditamos ser Deus.

Tejo nasceu poeta e, a exemplo da grande Cecília Meirelles, poderia repetir:

> Eu canto porque o instante existe
> e a minha vida está completa.
> Não sou alegre nem sou triste
> sou poeta.

Manso de coração, gostaria de atirar sobretudo flores sobre as cabeças humanas; se às vezes manda alguma pedra é menos para magoar que para chamar a atenção das pessoas que estão atropelando a vida dos outros por vaidade, ambição, mesquinez ou prepotência. Se dependesse dele, a vida seria uma eterna véspera de Natal, onde a cordialidade fosse o traço predominante de tudo.

A inteligencia em Orlando Tejo é um lugar comum.

O seu livro sobre Zé Limeira, nascido na velha Teixeira, de passado cheirando a pólvora, é um estudo sociológico feito em prosa poética do melhor estilo. Do personagem principal, direi apenas que, no fundo da alma, todos nós somos um pouco Zé Limeira. A malícia, o jeitinho, a arte dos encontros e desencontros, o drible surpreendente, pequenos truques, alguns cacoetes, algumas alergias, algumas ternuras.

Orlando Tejo, que foi um grande devorador de madrugadas e dos mistérios irreconciliáveis, mostra um Zé Limeira de corpo inteiro. E o cenário, cheio de colorido, é a própria vida: — cachaça, cantorias, forrós, sertão, tudo ao som da viola que lembra o próprio estilo do autor.

NOALDO DANTAS

impresso na ITERPLAN - Pb